

Da mesma autora de "Tudo por um sonho em Paris"

Sarah



UM ROMANCE DE
ELINE SATO

The  Books



ELINE SATO

SARAH

1a Edição

MG| Brasil |2019

Copyright© Eline Sato

Editora Chefe: Waldineia Oliveira Gomes

Diagramação: Cristiane Spezzaferro

Capa: Crys Magalhães

Revisão: Betina Zani

Todos os direitos reservados a autora e editora.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia dos autores e editora.

Todos os personagens desta obra são fictícios e qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

The Books Editora

Rua Três 572 – 38610–000 Santa Luzia

Unaí/MG

Site: www.thebookseditora.com.br

Agradecimentos

Em cada obra que escrevemos queremos colocar inúmeros agradecimentos, e nesta não será diferente. Na verdade, em primeiro lugar agradeço sempre a Deus que me capacitou a escrever essa obra, mas gostaria de começar agradecendo aos personagens que me arrancaram muitas lágrimas com suas histórias e com seus desejos de retirarem as máscaras daquilo que “parece, mas não é” com a única intensão de trazer luz e cura para aqueles que vivem debaixo das sombras de alguma dor.

“Sarah” foi um trabalho que nasceu numa das minhas madrugadas, enquanto eu escrevia o último livro da trilogia “Tudo por um sonho em PARIS”. Tive uma inspiração enquanto ouvia a música *Love thru the night – Mike Ault feat. Morgan Perry*, em que um dos refrãos dizia “... o nascer de um novo sol está sobre nós, o nascer de um novo sol é tudo o que precisamos” e então, a personagem gritou! Pedi licença para Nina, e acolhi o pedido de socorro de Sarah.

As vidas dos personagens são baseadas em histórias verídicas que foram compartilhados por pessoas reais que terão seus nomes preservados, a pedido de cada um deles. Foram realizadas muitas pesquisas envolvendo lugares e situações, além de depoimentos dramáticos sobre a vida de famílias que vivem a dor da rejeição, as consequências e o prejulgamento de um estupro, as dificuldades de uma vida com portadores de TEA (Transtorno do Espectro Autista), entre outras situações narradas no livro, tudo dentro de um romance intenso entre Sarah e Benjamim.

Agradeço aos meus amigos e as betas que me ajudaram com as pesquisas médicas, procedimentos e verificações durante a leitura e a escrita. Como o ginecologista Dr. Caio Conceição, Lara Madeira, Mariana Manso, Jacqueline Torres, Neusa M. de Oliveira, a autora Juliana Cherni e a minha revisora e *copydesk* especial, Betina Zani.

À minha família, marido e filhos, que com paciência entendem o meu isolamento para a escrita de cada obra. Peço desculpas se, por acaso, em algum momento, não me fiz entender ou não compreendi algumas situações.

À Regina Coxi, dedico esta obra como uma homenagem à mulher maravilhosa, conselheira e amiga que sempre foi em minha vida. E assim será eternamente.

Com amor!

Eline Sato

Prólogo

Vivian Kouxi

Taubaté, 02 de setembro de 2010

Sentada aqui na carteira da escola, vejo minha amiga Sarah pela lateral. Não estou afim dessa aula chata, odeio artes! Às vezes olho para minha amiga e sinto meu coração apertado, ela parece tão frágil e tão triste. Sinto sua dor, sinto que ela precisa ser feliz, mas não sei como ajudar. O que eu poderia fazer por ela? Eu sei que aconteceu alguma coisa que ela não quer me contar, deve ter sido ontem, depois que saiu de casa.

Estávamos comendo bolo e ela passou a tarde brincando com o meu irmão, Vitor. Ele gosta tanto dela, por isso sei que Sarah é especial. Vitor parece enxergar a alma das pessoas, e não se aproxima de qualquer um, muito menos deixar que o toquem. Só ela consegue isso... mas... sei que ela está triste! Até o momento que a deixei na linha do trem, estávamos dando risadas e nos divertindo, cheias de planos... Hoje ela está estranha. Bom... vou escrever uma mensagem para que jamais se esqueça quem é.

— Sarah. – falei baixo para a professora não ouvir.

— Oi... – ela me olhou com medo de ser advertida.

— Me empresta sua apostila. – ela franziu a sobrancelha e me entregou.

Procurei uma página especial, quase no final da apostila de exercícios de matemática. Aqui mesmo na página 77, uma mensagem de que tudo dará certo! Um dia ela vai encontrar, só espero que não seja agora, talvez em um dia que ela esteja precisando.

Benjamim Hakin

São Paulo, 27 de agosto de 2016

Parece que esse elevador leva uma eternidade para chegar em casa! Meu dia foi tenso no HU e a ansiedade pela resposta da especialização está me consumindo.

Bip Bip. Escuto o barulho no celular e só pode ser o e-mail que eu estava esperando! Meu coração acelerou.

— Caramba! Fui aprovado no BWH. Não acredito que deu certo! Preciso comemorar essa conquista! – imediatamente, ligo para o Mauro.

— Maurão???

— E aí! Sussa?

— Topa um rolê com breja?

— Só se for agora! Estou precisando pegar uma mina!

— E eu preciso comemorar, fui aprovado no BWH!

— Que top, mano! O tio Abel deve estar orgulhoso!

— Ele ainda não sabe! – falei dando risada, o Mauro é uma figura.

— Sério?! Bom... então, passa aqui! De repente, vamos na balada aqui perto mesmo, só dá mina top, hein!

— Então passo aí por volta das 23h.

— Sussa!!

Tomei um banho e minha cabeça estava meio lenta com o cansaço, mas precisava de um descanso, afinal estava feliz pela conquista. E sair com o Mauro para dar um rolê vai ser bom, ele é um cara muito engraçado, impossível não se divertir com ele!

Chegamos e fomos direto para Hipnose, fica ao lado da casa do Mauro, mas tá osso, isso aqui é lotado! Não deu 15 minutos e o Mauro já se enroscou com uma mina. Inacreditável!

— Curte aí, mano! – ele me disse com um tapa nas costas e saiu.

— Valeu...

Peguei uma cerveja e comecei a observar, na verdade, eu estava a fim de relaxar, ainda mais agora, não quero confusão com mulher nenhuma.

Mas de repente, meus olhos encontraram uma luz no meio da galera. O cabelo dela brilha com se fosse um anjo. Uma garota pequena e parece meio sem jeito, com certeza, nunca entrou numa balada. Está completamente desconcertada, e isso é engraçado. Ela é linda!

Uauuuu... Linda demais e meiga... Olha o jeito que está dançando, a amiga não tira os olhos de mim... Mas não quero a amiga, quero ela... É ela... Caramba... Nunca senti meu coração bater forte assim... Preciso saber quem ela é!

Marcela Amarin

São Paulo, 27 de agosto de 2016

Chegando ao campus, vou tirar aquela *nerd* dos livros e dar um jeito naquele cabelo. Hoje levo aquela garota para uma balada! Não aguento ver ela tão linda e sempre triste, parece que veio de outro planeta.

Faz seis meses que tento fazer Sarah sair daquele quarto e curtir a vida. Afinal, a vida é para ser vivida com toda a sua plenitude! Entrei no quarto e lá estava ela: enfiada na cama, lendo um livro de anatomia, pijama e cabelo desganhado.

— Sarah, se prepara que hoje vou levar você para relaxar e se divertir! Não aguento mais ver você aí nessa sofrência!

— Eu estou bem!

— Bem nada... Hoje é o seu aniversário! Vamos comemorar! Venha aqui!

Fui até a cama, tirei o livro da mão dela e a abracei com força, não sei por que gosto tanto dessa menina! Não sei explicar! Ela me faz bem e quero retribuir de algum jeito. — Se prepara que vamos sair às 23h e abalar a Hipnose!

Um recomeço



São Paulo, 27 de agosto de 2016.

Querido Diário,

Meu nome é Sarah Fortado, hoje faço 21 anos. Decidi que quero ser livre. Livre para saber o que a minha vida espera de mim. Decidi me dar de presente este diário, para escrever um novo fase da minha vida. Chega de tanta opressão, tantas mentiras, tantas coisas que escondem minha identidade. A cada etapa vencida, vou descrever aqui o processo, até quando eu finalmente descobrir quem sou.

Minha colega de quarto, Marcela Amorim, que conheci na faculdade, me convenceu para sair hoje à noite. Mesmo sabendo que tenho um milhão de coisas para estudar, pois logo chegará o semana das provas, preciso deste momento em minha vida. Não quero mais me sentir tão sozinha.

Então... decidi experimentar o que nunca fiz!

Bye

Sarah

— Sarah, ainda não terminou de se arrumar? O que está fazendo? Estudando? Ahhh... dá um tempo! Hoje é sábado, garota...

Ouvi Marcela resmungando porque eu ainda não estava pronta. A verdade é que não sei bem o que vestir porque eu nunca fui em uma balada. Passei muito tempo me dedicando aos estudos para conseguir entrar no curso de Medicina. Confesso que me sinto envergonhada em pedir alguma roupa emprestada, como só me visto com roupas de moletom e peças que não mostram muito o meu corpo, não tenho nada apropriado. Porém, não quero ser a chata hoje à noite, então respondi meio sem jeito:

— Não estou estudando! Estou começando uma nova etapa da minha vida. Hoje é meu aniversário e decidi ser uma nova Sarah! Marcela, não sei bem o que vestir e... – levantei

os ombros, me desculpando com a minha amiga. – Nunca fui nestes lugares, então...

— Ahhhh... venha aqui! Como pode nunca ter saído para dançar, Sarah? Que loucura isso!

— Na verdade nunca tive vontade de sair e acredito que isso seja da minha personalidade. Sempre desejei encontrar um príncipe encantado e ser médica. — revelei meus sonhos e senti meu rosto queimando de vergonha. Marcela estava me olhando como se eu fosse um ser de outro planeta. A expressão da minha amiga era cômica! Tive vontade de rir, mas apenas sorri sem jeito.

— Jura? Não consigo imaginar como você pode acreditar que ainda existam príncipes encantados. Sa... acorda lindaaaaaa... em que mundo você vive?

Minha colega de quarto falava enquanto procurava dentro do armário repleto de roupas, uma peça que me coubesse. Sua especialidade eram as justas e chamativas. Eu já preferia as neutras e bem largas, odeio roupas me apertando.

— Marcela, não fale assim... eu acredito sim em príncipe encantado. Acredito que pode existir alguém especial esperando por mim.

Marcela respirou fundo e desistiu de tentar me convencer, balançou a cabeça e continuou revirando o armário, na tentativa de encontrar algo especial para mim, por sorte vestíamos o mesmo número.

— Encontrei! Ficaré lindo nesse corpão, cheio de belas curvas! – Exclamou saindo do montante de roupas. Quando olhei o que tinha em mãos, fiquei chocada e com os olhos arregalados:

— Isso aí??? Nem pensar...

— Sarah... deixe de ser boba! Anda logo, senão vou sair sozinha!

— Marcela, olhe o tamanho desta saia! Você está doida se acha que vou colocar isso?!

— E onde foi parar o discurso de “Uma nova Sarah”? – fiquei sem resposta, olhando para ela sem jeito - Ahhh! Não tem resposta, lindinha?! Vamos, vista! É uma ordem, da futura arquiteta. Se não gostar, prometo que vejo outra coisa... mas sei que você vai arrasar!

Como vou vestir isso? Parece estranho e... profano? Não sei... minha cabeça vai explodir! Confesso que amei o vestido, é realmente lindo! De seda preta solta pelo corpo, tinha um cinto que ao colocar em minha pequena cintura, destacou a silhueta e os ombros ficaram de fora, bem atraente. Olhei no espelho, mesmo envergonhada, estava me sentindo diferente! Por alguns instantes, fiquei em silêncio, apreciando minha própria imagem. Marcela ficou me observando e, me despertei do êxtase quando ouvi um grito partindo da garganta da minha amiga com tamanha euforia e histeria.

— Uauuuu... liiindaaaa demais! Eu sabia o que estava escondido debaixo daquelas roupas exageradamente longas e largas! Arrasou amiga! Hoje vamos abalar e pegar os gatos mais lindos da Hipnose.

Meu rosto corou com os comentários e eu não tinha certeza se era mesmo uma boa ideia sair vestida assim, com as pernas inteiras de fora, os ombros à mostra revelando minha marca de nascença, com os cabelos soltos e sexy.

— Marcela... pare! Não tenho certeza disso! Só de pensar meu coração dispara e sinto até calor.

— Venha cá! – Minha amiga me puxou e ficou atrás de mim de frente para o espelho – Você é linda, Sarah! Parece uma boneca de porcelana delicada. Seja feliz! Seja normal! Não faça nada forçado, apenas deixe tudo acontecer! Deixe eu arrumar seus cabelos. São perfeitos... loiros, ondulados e lindos! E esta boca, parece um coração, ficará perfeita com este batom. Vou marcar seus cílios com este rímel maravilhoso e... pronto! Seus olhos estão mais azuis do que nunca! Agora pode se olhar... – Quando me olhei novamente no espelho, fiquei emocionada, um conflito tomou conta do meu coração: Aquela no espelho, era a Sarah que sempre quis ser ou era a Sarah que eu deveria ser? Até onde eu poderia ir sem ofender meus princípios?

Mas, como hoje é um dia especial e escolhi mudar o destino que traçaram para mim, me darei essa chance, vou curtir tudo o que puder. Cresci ouvindo que Deus tem o melhor para mim, agora é a hora de saber se Ele está comigo porque o amo, ou se realmente somos apenas marionetes reunidos na Terra. Escolho fazer a prova de ser feliz e me arriscar com princípios, é claro, mas sem aquela nuvem da pressão religiosa. Não quero mais fazer a vontade de ninguém, só a minha.

Saímos depois de uma hora e quando o *uber* parou na frente da balada, descemos em meio a uma multidão, minha vontade era entrar de volta no carro e fugir dali.

— Não quero entrar aqui, Marcela. Vou embora!

— Sarah, como vai saber o que quer, ou o que é certo, se não conhece nada? Deixe de ser chata... vamos!

— Não sei se é certo... preciso voltar e estudar... estou insegura...

— Se joga, menina! Deixa de ser esquisita! Não disse que escreveria uma nova história? Então, venha...

Meus pensamentos estavam confusos, ao mesmo tempo em que desejava conhecer o mundo e saber de fato o que ele poderia me oferecer, eu temia estar quebrando os mandamentos e os ensinamentos dos quais recebi a vida toda. Temia que pudesse magoar à Deus e o afastar de minha presença, ser castigada por tal decisão, afinal, eu ouvi durante muito tempo que o mundo é inimigo de Deus.



Meu coração estava acelerado e eu gostei de estar ali, me sentia bem com aquelas roupas, como se estivesse livre do peso, dos fardos da infelicidade da minha casa. Durante toda a infância e juventude, senti como se viver fosse uma carga, um castigo que veio do céu pelo pecado do homem. Minha mãe tentava demonstrar alguma vantagem em ser

mulher, ser obediente, servir o marido em todos os deveres sendo a esposa perfeita, mas eu podia ver em seus olhos e em seu sorriso, uma tristeza e melancolia por fazer algo que nunca desejou. Seu nome é Ana Rute, tem a estatura pequena e delicada, as mãos finas, os cabelos enormes com a raiz sempre branca. Devido suas crenças, não faz uso de maquiagens ou tintas para cabelo. Mas sempre foi uma conselheira amorosa, dentro de sua crença, me ensinava como podia. É corajosa e sempre muito prestativa com todos.

Depois de aguardar uns minutos na fila de entrada, enfim chegamos no salão e o som estava alto, luzes piscavam por todos os lados, era possível ver as silhuetas dos rostos que estavam dentro da boate. No início, senti uma tontura com todas as informações, as batidas da música ressoavam forte no peito me deixando atordoada. Mas logo fui acostumando e me sentindo à vontade, mesmo puxando diversas vezes o vestido para cobrir minhas coxas – ele era realmente bem curto...

Marcela já foi entrando, dançando e se sentindo em casa. Me levou até o bar e me entregou uma bebida, que ao sentir o cheiro forte, torci o nariz e recusei, mas na mesma hora escutei ela gritar:

— Beba logo, Sarah! Isso vai relaxar você, logo vai se enturmar. Ninguém fica bêbada com uma dose de mojito.

Segurei o copo e fingi que estava bebendo. Estávamos próximo ao bar e senti sua mão me puxando para me levar até a pista de dança. Marcela dançava e remexia o corpo de forma muito sensual, parecia livre e feliz. Aos poucos me acostumei com a bebida geladinha e frescor do limão com a hortelã. Na verdade, era isso que eu desejava naquele momento: Me sentir livre!

Comecei a dançar timidamente e fui relaxando... , mas ainda assim, ao olhar para os lados, parecia que todos só tinham olhos para mim. Realmente, preciso tomar todo esse “troço” aqui para me sentir melhor – *só esse não vai ser problema* – Algo bom passava pelo meu corpo, me soltando e me entregando para a música, era muito bom estar ali.

Quando me dei conta, estava dançando como a Marcela e me sentindo feliz! Aquelas batidas faziam meu corpo tremer, uma alegria tomou conta da minha alma aflita e perdida há tanto tempo. Ao repetir a letra da música, eu era libertada de uma prisão. Abri os olhos e vi minha amiga sorrindo, ela parecia feliz por estar comigo naquele momento e juntas cantávamos...

— *And this new Sunrise is upon us...*

— *A new sunrise is all we need...*

— *We can take our time now...*

— *I wanna love through the night...*

— *I wanna love through the night...*

Love thru the night – Mike Ault feat. Morgan Perry

Estávamos nos divertindo muito, nós gargalhávamos.

— Sarah, tem um gato que não tira os olhos de você desde da hora que chegamos.

— Até parece... está olhando para você.

— Não está não, miga...

Olhei de lado e realmente havia um rapaz olhando para nossa direção, não dava para saber se era para mim ou para Marcela. Mas, com certeza era para ela, então não dei muita bola, continuei rindo e dançando. Até que de repente, pude sentir alguém me segurar pela cintura e dançar junto comigo. Um frio passou pela espinha, não sabia bem o que fazer, mas me deixei levar. Percebi que Marcela se afastou um pouco sorrindo para mim, continuou dançando e conversando com uns caras. As luzes piscavam muito e eu estava com dificuldade para enxergar o rosto do meu admirador, quando as luzes clareavam o ambiente, eu conseguia ver o rosto lindo e bem delineado de quem dançava comigo. Ele era bem mais alto do que eu, tinha os cabelos bem curtos, quase raspados e uma barba por fazer. Eu queria poder enxergar mais detalhes, mas as luzes indo e vindo me deixavam confusa. Ele se aproximou do meu ouvido e com uma voz suave perguntou:

— Qual o seu nome?

— Sarah.

— Humm... tão lindo quanto você!

— Obrigada... — meu coração queria sair pela boca, um perfume delicioso exalava do seu pescoço, um hálito mentolado de dar água na boca. Meu Deus... que homem lindo! As luzes piscavam e só conseguia ver aquele olhar forte diretamente em mim, de forma tão sedutora que minhas mãos suavam e minha boca estava completamente seca. Eu realmente desejava tocar os lábios dele com os meus... mas isso deveria partir dele... jamais me arriscaria a fazer isso! Ele continuou se aproximando e falou:

— O meu é Benjamim, mas pode me chamar de Ben.

— Humm... Ben — não sei o que dizer... que ele é lindo? — *Não... sua idiota... seja normal!* — Minha mente tentava me ajudar e me tirar da inércia! Tomei coragem e já pensando na possibilidade de sair correndo, perguntei com a voz trêmula — E o que você faz?

— Estou no último período da faculdade de medicina.

— Medicina?

— Sim... e você?

— Estou no segundo período de medicina.

— Sério???? Aqui mesmo em São Paulo?

— Sim... na USP.

— Uauuuu... eu também! Como nunca te vi antes?

Fiquei sem saber o que dizer, afinal sou a *nerd* que só anda com roupas largas, rabo de cavalo e que se esconde no alojamento estudando sem descanso. É claro que nunca me viu!

— Onde você se esconde, Sarah? – perguntou novamente.

— Eu... ? Na verdade, eu estudo muito e não sou acostumada a sair, por isso é bem difícil me encontrar. – estava tão sem jeito e meu rosto pegava fogo de vergonha. Ainda bem que eu tinha um copo na mão, senão, nem saberia o que fazer com ela.

— Podemos sair e conversar um pouco em outro lugar? Aqui está muito barulhento.

— Sim... só um minuto, vou avisar minha amiga e já volto!

— Tudo bem!

Procurei por Marcela, eu estava desesperada, precisava falar com ela, mas não a encontrei. Fiquei nervosa, tudo era tão novo na minha vida, não sabia como reagir. Precisava ouvir alguns conselhos, afinal... será que devo ir? E se for um louco? Ai meu Deus... quero sair com ele, porém estou com um frio na barriga e borboletas giravam no meu estômago. Não podia perder a chance de estar com aquele homem lindo! Então, desisti de procurar, no meio daquela multidão não ia encontrá-la mesmo. Ao olhar para trás, pude vê-lo me encarando e aguardando. Resolvi voltar. Nos espremendo no meio de toda aquela gente, saímos do salão principal para uma sala mais reservada com vários *puffs* e mesas. O ambiente era todo decorado com luzes de *neon* azuis, espelhos no estilo clássico e candelabros com velas artificiais, que traziam um certo romantismo e um toque de mistério. Era uma decoração como nos filmes de vampiros, bastante sedutora... me senti em um teatro.

Ele segurou minha mão e foi andando para procurar um lugar bem no fundo da sala. Nos sentamos e ele perguntou bem perto do meu ouvido, da forma mais sexy que poderia:

— Achou sua amiga?

— Não... não encontrei. – eu estava muito desajeitada e sem graça.

— Não se preocupe, está em boas mãos. Posso cuidar de você melhor do que ela.

Meu Deus! Não tenho tanta certeza disso, meu coração parece que vai sair pela boca, minhas mãos estão suando frio, minha boca está cada vez mais seca. Nunca beijei ninguém, não sei o que fazer. – *Apenas repita o que ele fizer, Sarah.* – Pode ser que ele só fique conversando... , mas não quero só conversar, quero que ele me beije.

— Ei... sente-se aqui mais perto. Está nervosa? – Ben me perguntou e sorri sem jeito.

— Humm... na verdade, estou um pouco.

— Por que? Prometo que não mordo.

— Hummm... sou assim mesmo. — que nervosoooo!!!! Não sei o que dizer... — Sou ansiosa por natureza e não costumo sair muito. Gosto de estudar e sou bem reservada, mas hoje resolvi dar uma chance de conhecer outras pessoas e...

Antes de terminar a frase, enlouquecida e sem fôlego, ele se aproximou e me beijou profundamente. Segurou o meu rosto com delicadeza e força ao mesmo tempo, me deixando sem reação. Seus lábios eram macios, sua língua adocicada, um perfume exalava do seu pescoço cada vez que se movimentava e isso me levava ao delírio. Minhas pernas amoleceram, e mesmo sem saber o que fazer, segui meus instintos naturais. Abri os olhos para observá-lo e ele estava com os olhos fechados, sem pensar, fechei os meus também, me deliciando com aquele momento. Me entreguei por completo ao meu primeiro beijo, com 21 anos.

Depois de alguns longos segundos, senti que ele me acariciava nas costas, se afastava e me beijava com delicadeza os lábios. Fiquei completamente sem graça e com as bochechas avermelhadas, sua expressão demonstrava uma incógnita para aquele momento, parecia até que ele estava rindo de mim.

— Me desculpe, Sarah! Não pude segurar. Você está bem? — falava me olhando nos olhos.

Consenti com a cabeça e mordi os lábios, abaixei a cabeça timidamente. Juro que se pudesse, entraria naquele sofá de tanta vergonha, então o ouvi dizer:

— Você é muito tímida, mas beija muito bem. Como nunca a vi na faculdade? — enquanto passava a mão em meu rosto de forma muito carinhosa. E eu pensei: *Sou tímida e você é lindo... que boca maravilhosa...* meus pensamentos não se aquietavam, senti um calor fora do comum, o coração continuava muito acelerado e as mãos úmidas, me sentia no céu!

— Hummm... Ben, eu já disse, sou uma pessoa reservada e... — levantei as sobrancelhas e os ombros na tentativa de me explicar — E é isso...

— Humm... sei! Continua envergonhada?

— Um pouco...

— Já saiu com alguém antes, Sarah? — Ahhh não... que pergunta é essa? Ah, fala sério! Como vou dizer: *nunca beijei ninguém, minha vida inteira foi dentro de uma congregação, sou filha de líderes espirituais radicais que nunca me deixaram nem mesmo ler ou ouvir qualquer música que não fosse um hino.* Ele vai sair correndo! — *Finge que não entendeu e desconversa.* Verdade! Minha consciência é ótima.

Agora, nesta sala mais reservada, consigo olhar e descobrir cada detalhe de seu rosto. Ele é tão lindo... nariz fino, boca bem desenhada e lábios avermelhados, dentes perfeitos e brancos, que se encaixavam num sorriso malicioso e encantador. Cabelos bem curtos,

quase raspados, acho que já disse isso, mas... e o rosto é bem delineado e quadrado, ele tem o queixo um pouco projetado para frente, só não consigo enxergar a cor dos olhos, mas parecem claros... simplesmente um gato! Enquanto o admirava, ele se aproximava devagar e beijava meu pescoço suavemente e com delicadeza, um arrepio delicioso percorria minha espinha novamente, repetindo meu nome pausadamente com uma voz deliciosa e baixa.

— S.a.r.a.h... nome lindo... delicado e com uma pitada de pureza e força.

Eu o encarava sem saber o que dizer, me sentia uma idiota por não saber bem o que fazer, se deveria falar ou o beijar... enquanto tentava buscar um assunto interessante. Mas quando o ouvi repetir meu nome pausadamente, lembrei de algo que não gostaria.

O retiro

Taubaté, 10 de setembro de 2010

— Sa-rah, está me ouvindo?

— Sim, pai! – respondi.

— Sim, senhor! Esta deve ser sua resposta.

— Sim, senhor... – senti vontade de revirar meus olhos, mas era capaz de eu apanhar no mesmo instante.

— Sua mãe já arrumou a mala e está tudo pronto! Daqui a pouco o ônibus chegará e você já sabe como deve se comportar.

— Sim, senhor... – a mesma ladainha de sempre.

Meu pai é um homem de estatura mediana, cabelos finos e ralos, olhos azuis, barrigudo e possui uma personalidade autoritária e arrogante. Nunca aceita a opinião alheia, está sempre com a razão. Apesar de suprir as necessidades da casa, nunca o vi ajudar ou falar qualquer palavra de amor para minha mãe. Por esse motivo, quando saía da escola, voltava andando com minha única amiga de classe, Vivian, passávamos na casa dela e ficávamos assistindo as gravações das séries americanas *Grey's Anatomy* e *The O.C.* Ficava imaginando se realmente as pessoas se relacionavam com amor ou tudo não passava apenas de ilusões de filmes e personagens que nunca poderiam existir.

Minha amiga, Vivian, tinha pais muito amáveis e carinhosos. De certa forma, assim como eu admirava o carinho entre eles, sentia que um dia poderia encontrar um amor que fosse verdadeiro. Não desejava, nem de longe, que um homem como o meu pai fosse meu companheiro.

— Já conversamos e você sabe: só está indo com o grupo de jovens nesta viagem porque a liderança insistiu. Não quero ouvir ninguém falando sobre minha família.

— Matias, nossa filha já entendeu. – até minha mãe estava cansada de tanto blá, blá, blá.

— Rute... Eu sou o pai dela, lembra-se disso? Eu decido o que é melhor para minha filha, ou não. Não lembro de pedir sua opinião. – meu pai e sua delicadeza para falar com minha mãe. Odiava aqueles congressos que eu era obrigada a participar. Não concordo com nada do que falavam, não enxergo Deus do jeito que eles ensinavam e dentro da minha casa só havia grosserias. Minha vontade era fugir... ir embora... ou sei lá o que...

— Chegou! Vá com Deus e lembre-se mais uma vez: está indo para aprender a palavra e não para ficar brincando! – tive que ouvir meu pai falando repetidas vezes à mesma história. Que saco!

Entrei no ônibus mal-humorada e desejando ver o tempo passar mais rápido, não gostava de fazendas, nem de dormir no chão, nem de brincadeiras ao ar livre. Sempre gostei de livros, músicas e de conversar com a minha amiga da escola.

Cheguei ao acampamento e como havia chovido há alguns dias, era lama para todos os lados. Fiquei com tanta raiva de estar naquele lugar contra minha vontade que comecei a montar minha barraca com insatisfação, se pudesse quebrava tudo, mas imagina o sermão que receberia em casa. Enquanto eu estava ali cheia de tédio, todos riam e se divertiam. Depois de uma hora que minha barraca estava montada e organizada, uma das monitoras se aproximou e disse que uma menina tinha chegado e precisava de um lugar para dormir. Pensei: é claro que vão querer colocar “a atrasada” na minha barraca. Era só o que me faltava! – falei e balancei a cabeça com raiva – mas quando vi de longe a novata, meus olhos brilharam...

— VIVIAN?! – Meu coração pulou de alegria, era minha melhor amiga! Enfim seus pais tinham a deixado vir, e estar com ela ali no acampamento mudava tudo. Agora sim! Poderíamos conversar a noite toda e continuaríamos fazendo nossos planos de encontrar um Derek, meu personagem favorito de *Grey's Anatomy*.

— Saraaaahhh... nem acredito que é com você que vou dividir a barraca!

— E você não imagina a minha alegria em saber que você está aqui comigo! – saí de um estado de tristeza e raiva para uma alegria sem fim. Corri para abraça-la. Passamos a noite inteira conversando e dando risadas.

Confesso que foram dias muito bons, porque acabei me esquecendo de que estava em um retiro espiritual. Passamos três dias de alegria, apesar das partes chatas, em que tínhamos que acordar cedo, tomar café, fazer as atividades do retiro, assistir os cultos, participar das brincadeiras na água, na terra, entre outras mais.

Já estava chegando a hora de ir embora e comecei a imaginar meu pai perguntando sobre tudo e me fazendo repetir passagens da Bíblia. Estava chateada porque voltaria para casa e senti uma tristeza estranha, um abatimento... uma vontade de chorar... percebi que ir para casa era ruim, me sentia sozinha. Às vezes, eu só queria conversar com meu pai, deitar no seu colo e sentir seu carinho, seu cuidado, como os pais da Vivi faziam com ela e com o Vitor. Mas tudo era tão frio, tão cheio de regras. Difícil...

— Que cara é essa, Sarah?

— Nada...

— Nada? Mas está triste. Não quer ir para casa?

— Na verdade, estou cansada de tudo. Não aguento a cara ranzinza do meu pai, seus gritos com a minha mãe e as inúmeras ordens. Acho que é isso... uma rotina degradante.

— Ah... entendo... , mas não fique assim! Vamos nos lembrar dos dias bons que tivemos aqui e combinar o seguinte: Nós vamos fazer medicina, trabalhar juntas em um

hospital lindo em São Paulo, depois procuramos e nos casamos com o Derek, lembra-se disso? Então, precisamos estudar. Não dê bola para essas coisas pequenas do seu pai. Talvez ele só queira te proteger. Um dia, ele pode até mudar e vocês venham a ter um relacionamento melhor.

— Acho difícil! Mas...

Rimos alto e fizemos um pacto: trocamos nossos colares como um ato de lealdade e fidelidade para a nossa promessa.

— Minha corrente tem o meu nome atrás. – eu disse para Vivian.

— Que legal. A minha é só um coração, na verdade estou te dando meu coração.

— É linda! Obrigada, amiga! Vou guardar para sempre!

Demos um abraço forte como nunca tínhamos dado antes. Naquele momento, senti um amor muito grande por ela. Ficamos alguns minutos nos olhando e sorrindo em silêncio.

— Vivi, vamos ter que tirar par ou ímpar para saber quem ficará com o Derek?

— Não se preocupe, Sarah! Vamos encontrar dois Dereks. – e mais uma vez caímos na gargalhada. Passar o tempo com a Vivian era o momento mais feliz e alegre dos meus dias.

— Verdade... mas será que meu pai vai deixar eu estudar medicina em São Paulo? E vamos precisar estudar muito!

— CLARO! Vamos estudar muito e passar no Enem.

— Vai ser a minha liberdade! – exclamei.

— Mas vamos juntas! Nem pense em ir sozinha.

— Nunca! Vamos juntas! – e mais uma vez abracei minha amiga com força, ela era a única que podia me entender. Tínhamos os mesmos gostos e todos os meus segredos eram confidenciais para ela. Já tínhamos feito todos os planos para o futuro. Iríamos estudar medicina juntas, casar e ter dois filhos. Os meus seriam Luiz e Anna, e da Vivi seriam Júlia e Augusto.

Nossos momentos eram descontraídos e sempre com muitos planos. Mas, o que eu não sabia era que o destino havia escolhido outro caminho para nós.

Após arrumarmos todas as coisas, subi no ônibus sentindo uma saudade fora do normal e um aperto no peito. Olhei para trás e acenei um adeus para Vivian, que retribuiu com um grande sorriso. Os pais dela estavam indo para uma cidade do sul de Minas, onde morava toda a família e por esse motivo acabei indo no ônibus sem minha companheira. Combinamos de nos encontrar às 6h45 em minha casa para irmos ao colégio juntas.

Vivian era tão branca, que todos a chamavam de galega, tinha os olhos verdes, os cabelos eram quase brancos de tão loiros, com um corte chanel, um físico pequeno e forte. Seu sorriso era algo do céu, não havia ninguém que não ficasse bem quando Vivian estava por perto.

Na volta dormi durante todo o caminho, cheguei em casa feliz e cheia de planos. Minha mãe logo veio me abraçar com um sorriso lindo no rosto.

— Oi, filha! Graças a Deus está de volta. Estava meio angustiada.

— Está tudo bem mãe! Foi muito legal, encontrei com a Vivi, e acabamos ficando juntas na mesma barraca.

— Então os pais a deixaram ir?

— Sim. Eles iam viajar para a casa da família, mas depois mudaram de ideia e resolveram esperar o retiro acabar.

— Que bom. Está com fome? Fiz uma sopinha quentinha.

— Hummm... que delícia! Onde está o pai?

— Saiu para uma reunião na congregação. O irmão Benedito me trouxe para casa, porque eu sabia que você estaria chegando.

— Hummm... vou tomar um banho e já volto para comer.

— Tudo bem, filha!

Percebi que estava feliz, mas ao mesmo tempo sentia um aperto no peito de saudade e não entendia o motivo. Tomei banho, arrumei meu material escolar e fui à cozinha de pijama para jantar. Minha mãe já tinha deixado tudo pronto na mesa e ficamos tomando a sopa deliciosa que ela tinha feito e conversando sobre tudo o que tinha acontecido no retiro. Eu estava cansada e fui para o quarto dormir, no dia seguinte tinha aula e acordar cedo para mim sempre foi um porre!

O dia amanheceu, levantei, escovei os dentes, me arrumei e tomei café. Minha mãe estava arrumando algumas coisas na cozinha, enquanto eu aguardava a Vivian chegar para seguirmos para o colégio.

— O pai saiu cedo hoje. Ele foi viajar? – perguntei.

— Foi. Tinha umas visitas em um cliente para entregar alguns materiais.

— Não perguntou de mim?

— Perguntou sim.

— Perguntou do retiro?

— Sim. – minha mãe riu.

— Por que está rindo?

— Porque seu pai me faz rir.

— Faz?

— Sarah, a preocupação do seu pai é sempre a mesma.

— Sei... se eu assisti aos cultos e se eu estava estudando – conclui.

— Sim. Mas é o jeito dele, no fundo ele se preocupa com você, só que do jeito dele. Seu pai é difícil, mas é um bom homem.

— Ah, mãe. Por que ele é tão duro? – minha mãe nunca entrava em detalhes, apenas dizia que ele era assim mesmo. E eu também ficava sem jeito em perguntar sobre o passado deles. Acabei me calando e saindo. Confesso que, só queria que ele fosse me ver, me desse um abraço ou um beijo... sei lá! Não gostava de pensar nisso porque ficava triste.

— Sua amiga ainda não chegou? Já são sete horas!

— Pois é! Está atrasada, mas ela sempre atrasa um pouco.

Fiquei esperando por Vivian. Olhei o relógio e nada da minha amiga chegar. Quando deu 7h10, a campainha tocou:

— Nossaaa... até que enfim! Perdeu a hora? – abri a porta já com a frase montada para chamar a atenção da minha amiga, ela estava 25 minutos atrasada. — Até que enfi...

— S.a.r.a.h?

Onde está?

— Sarah?? Ei... falei alguma coisa errada?

Ouvi a voz de Ben ressoando longe e me tirando do passado. Fiquei nervosa, pois não sei por quanto tempo permaneci naqueles pensamentos, só sei que ele estava me contando alguma coisa, da qual não faço ideia do que era.

— Oi... não, não! Me desculpe... apenas lembrei de um dia ruim.

— Hummm... percebi que fiquei no vácuo! Foi algo que eu disse?

— Desculpe... sim e não!

— Hummm... ouviu alguma coisa do que eu disse?

Agora digo o quê? Que chato, Sarah... primeiro encontro com um cara maravilhoso e você fazendo uma viagem ao passado! – *Chega Sarah... lembre-se porque está aqui: Uma nova Sarah!* – Verdade... uma nova Sarah! Uma nova Sarah! Fiquei repetindo para mim mesma e para não dar muitas explicações, decidi responder de forma rápida.

— Preciso ir para casa, Ben!

— Como? Já?

— Sim. Só preciso usar seu celular. Eu acabei deixando o meu na bolsa da Marcela e agora não tenho como chamar um *uber*.

— Claro... claro! Mas, eu posso levar você. Tudo bem? – a expressão dele foi de surpresa e confusão.

— Não sei... não encontro minha amiga... e... - falei olhando para os lados, na tentativa de encontrar Marcela.

— Não está indo embora por alguma coisa que falei. Está?

— Não, não! Só preciso ir embora mesmo, estou cansada.

— Tudo bem. Estamos indo para o mesmo lugar. Vocês moram no alojamento da faculdade, não é?

— Sim...

— Então vamos! Eu posso te levar.

E por um segundo, quando olhei para ele, me lembrei da série *Grey's Anatomy*, que

assistia com minha amiga Vivian. O rosto de Ben lembrou-me o Derek. Sorri sem querer, mas continuei encarando-o e achando a situação cômica.

— O que está pensando? Está rindo de mim ou para mim? – ele perguntou curioso.

— Nada... apenas me lembrei de algo engraçado. Como o tempo e o destino se encarregam de apresentar situações traçadas há tanto tempo atrás...

— Continuo sem entender! Do que está falando, Sarah?

Ben nunca entenderia e também não iria falar algo tão íntimo, que de certa forma, é infantil... o cara vai pensar que sou maluca! Caminhamos em direção à saída da Hipnose e como um cavalheiro, ele me guiou com as mãos nas costas. A boate estava lotada e eu realmente não encontraria minha amiga, tentei ligar para ela do celular de Ben, mas o número só dava caixa postal, provavelmente está com um “rolo” dela, o Lucas, ou deve ter saído com algum outro gato, como ela mesma diz.

Chegamos do lado de fora e continuamos andando em direção ao carro dele, eu estava apreensiva. Não fazia ideia do que era estar em um carro com um cara. Que nervoso! Minhas mãos suavam, minha boca estava seca e de fato eu não o conhecia. E se fosse um estuprador ou alguém do mal?? E agora? Meu pai me mata se souber que entrei no carro com um homem e sozinha! – *AHHHH Sarah... pare com isso agora!!! Pelo amor... você não é nenhuma menina indefesa e sabe muito bem como atingir um homem!* – Mas, afinal... que droga de lugar é este que está estacionado o carro dele? Meus pés estão gritando com esses sapatos.

— Ei... estamos indo para onde? – indaguei com uma cara fechada.

— Para o alojamento? – ele retrucou sem entender.

— Sim... sim... eu sei! Mas, estamos caminhando há alguns minutos e...

— Ahhh... não se preocupe! – “Ah... não se preocupe?!” Sei... me preocupo sim! Pensei comigo – Já estamos chegando - ele respondeu sorrindo de forma tão fofa. Os hormônios gritaram dentro de mim, até esqueci que tinha pés... quem mandou estar com 21 anos e nunca ter beijado! Afffff... . Quanto tempo perdido!

— Não preciso me preocupar?! Humm... estou cansada e com dor nos pés, estes sapatos de salto gigante que a Marcela me emprestou estão me matando.

— Ah, claro! Vocês mulheres e seus sapatos. Minhas irmãs também usam e depois chegam em casa descalças. Para que isso? Estamos chegando, juro! Quer colo?

— NÃOOOO!! – e só ouvi uma gargalhada alta.

— Aqui, chegamos!

— Chegamos onde? Esta é sua casa?

— Não. A casa de um amigo.

— Não íamos para o alojamento? Por que estamos aqui? – eu sabia que não deveria ter

acreditado no que ele disse... estes homens são todos iguais e eu...

— Vamos... entre, Sarah! Não vou passar da garagem. Eu nunca deixo a moto no estacionamento. Prefiro deixar aqui na casa do Mauro.

— MOOOTO??? Nós vamos de mooto? Mas... olhe para mim!

— Sim. Você tem medo? Qual o problema? – ele pareceu confuso.

— Nunca andei de moto... e... como vou subir nisso? – pensei alto, senti o rosto queimar de vergonha. Ben parou e ficou me olhando um pouco surpreso e obviamente queria rir da minha reação, mas logo pegou o capacete, que estava guardado em uma pequena mala preta presa na moto e o colocou em mim com delicadeza.

— Fique em paz, Sarah! Eu sei pilotar muito bem e pelo visto você não tem o hábito de fazer muitas coisas. – sorri sem jeito e pensei: Hummmm... você nem imagina quantas coisas... quero ver quando souber que sou virgem. Ahhh! Que vergonha. E o pior do que ser virgem é chegar aos 21 anos sem nunca ter beijado. Ele vai me achar uma tonta. Pelo menos foi com ele... – meus pensamentos não me deixavam em paz e acabei falando alto de mais:

— Cale a boca por um instante, Sarah?! – exclamei para mim mesma.

— Como? – ele me olhou confuso.

— Hã? Não... nada... estou bem! Aliás, nunca andei de moto, mas não significa que não queira andar. Que linda... – de novo pensei alto e ele sorriu com a expressão de quem não estava entendendo nada, eu estava parecendo uma maluca.

— Pronta? Podemos ir? – montado na moto, com as pernas grossas na calça jeans, seus braços eram fortes e peludos, com veias bem saltadas, como aquelas dos homens sarados de academia que sempre via nos filmes. Neste caso, bem diferente do meu príncipe Derek. A camisa de botão listrada em rosa bem claro, estava bem justa no corpo dele, assim eu podia admirá-lo de forma mais íntima. Tem as mãos lindas, magras com dedos longos e unhas bem aparadas e asseadas. A nuca, parte que estava bem de frente aos meus olhos, estava bem marcada e delineada com um tom esverdeado de quem tinha acabado de cortar os cabelos. Talvez fosse por isso que as entradas na testa estavam bem marcadas. Juro que senti vontade de morder aquela nuca! Ai meu Deus... eu preciso de ar... não sei como reagir a tudo isso!

— Sarah?? Está me ouvindo?

— Ahhh... SIMMMM – estava eufórica e tentando disfarçar meus delírios naquela nuca, comecei bem minha nova etapa! Pronta na garupa daquela moto enorme toda preta e com um ronco lindo, não sei a marca disso, só sei que a sensação do ronco quando a ligou foi maravilhosa. Mas e agora? Estou de vestido, com as pernas inteiras de fora e a bunda para o alto. Só não estava com a calcinha de fora porque Ben me cobriu com o seu casaco e ainda disse que minhas pernas eram lindas... difícil saber o que fazer com tudo isso! Eu tinha vontade de rir e ao mesmo tempo fugir dali, na verdade, eu tinha vontade de agarrá-lo!

Ben saiu aos poucos da garagem, depois do ritual de vestir as luvas e o capacete. Quando segurei na sua cintura... fui ao céu! O perfume e a sensação de segurar em seu corpo foi sensacional.

Ele esperou o portão fechar e acelerou a moto aos poucos, senti o ronco bater no meu peito e a emoção que senti foi de liberdade. Quando saímos pela Marginal, o vento batia no meu rosto, apesar da proteção do capacete, pude ver as luzes da cidade acesas de forma encantadora.

Fechei os olhos e segurei firme o corpo dele, sem perceber soltei um suspiro que parecia estar preso no meu peito desde... bem... desde sempre! Um nó atravessou minha garganta e eu não sei explicar que sentimento é esse, simplesmente parecia que eu era a dona da minha própria vida, mesmo sem saber muito bem o que fazer com ela. Desejei estar ali com ele como nunca desejei estar em outro lugar e esqueci por alguns momentos quem eu era, como cheguei ali e de onde eu vim... Quando abri meus olhos, uma luta interna entre o bem e o mal tomaram meu coração e minha razão me dizia para parar, mas minha emoção falava mais alto e me deixei levar pelo prazer de estar ali em velocidade, encostada naquele homem lindo e perfumado. Uma fragrância amadeirada que ultrapassava os meus limites e deixava meu discernimento ofuscado.

De repente ouvi a voz de Ben:

— Está tudo bem, Sarah? – me questionou olhando de lado com a voz abafada pelo capacete.

— Sim. Muito bem. – você não imagina como estou bem – pensei comigo.

— Já estamos próximos.

Já? Mas eu não quero chegar em casa ainda, quero continuar sentido o vento gelado e o perfume dele. Quero continuar com as mãos em seu abdômen forte.

— Que pena... – acabei soltando meus pensamentos insanos.

— Como?

— Hummm... nada... pensei alto!

Percebi que ele sorriu, mas não disse nada. Logo chegamos no alojamento, desci da moto assim que Ben parou, tirei o capacete e devia estar com uma cara nítida de felicidade.

— Tem certeza que nunca andou de moto?

— Tenho... – respondi sem jeito.

— Sarah, de onde você veio? E o que já fez na vida? – me investigou olhando carinhosamente, mas com curiosidade.

Que pergunta terrível... não quero falar sobre isso agora, fechei minha fisionomia instantaneamente. Agradei por me trazer até em casa e me aproximei para me despedir e sair em seguida, não queria dar satisfação de nada, nem o conheço.

— Ben, obrigada por me trazer até aqui! – o beijei no rosto e já ia saindo, quando ele me segurou pelo braço e me interrompeu:

— Ei... como assim? Um beijo no rosto e adeus?

Olhei para ele sem fala, mas logo respondi dando de ombros:

— Sim.

Ele riu e não soltou meu braço.

— Sarah... falei alguma coisa errada? – perguntou levantando os ombros e as sobrancelhas, tentando entender o que tinha acontecido para eu querer ir embora repentinamente.

— Não... só está tarde e estou cansada! – mas enquanto eu ainda falava fui puxada com força e senti meu corpo encostar-se ao peito dele que estava quente. Naquele momento, meu corpo inteiro estremeceu e o desejei. Ele olhou profundamente nos meus olhos e disparou:

— Não quero que você vá! Fica mais um pouco comigo... – sua voz forte e sedutora, passando os dedos gelados pelo meu rosto, não resisti e fechei os olhos, senti a sua boca macia e quente me beijar de forma doce e leve. E aos poucos fomos perdendo o controle, minha respiração ficou ofegante, assim como a dele, que passou a me apertar contra o seu corpo e num impulso passei as mãos por dentro de sua camisa, sentindo sua pele lisa e as ondas dos músculos que se encaixavam perfeitamente por entre os meus dedos. – *O que é isso Sarah... vai querer tirar todo o atraso agora?* – minha mente lutava para me trazer de volta a realidade e ter controle sobre meu corpo. Ben já havia perdido o controle e suas mãos passeavam por todo o meu corpo, até que eu pude, por um segundo, retomar o juízo e pulei para trás.

— CHEGA! Preciso subir.

Ben, de olhos fechados, encurvou-se e ficou alguns segundos tentando se recompor.

— Desculpe! Não sei o que houve comigo... perdi o controle. Me desculpe... me desculpe!

Senti minha boca latejando pelas mordidas que ele havia me dado, mas confesso que não me arrependo e não mudaria nada nesta noite. Lutei com todas as minhas forças para não me perder naquelas palavras.

— Tudo bem... não foi sua culpa. Perdemos o controle juntos... e...

Ele respirou fundo e disse:

— Vamos... vou te levar até a porta, aqui é perigoso e minha casa fica do outro lado.

O silêncio e o vento da madrugada gelada de São Paulo nos acompanharam até a porta do prédio, eu desejava ardentemente saber os pensamentos de Ben. Será que gostou do meu beijo? Digo para ele que hoje é meu aniversário? Brega demais isso...

— Está pensando no quê? – tomei coragem e perguntei quebrando o silêncio.

— Hum... – ele sorriu e continuou – Em muitas coisas...

— Ah... – que ótimo! E desde quando “muitas coisas” dizem alguma coisa... afff!

— Sarah... você tem uma doçura, algo que me atrai... não sei dizer o que é... mas...

Só consegui rir sem jeito com aquelas palavras, até que chegamos na porta. Minha cabeça estava tentando encontrar uma forma de saber mais sobre o que ele achou desta noite. E como eu poderia dizer que era meu aniversário? Durante o dia todo eu recebi apenas uma ligação da minha família me dando os “parabéns” e um abraço da Marcela.

— Bom... chegamos! E mesmo não querendo te deixar subir, vou me despedir aqui. – eu sorri sem jeito, mais uma vez, e ele continuou — Está tudo bem? Parece pensativa. Quer me dizer alguma coisa? Me desculpe se perdi o controle e...

— Não se preocupe! Estou bem sim... é que... hoje... hum... não sei se...

— O que foi, Sarah?

— Hoje é meu aniversário! – revelei e fechei os olhos em seguida morrendo de vergonha.

— COMO ASSIM? E só me diz agora às 2h30 da manhã?

— Mas o que eu poderia dizer? “Oi estranho, hoje é meu aniversário!”, esquisito né?!

— Falando assim fica bem esquisito. Mas não sou mais um estranho. Você pode beijar minha boca, andar na minha garupa, mas não pode dizer que é seu aniversário? – reclamou levantando as sobrancelhas e gesticulando. Fui obrigada a sorrir.

— Não é isso...

— Puxa... quantos anos?

— Vinte e um.

— Vinte e um? Ufa... graças a Deus, você é maior de idade! Uma data importante... . então... não podemos fazer nada agora, já que seu aniversário foi ontem...

— Verdade...

— Mas... você vai fazer o que hoje? Mais tarde?

— Dormir...

— E depois?

— Hum... acordar???

— SARAH!!!

— Brincadeira... eu ia estudar!

— Então, quando for meio dia, eu passo aqui. Vou te mandar uma mensagem e venho.

Me passa seu número.

Caramba... passo o meu número para ele? Meu pai sempre disse para não dar o telefone para qualquer um. Mas... ele não é qualquer um... então... passei!

— Isso... já anoitei aqui. Agora me dá aqui o seu telefone.

— Para quê? – assustei.

— Só vou anotar meu número, caso precise de alguma coisa. Assim, você vai saber que sou eu quando chamar.

— Está bem, mas estou sem meu aparelho, ficou com a Marcela, lembra?

— Humm... verdade... você falou! – Vou mandar um “oi” no seu *WhatsApp*. Pronto, salve meu número e amanhã saberá que sou eu chamando. – em seguida segurou meu rosto, me beijou e me encostou na parede do prédio.

Retribuí na mesma intensidade, segurei o rosto dele e ficamos nos olhando por alguns segundos em silêncio, com os nossos lábios encostados e delicadamente, continuamos nos beijando. Não demorou muito e fui surpreendida novamente pela intensidade de Ben. Seu perfume amadeirado, sua língua adocicada, me fizeram ir ao delírio. Aliás, que delícia o hálito dele, parece que acabou de escovar os dentes. Perguntei para mim mesma como pude demorar tanto tempo para experimentar algo tão delicioso. Confesso que não queria entrar e me despedir dos braços de Benjamim, mas acabei falando:

— Preciso subir!

— Eu sei. Suba e sonhe comigo. Amanhã poderemos conversar mais. – soltei as mãos dele aos poucos, entrei e subi as escadas correndo.

Preciso conversar

Entrei no quarto, todas as luzes estavam apagadas e Marcela estava dormindo. Logo que voltei do banheiro, após retirar toda a maquiagem e trocar de roupa, sentei na cama e estava doida de vontade de acordá-la para conversar. Mas desisti dessa possibilidade, até que deitei e comecei a pensar em tudo que vivi naquela noite, quando ouvi um choro abafado. Fiquei curiosa e levantei um pouco o corpo para tentar enxergar o rosto da Marcela, não consegui ver nada e imaginei que pudesse ser coisa da minha cabeça.

Às 4h15 acordei com um barulho de um objeto caindo no chão do banheiro. Me levantei e bati na porta devagar:

— Marcela? Está tudo bem?

— Siiim... – ouvi minha amiga responder com uma voz abafada. Insisti:

— Tem certeza? Precisa de alguma coisa? – o silêncio me deixou preocupada, então resolvi abrir a porta devagar, porque fiquei com medo de que ela pudesse estar passando mal. Ao entrar no banheiro, me deparei com uma cena deplorável: Marcela estava largada no chão do banheiro, com o rosto todo borrado de maquiagem, ainda vestia a roupa da balada e estava cheia de vômito.

— O que houve??? Você bebeu?

— Por que entrou aqui... ? Vaaai embora...

— Marcela... não posso te deixar assim! Olha o seu estado!

— Não queroooo...

— Por favor, me deixa te ajudar. – ao dizer isso, minha amiga começou a chorar compulsivamente. — Me conte o que aconteceu. Eu só quero tentar ajudar.

— Você não pooode, ninguém pooode...

— Por que não?

— Sarah, olha meu estado! Estou com nojo de mim!

— Por que você bebeu tanto? Vem, vou lhe dar um banho gelado e logo ficará tudo bem.

— Eu só bebi um pouco, não sei o que aconteceu!

— Você sumiu! Tentei te encontrar, mas não consegui! – enquanto eu falava, Marcela permanecia com os braços sobre a privada e com a cabeça baixa, continuando a chorar.

— Eu só preciso de um banho e tudo vai passar, não é? – confirmou. Ajudei minha amiga a retirar suas roupas, que estavam imundas. Abri o chuveiro e a coloquei debaixo da água fria.

— Está muito gelada, Sarah! Não estou bêbada. Estou só um pouco tonta.

— Calma... vem aqui!

Eu fiquei tentando entender o que tinha acontecido com ela, não tinha o hábito de fazer isso. Percebi que Marcela não estava como das outras vezes em que chegou alcoolizada, com a fala arrastada e rindo sem parar. Ela estava lúcida e tinha domínio sobre o corpo. Apenas parecia com raiva e ao mesmo tempo triste com algo.

— Sarah, me perdoeee por não ficar com você durante a noite todaaa. Vi você com aquele gaaato e não queria atrapalhar. Vocês transaram, né?

— NãOOO... acha?! Eu vi de longe você com o Lucas. Não foi?

— Fez bem... fez muito bem! Esses homens não nos merecem... esses nojentos só querem sexo, olham para nós como se fossemos objetos de prazer. E se não fizermos o que eles querem... eles...

Por alguns instantes fiquei olhando minha amiga falar de uma forma que nunca tinha visto. Ela estava vermelha, com as veias da testa e do pescoço saltadas e rosnava de raiva. Até que a vi encostar na parede do box com as mãos no rosto e escorregou seu corpo pelos azulejos, sentou no chão chorando descontrolada.

— Marcela, o que aconteceu esta noite? Alguém te machucou? – só pude ouvi-la chorar soluçando como se estivesse sentindo dor. Abaixei no chão, sentei do seu lado e a abracei deixando que chorasse o quanto fosse necessário. Mesmo sem entender o que tinha acontecido naquela boate, decidi esperar ela falar quando estivesse pronta.

Meus pensamentos gritavam tentando descobrir ou entender os fatos. Será que o Lucas a traiu? Será que terminaram o rolo que tinham? Ou será que ele a machucou? Eu queria saber, mas precisava respeitar o tempo dela.

Após algum tempo, ajudei Marcela a vestir o pijama, a deitei na cama e acariciei os seus cabelos, até que ela dormiu. Aproveitei para tomar um banho, me preparei para dormir e fiquei pensando um milhão de coisas, até que me lembrei do meu mais novo presente. Preciso contar-lhe cada detalhe.

26 de agosto de 2016

Querido Diário,

Não sei nem por onde começar... acabei perdendo o sono com todos esses acontecimentos.

Vamos começar a partir do momento em que pude sentir as mãos deliciosas de um certo príncipe, passando pelo meu corpo e me apreciando de forma deitada e tímida, ainda esquecendo que é isto delirando entre as sombras e as luzes de uma casa noturna. Não sei se foi pela culpa ou pela minha suscetibilidade em reconhecer o amor de um homem, mas posso dizer com certeza, que senti tudo o que sou capaz de sentir com o toque de uma mão. O perfume amadeirado que saía de sua pele, me deixou tonta e me levou a um estado de euforia, a ponto de fazer com que os meus olhos rebrassem de prazer. Seus músculos eram macios e seu olhar me conduzia a um ponto de êxtase, impossível não querer beijar os lábios mais carnudos e vermelhados que já me aproximei. Eu queria segurá-lo com força e prendê-lo para não se ir embora, mas não podia fazer isso, pois eu não sabia como utilizar a língua dentro da sua boca. Meu coração estava disparado e minha boca não respondia mais aos meus comandos.

Aos 22 anos de idade, conheci o toque de um homem do mundo mais sofisticado. Pude sentir a tosse minha dele e um toque delicioso sobre meu estômago, me levando a loucura. Nossa relação alterada e nossos momentos noturnos noturnos, nos deixam para trás as coisas mais, mas não podia deixar tudo acontecer lá. Ainda, então me dá vontade apenas pelo prazer de ser tocada nas superfícies do meu corpo. Um dia que jamais esqueceré... o meu primeiro beijo!

Agora preciso te dizer que enquanto me deliciava nos braços de um príncipe, algo ruim acontecia com minha colega de quarto, mas só descobri o ocorrido quando acordamos e conversamos com ela. Mas lá, só posso dizer que foi ruim para mim.

Bye

Sarah

Um segredo

Abri os olhos bem devagar e ouvi os pássaros cantando como há muito tempo não os escutava. Um entusiasmo maravilhoso tocava o meu coração e as cenas da noite anterior repassavam pela minha cabeça com uma sensação gostosa. Ao mesmo tempo, me sentia estranha, a imagem de Ben não saía do meu pensamento e eu desejava ansiosamente que o telefone tocasse. Mas, não havia nenhuma ligação, nem mesmo uma mensagem.

Levantei e segui em direção ao banheiro, ao olhar para cama da Marcela, me lembrei das cenas da madrugada no banheiro e de seu porre estranho. Procurei por ela, mas não a encontrei, não havia nem sombra de sua presença. Tirei a roupa, abri o chuveiro, fiquei um tempo me encarando no espelho e balançando a cabeça com todos aqueles pensamentos deliciosos. Fechei os olhos e me lembrei da fragrância amadeirada do pescoço de Ben. Que homem delicioso... espantei as imagens da cabeça e entrei no box para um banho.

Ao sair do banho, fui em busca do vestido que usei na balada, para deixá-lo limpo e devolver para Marcela. Aproveitei para pegar as demais roupas que estavam sujas no cesto de roupa, mas vi que estava vazio. Achei um tanto estranho, pois minha amiga de quarto não tinha o hábito de lavar roupas em pleno domingo. Me troquei e quando estava saindo para a lavanderia, ouvi o som de mensagem chegando no celular. Meu coração disparou e quase saiu pela boca, larguei tudo e corri para pegar o aparelho sobre a mesa. Era exatamente quem eu esperava:

BENJAMIM 11h15

Olá Sarah,

Tudo bem?

Sou eu, o Ben.

Já acordou?

Fiquei um tempo processando as palavras, até que criei coragem para começar a responder. Sentei na cama e ao escrever a resposta, ouvi a porta do quarto bater com força. Era a Marcela que entrou de forma zangada e se jogou de bruços na cama em silêncio. Fiquei surpresa com o comportamento dela e com a voz baixa e calma, questionei:

— Ei... Marcela? Está melhor? – claramente ela não estava bem, porém o silêncio foi a única resposta que recebi. Preferi dar um tempo e continuar minha atividade, pelo menos até que Marcela se sentisse à vontade para me dizer o que tinha acontecido na noite anterior.

SARAH 11h22

Oi...

Td bem e vc?

Já acordei.

BENJAMIM 11h25

Está pronta?

SARAH 11h25

Hummm.. não!

BENJAMIM 11h26

Que horas posso passar aí?

SARAH 11h27

Daqui a 30 minutos.

Pode ser?

BENJAMIM 11h27

Ok!

Um beijo.

Deixei o celular carregando e segui em direção ao banheiro para terminar de me arrumar. Coloquei a roupa de guerra: calça jeans, uma camiseta básica e tênis. Antes de sair, sentei ao lado de Marcela, que permanecia de olhos fechados. Passei as mãos sobre os seus cabelos e a acariciei na tentativa de ouvi-la abrir o coração. Mas o silêncio permaneceu, até que me levantei e segui em direção a porta. Logo que Ben mandou mensagem avisando que tinha chegado, escutei:

— Sarah?

— Oi... – respondi me virando para olhar pra ela.

— Vai sair com aquele cara de ontem? – interrogou com a voz baixa, os olhos vermelhos e inchados de chorar.

— Sim... ele está me esperando lá embaixo.

— Tome cuidado... – com sua voz rouca e embargada pelo choro.

— Se quiser, posso ficar aqui com você. Quer conversar sobre ontem?

— Não. Vá!

Suspirei... o que eu poderia fazer? Tive vontade de arrancar a força as palavras de sua boca. Sabia que algo muito ruim havia acontecido, normalmente ela teria falado alguma coisa sobre minha roupa ou cabelo, mas apenas fechou os olhos e continuou quieta.

Desci as escadas me sentindo insegura e confusa por não ter com quem compartilhar os

momentos da noite anterior. Mas logo que abri a porta de vidro do alojamento, me deparei com a imagem magnífica de um jovem doutor, parado ao lado de sua moto, cheio de estilo, vestindo calça jeans, camiseta branca, tênis e jaqueta de couro marrom. Uma verdadeira visão do paraíso. Ele estava despojado, elegante e abriu um sorriso perfeito. Confesso que tive vontade de sair correndo e pular em seus braços. Era possível contemplar cada detalhe de seu rosto, tudo aquilo que não consegui enxergar ontem, pude ver com calma assim que os raios de sol tocaram sua pele. Resumindo, eu estava encantada. Havia algo que eu desejava ver com detalhes: a cor dos seus olhos, mas os óculos de sol me atrapalharam. Me aproximei aos poucos e um tremor atravessava todo o meu corpo, meu queixo não parava de bater e minhas mãos suavam frio. Minha mente lutava para manter a sanidade das palavras que logo sairiam da minha boca e repeti para mim mesma: *Sarah, acalma esse coração! Quantos anos acha que tem? Deixe de ser retardada!*

— Oi... — ouvi sua voz forte e meu coração desacelerou, foi como um calmante direto na veia. Minha mente continuava falando: — *Será que ele vai me beijar? Será que devo retribuir ou ainda é cedo demais? Affff... pare já com isso... deixe tudo acontecer de forma natural, Sarah.*

— Oi... — respondi olhando em seu rosto.

Ben se aproximou e me abraçou com carinho, beijando meu rosto. Pensei que tiraria os óculos, mas não o fez. Que droga!

— Podemos ir? — solicitou.

— Para onde vamos?

— Pensei em levá-la para almoçar no restaurante de um amigo, depois podemos dar uma volta de moto. Ontem percebi como você curtiu.

— Hum... sim! Eu realmente curti! — revelei sorrindo.

— Pode ser assim?

— Pode.

— Está tudo bem? Parece cansada.

— Comigo sim. Mas não dormi muito bem... minha amiga, Marcela, está estranha desde ontem. Não sei se brigou com o *crush*, parecia alcoolizada, mas não tenho certeza disso também.

— Entendo! Ela está no quarto?

— Sim... não quis sair nem para a corrida matinal. Não falou nada da minha roupa... o que é bem estranho! Tem alguma coisa errada, tenho certeza que está escondendo algo.

— O que tem sua roupa?

— Ahh... . É simples...

— É linda! Do seu jeito... é perfeita.

— Hummm... obrigada! – ai que vergonha... meu rosto ficou queimando.

— Bom... vamos? Deixe sua amiga descansar, depois ela vai compartilhar com você o que está acontecendo. Agora vamos comemorar seu aniversário!

— Está certo! Vamos!

Montei na moto e mais uma vez, pude sentir o prazer de ser livre.

Fora dos padrões

Descemos no estacionamento e ao caminharmos até o restaurante, Ben segurou minha mão, no mesmo segundo senti todo o meu corpo estremecer, realmente não esperava por essa atitude. Entramos em um ambiente aconchegante, fino e moderno. Um restaurante localizado no Jardim Paulista, muito bem decorado com ambientes claros, jardim de inverno, cadeiras estofadas em couro branco, muitas flores sobre as mesas e almofadas coloridas sobre os sofás. Rapidamente, o proprietário veio ao nosso encontro e Ben retirou os óculos de sol, soltando minha mão. Fiquei olhando diretamente para ele, na esperança de poder enxergar com cuidado os seus olhos. E então, ao se virar para mim pude contemplar o que desejava desde a noite anterior: a cor dos seus olhos! Eram cor de mel, como de um tigre, mudavam a tonalidade de acordo com a luz do sol e era possível ver as linhas negras da íris. Meu coração disparou e sorri sem querer, ele me encarou, questionando minha expressão.

— Olá Ben! Como vai, cara? Quanto tempo! – saudou o amigo durante o aperto de mão, tirando a atenção dele de mim.

— E aí, Enrico? Estou no último período da faculdade, e tempo é uma palavra inexistente no meu vocabulário ultimamente.

— Puxa... imagino! Acabei de voltar da Itália, estava finalizando uns cursos para dar um *up* no negócio.

— Acho fundamental! – Ben comentou, olhando ao redor - Parabéns, ficou lindo aqui! E falando em parabéns... trouxe uma amiga para comemorar o aniversário dela. – exclamou ao me apresentar.

— Aniversário? Ohh... data especial então! Prazer... Enrico às ordens! – identificou-se com um sotaque italiano.

— Olá, Enrico! Sou a Sarah. – respondi educadamente.

— Sarah... que nome lindo... – disse ao beijar minha mão de forma gentil, mas um pouco invasiva para o meu gosto.

— Epaaaa... quanta intimidade! Não o leve a sério Sarah, os italianos são galanteadores natos.

— Ohhh não... amiga de amigo é homem pra mim!

— Hummm... sei... vamos procurar um lugar aconchegante e reservado? – interrompeu Ben.

— Ohh, claroo! Venham, eu mesmo levo vocês para a melhor mesa!

Parecendo incomodado, Ben pegou novamente a minha mão e subimos uma escadaria cheia de orquídeas brancas. Chegamos em um ambiente reservado com luminárias pendentes, e uma parede de vidro onde podíamos olhar o movimento da rua. Enrico nos entregou o menu apresentando o prato principal do *chef* e logo depois, nos deixou a sós.

— Gostou daqui? – Benjamim me perguntou.

— Sim, muito aconchegante! E bem a nossa cara... tudo claro e clean.

— Puxa... sabe que não tinha reparado nisso! Tem razão... – e por alguns segundos rimos juntos. Mais uma vez, pude admirá-lo sorrindo. Ben tem um sorriso marcante e um rosto esculpido com perfeição. Eu ainda permanecia encantada com os olhos dele, eram realmente lindos e meigos.

Estar com alguém era algo totalmente novo para mim, não sabia ao certo o que fazer, mas escolhi ser eu mesma, pois uma das regras que determinei na minha nova vida, era ser quem eu quisesse ser e não quem as pessoas queriam que eu fosse. Odiava rótulos, títulos, estereótipo de mulher perfeita que aceitava tudo. Essa, com certeza, não seria eu!

Enquanto Ben escolhia o vinho, eu ainda custava a acreditar que tudo não passava de um sonho, parecia tão perfeito que eu tinha medo de acordar. Sempre acreditei no amor como nos contos de fadas, mas o que eu tinha dentro da minha casa estava longe de ser isso, mesmo assim, eu escolhi acreditar no amor verdadeiro. Meu pai sempre foi um homem que viveu de aparências, na rua ou na congregação, era um homem que todos admiravam, mas dentro de quatro paredes, era violento e insensível. Minha mãe acreditava no amor, porém nunca soube o que era ser amada e respeitada. Eu prefiro esperar pela pessoa certa e tentar viver um amor, mas na verdade temia que tudo não passasse de pura ilusão.

— Sarah?

— Oi?

— Tudo bem?

— Tudo. Por que?

— Parecia distante novamente. Você já conhecia aqui?

— Não. Já falei que não tenho o hábito de sair.

— Sim... falou! Me conte um pouco sobre isso! Por que não gosta de sair?

Respirei fundo e não estava muito interessada em me abrir ainda, mas eu sabia que o primeiro passo para que um futuro relacionamento desse certo era ser verdadeira, então... vamos lá!

— Ben... quero começar sendo bem verdadeira com você.

— Isso é bom! Gosto disto! – respondeu me encarando e sorrindo, como se tivesse escutado exatamente o que queria.

— Não sei bem por onde começar a falar da minha vida.

— Comece me contando onde nasceu e porque escolheu medicina.

— Nasci em Taubaté, e escolhi medicina quando tinha 15 anos. Na verdade, sempre gostei de cuidar das pessoas e no colégio eu e uma amiga amávamos assistir séries de medicina, até que prometemos que era isso que faríamos juntas.

— Séries médicas?? *Grey's Anatomy*? Derek? – Ben riu alto e eu fiquei roxa de vergonha. Que ideia a minha em falar das séries! E por que ele está rindo? Fechei a cara imediatamente.

— Sim. Por que? – respondi seca e séria.

— Me desculpe, não quis ser indelicado, mas é engraçado como as mulheres escolhem suas profissões. Você sabe que a realidade do nosso país não tem nada a ver com *Grey's Anatomy*, né?

— Sim, Benjamim! Eu sei...

— Me desculpe! Estou sendo indelicado!

— Está!

— Me desculpe... de verdade! É que minhas irmãs assistiam essa série, ou melhor, ainda assistem e ficam eufóricas quando o Derek aparece nos capítulos... mas ele morreu agora, né?!

Respirei fundo pois confesso que queria dar na cara dele... como ousa falar desta forma! Perdeu o encanto do príncipe Benjamim. Falar do Derek desta forma???

— Continua sendo indelicado.

— Por que?

— Porque nunca deve falar mal do personagem Derek para qualquer mulher. Nunca! – ele segurou o riso com minha resposta.

— Está certo! Vamos começar de novo! Sei que a escolha da sua profissão nunca seria baseada nisto. Então me conte o porquê.

— Hum... melhorou! Eu quero me especializar em psiquiatria.

— Uau! Uma escolha ousada! Era minha segunda opção, mas me apaixonei pela área da neurologia e estou seguindo meu coração, me especializando como cirurgião. Escolheu psiquiatria por alguma razão específica?

— Sim... uma amiga muito querida tinha um irmão autista e prometemos uma para a outra que estudaríamos para conhecer mais sobre esta síndrome ainda tão desconhecida pelas pessoas. O Vitor era um menino adorável, acompanhei parte do desafio da família

em tentar entender o que se passava na mente dele e aprender como lidar com as situações. Compreender como os autistas enxergam o mundo ainda é um desafio para sociedade. Alguns pais se sentem envergonhados, outros sofrem pelo luto eterno do filho perfeito, outros escolhem abraçar a causa e lutar junto com o filho, e apesar de ser a opção mais difícil, é a mais linda de todas. São essas famílias que são felizes e experimentam momentos indescritíveis ao lado destas pessoinhas tão especiais e amorosas. Não é fácil aprender a lidar com o desconhecido, psicólogos, fonoaudiólogos, escolas capacitadas, atividades em grupos, entre outras coisas. E por isso resolvemos fazer medicina e nos especializar nesta área.

— Muito lindo. Sabia que você era especial. – Ben me respondeu emocionado.

— Tudo bem, já está perdoado! Vamos mudar de assunto e falar sobre você. Por que neurologia? – ele ficou me olhando e sorrindo.

— Bom... como disse, tive dúvidas sobre o que desejava fazer, mas o cérebro é algo que me fascina, há tanto o que pesquisar ainda e no quinto período da faculdade estudamos sobre a neurologia e psiquiatria, foi neste momento que decidi ir em frente e ser um neurologista para tratar de problemas graves. Pois tudo que diz respeito a doenças neurológicas é sempre muito sério. Me apaixonei pela morfologia do cérebro humano. Meus pais são médicos e já possuem uma clínica, os dois são pediatras, minhas irmãs devem escolher pneumologia e otorrinolaringologia. São gêmeas e estão cursando o mesmo ano na faculdade.

— Uauuu.. uma família de médicos.

— Pois é... uma responsabilidade e tanto.

— Meu sonho é ter uma clínica especializada em tratamentos psiquiátricos e neurológicos. Meu acordo com a Vivian era que eu seria psiquiatra e ela a neurologista.

— E ainda pode realizar o seu sonho.

— Talvez...

Não conseguimos prosseguir com o assunto pois logo chegaram nossos pratos, que aliás, estavam lindos. Devidamente decorados e com um delicioso aroma!

Depois de muitas conversas e garfadas saborosas, já me sentia mais à vontade. Talvez até por conta do vinho que acabei tomando sozinha, Ben estava dirigindo e não podia me acompanhar. Até aquele momento estávamos como dois amigos, assim como ele me apresentou para o Enrico. Que não perdia a chance de aparecer no andar de cima diversas vezes puxando vários assuntos. Inclusive, tive a sensação de Ben estar incomodado, pois a cada tentativa de uma conversa, ele torcia o nariz e sorria sem jeito.

Em um determinado momento, Ben se levantou da cadeira de frente para mim e sentou ao meu lado no sofá. Não demorou muito, e ele se aproximou, segurou o meu rosto com firmeza e pediu permissão para me beijar. Como eu poderia dizer “não”?!

Senti a respiração de Ben alterada enquanto sua boca macia tocava a minha de forma delicada, os olhos fechados e a barba serrada fizeram com que me entregasse aos seus

beijos. Estávamos somente nós dois no andar de cima. Senti meu corpo pegar fogo, minhas bochechas queimavam e meu corpo estremecia nos braços dele. Mas ali não era local para isso, então interrompi:

— Ben...

— Sarah...

Vi quando abriu os olhos e me encarou com aqueles olhos de tigre. Um misto de medo, ansiedade, desejo e paixão me confundiam. Quando ele souber como são os meus pais e que sou virgem, provavelmente correrá de mim feito o diabo que foge da cruz.

— Ben... vamos devagar... aqui é meio inapropriado. – rapidamente, ele se afastou e me encarou por alguns minutos, até que me fez a pergunta fatídica que eu tanto temia:

— Você é virgem, Sarah? — O QUÊ??? Como ele ousava me perguntar aquilo... e o que eu podia dizer? – *Não, não... você não disse que seria sincera? Disse que seria você, então não tenha medo e se tiver que acabar aqui, que acabe!* – Minha consciência tentava me encorajar, mas travei e não conseguia falar absolutamente nada.

— Sarah? Tudo bem? Está pálida. Foi só uma pergunta, imaginei que não se importasse em...

— Por que quer saber sobre isso? – questionei, me afastando dele.

— Foi só uma curiosidade. Nada mais! – ele parecia envergonhado, porém eu estava irada e falei sem pensar.

— Você deve ser o pegador da sua sala inteira não é, Benjamim? — retruquei em um tom sarcástico querendo me levantar e ir embora.

— Calma, Sarah! Foi só uma pergunta.

— Não! Talvez seja para as mulheres que está acostumado a sair. Mas, não para mim!

— Calma... me desculpe! Vamos começar de novo? Só quero saber mais sobre você.

— E precisa começar querendo saber se sou virgem? Isso muda alguma coisa pra você?

— Não! Claro que não. Aliás, muda sim! Você é linda, como pode ser virgem aos 21 anos? Não é algo normal hoje em dia. É especial, mas... diferente!

Fiquei sem ar... não daria para continuar naquela conversa que tocava no ponto mais frágil da minha vida. Não estava preparada para falar de mim e o porquê de optar por isso. Me senti uma idiota por levar tanto tempo para escolher alguém, mas era especial para mim. Fui bombardeada por conflitos pessoais no decorrer da vida e tudo isso me deixou insegura para ter alguém... mas era algo especial para mim. Começar deste ponto tão íntimo?? Não... não estou pronta.

— Ben, peça a conta. Não me sinto bem e preciso voltar para casa.

Ben não esperava pela minha reação e pareceu ficar irritado.

- Sarah, tudo isso por causa de uma pergunta?
- Benjamim, por favor, eu realmente não me sinto bem.
- Ok. – respondeu nitidamente irritado.

Enrico subiu trazendo a conta e perguntou com sotaque italiano se havíamos gostado, mas logo percebeu que o clima não estava bom entre nós. Rapidamente, Ben providenciou o pagamento e desci as escadas com os braços cruzados, sem dar chance para que ele pegasse em minhas mãos. Não sei dizer o que senti, vergonha e raiva por chegar ao ponto que eu evitei desde a noite anterior. Ainda era muito cedo para tocar em qualquer assunto delicado da minha vida.

Ben ficou me olhando, mas não ousou dizer uma palavra, eu queria sair andando sozinha para poder chorar, estava estragando tudo.

Quando me dei conta, já estava na porta do alojamento, nem vi passar os lugares na volta e mal encostei nele durante o trajeto. Desci da moto e quando estava tirando o capacete para subir correndo, ele me segurou com força e falou com delicadeza:

— Me desculpe! Não sei bem o que disse para te deixar nervosa. Mas não quero que acabe assim, planejei mais coisas para nós e... quero comemorar de verdade o seu aniversário.

— Benjamim, o almoço foi ótimo, eu agradeço, mas realmente não estou bem.

— Mas Sarah... vamos conversar...

— Não quero! Não posso ainda!

— Por que não?

— Porque não! Talvez, quando me conhecer melhor nem queira ficar perto de mim.

— Do que está falando? Você é alguma assassina psicopata? – gargalhou.

— NÃO!

— Então me diga... o que me faria não querer ficar com você? – ele questionou de braços cruzados. Respirei fundo e segui:

— Benjamim... hoje não! Ok?! Preciso colocar a cabeça no lugar e você me tira do centro da razão.

— Por que eu te tiro da razão?

— Não sei... mexe comigo... tchau!

Não esperei que me impedisse de ir ou falasse algo. Subi como um foguete sem dar chance de cair nos encantos daqueles olhos de tigre. Entrei no quarto, fechei a porta, me encostei atrás dela, fechei os olhos tentando me recompor. Claro que ele só queria transar comigo e depois sumiria da minha vida. Não precisava ser muito inteligente para enxergar isso, um cara lindo e uma *nerd* arisca sem a menor experiência de vida amorosa.

Impossível dar certo!

Procurei por Marcela, mas não encontrei ninguém. Deitei na cama e resolvi dormir até que pudesse me abrir com alguém.

— Aff... quando mais preciso da minha colega de quarto, sou abandonada.

Um passo por vez

— Que barulho é esse? – acordei desnorteada com o rangido da porta do armário abrindo e fechando, meu humor não estava nada bom. Não conseguia abrir os olhos porque as luzes do quarto estavam acesas. Mas que droga é essa? A Marcela perdeu a noção do respeito?

— Sarah, não tem aula de anatomia agora de manhã? – ouvi uma voz amarga falando alto.

— Hum... que horas são? E por que está com a luz acesa?

— São 6h15 e hoje já é segunda-feira. Acendi a luz para que acorde e não perca sua aula.

— Ahh não... preciso dormir mais... está maluca, Marcela? O que deu em você desde a noite de sábado?

— Melhor se apressar, não disse que a dra. Renata não aceita atrasos no laboratório?

— Você já está pronta? Nunca acorda tão cedo. – estava ficando irritada. Ela nunca acordava cedo as segundas-feiras para as primeiras aulas. Que droga...

— Sim.

— Mas Marcela... hoje você não tem aula de manhã, está indo para onde?

— Não, não tenho... mas preciso resolver algo pessoal.

— Ah... entendo... às 6h15 da manhã? Fala sério...

—Tchau Sarah!

— Como assim “Tchau Sarah”... eiii... Marcela?! – já estava no banheiro quando escutei a porta do quarto bater sem dó e fiquei curiosa para saber onde minha amiga estaria indo toda arrumada àquela hora.

Me olhei no espelho e estava acabada, com uma olheira enorme e exausta. Tentei dormir à noite toda, mas acabei mexendo no celular e perdendo o sono. Como já estava acordada, me arrumei e saí. Me lembrei de que eu não tinha estudado nada no final de semana e com a raiva da noite anterior, acabei dormindo mal, e esqueci de escrever no meu diário.



As 7h30 lá estava eu, sentada na sala do laboratório apoiada no balcão praticamente

dormindo acordada. A sala permanecia com um burburinho terrível, de alunos entrando e saindo, agitados com alguma coisa que eu não fazia ideia. Olhei ao redor e percebi que as meninas estavam numa euforia fora do comum. Quando de repente, vejo entrar pela porta da sala, nada mais, nada menos que o dr. Benjamim. Meus olhos se arregalaram e imediatamente minha mente acordou da inércia na qual me encontrava.

Está de sacanagem comigo? – minha consciência resolveu falar. E eu tive a capacidade de responder: — Não pode ser... o que ele estava fazendo vestido de jaleco branco com o nome da universidade, na minha sala? Tudo bem que estudava lá, mas estava caminhando em direção a mesa do professor e tinha em mãos os kits dos alunos da aula de laboratório. Não demorou para minha dúvida ser sanada.

— Bom dia turma! Vamos ao que interessa. Afinal, eu preciso de nota e vocês também. Fui escalado para substituir a dra. Renata por um tempo, nas aulas do laboratório de bioquímica e anatomia. Meu nome é Benjamim Hakin e farei o possível para ajudá-los, enquanto minha colega estiver de licença. Bora estudar?? – meu queixo caiu e fiquei sem chão!

— Não pode ser... – meus pensamentos escaparam pela boca e minha parceira de anatomia soltou:

— Que gato... minhas manhãs de segunda e quinta serão cheias de feromônios...

— Do que você está falando, Patrícia? – fiquei irritadíssima com aquele comentário. Que ousadia era aquela? Que ridícula...

— Do que estou falando? Olhe para frente e veja? Não podia ter uma notícia melhor. Este gato é do último período e é o cara mais gostoso da USP. Meu sonho de consumo... aliás, é o sonho de consumo de todas as mulheres da USP. O único problema é alcançar o coração de pedra deste pedaço de mal caminho, nunca vimos ele com ninguém.

— Vai ver que não gosta de mulher. – respondi tentando encerrar o assunto mas com vontade de rir. Se Ben soubesse disso iria ficar irado comigo. Garota sem noção, vontade de dar na cara dela. – *Se comporte Sarah Furtado! Por que esses pensamentos psicóticos? Você namora com o cara? Não! Ele apenas pegou você numa festa e aproveitou um pouco.* – Cale a boca cérebro idiota. – eu lutava o dia todo com minha consciência – Será que ele tinha me visto? Logo naquele dia que acordei horrível, estava dormindo em pé e vestindo uma roupa que mais parecia um pijama, com uma camiseta surrada e um nó no cabelo... não podia crer!

Quando eu ainda lutava com os meus pensamentos, Benjamim iniciou a entrega dos kits, e obviamente pedi para Patrícia pegar o meu. Vesti o jaleco, os óculos, a touca e a máscara rapidamente, tentando fazer com que Ben não me enxergasse no meio dos alunos. Começamos as tarefas de dissecar o corpo humano e enquanto nos concentrávamos, ou melhor, quem poderia se concentrar diante daquele pedaço de mal caminho? Contudo, me esforcei bastante, olhando para o tórax da peça a minha frente, e às vezes levantava os olhos para espiar o “professor”. Benjamim ministrava a aula através do monitor de slides e

assim que terminou a explicação, sentou na mesa e ficou observando todos os alunos como se procurasse alguém. Fiquei pensando: – Será que sou eu? Se for, não vai me encontrar, estamos todos iguais, graças a Deus. – Enquanto ele aguardava os alunos finalizarem suas atividades, começou a chamada de presença. Momento crítico: a aula de anatomia valia ponto e eu não poderia fingir estar ausente, pensei em uma saída rápida, porém sem sucesso.

— Sarah? – fechei os olhos e pensei no que dizer... e agora? — Sarah Furtado? – o professor repetiu o meu nome.

Minha vontade era de abrir um buraco no chão e entrar, percebi que ele estava fazendo de propósito, ficou aguardando pacientemente com os cotovelos sobre a mesa, as mãos entrelaçadas e um sorriso sarcástico no rosto.

— Presente... – respondi quase sem voz.

— Ouvi um presente?

— Presente! – respondi novamente mais alto e nossos olhos ficaram fixos um no outro. Meu coração palpitava acelerado, minhas mãos estavam suadas e frias, boca seca, mas que droga era aquela que estava acontecendo comigo toda vez que o encontrava... tudo bem que era o primeiro homem que eu tinha beijado, mas faça-me o favor, Sarah!

Em seguida, abaixei os olhos e continuei minha atividade sem a menor concentração. Prometi que não o olharia até o fim da aula, mas fui vencida ao ser tocada no ombro de uma forma delicada. Levantei os olhos já sabendo que era ele, o seu perfume amadeirado chegou primeiro e abaixei minha guarda.

Precisava conhecê-lo melhor, ficamos juntos numa balada e saímos para almoçar em comemoração ao meu aniversário, mas não entendia porque aquele ser humano estava mexendo com os meus neurônios, nem entendia o que queria comigo. O cara é lindo e pelo visto bem de vida, podia ter a mulher que quisesse, o que ele esperava de mim? Enquanto meus pensamentos me atormentavam, Ben perguntou:

— Sarah? Tudo bem?

— Sim. – respondi sem jeito, enquanto minha parceira de classe ficava de boca aberta encarando-o nos olhos.

— Alguma dúvida sobre a aula?

— Eu tenho, dr. Hakin. – uma voz esganiçada falou, enquanto eu montava uma frase para responder. Era minha parceira de laboratório que me deixou muito irritada. – Lá vem ela... garota insuportável! Vai ter que dar um jeito de arranjar outra parceira de laboratório, Sarah! – minha consciência falava comigo. Acho que eu estava descontrolada, não era possível! Perto dele eu ficava completamente sem jeito.

— Pois não. Como é seu nome? – indagou Benjamim, olhando para ela.

— Patrícia. Mas pode me chamar de Patty.

— Hummm... prefiro Patrícia. Qual a dúvida? – ele estava sério com os braços cruzados e não creio que falou: “*Prefiro Patrícia*”... – pensei com sangue nos olhos.

A intrometida começou a falar como uma sirigaita desenfreada e eu estava fervendo por dentro. Continuei de cabeça baixa olhando para minha peça, com o bisturi na mão, cortei o tórax do meu paciente fictício com força e respirei fundo para não estragar meu trabalho. Fiquei ouvindo toda aquela baboseira que ela perguntava ao Ben. Era óbvio que desejava chamar a atenção, mas também pude notar que Ben ao ouvi-la não tirava os olhos de mim, passava as mãos pelos cabelos e nariz, nitidamente nervoso com a situação. E mesmo lutando internamente com a minha timidez e raiva, resolvi me intrometer num impulso:

— Patrícia, suas dúvidas me parecem tão básicas que sugiro estudar um pouco mais o atlas antes de operar a peça à sua frente. – tive vontade de rir quando a vi estreitar os olhos para mim, tentando me repreender. E ouvi a voz de Ben:

— Entendo Patrícia. Mas tenho que concordar com a Sarah, melhor estudar um pouco mais a apostila, preste atenção no seu atlas e siga as cores dos alfinetes, assim não se perderá. Cuidado para não destruir a peça, na próxima aula, faça o pedido daquelas menores.

— Ahhh claro! – Patrícia respondeu com o rosto vermelho de raiva.

— E você, Sarah? Alguma dúvida? – perguntou Benjamim.

— Não. Tudo bem.

— Tem certeza? Vejo que dessecou errado aqui. Olhe os alfinetes e o atlas, o alfinete vermelho são as veias e aqui no atlas você deveria estar separando a parte muscular com os alfinetes azuis. – Ben debruçou o corpo sobre o meu e pegou minhas mãos me guiando nas partes corretas da peça. Meu rosto ficou em chamas de vergonha e minha parceira quase me engoliu com os olhos arregalados. Ben estava com os lábios muito próximos do meu rosto e falava com aquele hálito mentolado, me fazendo perder o rumo. Quase não resisti e o agarrei, mas claro, que me contive. – *Onde estava a Sarah que fazia tudo certo?* - Ahh provavelmente em outro lugar bem longe daqui, porque realmente eu era outra pessoa. Permaneci olhando para a peça, enquanto tinha a impressão que seus olhos estavam em mim.

— Está certo... não prestei atenção. – foi o que consegui dizer contraindo todo o meu corpo e vi que ele sorriu se afastando devagar.

Minha parceira sem entender a reação de Ben, levantou-se com raiva e saiu. Imediatamente ele sentou-se no seu lugar e disse em voz baixa:

— Precisamos conversar. – permaneci em silêncio — Sarah? Por que não olha para mim? Ainda não entendi o que fiz de errado. – insistiu com os olhos fixos em mim e confesso que não sabia o que dizer, nem para onde olhar.

— Ben, não quero conversar aqui.

— Podemos conversar mais tarde?

— Hoje preciso dar atenção para a Marcela. Sinto que ela não está bem.

— Quando então? – perguntou ele.

— Eu ligo para você.

— Sei que não vai me ligar. – disse passando as mãos pelos cabelos de forma ansiosa.

— Se estou dizendo é porque ligarei. Não se preocupe.

— Tudo bem. Vou esperar! – respondeu rápido e saiu em direção aos outros alunos, conferindo as atividades, mas ainda olhando para trás. Fiquei nervosa olhando para todos os lados com medo de ser julgada por alguém.

As horas passaram, terminei as atividades e saí para o almoço. Estava exausta e faminta, fui até a cantina que ficava próxima ao meu alojamento, sentei em uma das mesas, apoiei a bandeja e por alguns minutos fiquei com meus olhos fechados tentando colocar a cabeça em ordem, quando ouvi:

— Posso sentar?

— Ben?

— Oi...

— Hummm... sim... pensei que estivesse no Hospital.

— Deveria, mas estou faminto! — Ben estava segurando a bandeja do almoço, vestindo calça jeans, camiseta branca e ainda com o jaleco do laboratório.

— Deveria estar sem esse jaleco. Se a reitoria o ver, levará uma advertência.

— Verdade. Acabei esquecendo de deixar no armário. — imediatamente retirou o jaleco, deixando a mostra os braços fortes. — Tudo bem com você?

— Sim. Só estou cansada. Não dormi muito bem.

— Por que? — perguntou colocando o lanche na boca e olhando no fundo dos meus olhos.

— Preocupada com a Marcela.

— Só por isso? Não entendi porque ficou tão chateada ontem. Saiu e me deixou sozinho, queria levá-la em outros lugares.

— Ben... por que a insistência comigo? Olhe para mim!

— Estou olhando. Qual o problema?

— Você é lindo, está para terminar a faculdade e eu estou apenas começando, ando como uma maluca, mal saio para me divertir, moro nesse alojamento, que convenhamos, não tem nada de maravilhoso. Apenas estou aqui porque não tenho condições de morar em outro lugar. Não entendo nem porque você mora aqui, não parece que precisa disto.

— E quem disse que eu moro aqui?

— Você!

— Não. Eu disse que morava do outro lado. Não moro no campus, Sarah.

— Hum... e mora aonde?

— Do outro lado da Marginal, no Alto de Pinheiros. Antes era fácil para vir ao campus, depois fiquei pensando em me mudar para mais próximo do prédio de medicina. Porém, tem a questão do hospital universitário, e agora estou aguardando umas definições para decidir o que vou fazer.

— Ahhh... entendo!

— Mas ainda não respondeu porque me deixou ontem. – ele insistiu.

— E você não me respondeu por que eu?! Não quero conversar sobre ontem. Vamos dar um passo de cada vez. Hoje vou conversar com a Marcela e amanhã vejo se tenho um horário livre. Assim, podemos conversar com calma. Quero que me conheça como realmente eu sou.

— Sei... – Ben respirou fundo com os cotovelos apoiados na mesa, o queixo sustentado pelas mãos e ficou me encarando nos olhos por um tempo.

— O que foi? – perguntei confusa.

— Está fugindo de mim, não está?

— Não... apenas quero que me conheça melhor. E já falei que estou preocupada com a Marcela. Desconfio que aconteceu alguma coisa estranha com ela. Não estou fugindo de você!

Continuamos comendo em silêncio até que ele disse:

— Mesmo que queira fugir, vai ter que me aturar, pois serei o seu professor por um tempo.

— Sim. Mais um motivo para ficarmos afastados. – rebati e pude vê-lo abrir a boca sem palavras. — Preciso subir, Benjamim! Vou tomar um banho, tirar esse perfume de formol do corpo e tentar descobrir o que se passa com a Marcela. Vamos dar um passo de cada vez... tudo bem?

— Tudo bem, Sarah! Te espero... porque entendo que precisa saber mais a meu respeito. Assim como eu quero saber mais de você. Precisamos conversar... – respondeu chateado.

Minhas suspeitas se tornam reais

30 de agosto de 2016

Querido diário,

Acabei de chegar de uma bateria de testes e estou exausta, porém prometi que hoje iria conversar com Benjamin. Então, foi um dia estranho: acordei com minha colega de quarto me pressionando para a aula, o que não é de sua natureza. Tinha ficado assustado com os suspiros, não quero forçá-lo a dizer nada. Estou esperando que ele siga à vontade para compartilhar o momento ruim que está vivendo. No domingo, imaginei que conseguiria fazê-lo falar, mas infelizmente da desconversa e voltou o vício inteiro. Tive a impressão de que ele tomar banho mais vezes do que o normal. Talvez tenha sido só a minha imaginação, coisas que não existe.

A parte interessante foi encontrar Ben dentro do sala de aula, agora de 3 em 4 não me sinto de vontade e desanimado. Mesmo que quisera ficar longe dele, não seria possível, nos encontramos pelo menos quatro vezes por semana nas aulas. Ainda não consigo entender porque ele se aproximou de mim, o que viu de interessante? Na noite de sábado até compreendi que estava bem vestido e charmoso, mas o interesse em continuar comigo é realmente estranho. Vejo na televisão na sala reclamarem de sair com caras como ele e nunca

mas receberei notícias. O que Ben tem de especial? No fundo, eu sinto que ele é diferente, porém tenho medo de me apaixonar e sofrer. Deixo tê-lo por perto, mas levo sua presença atrapalhando meu destino. Fico na medicina porque quero salvar vidas, quero ajudar as pessoas, quero ter uma vida melhor e proporcionar isso a quem eu posso. Quero saber como a mente humana trabalha de forma ética, não quero ser enganado pelas minhas pressões e por meu coração. Pois sei que a Bíblia diz que a vida eterna é dada a quem crê em Jesus Cristo. Não quero me enganar, mas não posso me enganar. Não sei o que fazer, mas sei que quero ficar perto de Ben, porque ele é o melhor, e ao mesmo tempo quero ficar longe porque tenho medo de me machucar. Difícil não ter um amigo!

Por hoje é só, diário... preciso me preparar.

Bye

Sarah

Fechei meu diário e o guardei no armário, assim que escutei o chuveiro fechar. Enrolada na toalha segui até o banheiro, Marcela abriu a porta e saiu com a toalha na cabeça. Seu rosto parecia sério e triste, fiquei com vontade de ser mais direta, mas não sabia por onde começar. Se ao menos já tivesse tido algumas aulas de psicologia ou introdução a psiquiatria, poderia tentar ajudar minha amiga.

— Está melhor hoje? – perguntei quando nos cruzamos ao sair do banheiro.

— Estou bem. – me respondeu com a voz mansa.

— Quer conversar sobre o que acontec...

— Sarah, eu não quero falar sobre nada.

— Tudo bem... sinto que está arisca e desde sábado parece melancólica. E... lavou os cabelos novamente? Não lavou hoje cedo?

— Estavam sujos e só estou cansada.

— Tudo bem...

No chuveiro, fiquei pensando nas palavras da minha amiga. Como os cabelos estavam sujos se os lavou hoje pela manhã? Será que aconteceu alguma coisa com a família dela? Preciso investigar. Continuei me ensaboando e quando peguei o nosso vidro de shampoo, fiquei assustada. Marcela usou o vidro inteiro de shampoo em três dias!

Ao chegarmos aqui, percebi que a condição de vida da minha amiga é muito tranquila, bem diferente da minha. Venho de uma família simples e consegui ganhar uma bolsa do cursinho e estudar para entrar na universidade pública. Na USP, eu tinha direito a um valor simbólico doado pela mesma, desde então me sustentava com tal recurso. Moradia, alimentação, transporte, tudo doado pela Universidade. Recebia do meu pai uma ajuda pequena para sobreviver com o mínimo possível. E, tive a grande benção de encontrar minha amiga Marcela, que percebendo minha condição, sempre dividiu o melhor que tem comigo. Ela tem um coração generoso, é completamente descolada e entregue a vida. Como ela mesmo dizia: “— O importante da vida é ser feliz, o resto aprendemos a lidar”. Parecia que não tinha medo de nada, enfrentava a todos e estava sempre engajada em projetos sociais. Escolheu arquitetura e me contou que tem um sonho, que já está em andamento através de um projeto pessoal, para construção de casas para pessoas humildes. Também tem em mente a reconstrução de prédios abandonados para alojar pessoas carentes. Por aí podemos imaginar o tamanho do coração dessa pessoa incrível, que me ajudava com meus medos e autoconhecimento. Mas naquele momento, estava com o coração apertado, pois sentia que era a minha vez de ajudá-la. O único problema era que não estava conseguindo fazê-la falar e não sabia bem por onde começar. Eu pedia a Deus uma direção.

Saí do banho e precisava trocar de roupa e secar os cabelos rapidamente. Combinei que encontraria Ben às 20h lá embaixo. Mas, ao abrir a porta do banheiro, vi que a Marcela estava sentada na cama chorando sem forças, corri ao seu encontro e a abracei sem medo, pude sentir que as muralhas que ela construiu tinham ruído. Marcela chorou aos prantos,

eu podia sentir a dor que estava em sua alma carente. Decidi não perguntar nada, apenas a deixei colocar para fora tudo o que estava dentro do coração. Depois de alguns segundos, percebi que ela estava tendo ânsia de vômito. A amparei até o banheiro e o pouco que tinha comido, colocou para fora. Confesso que fiquei apavorada, queria ligar para o Ben, pois eu tive certeza de que algo muito grave estava acontecendo. Mesmo sem nada no estômago, continuava tendo ânsias. E fui obrigada a romper meu silêncio:

— Marcela, quero muito preservar sua privacidade e respeito sua decisão em não falar, mas estou realmente preocupada e temendo que isso possa fazer mal para você. O que está acontecendo? Você está grávida? Eu preciso ligar para o Ben vir nos ajudar.

— Sarah... não consigo... fal... – a ânsia retornava e minha amiga estava pálida com tremores pelo corpo, sentada no chão do banheiro, quase sem ar. Com certeza contou para o Lucas que está esperando um filho dele e o cafajeste fugiu. Eu precisava fazer alguma coisa.

Coloquei uma roupa qualquer e enviei uma mensagem para o Ben, digitando com as mãos trêmulas:

SARAH 19h40

Ben,

Vc está chegando?

Onde vc está?

BENJAMIM 19h41

O que houve?

Está passando mal?

Eu estou entrando no campus

SARAH 19h41

Ben,

preciso que suba aqui

no quarto urgente.

Preciso de ajuda com a Marcela.

BENJAMIM 19h45

Estou subindo.

Voltei para o banheiro e a Marcela estava largada na privada como se estivesse bêbada. Os tremores continuavam e o choro não cessava. Fiquei nervosa, mas tentando manter a calma, porque primeiro precisava entender o que estava acontecendo. Não demorou muito e ouvi bater na porta, saí correndo para atender. Ouvi a Marcela resmungar alguma coisa, mas não dei atenção. Sabia que provavelmente me repreenderia por ter chamado Benjamim. Abri a porta e ele entrou rapidamente.

— O que aconteceu? Ela bebeu? – falou ansioso, porém aparentemente calmo.

— Não! Lembra que eu disse que alguma coisa não estava bem. Quando saí do banho ela estava chorando muito, tentei acalmá-la, mas começou a passar mal e acredito que está tendo um ataque de nervos ou... talvez esteja grávida! – descrevi a situação entre os dentes, caminhando até o banheiro.

— Marcela? Sou o dr. Hakin. Podemos conversar? O que está sentindo?

— Hummm... não toque em mim... – resmungou batendo o queixo com os tremores.

— Não vou tocar em você. Vou pedir para a Sarah te ajudar. Tudo bem?

— Tudo... – respondeu chorando.

— Sarah, consegue ajudar a Marcela se levantar?

— Eu quero tomar um banho... – Marcela murmurou.

— Mas você acabou de tomar... — tentei argumentar, mas em vão.

— Eu preciso, Sarah! Por favor!

— Fique calma! Preciso medir sua pressão e seus batimentos, depois prometo que deixo a Sarah levá-la para o box.

— Não encoste em mim... a Sarah pode fazer isso... — Marcela continuava soluçando e tremendo.

— Tudo bem!

Ben com todo cuidado me ajudou a levanta-la do chão, a sentamos na tampa da privada e rapidamente peguei o meu aparelho de medir pressão, minhas mãos estavam tremendo e pude ver os olhos de Ben tentando me manter calma. Era minha primeira experiência real como caloura de medicina e confesso que fiquei apavorada. Os batimentos estavam um pouco acelerados e a pressão alta.

— Estou sentindo falta de ar. — disse ela.

— Respire fundo. Você está segura, estamos aqui com você e nada de ruim vai acontecer.

Quando Ben disse aquelas palavras a Marcela abriu os olhos encarando-o e disse:

— Promete?

— Prometo. – ele respondeu com amor.

Pude ver que suas mãos foram parando de tremer e Ben continuou repetindo para que respirasse fundo e pensasse em coisas boas, enquanto eu passava as mãos nos cabelos dela. Em silêncio eu clamava a Deus para que aquietasse seu coração.

— Você já tomou algum medicamento para ansiedade, Marcela?

Ela balançou a cabeça negando. E ele continuou:

— Então, não tem nenhum medicamento aqui no quarto?

— Não.

— Nunca tomou nada para dormir ou algum comprimido que esteja em abstinência?

— Não... vocês vão sair daqui? – disse assustada olhando para Benjamim.

— Tudo bem... Não vamos sair, fique tranquila. Está se sentindo melhor?

— Estou melhorando.

— Ótimo! Podemos levá-la para o quarto?

— Posso tomar banho?

Eu queria dizer a Ben que ela tinha acabado de sair do banho, mas ele insistiu, me olhando e tentando me avisar através de seus olhos para eu não dizer nada, então achei melhor obedecer e me calar.

— Vou esperá-las no quarto enquanto a Sarah te ajuda com o banho. Tudo bem? – minha amiga concordou com a cabeça e falou:

— Só verifique se a porta está trancada, por favor.

— Ok. Vou verificar. — por um momento não entendi. Mas pelo olhar de Ben, ele já sabia o que estava acontecendo e manteve-se firme, passando confiança de que tudo ficaria bem. Franzi minha sobrancelha tentando montar as peças dos acontecimentos, mas como uma leiga e despreparada, continuei sem entender. Até que, durante o banho, comecei a imaginar o que poderia ter acontecido, o que poderia levá-la a ter esses ataques, e busquei me acalmar com as possibilidades. Porém, ao ver minha amiga lavar-se de forma intensa, esfregando a bucha pelo corpo como se quisesse retirar qualquer vestígio imundo de sua pele, meus olhos se encheram de lágrimas e tentei me conter diante daquilo que minha mente constatava. Novamente lavou os cabelos, esfregando-os com força. Eu não disse nada, apenas a ajudei sair do banho, sequei o corpo dela, que ainda tremia, peguei o seu roupão e a cobri, enrolei a toalha na sua cabeça e saímos do banheiro.

Ben estava andando de um lado para o outro nitidamente nervoso. Quando nos viu, sorriu tentando transparecer calma diante da situação. Retirei a toalha e penteei seus cabelos. Enquanto eu fazia aquilo, ouvi:

— Obrigada. – Marcela estava abatida, eu sabia que não dormia há dias.

— Não tem que me agradecer.

— Marcela, você está melhor? – perguntou Ben.

— Sim. Estou mais calma.

— Pode nos contar o que houve? Ou ainda não consegue? – continuou. Ela permaneceu em silêncio e percebi que ele não iria insistir. — Vou precisar ir ao HU* buscar uma

receita para medicá-la. Tudo bem? – ela concordou com a cabeça e quando Ben destrancou a porta para sair, vi que se alarmou arregalando os olhos.

— Sarah, você vai ficar aqui comigo?

— Sim, claro! Fique tranquila.

— Vou rápido e já volto. Ben saiu, fechou a porta e eu corri trancá-la.

Tive a impressão que tudo recomeçaria, mas imediatamente abracei minha amiga e segurei firme em suas mãos.

— Sarah... – ela tentou dizer alguma coisa, mas retrocedeu e eu continuei ao seu lado.

— Shiiiiii... não precisa me dizer nada agora. Diga quando quiser. Vou secar seus cabelos, tudo bem?

— Sim...

Peguei o secador e a ouvi perguntar umas três vezes se a porta estava trancada. Eu até imaginava o que podia ter acontecido, mas não podia dizer nada, deveria partir dela. Depois que sequei os seus cabelos, a vesti com o pijama e a deitei na cama cobrindo como se faz com uma criança. Me lembrei que fazia isso com o Vitor, irmão da Vivian, eu era a única pessoa de fora que podia tocar nele, pentear os cabelos, colocar roupa ou deitar na cama fazendo carinho. Ele gostava de deitar no meu colo e demonstrar o quanto gostava de mim. Essas lembranças me traziam emoção, por alguns segundos, quando olhei para Marcela, não via mais aquela mulher forte e decidida, via a sua fragilidade. Acaricieei seus cabelos e deslizei meus dedos sobre o rosto dela. Não demorou muito para Ben avisar que estava voltando. Pedi que não batesse na porta quando chegasse. Logo o ouvi entrar, a Marcela estava dormindo, fiz sinal para que permanecesse em silêncio. Ele entrou devagar e deixou uma cartela de medicamento sobre a cômoda com uma receita prescrita. Em seguida me olhou e entre os dentes disse:

— Sarah... preciso dizer algo muito sério...

— Eu já imagino o que seja... – respondi com o coração triste.

— Sua amiga tem todos os indícios de quem foi estuprada!

Mesmo já imaginando que poderia ser mesmo o que ele estava dizendo, ao ouvir aquelas palavras, tive vontade de gritar e sair correndo. Como aquilo pôde acontecer? Apenas senti os braços de Ben me envolvendo com carinho.

Um dilema!

Fiquei arrasada ao ouvir as palavras de Benjamim. Sentamos na minha cama, o abracei e deitei no seu peito, enquanto era acariciada por suas mãos delicadas. Ben, como um futuro neurocirurgião a caminho da residência médica, tinha as mãos firmes, dedos longos e pele macia. Suas unhas eram bem aparadas e asseadas, confesso que isso me atraía, gosto de mãos e pés bem desenhados. Fechei os olhos e fiquei com um nó na garganta, mas não conseguia chorar. Era impossível controlar o turbilhão de pensamentos que dominavam a minha mente.

— Como ninguém viu? Onde aconteceu... como aconteceu? – Benjamim permanecia em silêncio. Beijou o topo da minha cabeça ao perceber que eu estava indignada com a situação. Levantei o corpo olhando em seus olhos e pude constatar que ele estava tão indignado quanto eu, ao mesmo tempo demonstrava raiva e parecia tentar decifrar cada indício do ocorrido.

— Imagino que deve estar pensando o mesmo que eu. – disse baixinho.

— Sim... como aconteceu, Benjamim? – ele balançou a cabeça e continuou:

— Sarah, o mais importante agora é convenceremos a Marcela a fazer a denúncia. Precisamos saber como aconteceu e depois dar todo o apoio. Ela precisa de acompanhamento, você viu o estado em que ficou.

— Não acredito que denunciará. Se bem que ela é cheia de querer fazer justiça, então pode ser que queira denunciar.

Enquanto conversávamos num tom de voz baixinho, levamos um susto com o grito horripilante que Marcela deu ao acordar e levantou da cama.

— Marcela?

— Sarah... Sarah... – gritou assustada vindo até mim.

— Estou aqui, calma! – minha amiga me abraçou e chorou.

— Sarah... estou com muito medo! Estou com medo de que voltem aqui.

— Calma! Não irão voltar. Eu preciso que nos conte o que aconteceu, só assim vamos poder te ajudar. De quem você está com medo, Marcela?

— Não consigo. Não consigo lembrar de tudo, sinto nojo do meu corpo... não consigo me olhar no espelho. Não posso...

— Marcela... não pode o que, amiga?! – precisava me manter forte, mas tudo era tão

novo pra mim. Sempre imaginei que uma situação como aquela, fosse algo tão distante da minha realidade e estar diante de alguém que aprendi a amar, sentindo aquela dor... que coisa horrível! Quem poderia ter feito aquilo e a deixado naquele estado? Por que não podia falar?!

Olhei para Ben, que estava sentado na minha cama, olhando com compaixão, mas era possível enxergar a vontade de vingança em seus olhos... podia ver o ódio e as lágrimas de raiva. Em seguida, ele se levantou, foi até a cômoda que havia na entrada do quarto e retirou um dos comprimidos da cartela, pegou um copo d'água e trouxe para Marcela tomar.

— Tome. Vai se sentir melhor e conseguir dormir bem, depois você nos conta tudo. Precisamos saber o que aconteceu, só assim podemos tentar ajudar. — Ben tentou convencê-la.

— Como assim? Eu não quero que ninguém saiba disso. Sarah? Não quero que diga nada a ninguém e...

— Fique tranquila! Depois pensamos nisso. — retrucou Benjamim.

— Tome o comprimido e descanse. Amanhã podemos ver o que fazer. — tentei ajudar.

— Já disse que não vamos contar a ninguém. — repetiu Marcela.

Ficamos em silêncio, pois sabíamos da fragilidade do momento, e precisávamos saber como proceder nestes casos. Em pouco tempo pude vê-la ficar sonolenta e dormir. Benjamim estava de pé na porta e olhando para mim com carinho quando perguntou:

— Está com fome?

— Não sei...

— Vem aqui! — ele me pegou pela mão e me abraçou. Naquele momento foi como um refrigerio para minha alma desesperada e confusa. — Como isso? Estávamos tão felizes naquele sábado... lembro da minha amiga sorrindo, dançando na frente do espelho, provando roupas, no *Uber* fazendo palhaçadas para me animar e entrar no clima, dançamos e cantamos juntas, vivemos tantos momentos alegres. Como pôde acontecer? Como alguém pôde ter coragem de feri-la nesta intensidade? — Minha consciência tentava me acalmar — *Respire fundo, Sarah! Isso é só o início de um grande problema! Nem sabemos se foi isso mesmo que aconteceu e como aconteceu.*

— Benjamim, preciso sair daqui para respirar!

— Sim. Mas no campus já está tudo fechado.

— Mas não posso deixá-la aqui sozinha, Ben. Preciso comer alguma coisa, só não queria ir longe.

— Não se preocupe com a Marcela, o medicamento vai fazer com que durma até amanhã.

— Será?

— Sim! Venha, vou levá-la para comer alguma coisa.

De fato, Ben tinha razão, Marcela estava dormindo profundamente. Fiquei mais aliviada em deixá-la enquanto saía para comer. Confesso que estava abaladíssima e não sabia o que pensar. Ben me segurou pela cintura e beijou minha testa com carinho, pois era nítido o meu abatimento com tudo isso. Saímos devagar sem fazer muito barulho, Benjamim segurou minha mão e descemos para o estacionamento. Fiquei procurando a moto dele, mas não encontrei:

— Onde deixou a moto?

— Hoje não estou de moto. Como iríamos sair para jantar, decidi vir de carro. Está logo ali no estacionamento de trás.

— Ah... entendi. – era possível ver a diferença de condição social entre nós. Isso de certa forma me incomodava, porque eu temia um encontro com nossas famílias. Mas, me sentia segura ao lado dele e minha cabeça estava com dificuldades de processar tantas informações. Aqueles sentimentos eram tão novos dentro de mim que não sabia defini-los muito bem. – *Famílias? O que está pensando, Sarah? Que ele vai pedi-la em casamento? Mal o conhece!* – minha consciência insistia em me irritar. Foi apenas um lapso de pensamento, na verdade, ter o Ben ao meu lado naquele momento tão confuso, chamá-lo e ser atendida imediatamente, receber seu abraço, seus beijos, sentir sua mão segurar a minha, a preocupação em cuidar de mim o tempo todo era algo que eu não conhecia. Nunca senti com o meu pai aquela segurança confortável, um sentimento de proteção, o que eu sentia era uma preocupação com o que os outros poderiam pensar, mas não se eu estava bem. E tudo o que Benjamim fazia, me causava o desejo de tê-lo por perto todo tempo. Sempre sonhei com um príncipe encantado e aquele cuidado, de certa forma, era algo que desejava. Mesmo o conhecendo tão pouco, minha cabeça já começava a trabalhar a ideia de ficarmos juntos. Sabia que era loucura ou precipitação, mas eu desejava aquele homem.

Entramos no carro e me sentia completamente sem jeito, fiquei olhando para tudo tão perfumado e novo. Não tinha certeza do modelo do carro, mas notei que era branco, bancos de couro preto e com um painel mais iluminado do que uma nave.

Ficamos alguns minutos em silêncio e a angústia que sentia no peito ainda permanecia. Estava me sentindo triste, com raiva, preocupada, ansiosa, mas feliz por não estar sozinha. Senti o cuidado de Ben e seu rosto me demonstrava preocupação.

— Sarah?

— Humm?

— Está bem?

— Não sei, Ben... muito obrigada por estar aqui. – falei com toda a sinceridade e pude vê-lo sorrir com carinho.

— Não me agradeça. Fico feliz de estar no lugar certo e na hora certa.

— Sim... está! – respondi e ganhei um beijo suave.

— O que quer comer?

— Não faço ideia... qualquer coisa.

— Se importa se formos para o meu apartamento? Lá posso fazer alguma coisa para comer e podemos conversar sobre tudo isso com calma, sem que ninguém nos interrompa.

— Na sua casa? Não!

— Sarah... prometo não encostar um dedo em você, se não quiser. – fiquei pensando no que Ben tinha pedido e não sabia se ficava mais tranquila ou se saía correndo. Como assim no apartamento dele? Tinha acabado de saber que minha amiga pode ter sido estuprada e iria subir na casa de um cara que conhecia a menos de uma semana? O que fazer? Pensei e minha consciência ficou falando na minha cabeça: – *Acabou de pensar em casamento e agora está com medo? O cara acabou de ajudá-la e foi cortês. Se quisesse fazer algum mal, já o teria feito.* – Verdade... estava pirando! Meu coração ficou tão acelerado que não consegui disfarçar a hiperventilação dos meus pulmões. Claro, que ele percebeu e riu de mim.

— Sarah, está nervosa. Acha mesmo que eu faria algo com você que não quisesse?

— Não...

— Então por que está com a respiração acelerada e pálida?

— Ben... lembra que precisamos conversar?

— Sim, claro! E se quiser conversar, vamos conversar... eu só quero entender o seu nervosismo quando está perto de mim. A sensação que tenho é que nunca saí com ninguém.

Precisei me calar, pois de fato queria abrir meu coração e falar sobre a minha vida, mas por outro lado, não estava bem o suficiente para tocar no assunto. Apesar de ter combinado que conversaria a nosso respeito, estava insegura diante dos fatos ocorridos. Obviamente o dilema do que fazer sobre a Marcela e qual atitude tomar era prioridade. Afinal, Ben já clinicava no HU sob supervisão e seria um problema sério não relatar o fato, uma vez que a ajudou e viu o estado em que ela se encontrava. Assim decidi me abrir aos poucos:

— Benjamim... eu realmente tenho receios e limitações. Eu até me preparei para conversar, mas diante dos fatos, prefiro falar e entender o que aconteceu hoje com a Marcela. Precisamos saber o que fazer, não podemos força-la a nada, mas também não podemos prejudicar você.

— Imaginei isso... jamais forçaria você a falar sobre nós, depois do que vimos com a sua colega. Estamos saindo do campus e como moro aqui perto preciso saber se posso levá-la ao meu apartamento. Prometo não tocar em um fio dos seus cabelos. – respirei

fundo e tentei me controlar:

— Tudo bem...

Em menos de 15 minutos o carro entrou na garagem, Ben o estacionou e ao sairmos pude ver o modelo, era um Honda Civic. Entramos no elevador e aquele silêncio horrível permaneceu até o sexto andar. Fiquei encostada no espelho e Ben ficou do outro lado me olhando com um sorriso doce e atraente.

— O que foi? Porque está me olhando assim? – perguntei.

— Como?

— Não sei... está rindo de mim?

— Claro que não... estou sorrindo para você! Acho engraçado o seu nervosismo, parece que tem quinze anos e está no colégio.

— Hum... engraçadinho... não estou nervosa.

— Tudo bem! – disse sorrindo com as mãos levantadas — Chegamos... – Ben me deu lugar para passar enquanto segurava a porta do elevador. Tirou as chaves do bolso e ao abrir a porta novamente abriu o caminho para eu passar.

— Primeiro as damas. Sarah, você parece que saiu de um filme e gosto disso.

— Como assim? Fico imaginando o que pensa a meu respeito. Desde que estávamos no carro você está rindo de mim, dr. Benjamim. – respondi invocada. Parecia que Ben estava sempre me analisando e enxergando o que eu não queria.

— É verdade, Sarah! Parece que tem medo de tudo. E não estou rindo de você... já falei que estou sorrindo e confesso que esse seu jeito me agrada.

— Não tenho medo, Ben. Apenas estou vivendo um momento de cada vez, com muita cautela. Como eu disse, desde o nosso primeiro encontro, não sou de sair, gosto de estudar e preciso disso! Os benefícios que tenho na universidade dependem das minhas notas. E se perdê-los, a chance de realizar meu sonho se acabará. Terei que voltar para Taubaté e esquecer a faculdade. – Ben ficou me olhando e fiquei pensando o que ele queria dizer sobre “o seu jeito”, o que o agradava? Eu era tão sem graça, minha vida parecia tão chata. Será que era a minha sinceridade? Fragilidade? Eu não sabia... ficamos nos olhando até que ele disse caminhando em direção a geladeira:

— Entendo. E o que quer comer? Tenho lanche integral, cerveja, refrigerante, salada e batata frita. Ahh... e *nuggets*.

— *Nuggets* não... salada com batata e refrigerante estão de bom tamanho com a fome que estou.

Eram quase 23h e Ben preparava o jantar, caminhei pela sala do apartamento, olhando os detalhes. Tudo parecia bem *clean* e simples, não havia luxo, mas era bem organizado e

perfumado. Olhei os porta-retratos sobre a estante e haviam fotografias de Benjamim esquiando, talvez em Bariloche ou Suíça, outras com amigos e uma que eu acreditava ser sua família, um senhor elegante de cabelos grisalhos, uma senhora loira, de olhos cor de mel, como os de Ben, também muito linda e aparentemente simpática, duas mulheres mais jovens e loiras, talvez sejam as irmãs dele. Várias canecas, provavelmente de suas viagens e todas organizadas em fileira. Um dos porta-retratos tinha uma menina morena, muito bonita, branca de cabelos pretos e olhos azuis. Confesso que aquela foto com os dois juntos olhando um para o outro sorrindo não me fez bem. Tive medo de perguntar quem era e fiquei angustiada. Quem era aquela abelhuda? – *Abelhuda? Coitada da garota! Por que está chamando a menina de abelhuda?* – Porque estava com ele na foto. – *Sarah, Sarah... perdeu o juízo?* – O que eu estava dizendo? Perdi... só podia ter perdido o juízo. Ainda bem que minha consciência entrava em alerta e me colocava no devido lugar. Mas quem podia ser a garota? Ela é realmente linda.

— Sarah?

— Oi! – me assustei e olhei para o Ben, estava com as bochechas queimando.

— Está tudo bem?

— Sim. Sim... é sua família aqui nas fotos?

— Sim. Meus pais, minhas irmãs e alguns amigos. – Sei... amigos... minha vontade era perguntar quem era a menina, mas foi melhor não misturar as coisas.

— Humm... sua casa é linda! – preferi mudar de assunto.

— Linda? Não, não! É simples e gosto de tudo organizado.

— Hum... sim, bem organizado! Deve ter levado um susto quando entrou no quarto do alojamento. Estava uma bagunça, não temos muito espaço.

— Normal! Alojamentos são complicados. Seus pais não ficaram preocupados em deixá-la sozinha por lá?

— Hum... não!

— Venha, o jantar está pronto. Sente-se aqui. – ordenou, puxando uma cadeira para eu sentar.

A comida estava linda e deliciosa. Ben montou um prato decorado e eu estava faminta. Abriu um vinho e me serviu, porém não tomou.

— Você tem alguma ajudante? Parece bem prendado. Não vai tomar o vinho comigo?

— Não. Ainda vou levá-la para casa. Tenho sim, a Maria, é minha ajudante uma vez por semana. Mas gosto de cozinhar de vez em quando.

— Hum... – ainda não tinha conseguido relaxar, permanecia com o corpo enrijecido e a boca seca. Terei que tomar a garrafa inteira para conseguir falar alguma coisa.

— Sobre sua amiga, estou numa sinuca de bico, Sarah! Preciso relatar o fato. Independente se permitirá ou não. Precisaréi relatar, são regras do Hospital.

— Eu sei... só não sei como posso convencê-la a fazer um BO. Precisamos primeiro deixá-la falar para saber o que aconteceu. Se foi na boate, num motel ou no campus. Se ela disser que foi no campus... nem sei o que dizer! E se é que foi isso mesmo o que aconteceu. Até pensei que ela pudesse estar grávida e o cara a deixou na mão... sei lá!

— Sim... vamos esperar! Não acredito que esteja grávida.

— Mas se foi fora do campus, você ainda precisa relatar?

— Sim. Fiz um atendimento, receitei medicamentos controlados, devido ao estado emocional em que ela estava.

— Benjamim, pelo pouco que conheço da Marcela, ela não vai se expor desta maneira. Precisamos deixá-la fazer o que deseja.

— Não é bem assim, Sarah. Isso será um problema. Vou verificar com meus supervisores qual seria o procedimento correto nestes casos. De qualquer forma, vamos aguardar o que ela vai falar.

— Você tem prazo para isso?

— Não tenho certeza. Amanhã saberei.

Estava pensativa com tudo e comendo aos poucos.

— Agora, coma! – ele insistiu apoiado sobre a bancada da cozinha americana do apartamento. Seu olhar realmente é algo que me envolve, como um tigre, ele me seduziu e me tornei sua presa fácil.

Terminamos o jantar, que estava delicioso e eu já tinha bebido meia garrafa de vinho. Ben ligou o som e uma música suave começou a tocar ao fundo.

— Está mais calma? – perguntou me olhando nos olhos.

— Sim... que música linda... – acho que agora realmente o vinho está fazendo efeito. Eu até tento desviar meus olhos dos dele, mas... não consigo.

— Um clássico... *More than words* da banda *Extreme*. Nunca ouviu?

— Não me lembro. Acho que já ouvi sim... – respondi olhando dentro dos olhos dele e mordendo meus lábios.

— Posso me sentar aqui do seu lado? – lá vinha ele com o perfume maravilhoso e com a boca linda para me atentar. Com a cabeça cheia de vinho seria impossível resisti-lo.

— Hum... – ele se aproximou, puxou minha cadeira para bem perto e começou a acariciar meu rosto.

— Quero beijar você. – ai meu Deus, também queria que me beijasse, mas podia ser

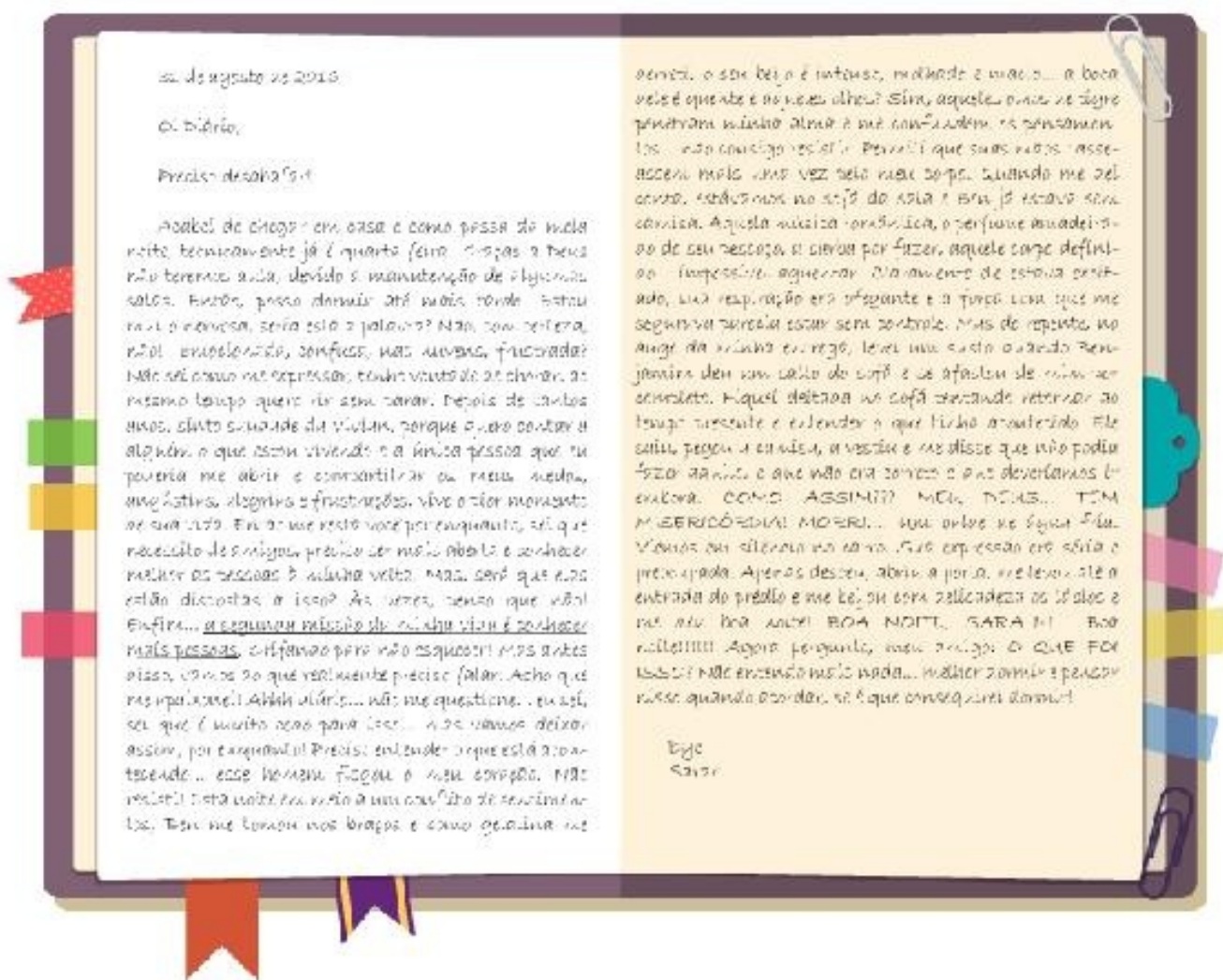
perigoso demais, principalmente depois de meia garrafa de vinho, com uma música tocando e esse perfu...

Com os pensamentos lentos, não tive tempo para responder. Ben me tomou em seus braços, segurou meu rosto com delicadeza e me beijou com intensidade. Fiquei tão excitada que desejei arrancar sua camisa de botão, mas não podia fazer... – *Sarah, se comporte!* – minha consciência havia sido bem treinada para situações de emergência. Mas, correspondi aos seus beijos e segurei o seu rosto da mesma forma delicada. Me deixei levar por aquele momento. Esperei tanto tempo para encontrar alguém certo, agora não podia resistir, mas será que ele era esse alguém? Quem era Benjamim Hakin?

— Sarah...

— Benjamim...

Indignada



Fiquei me revirando na cama de um lado para o outro, meus pensamentos fervilhavam. Levantei umas dez vezes para ir ao banheiro, pois havia bebido demais. Tomei água, fiquei no *WhatsApp* olhando as mensagens dos grupos da faculdade, meu telefone estava uma droga, travando toda hora. Entrei no *Instagram* tentando vasculhar a vida de Benjamim, mas só encontrei algumas fotos antigas dele no hospital, outras com a família, nada relevante. – *Sarah, confessa que estava procurando a morena de olhos azuis?! –* Sim, estava e daí? Precisava saber quem era ela e quem era ele... o que gostava, com quem andava... Fiquei *stalkeando* seu perfil, mas... só encontrei o currículo escolar, fotos antigas, no *Facebook* só posts sobre medicina, neurologia... hummm... caramba, o cara parecia um fantasma! Será que não curtia redes sociais?! Bom... precisava dormir, minha

amiga estava desmaiada na cama. E já podia ouvir os pássaros cantando, devia ser umas 5h da manhã e eu ali queimando meus neurônios.



No dia seguinte, acordei tarde e fiquei olhando o celular de cinco em cinco minutos, tentando encontrar uma mensagem de Benjamim, mas, não chegava nada. Não sabia se deveria mandar alguma mensagem, ou se ficava quieta... por que ele não falou nada? Por que saiu daquele jeito e não me deu a menor explicação? Fiquei navegando nas redes sociais e buscando mais informações, porém, não encontrei nada que falasse de sua vida pessoal, a maioria era material sobre medicina. Os pensamentos do dia anterior insistiam em tomar minha mente, eu fechava os olhos me deliciando com a sensação incrível de estar nos braços dele e sentir o seu corpo sobre o meu, aquela boca macia... respirei fundo e resolvi levantar, tomar um banho e apagar meu fogo. Deveria estar preocupada em saber mais sobre a Marcela, afinal, nem tinha visto minha amiga, e precisava tentar descobrir mais informações. Será que ela conseguiria se abrir e me contar o que de fato aconteceu no sábado?

Quando me levantei e passei pela cama da Marcela, vi que já tinha acordado, parecia melhor, mas ainda em silêncio. Não quis tocar no assunto, apenas se levantou, tomou banho, se arrumou e saiu. Perguntei se queria companhia, mas ela disse não, que já estava melhor, e mais tarde conversaria comigo. Deixou bem claro para não falar nada com ninguém até decidir o que faria. Pois, não queria expor a família e nem ela no campus, a verdade é que seria um escândalo! Confesso não concordar, porém, a vida era dela e eu não poderia força-la a nada.

Não iria aguentar ficar naquele quarto sozinha o dia todo, precisava estudar, mas não conseguia me concentrar. Então respirei fundo, coloquei um tênis e saí para correr. As ruas do campus são ótimas para isso por ser muito arborizadas, era exatamente o que eu precisava para aquietar meu coração e acalmar meus hormônios à flor da pele. Enquanto corria, me lembrava do dia em que conheci Ben, de suas mãos, de seu olhar profundo, de sua voz, e claro... de sua nuca deliciosa! – *Mas porque encucou com a nuca, Sarah?* – Porque sempre fui apaixonada por uma nuca bem-feita e aparada... e a dele é sensacional. – *Você realmente precisava de um namorado.* – Ainda não tinha mandado minha consciência ficar quieta! Ela me deixava maluca! Ou estava mesmo enlouquecendo. E conforme os pensamentos avançavam, eu corria mais forte, como se o quanto mais corresse, mais rápido minhas dúvidas seriam sanadas. – Por que ele saiu daquele jeito? Por que não quis ir até o fim? Não éramos mais adolescentes. E pior, não tinha me enviado uma mensagem ainda... que idiota! – corri sem parar e quando perdi o fôlego, parei, me abaixei colocando as mãos nos joelhos, estava ofegante e parecia que meu coração sairia pela boca. Tive vontade de chorar, mas eu não conseguia chorar há anos, sentia um nó na garganta e só. Quis ligar para minha mãe e saber como estavam, fazia algumas semanas que não nos falávamos. Então, decidi voltar e ligar para minha mãe, ouvir a voz dela me

faria bem, e talvez tivesse algo para me dizer, quem sabe?

Voltei caminhando e olhando a natureza à minha volta tentando espantar todas as minhas lembranças dos últimos dias.

Quando me aproximei do Creusp, avistei no estacionamento a moto de Benjamim. Meu coração quase saiu pela boca e senti minhas mãos formigarem. – O que ele tinha ido fazer no campus? – fiquei na dúvida se subia ou se aguardava ele ir embora, afinal já passava das 17h e eu precisava estudar. – *Você não ficou esperando o cara ligar o dia todo? Agora vai querer fugir dele? E o que acha que ele veio fazer? Passear é que não foi.* – minha consciência insistia em me ajudar. Então pensei: – Se ele estiver lá em cima, preciso saber o que dizer. Talvez nem esteja – Aff...

Decidi subir, estava nervosa, mas de qualquer jeito, diria a verdade, precisava ser sincera com ele. Uma nova Sarah, lembra?

Abri a porta do quarto devagar e ouvi a voz de Ben e Marcela conversando. Os dois me olharam e tive a impressão de que falavam de mim, eu me sentia irritada e meu coração estava acelerado.

— Oi... – cumprimentei.

— Oi... vim saber notícias da Marcela. – Benjamim disse com os olhos abatidos.

— Hum... – ah... veio saber notícias da Marcela... – pensei comigo.

— Você está bem? – perguntou.

— Sim. Bom... não quero atrapalhar. Vi que estavam conversando, vou tomar um banho. – queria sumir dali, eu me conhecia muito bem e quando estava irritada precisava de espaço.

— Não, não! Nunca atrapalha! – ele respondeu medindo o meu corpo com os olhos.

— Sarah, estava deixando claro para o dr. Hakin que não quero que falem nada para ninguém sobre o que aconteceu. Vocês já devem imaginar o que houve, e isso acaba aqui.

— Marcela, não concordo... e na verdade, não sabemos de nada, tudo não passa de suspeitas.

— Não, Sarah! Quando puder, conto em detalhes, mas agora não quero que ninguém saiba, tenho vergonha!

Respirei fundo e fiquei com muita raiva, uma pessoa como a Marcela: estudada, de família influente, descolada, não poderia permitir abafar algo tão sério. Será que não pensa em outras mulheres? Podem estar passando pelo o mesmo que ela passou! Se denunciasses, poderiam pegar os nojentos e evitar outras situações como a que ela viveu. Estava decepcionada com minha amiga!

— Bom... você sabe qual a minha opinião sobre isso. Acho inaceitável sua decisão. E digo mais, o dr. Benjamim pode ser prejudicado. Como vai relatar para o Hospital a saída de medicamentos da farmácia? – me virei para ele.

— Sarah, essa decisão cabe somente a minha pessoa. — Marcela respondeu me enfrentando.

— Tudo bem! Só quero deixar claro que não concordo. Afinal, quem fez isso com você poderá fazer com outras mulheres. E você doutor, concorda com essa decisão? — Pude ver que Benjamim estava distante de mim e nada satisfeito com a forma que me referia a ele.

— Estávamos conversando exatamente sobre isso, Sarah. Não posso obrigá-la a nada. Mas já deixei claro que não posso omitir a situação do relatório. Cabe ao ministério da saúde definir se irão ou não procurá-la para tomarem as providências cabíveis nesta situação...

— Hum... então será conivente com a decisão dela?

— Não estou sendo conivente! — respondeu irritado. — Apenas não posso obrigar um paciente a fazer uma denúncia, e além do mais, não temos como provar nada. Estava exatamente dizendo isso, ela ainda pode fazer o exame de corpo delito e deixar registrado. Mais tarde, se resolver fazer a denúncia terá evidências, e o relatório do Hospital estará com a minha declaração. Sou obrigado a relatar, caso contrário, estaria cometendo um crime. Agora os detalhes do que aconteceu só ela pode dizer e a polícia investigar.

— Eu não quero que diga nada em relatório nenhum. — ela insistiu — Não devia ter dito nada para vocês.

— Não posso fazer isso. Sinto muito, é minha carreira que está em jogo. E você viu o estado em que estava ontem, Marcela.

— Não só sua carreira, mas o seu caráter! Pelo amor de Deus! Marcela, não é uma questão de querer ou não querer. — respirei fundo e continuei. — Preciso de um banho, estou toda suada, e... esqueçam minha opinião!

Saí irritada, entrei no banheiro, liguei o chuveiro. Estava com o sangue borbulhando! A verdade é que nunca mais serei a Sarah que aceitava tudo e abaixava a cabeça para todos. Já aturei esta opressão por toda a minha vida. Chega! Terminei o banho e saí vestida com o roupão da Marcela, pois sabia que Benjamim ainda estava no quarto. Minha mente não me deixava em paz: — *Será que ele só veio ver a Marcela? Não vai conversar sobre ontem?* — fiquei de costas para os dois, em frente a cômoda, escolhendo uma roupa para vestir e para sair em busca de um jantar. Não conseguiria ficar ali com eles e precisava correr antes que a última cantina fechasse. Os dois estavam em silêncio e podia sentir o olhar de Benjamim em mim, ao me virar para voltar para o banheiro, o vi desviar o olhar. Voltei e fiquei tentando ouvi-los, mas foi inútil, falavam muito baixo e só escutei quando Ben, com a voz mais grossa, a questionou sobre o estuprador, não consegui ouvir a resposta da minha amiga. Abri a porta e ao sair do banheiro, ouvi:

— Vai sair? — Marcela perguntou.

— Sim. — respondi e Benjamim permanecia em silêncio me olhando com os olhos quentes de irritação.

— Não saia sozinha, por favor. – insistiu minha amiga.

— Vou comer alguma coisa e volto rápido. Não se preocupe comigo. – repliquei brava.

— Sarah, já está tarde para ficar andando pelo campus assim. – ouvi Ben dizer.

— Assim como? Essa é minha rotina, dr. Benjamim. – revidei malcriada. – Imediatamente o vi apertar a mandíbula e espremer os olhos para mim tentando se controlar.

— Eiii... o que aconteceu com vocês? Estão brigados? – Marcela nos questionou ainda com a voz melancólica, mas chamando a atenção.

— Não! – respondi rapidamente.

— Dr. Hakin, eu agradeço por vir aqui saber como eu estava. O remédio está sendo essencial para mim. Mas, deixe de bobagem, sei que não foi só esse o motivo da sua visita particular. Afinal, sua primeira pergunta foi onde estava a Sarah. – realmente a minha amiga estava bem melhor, pois já estava soltando suas flechas de cupido. Pude ver que o rosto de Ben ficou vermelho, não sei se de vergonha ou raiva, mas, não importava, eu queria sair dali, estava muito irritada. Mesmo assim, não queria ser mal-educada e ingrata, respirei fundo e respondi contra minha vontade.

— Vou descer para comer. Gostaria de vir comigo, Benjamim?

— Sim, claro! – Ben respondeu respirando fundo. Estávamos os dois fora do prumo e precisávamos conversar.

— Vai ficar bem sozinha, Marcela?

— Sim, estou bem. Só preciso trancar as portas. Você tem a chave e pode entrar quando voltar. Apenas bata na porta três vezes para eu saber que é você. Vou dormir, estou me sentindo exausta.

— Tudo bem. Tchau!

Logo saímos, tranquei a porta e desci sem esperar por Benjamim.

— Está com pressa? – perguntou irritado, porém se controlando.

— Sim. A cantina vai fechar e não posso demorar.

— Quer mesmo comer aqui ou sair para comer em outro lugar?

— Melhor comer aqui. Não quero estar jantando e você simplesmente me dispensar sem explicação. – *Sarah, Sarah... porque está sendo tão idiota. Pare já com isso! Você não é assim.* – Verdade... eu não era daquele jeito... – refleti comigo mesma.

— Eu não fiz isso, Sarah! Não dispensei você... – Ben falava com o rosto demonstrando desapontamento por eu não conseguir entendê-lo.

— Então me diga o que foi aquilo ontem, Benjamim? Foi por causa da garota morena da foto? – não resisti e falei. – *Sarah, o que você fez, sua idiota? É isso que está lhe*

irritando... a morena!

— Do que está falando? – perguntou confuso.

— Só quero entender porque saiu daquele jeito da sua casa.

— Sarah, eu estava a ponto de perder o controle ontem. Você me deixou louco. Eu queria mais, queria ir até o fim. Mas não podia continuar depois de tudo que tínhamos visto acontecer com sua amiga. E mais... precisamos nos conhecer. Eu sinto que você é diferente, não é qualquer garota. Ficamos esses dias e foi incrível... mas quero que tudo aconteça de forma certa e no tempo certo. Não queria passar a impressão do “professor” que seduziu a aluna. – Benjamim desembestou a falar gesticulando e era nítido que estava muito irritado também.

— E se eu quisesse que você perdesse o controle? E você não é meu professor.

— Ficou maluca? – perguntou chocado.

— É parece que sim... – *Sabe bem o que acabou de dizer, Sarah Furtado?* – minha consciência me repreendia o tempo todo tentando me fazer ser mais coerente.

Benjamim fechou os olhos por alguns instantes e pensei: – Agora já era, ele vai explodir comigo. – ele respirou fundo, soltou todo o ar dos pulmões e calmamente disse:

— Por favor, acalme-se! Venha aqui... – me puxou para perto e beijou o topo da minha cabeça me envolvendo em seus braços, suspirou tentando colocar para fora toda a irritação. Naquele instante, tive vontade de chorar ao sentir que o tinha tão perto, estava pressionada e confusa com tudo. Eu que fui acostumada a ser maltratada a vida toda pelo homem da casa, achava que receberia de Ben o mesmo que sempre recebi de meu pai por conta da sua explosão de irritação, mas sua reação foi exatamente o inverso daquilo que esperava: fui pega de surpresa por seu carinho ao senti seu abraço e cuidado. — Me diz o que está acontecendo? Por que perguntou da menina da foto? – continuou, e com a voz trêmula respondi:

— Ben, por favor, sei que não é meu namorado, só ficamos algumas vezes, e foi mágico. Mas, não me engane! Me diga a verdade... você está namorando alguém? – pronunciei mais calma e soltando seu corpo, o olhei nos olhos. Olhos que me seduziam e faziam meu corpo estremecer.

— Sarah, eu não tenho namorada... e esta pergunta é quase uma ofensa. Acha mesmo que iria ficar vindo aqui e saindo com você se estivesse com alguém?

— Sim, acho.

— Não creio que está dizendo isso... – ele falou balançando a cabeça e rindo de mim.

— Benjamim, quantos homens fazem isso? Não entendo o seu espanto. Homens que têm esposas fazem isso, imagine uma namorada!

— Sarah, você definitivamente não me conhece. Vamos conversar. Venha! Você não vai comer nesta cantina horrível. Vou levá-la para comer em outro lugar. Precisamos

conversar hoje. Não posso mais esperar!

— Preciso trocar de roupa. Olhe para mim.

— Não. Não precisa. Está ótima! Venha. – Benjamim segurou firme minhas mãos e me levou até a moto.

Acertando os ponteiros

Ben me entregou o capacete e me pediu para que eu vestisse sua jaqueta por conta do frio. Não consigo descrever a sensação de vesti-la, sentir aquele perfume maravilhoso tão próximo de minha pele, subir na moto e segurar o tórax firme de Benjamim. O vento que batia em nossos corpos juntos, simplesmente me levava ao céu e me faziam perder os sentidos. Temi que aquele caminho não tivesse mais volta... me apaixonei e não precisava de muito para me desmanchar e me entregar a ele. Mas, será que ele desejava aquilo tanto quanto eu? Às vezes eu pensava que não...

Ben me levou ao *McDonald's* do bairro Butantã, próximo ao campus. No percurso tentei manter uma certa distância, me afastando e segurando nas laterais da moto, mas aos poucos sentia que estava debruçada sobre o corpo dele. Olhei para os lados, tentando desviar meus olhos da sua nuca perfeitamente desenhada. Gostaria que o caminho fosse mais longo, mas chegamos em 10 minutos.

Ele estava aparentemente irritado, mas tentando manter o controle. Confesso que fiquei apreensiva com o que poderia me dizer, e eu já sabia que iria perguntar detalhes sobre a minha vida e eu não teria como fugir novamente, já que estamos ensaiando essa conversa há uns dias.

Ben tirou o capacete, colocou na mala preta na parte de trás da moto, segurou minha mão com força e quase me arrastou para dentro do McDonald's, eu fiquei irada com aquela atitude. Assim que passamos pela porta de vidro, me desvencilhei da sua mão.

— Você está me machucando. Eu sei andar sozinha.

— Desculpe, não percebi! — respondeu surpreso. — Vamos sentar naquele canto que é mais reservado.

— Ok! — ele me deu passagem e passei à sua frente. Sentamos em uma mesa no fundo, não havia muitas pessoas em volta.

— O que vai comer? Vou fazer o pedido. — questionou nitidamente irritado.

— Uma salada com frango grelhado, uma porção de *nuggets* com molho barbecue e uma Coca normal.

— Ok! Me espere aqui.

— Ei... tome... — passei a mão no bolso rapidamente e estendi para lhe entregar uma nota.

— O que é isso? — perguntou com os olhos e lábios cerrados.

— Meu dinheiro para o lanche. — só pude ouvir um suspiro profundo de raiva. Ficou um tempo me olhando, acredito que pensando no que deveria dizer.

— Sarah, por favor! Hoje não será necessário. Na próxima vez, poderemos dividir. Tudo bem? — me respondeu com a voz contida, porém eu sabia que estava a ponto de explodir, seus olhos falavam por ele. Mas, como escolheu ser educado, eu aceitei.

— Está certo! — respondi e ele saiu suspirando. Confesso que tive vontade de rir e o fiz assim que saiu. Homens são mesmo tão previsíveis. — *Você está cutucando a onça com vara curta, Sarah, ou melhor, o tigre que tem dentro dele.* — Tive que concordar que estava exagerando. Vou ouvir o que tem para me dizer e depois decido o que fazer. Não sabia muito bem o que estava acontecendo comigo... se estava com raiva... ou se estava enciumada? Não, não! Ciúme do quê? — *Seria da morena na fotografia?* — Não! — enquanto eu discutia comigo mesma, Benjamim retornou. Olhei para bandeja e vi que o molho não era o que eu tinha pedido.

— Não tinha barbecue? — falei tentando amenizar o clima entre nós, enquanto ele se ajeitava no sofá.

— Caramba... o cara errou o pedido. Espere, já volto.

— Não precisa, Ben! Está ótimo esse mesmo.

— Não, de jeito nenhum, este aqui é molho rosé. Espere.

Devia ter ficado quieta, porque eu tinha certeza que ele iria descascar o verbo no atendente. Fiquei esperando para ver uma explosão, mas não aconteceu nada, em segundos estava de volta.

— Aqui. — me entregou o molho e continuava sisudo, mas falando baixo e educado.

— Tudo bem? — perguntei, encarando seu rosto na tentativa de decifrar aquele homem.

— Sim. Esse pessoal não presta atenção no que faz... mas tudo bem! Resolvido. Quer que eu abra para você?

— Por favor. — naquele momento, confesso que mais uma vez fui despedaçada, Ben reagiu de forma controlada e me surpreendendo diante da situação. A sensação era como se eu o estivesse testando. Desejava saber até onde iria o seu limite, foi quando ouvi da minha consciência: — *Ele não é o seu pai, Sarah!* — fiquei travada por alguns instantes com aquela comparação.

— Tome. — peguei o molho das mãos dele e fiquei olhando com surpresa todas as suas reações. Parei para admirar cada movimento: colocar o canudo no copo, estender o guardanapo na mesa, arrumar as batatas na caixinha, organizar o lanche nas mãos, que convenhamos são lindas... Ainda em silêncio, o vi levantar o olhar na minha direção algumas vezes. Ai meu Deus, que nervoso, eu tinha medo do que ele poderia me dizer. Já conseguia imaginar ele falando que tinha alguém na vida dele. — *Sarah, você já não ouviu*

ele dizer que não tem ninguém? Por que insiste com isso? – Eu sabia, eu sabia... mas... aquilo martelava em minha mente.

— Sarah? — ouvi sua voz me chamando e meu coração disparou, era hora da bomba.
— Quer que eu pegue um pouco de *ketchup*?

— *Ketchup*... não... — disse sorrindo e ele esboçou não entender minha reação. Estou pirando...

— Está bem? Por que está rindo?

— Sim... estou bem e estou sorrindo...

— Hummm...

— Ben, me desculpe!

— Pelo o quê?

— Ben... olha para mim. – segurei o braço dele e o olhei dentro de seus olhos.

— Fale, Sarah! – ele ficou inquieto. Suspirei e continuei.

— Vamos lá... quer saber mais de mim? – Ben apenas balançou a cabeça concordando, mas ainda continuava com os olhos queimando. – Dr. Benjamim... – falei em tom de brincadeira.

— Por favor, pare de me chamar de “Dr. Benjamim”, parece sarcástico.

— Não estou sendo sarcástica!

— Por favor, Sarah! Vamos conversar na boa.

— Está certo! Ben... está melhor assim?

— Obrigado!

— Ben, acabei de fazer 21 anos, sou filha de líderes espirituais bitolados, nunca saí com nenhum homem na minha vida e... — Ben estava mordendo o lanche, quando falei que nunca tinha saído com ninguém, vi que esboçou estar surpreso e mesmo que tentasse disfarçar, era possível enxergar que não esperava ouvir aquilo em pleno século XXI.

— Continue...

— Não vai sair correndo?

— Continue, Sarah! – resmungou com a boca cheia e os lábios sujos de maionese.

— Ok... meu pai é um homem rude, cheio de regras, fui criada dentro de princípios que me sufocaram durante toda a minha vida. Não podia ver televisão, não podia ouvir música se não fossem religiosas, não podia ter amigos que não fossem da congregação, não podia namorar se não fosse para casar... – em cada item citado, podia ver nos olhos de Ben a surpresa, porém quando citei sobre namorar para casar ele engasgou-se e parei de falar,

perguntando se estava bem e se podia continuar.

— Sim... *cof... cof...* perdão! Continue... *cof...* por favor! — eu comecei a rir de nervoso.

— Bom... continuando... minha mãe não pode pintar os cabelos, não usa maquiagem, nem qualquer objeto que induza a vaidade, porque meu pai diz que a beleza da mulher deve ser natural, e que estas coisas nos induzem a pecar. — respirei fundo para continuar, porque via a expressão de choque no rosto de Benjamim. Fechei os olhos e por alguns instantes fiquei envergonhada, mas era preciso, porque se Ben quisesse pular fora, que fosse agora! — continuei — Nunca fizemos nenhum passeio que não fosse com a congregação, todos os dias ficávamos imergidos nas suas atividades e isso me deixava sufocada, porque quando lia a Bíblia, tinha uma imagem de Deus diferente... sempre imaginava Ele doce e forte, exigente sim, porém amoroso. E dentro de casa eu convivi com um homem, que apesar de não sair da congregação de segunda a segunda, exigia santidade de todos à sua volta. Quando estava fora de casa, parecia o melhor pai ou a melhor pessoa do mundo, mas longe dos olhos das pessoas, era rude, autoritário e machista, não valorizava minha mãe, não me dava a menor atenção, não sei se queria ter tido um filho homem... era provedor das nossas necessidades, mas tudo feito de acordo com a sua vontade ou debaixo de suas ordens e supremacia machista. Sempre repetia aos quatros cantos que o cabeça da casa devia ser o homem e que a mulher deveria ser submissa e obedecê-lo sem questionar coisa alguma. Minha mãe é uma mulher oprimida, triste, com sonhos sufocados e mesmo assim, transborda amor e acho que só não surtei por causa dela e do amor que ela me deu.

Enquanto falava com Ben, tive a sensação de não estar mais ali sentada, parecia que estava em minha casa, lá em Taubaté, e olhava nos olhos dos meus pais, presenciando cada um dos momentos que citei. Senti uma raiva, ou tristeza, não sei bem entender o que passou pelo meu coração, mas tive vontade de tirar meu pai de perto da minha mãe e livrá-la daquele cárcere. Fechei os olhos, tentando controlar meus sentimentos e pensamentos, me dei conta de que falar sobre o assunto me fazia transbordar de emoção e ao abrir os meus olhos, estava chorando.

Quando olhei para ele, tive a impressão que Ben estava tentando entender minhas atitudes dos últimos dias, minhas perguntas, minhas inseguranças... Sua expressão demonstrava compreender, porém tudo parecia bem maior do que imaginava e pude vê-lo parar de boca aberta com uma batata na boca, de certo estava indignado, não sei... talvez apavorado, se perguntando no que estava se metendo, ou sentindo pena de mim... talvez buscando palavras que pudessem me ajudar, não sei dizer... Mas quando me viu chorando, rapidamente segurou minhas mãos sobre a mesa, parecia estar buscando em sua consciência uma palavra apropriada pro momento. Engoli minhas lágrimas e fiquei olhando para ele. Ben engoliu a saliva nervoso, raspou a garganta e imediatamente levantou-se, então pensei: — Já era! Ele vai embora e eu o perdi. Meu coração disparou, eu sabia que isso poderia acontecer, mas não sabia se estava preparada para vê-lo partir, senti um desespero que quase me faltou o ar. Não... não podia vê-lo ir embora... senti minhas

pernas enfraquecerem e imaginei que não conseguiria mais segurar todo aquele sentimento preso no peito. Quase segurei o seu braço, mas o que ele pensaria de mim? Que eu era uma psicopata deformada com a opressão de uma infância mal resolvida?

— Sarah? Sarah? – ouvi sua voz tentando me tirar da loucura dos meus pensamentos.

— Oi... – respondi ainda angustiada, tentando controlar a dor que invadia meu peito.

— Pare! Se quiser parar de falar, pare, por favor. – o ouvi dizer ao mesmo tempo que sentou ao meu lado. Mas... como assim? Ele não ia embora? – *Não, sua idiota! Acorda! Olhe para ele.* – minha consciência tentava me fazer enxerga-lo.

— Ben...

— Está chorando, Sarah? Não quero que chore... pelo amor de Deus! – vi que Ben ficou desesperado e me envolveu em seus braços, me acolhendo mais uma vez. Beijou o topo da minha cabeça e a sensação que tive foi de conforto, proteção e isso era o que sempre desejei. — Fique tranquila! Não quero que me conte nada que a deixe assim... eu estou sem palavras para tudo que está me dizendo porque eu não sei o que é isso. Meus pais servem a Deus, Sarah! E nunca vivemos desta forma, isso não tem absolutamente nada a ver com a fé. É quase uma seita, Deus jamais desejaria ver seus filhos viverem desta forma opressora. Isso não é ter Deus! Não sei o que dizer...

Levantei o rosto chocada e o olhei incrédula.

— Como assim?

— Estou dizendo. Eu sempre soube que você tinha algo especial e sabia que talvez não sáísse com muitas pessoas, mas confesso que associei ao fato de gostar de estudar e ser reservada, e isso na verdade foi o que me atraiu. Um dos motivos que a escolhi naquela noite foi esse seu jeito doce, meio desajeitado, envergonhada, e ainda estou tentando conhecer mais de você. Mas nunca imaginei que pudesse ter vivido algo tão difícil. Isto é loucura, é seguir a rituais humanos, uma religião vazia que sufoca os filhos de Deus. Com certeza não é essa forma de viver que O define! Alguma vez já se perguntou se tudo isso realmente tem a ver com religião? Porque tudo isso pode ser ideias do seu pai e não de uma instituição. Ele impunha essas regras... entende? E não a congregação de vocês.

— Sim... entendo! Na verdade, isso é o que eu penso, Benjamim! Exatamente assim... por esse motivo, dei o meu melhor para passar em uma universidade e seguir meus próprios caminhos. – ele sorriu e me beijou os lábios com carinho.

Naquele momento me desarmeí completamente e me deixei levar por sentimentos que na verdade desconhecia. Desejava viver um amor, porém temia sofrer. Mas Benjamim conseguia desconstruir sentimentos ruins e trazer esperança para o meu coração.

— Então, por que o medo de falar sobre isso comigo?

— Benjamim???

— Não entendo!

— Pensei que nunca mais ia querer me ver... e...

— Como assim, Sarah? Por que seus pais vivem debaixo de um jugo que imputaram neles? Ou que eles mesmo criaram? Claro que não, Sarah! E tem mais... você alguma vez teve a chance de conversar com eles sobre isso? Às vezes, criamos conceitos e monstros em nossa cabeça que, na verdade, não existem.

— Benjamim, acho que você não está entendendo a situação. Sabe onde está se metendo? Meu pai é uma pessoa muito difícil – ele ficou um tempo me olhando e disse:

— Sarah, você é maior de idade! É dona da sua vida e do seu destino! Hoje faz suas próprias escolhas e se consegue entender que Deus não é nenhum malfeitor que deseja maltratar sua criação, então qual é o problema? Você precisa seguir seus caminhos dentro dos princípios que acredita. Nem todas as religiões pensam como esta que você foi criada. Eu sempre aprendi com meus pais que devemos estudar sobre quem é Deus, na verdade devemos sempre buscar conhecimento sobre tudo. Assim, nunca seremos enganados com mentiras criadas para benefício, seja de uma pessoa ou de uma instituição. Sempre busque a verdade dos fatos e não permita que ninguém a engane. Precisa se libertar desses fantasmas, que pode ter criado em sua mente. Experimente um dia tentar conversar com eles, e talvez se surpreenda! – respirei fundo e o amei! Com certeza, ele era quem eu procurava por toda a minha vida. Benjamim era o meu Derek. O beijei com amor, segurei o seu rosto e continuei o beijando sem pensar em mais nada. Ele, por sua vez, surpreendido pela minha reação, ficou paralisado, até que correspondeu e me segurou nos braços. Mas ainda sentia que estava tímido ou será que tinha algo para me dizer? Só me faltava agora ouvi-lo dizer que tem alguém... Ahh não... – *Sarah, quantas vezes terá que ouvir que ele não tem ninguém?* – Verdade... ele já disse que não tem ninguém. Mas... e se for uma pessoa que ele gosta e que não gosta dele? E me escolher naquela noite não significa nada, pode ser um pegador de balada... não... – respirei fundo e todos esses pensamentos me perturbaram, me afastei, olhei nos olhos dele e perguntei:

— Benjamim, por que ficou comigo? E por que ontem se afastou, não me ligou hoje o dia todo e pareceu distante quando estava no alojamento? – ele pareceu engolir seco e me preparei para ouvir o pior.

— Sarah... quando a vi chegando na boate com sua amiga aquele dia, você me chamou atenção, fiquei observando vocês o tempo todo. Foram no bar buscar uma bebida, seguiram para pista de dança, dançaram juntas e se divertiram... Seu jeito tímido e desconcertado naquele ambiente, que claramente não era o seu habitat, me seduziu. Vi que se sentia desconfortável, mas até que bebeu o drink com a Marcela e começou a se soltar. Eu ia me aproximar de vocês antes, mas esperei para ver sua reação.

— Eu vi que estava olhando. – disse sorrindo.

— Viu?

— Vi... na verdade, a Marcela viu!

— Você é tão linda, Sarah! Simples, meiga, doce e rabugenta quando quer ser, dura, porém é amorosa. É delicada, parece frágil, mas por dentro tem um leão que ruga, que vai atrás do que deseja, e eu tenho certeza de que alcançará o topo do mundo, mesmo que tentem sufocá-la. Não sei explicar esses pensamentos e sentimentos, mas a desejei perto de mim desde que a vi pela primeira vez na boate. O seu olhar seduz e mostra o quanto é determinada e forte, só não sabe disso ainda.

— Mas... – fiquei emocionada com tantos elogios, agora só podia vir a bomba!

— Mas... a questão é: quando ontem achei que perderia o controle do meu corpo perto do seu, tive que me esforçar muito para não tocar em você além dos meus limites.

— Eu não impus limites, Ben.

— Não... não impôs. Mas eu sei que você é diferente. Quando ficamos no sábado, sabia que você nunca tinha ficado com homem nenhum.

— Como sabia?

— Sou homem, Sarah! Já fiquei com várias mulheres. E sabemos quando uma mulher já esteve com alguém.

Fiquei roxa diante do que disse, não sabia se ficava contente ou morria por dentro. Ele estava dizendo que eu era inexperiente? Ai que vergonha... ao mesmo tempo que parecia lindo e meigo, estava morta de vergonha por ser diferente. Com quantas mulheres ele já deve ter ficado? Será que devia perguntar da morena da foto? – *Definitivamente NÃO! Não agora!* – Por que não? Agora é o momento certo. Mas, e se ele não gostasse e ficasse nervoso? E se... estragasse o momento... o que eu podia fazer? – *Não faça!* – minha consciência lutava comigo mesma.

— Ben... – *Não... Sarah... não! Vai fazer besteira!* – Fique quieta! – falei para minha consciência.

— Não entendi... o que disse?

— Não... não disse nada.

— Não? Ouvi você...

— Benjamim... eu preciso perguntar uma coisa... e se você já conseguiu me analisar desta forma e parece saber mais de mim do que eu mesma...

— Humm... não sei mais de você do que voc...

— Deixa eu terminar!

— Ok... – disse sorrindo de forma doce — continue, Sarah.

— Eu preciso saber mais de você.

— Tudo bem. O que quer saber?

— Promete que não vai ficar nervoso?

— Ai... lá vem... prometo!

— Quem era a garota da... foto... ? – perguntei e ele franziu a sobrancelha confuso.

— Ahhhh, Sarah... não acredito que está encucada com a menina da foto. A Jacque...

— Jacque?

— Jacqueline. — disse rindo e fiquei com raiva.

— Quem é ela?

— Minha prima. Ela mora em Boston, nos EUA e de vez em quando passo as férias com ela. Aliás, faz um tempo que não a vejo.

— Humm... – resmunguei. Uma prima... com quem ele passa as férias? Hummm... primos podem ficar juntos... – pensei, mas minha consciência gritou. – *Não! Não podem e você está enganada.*

— Sarah, não tem com o que se preocupar. Escute: só tive uma namoradinha no colégio. Depois fiquei com outras mulheres, mas nunca tive um relacionamento sério, porque a faculdade nunca permitiu. Nunca tive tempo para mulher nenhuma, minha vida é uma loucura, saio algumas vezes para relaxar e só! Fiquei com mais mulheres no colégio do que durante a faculdade.

Fiquei ouvindo chocada. Como assim? Lindo desse jeito? Não é possível!

— Mas, Ben... como isso?

— Tempo, Sarah! Não tenho tempo. Escolhi me dedicar aos estudos, sou um pouco metódico às vezes. Gosto de traçar planos e... escolher o que eu quero. Quando desejo alguma coisa, eu vou até o fim para conseguir.

— Entendo... , mas por que decidiu vir atrás de mim se não tem tempo?

— Já disse... você é diferente! Não sei explicar! Na verdade, eu esperava terminar a faculdade e ter alguém comigo, mas...

— E por que ficou tão distante depois de ontem? Entendo que você estivesse querendo me proteger. Mas, e hoje? Por que estava estranho? – ele suspirou, fechou os olhos e começou:

— Bom... esse é um outro ponto. – Lá vem... eu sabia! Estava bom demais para ser verdade. – minha consciência em alerta.

— Que ponto?

— Estou no último período de medicina, como já falei, e em seguida farei a especialização em neurologia. Como me dediquei totalmente a faculdade e não estava em um relacionamento, fiz uma inscrição para um curso fora do país. Na verdade, meu pai gostaria que eu me especializasse por aqui, mas em julho decidi me especializar fora do país e...

— E...

— E... daí nos conhecemos e estou gostando de estar junto com você. O problema é que não posso mais cancelar o curso, foi uma indicação de supervisores da USP. Uma oportunidade única, tenho lugar para ficar e será maravilhoso para o meu currículo, pois esse hospital está entre os 10 mais bem renomados do mundo na minha área. O *Brigham and Women's Hospital*, é um dos maiores prestadores de serviço de saúde em Massachusetts e a segunda maior filial de ensino da Escola de Medicina de Harvard. O centro reúne um instituto de câncer e um hospital, com 13 centros especializados em doenças das áreas de neurociência, artrite e ortopedia. Possui instalações de pesquisa de alta qualidade, e por mais de uma década, o instituto de Pesquisa Biomédicas foi um dos hospitais que recebeu o maior investimento por meio da agência governamental americana, do Instituto Nacional de Saúde. Entende¹?

— Hummm... mas qual o problema nisso, Ben? Isso é maravilhoso. O que tem a ver com a gente?

— Sarah... é em Boston, nos Estados Unidos.

— Sei. Mas temos mais seis meses para ficarmos juntos e será o que? Um mês?

— Não... já era para eu estar lá. A faculdade me liberou para concluir o ano lá. Não fui ainda porque a dra. Renata descobriu que está grávida e a obstetra exigiu repouso absoluto. Estou substituindo-a por um mês, e no dia 20 de setembro sigo para Boston!

— 20 de setembro? Em Boston? Não é onde mora sua prima?

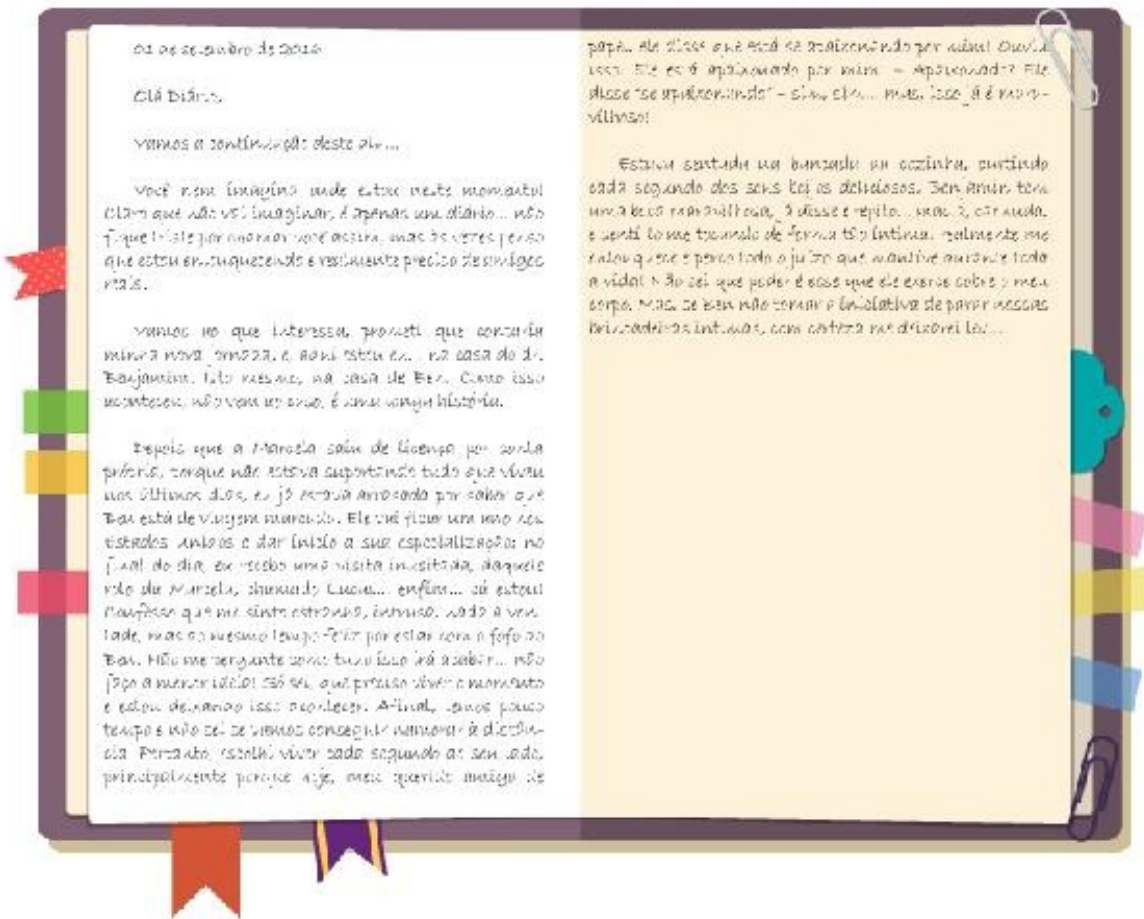
— Sim. Vou ficar na casa dela. E... volto daqui um ano.

— Um ano??? – indaguei.

— Um ano...

¹ <http://www.abeclin.org.br/post.php?p=131>

Digerindo tudo



Para alguém com uma vida tão insignificante e pacata como era a minha, a avalanche de acontecimentos me deixou exausta. Decidi dar um rumo para minha história, escrever um novo roteiro, porém não imaginei que tudo fosse acontecer de uma forma tão rápida e intensa, como se todos os anos não vividos viessem à tona de uma só vez.

Olhei para o lado e vi minha amiga hibernando, enquanto eu sentia meu peito rasgando de dor, peguei o celular e fiquei navegando no vazio das minhas redes sociais, coloquei o fone e deixei rolar minha *playlist* e a primeira música que escuto é *Stay* da Rihanna... aff... quando pensei que pudesse viver um amor com toda a plenitude e liberdade, um obstáculo aparece! – *Um obstáculo de exatamente 7.741Km de distância.* – Ahh... verdade! Obrigada por me lembrar. Aff... parei de mexer no celular e olhei para o teto, coloquei os braços sobre o rosto, e deixei que minhas angústias escorressem em forma de lágrimas. “Deus, há quanto tempo não busco a sua face, e digo: — Fica comigo! Até o fim prometeu cuidar de mim, mesmo quando meu pai ou minha mãe me abandonasse, Tu estaria lá, disposto a me carregar em Seus braços de amor. E hoje, quando penso que

encontrei um amor para mim, ele simplesmente partirá. Tenho que decidir se deixo ele ir e aproveito os poucos momentos que teremos até sua partida, ou arriscamos ficar juntos de verdade, mesmo com a distância. Passei tantos anos acreditando em sonhos e ilusões de TV, que preciso acreditar que é real, que Tu, somente Tu, é capaz de me trazer o verdadeiro amor”. Enquanto fazia uma pequena oração pedindo socorro ao único que poderia me ouvir naquele momento, um sono incontrolável me tomou e senti os meus olhos pesarem...



Acordei com o despertador gritando alucinado e levantei como uma bala, estava atrasada para aula. Troquei de roupa correndo para tentar pegar o ônibus circular e chegar a tempo da segunda aula. Enquanto isso, minha amiga ainda dormia, só mais tarde vou conseguir contar todas as notícias. Peguei minha bolsa, meu material e saí correndo até o ponto do ônibus.

Cheguei a tempo para aula, entrei afobada e corri sentar nas cadeiras do alto, era melhor ficar bem longe, pois minha cabeça estava em outro lugar e seria impossível me concentrar. Mesmo sabendo que não podia me dar esse luxo logo no início do período, minhas provas começam dentro de duas semanas, bem próximas da viagem de Ben. Precisava manter o foco, mas estava triste e com o coração apertado! – *Lembra que combinamos de fazer mais amigos?* – Sim... mas eu não tinha tempo para escutar a voz da minha consciência. Com os pensamentos em desordem, precisei sair da aula e tomar um copo d'água, minha próxima aula seria de Bioquímica com Benjamim. Fui caminhando para área de fora onde podia tomar um pouco de ar, antes de voltar, enquanto estava distraída olhando o céu, pensando no dia anterior, senti alguém falar baixinho no meu ouvido e levei um susto.

— O que está pensando?

— Oi... – apenas sorri, ele estava lindo.

— Ei... ? O que foi?

— Nada... estava apenas me preparando para entrar e assistir sua aula.

— Hum... então vamos, já vai começar.

— Vai na frente. Já estou indo.

— Está triste? – claro que estava! Que pergunta... ele parecia bem animadinho.

— Um pouco. E você?

— Sarah, vai dar tudo certo! Não se preocupe! Vamos dar um jeito nisso. Não posso abraçar você aqui até entregar o cargo. Mas vamos aproveitar esses dias e esquecer qualquer outra coisa. Tudo bem?

— Não posso esquecer, Ben. Tenho alguns benefícios que dependem de nota.

— Eu sei disso. Mas não se preocupe! Vou dar um jeito nisso. Vamos... preciso entrar, não posso me atrasar. — fiquei pensando que jeito ele poderia dar... e por que estava tão alegrinho diante da nossa situação? Suspirei...

Seguimos juntos e foi impossível assimilar qualquer coisa naquele dia. Fiquei em silêncio em todas as aulas e por incrível que pareça, as pessoas notaram e me perguntaram se eu estava bem. Confesso que me surpreendi ao saber que meus colegas de sala sabiam que eu existia. Até dei atenção para algumas meninas que estavam comentando sobre as provas e uma delas citou que estava passando por uns problemas familiares, e que provavelmente não conseguiria fazer as provas, as deixaria para segunda chamada. — Hummm... isso muito me interessa! — meu humor até melhorou, tirei algumas dúvidas e com certeza, aquele seria o assunto da noite com Benjamim. Até que enfim uma luz no fim do túnel.

O dia passou em câmera lenta, percebi que não tinha me alimentado desde de que acordei. Benjamim me mandou uma mensagem cancelando o almoço na cantina, pois estava enrolado no HU. Já sabia que seus dias seriam uma correria sem fim, para deixar tudo pronto para a viagem. Comi qualquer coisa na cantina, e voltei para o auditório a fim de terminar de assistir as aulas. As videoaulas eram interessantes, mas não hoje, eu praticamente dormi o tempo todo. Quando conseguia escutar alguma coisa, era o professor falando sobre sistema digestório, e me sentia até enjoada, acho que alguma coisa que comi me fez mal... o sono que eu sentia era incontrolável e meu sangue devia estar todo no estômago tentando digerir aquele pastel da cantina... Argghhh, meus olhos estavam pesados. Ouvi um burburinho dos alunos, alguns deram risadas e fizeram piadinhas, foi quando percebi que estavam falando de mim.

— Ei Sarah, o boy está acabando com você hein... — alguém falou. Sorri para não ser a chata da turma e peguei minhas coisas para voltar ao alojamento. Se soubessem o quanto o boy está acabando comigo iriam chorar e não ficar dando risada.

Passei na cantina para beber uma água com gás, talvez me ajudasse com a digestão, sentei na mesa com meu fone de ouvido e fiquei ouvindo música, não sabia se ria ou chorava com meu repertório:

O Nosso Santo Bateu – Matheus & Kauan;

A Rosa E O Beija Flor – Matheus & Kauan;

Como É Que A Gente Fica – Henrique & Juliano;

Louca De Saudade – Jorge & Mateus

Ao Vivo E A Cores – Matheus & Kauan, Anitta

Bebi a garrafa de água e fui caminhando para o alojamento, pensando nas letras das músicas, aff... elas estavam me deixando mais melancólica. Precisava conversar com a Marcela, talvez me sentisse melhor, ela sempre tinha uma palavra na ponta da língua para levantar o astral e trazer esperança para as pessoas. Mesmo estando tão abatida nos

últimos dias, eu gostava da companhia dela e tinha certeza de que me faria bem conversar um pouco.

Ao voltar para o quarto, bati na porta três vezes conforme o combinado com Marcela, assim ela saberia que eu estava entrando. Então, ao abrir a porta, tive mais uma surpresa: Marcela estava arrumando as malas!

— O que é isso? Você vai viajar?

— Oi, Sarah! Sim...

— Como assim? As provas começam agora.

— Eu sei! Mas... não me sinto segura aqui. Preciso voltar para o Rio e passar uns dias por lá. Depois eu vejo como farei com as provas, só preciso de um tempo.

— Entendo... – falei fechando a porta do quarto. — Não sei como ajudar... gostaria que confiasse em mim... – ver minha amiga de quarto arrumar a mala e pensar na hipótese de ficar sozinha naquele momento... foi um balde de água fria em minha cabeça! Caminhei até minha cama, sentei e fiquei olhando para ela. Marcela estava andando de um lado para o outro, pegando suas coisas e socando tudo na mala. Eu não esperava por isso! Estava arrasada...

— Mas... Marcela, você está levando tudo?

— Na verdade, não sei quanto tempo ficarei por lá. Então, melhor garantir.

— Como assim... ?

— Sarah, está impossível ficar aqui. Preciso de ar... preciso dos meus pais! Minha mãe está vindo me buscar, ela deve estar chegando.

— Então, definitivamente não vai registrar o Boletim de Ocorrência?

— NÃO!

Marcela continuou andando pelo quarto, retirando tudo do lugar e enfiando de qualquer jeito nas malas. Mais uma pessoa partindo da minha vida não estava nos meus planos, não naquele momento! E de repente, desabei a chorar com as mãos no rosto. Juro que não esperava me descontrolar novamente.

— Ahh Sarah... me desculpe! Não queria ser rude com você! – senti os braços delicados da Marcela me envolverem, enquanto eu chorava sem parar. – Mais uma pessoa que saía da minha vida... como entender? O que acontecia com as pessoas que eu gostava? Por que simplesmente elas iam embora da minha vida? – pensei e minha consciência tentava me acalmar. – *Fique calma! Pense na dor que ela está sentindo e respire fundo. Nada de surtar agora! Se recomponha.*

— Me desculpe, Marcela. Na verdade, não foi rude comigo, apenas não estou aguentando tudo isso vindo de uma vez só em minha vida. – retribuí o abraço e disse o

quanto era grata por tudo que ela sempre tinha feito por mim.

— Não fique assim, por favor! Eu vou voltar. Só preciso buscar ajuda e sei que tem que ser longe daqui.

— Não estou conseguindo digerir tudo isso, Marcela. Depois de uma noite tão alegre naquele sábado, não entendo como tudo aconteceu. Eu queria ter voltado para casa e contado como estava feliz. Não conseguimos compartilhar nada até agora. Parece que quando sinto alegria, alguma coisa me é tirada.

— Eu sei amiga... eu ainda não consigo lembrar daquele dia sem me sentir mal. Por isso ainda não posso falar! Nem consigo ouvir nada sobre aquele maldito sábado.

— Eu sei... mas não está sendo fácil! — me sentia frustrada demais, não conseguia ajudar minha amiga, não conseguia sentir alegria... precisava estudar e em breve ficaria sem ninguém.

— Mas não fique tão abatida, estou feliz de que esteja dando certo com o bonitão. Posso viajar tranquila porque sei que está segura com ele. Agora você tem a companhia dele até que eu volte. E mais... se eu fosse você ficaria uns dias na casa dele. Aproveite aquele gato! — só consegui sorrir e balançar a cabeça.

— Ahh amiga... se soubesse o que Ben me disse ontem, não diria isso.

— Como assim... aquele filho da mãe te deu um fora? — só tive tempo de sorrir e pensar que graças a Deus não era isso.

— Não... não... mas está indo embora. Vai terminar o período e uma parte da especialização em Boston. Ficaré um ano fora do país.

— Puuuxaa, Sarah! Não creio! — Marcela falou fechando os olhos.

— É...

— Como assim? Por isso que ele estava estranho! Pensei até que tinham brigado.

— Não... tivemos uma noite maravilhosa, ou melhor... quase maravilhosa, porém incompleta. Porque quando descobrimos tudo aquilo sobre você...

— Sim, sim... esqueça a parte ruim da minha vida! Me conte como foi.

— Então... depois das cenas que vimos aqui, saímos para comer, fui para o apartamento dele e então... — falei revirando os olhos.

— Vocês transaram? É mesmo uma louca, né?! Como foi para o apartamento de um cara que mal conhece? Depois de me ver naquele estado? E além do mais... você é assim... meio tapadinha, né?! Sarah, Sarah! Pelo amor de Deus, precisa tomar cuidado.

— Tapadinha, eu? E, não! Não transamos! — não sou tapadinha, sou esquisita, isso é verdade! Mas... e se tivesse transado? Ela é a última pessoa que poderia falar alguma coisa.

— Sarah, me entenda. Você é uma mulher, ou melhor uma garota descobrindo o mundo.

Tem que tomar muito cuidado para não se ferir. Olhe para mim... confiei e onde vim parar? Isso porque sou bem esperta e conheço as pessoas. E convenhamos, né amiga... já deixei de ser virgem há muito tempo. Não estou te repreendendo por ficar com ele, ou querer transar. Aliás, difícil ficar perto dele sem pensar nisso... , mas comentários à parte. Minha preocupação é que você se machuque. Tome cuidado, por favor!— Marcela...

— Estou mentindo? Falei alguma besteira?

Sorri, mas estava triste por saber que ela ficaria longe, sabe-se lá por quanto tempo. Marcela, era uma jovem de 22 anos, cursava o terceiro período de arquitetura, era magra e malhada com músculos bem definidos, tinha um sotaque bem carioca, os cabelos castanhos lisos, era branca, porém bem bronzeada de praia, tinha várias tatuagens nas costas e nos braços, que indicavam cada ponto turístico que visitava fora do país. A mais marcante era o mapa-múndi na omoplata direita. Vivia com os cabelos presos num rabo de cavalo e de roupas de ginástica com tênis. Mas, quando saía para balada, arrasava no *look* e amava um salto gigante. Era de uma família de posses e sempre me ajudava em tudo. Nos conhecemos quando cheguei na universidade e fui direcionada para o alojamento, que na ocasião, Marcela já estava morando. Ela foi receptiva comigo no período de adaptação e sempre me tratou com muito carinho. Perde-la agora, nesse momento tão delicado, não era o que eu precisava, porém eu sabia da necessidade deste tempo na vida dela. A abracei com amor e disse:

— Não. Não falou nenhuma mentira.

— Amiga... cuidado! Por favor! Não sei porque, mas gosto do bonitão. – eu sorri melancólica com aquele comentário.

— Tudo bem.

— E você tem meu *WhatsApp*, pode me chamar quando quiser. Prometo que volto logo! – ela disse me abraçando com força. Ouvimos alguém bater na porta e ao abri-la era o motorista da Marcela, já esperando para levá-la junto com a mãe.

— Se cuida, Sarah! Deixei algumas coisinhas para você usar na minha ausência.

— Você também, se cuida! E obrigada!

Respirei fundo e desabei ao fechar a porta. Fiquei um tempo na cama, ainda chorando, olhei o celular e não vi nenhuma mensagem de Ben. Então, resolvi tomar um banho, coloquei meu pijama, fiz um *Cup Noodles* para comer. Já passava das 20h.

A última mensagem de Ben foi no almoço quando cancelou nosso encontro porque estava enrolado. Depois não enviou nenhuma mensagem, estranhei, porém, sabia que estava atolado com as aulas e a preparação da viagem. Estava me sentindo exausta, deitei na cama e fiquei navegando na internet, mesmo sabendo a quantidade de matérias que deveria estudar. Enviei uma mensagem para Benjamim:

SARAH 21h15

Oi Ben,

Saudades!

Sarah.

— Vou dormir que eu ganho mais! Meu dia não foi nada bom... E Ben deve realmente estar atarefado, porque não respondeu minha mensagem. — falei enquanto apagava a luz do quarto e caminhava para a cama. Fiquei deitada um tempo pensando em tudo que ouvi de Ben, nos dias que ficamos juntos... e em tudo que a Marcela tinha falado e fiquei cismada com o que ela disse sobre o que podia ter acontecido no sábado. Ainda não acredito que esse caso está sem solução!

— O que será que aconteceu com Ben? — pensei. — *Talvez tenha ficado sem bateria.* — minha cabeça não parava de pensar em Benjamim.

Comecei a ler um *e-book* acadêmico sobre sistema nervoso para adiantar algum material das aulas, quando escutei alguém bater na porta. Dei um pulo e me alegrei. — Deve ser Benjamim. Que horas são? Nossa... já são 22h15! Fui correndo até a porta e abri com um belo sorriso no rosto, me preparando para pular no seu pescoço e sentir o seu perfume:

— Por que demor...

— S.a.r.a.h...

Uma lembrança ruim

— S.a.r.a.h...

— Sou eu.

— Seus pais estão em casa?

— Sim. Só um minuto. – antes que pudesse chamar meus pais, minha mãe já estava na porta.

— Algum problema? – ela perguntou.

— A senhora pode nos acompanhar, por gentileza?

— Aconteceu alguma coisa com o Matias?

— Por favor, senhora. Peço que nos acompanhe para reconhecimento de alguns objetos.

— Ohh Senhor, tenha misericórdia! – ouvi minha mãe dizer amedrontada.

Fiquei pálida, sabia que algo muito grave tinha acontecido, provavelmente com meu pai. Um policial civil alinhado, pediu para minha mãe o acompanhar de certo até a delegacia, mas eu vou junto. Minha mãe pediu um instante ao oficial e correu pegar a bolsa, ela estava tremendo.

— Mãe, eu vou com a senhora!

— Não. Fique aqui e espere. Depois avisaremos a escola, ainda é cedo.

Fiquei sem saber ao certo o que fazer, minha amiga provavelmente esqueceu de mim. Queria avisá-la que não iria à escola, mas meu pai nunca me deixou ter um celular. Larguei a mochila na cadeira da sala e fui para o quarto para tentar descobrir o que havia acontecido. Fiquei nervosa, como esperar em casa sabendo que alguma coisa ruim podia ter acontecido?

Minha mãe saiu com a viatura e clamei a Deus por proteção. Sei que meu pai não é muito amável e que tem seus defeitos, porém não queria que nada de mal acontecesse a ele. O amo mesmo do jeito ignorante e torto que nos trata. O que será que aconteceu?

Corri para o computador para tentar ver alguma notícia na internet. Eu só tinha permissão para usar o computador para os trabalhos da escola e somente com a supervisão dos meus pais. Mas eu sabia alguns segredos para conectar à internet discada e então, as escondidas, eu acessava alguns sites de notícias, meu *MSN* e meu perfil no *Orkut*, que tinha criado com um nome *fake* para não ser descoberta. Porém, não encontrei nenhuma notícia relevante. Mande algumas mensagens para Vivian pedindo ajuda, mesmo sabendo

ela estava *offline*, pois este horário já deveria estar na sala de aula, mas mais tarde ela poderia ler quando ficasse *online*. Andei de um lado para o outro e a demora estava me matando. Será que meu pai sofreu um acidente? Mas ele tinha acabado de sair para o trabalho! Estava me sentindo angustiada.

Já tinha se passado quase uma hora quando escutei um carro chegar e saí correndo, abri a porta e vi meus pais chegando juntos. Dei graças a Deus, estavam todos bem!

— Mãe, graças a Deus que estão bem! Quase morri aqui, o que aconteceu?

Percebi que minha mãe estava com os olhos vermelhos, com a aparência de quem havia chorado. Meu coração se apertou e imaginei que ela e meu pai, talvez tivessem discutido, o que não era difícil de acontecer. Fiquei com medo de perguntar e levar uma bronca daquelas, com meu pai dizendo que este assunto não me dizia respeito. Mas, logo entraram em casa e estavam muito abatidos.

— O que houve com vocês? – questionei com o coração acelerado. Minha mãe me abraçou forte e pediu que eu a acompanhasse, sentamos no sofá da sala e sem saber como dizer, minha mãe foi soltando as palavras lentamente:

— S.a.r.a.h... temos... uma notícia... ruim..

— O que houve? Vocês estão estranhos. O que aquele policial queria com você? – estava assustada e imaginei que meus pais iriam dar a notícia óbvia do divórcio... mas como? Eles não iriam se divorciar... meu pai não aceitaria isso... estavam sempre discutindo dentro de casa, na verdade, meu pai discutia e minha mãe chorava e quando ela tentava argumentar, as coisas ficavam piores. Mas não acredito que teriam coragem de se divorciarem. Ou será que... será que meu pai brigou com alguém? Não... na rua ele ficava nervoso, mas só explodia mesmo em casa e não daria tempo de brigar com alguém em tão pouco tempo. — Pelo amor de Deus, falem logo! – soltei.

Enquanto meus pensamentos me enlouqueciam e atordoavam meu coração, vi minha mãe abrir a bolsa e retirar um pequeno pacote de plástico bem enrolado, pegou minha mão e me entregou. Por um momento, fiquei sem entender, vi meu pai quieto, sentado no sofá de frente, parecia chocado e triste. Minha mãe, por mais que tentasse conter as lágrimas, não conseguia. E eu estava apavorada com a reação deles. Fui desenrolando o embrulho com cuidado, até que os meus olhos viram o objeto. Fiquei sem fala, meu cérebro tentava construir uma ideia, mas ao mesmo tempo, tentava destruí-la.

— Por que a Vivian te deu isso? Este colar é meu - puxei do pescoço o colar em formato de coração que Vivian tinha me dado no retiro e mostrei para minha mãe. Enquanto olhava o meu colar nas minhas mãos, minha mente estava lenta tentando não aceitar os fatos... porém no fundo eu já tinha entendido o que havia acontecido.

— S.a.r.a.h...

— Mãe... – falei com a voz embargada.

— Sua amiga... Vivian... – minha mãe teve dificuldades para repetir as palavras do

policial, de certo porque viu em meu rosto o turbilhão de pensamentos e a tristeza que me tomava com aquela confusão e a negação dos fatos. Mas eu continuava lutando para não entender... ou não ouvir com todas as letras. – O que a Vivian tem com isso? – pensei franzindo as sobrancelhas.

— O que tem ela? Esse colar é meu... – repeti as mesmas palavras, porque não queria acreditar naquilo que meus olhos estavam vendo e no que minha mente estava construindo.

— Filha... infelizmente... acabamos de saber que...

— Saber o que, mãe?? – por que as pessoas não falam logo?? Pelo amor de Deus...

— Não sei como dizer isso, Sarah! Mas, ao voltar para casa com a família, sua amiga sofreu um acidente muito grave e...

— E... se machucaram? Estão bem?

— S.a.r.a.h...

Fiquei olhando para os olhos da minha mãe tentando conectar as frases e decifrá-las e então foi preciso ouvir com todas as letras para que eu pudesse aceitar e entender:

— Não... estão m-o-r-t-o-s!

— O que? Como assim? Que brincadeira é essa? – indaguei sorrindo com desespero.

— Estão todos mortos, Sarah!

— Não... ela estava comigo ontem e combinamos de nos encontrar hoje e...

—S.a.r.a.h...

Minha boca ficou aberta e por um segundo pensei que pudesse ser uma brincadeira de mau gosto dos meus pais. Mas os olhos de mamãe me diziam que não... um punhal atravessou o meu coração e sangrou de forma tão intensa que fiquei sem ar, me ajoelhei no chão da sala, apertei a medalha que tinha em mãos, mas não foi suficiente, uma fraqueza tomou o meu corpo e a dor me levou a desfalecer. Desabei no chão da sala, vi o colar cair em câmera lenta, e um filme passava pela minha consciência com todos os momentos que vivemos juntas. Durante alguns segundos, tive a impressão de não estar entre os vivos pois entrei em luta com Deus; eu podia ouvir minha mãe gritando o meu nome, vi o rosto do meu pai em cima de mim tentando me fazer recobrar a consciência. Eles não entendiam que eu podia ouvi-los, porém não tinha forças para respondê-los. Como Jacó, lutei com Deus em palavras silenciosas, com meus pensamentos ocultos, questionei por que Ele me odiava tanto... por que Ele estava tirando de mim toda a minha alegria. A única pessoa que me entendia, que sonhava comigo... o que eu havia feito de tão ruim por ser punida dessa forma?! Qual era o meu castigo? Nesta luta, a diferença entre mim e Jacó, era que ele tinha alcançado sua vitória, mesmo que tenha saído manco, porém eu... perdi para sempre um tesouro, parte de um sonho havia morrido ali, junto com Vivian!

Vivian Kouxi, minha grande e eterna amiga, só ela conhecia o meu coração, sabia quem eu era, chorava e sorria junto comigo, sonhava e ria das minhas bobagens, fizemos tantos

planos... mas o destino tinha outros para ela. Me despedi em silêncio da minha grande amiga, que partiu para junto de Deus com apenas 15 anos, tão jovem e linda, não era justo!



Não sei como voltei para minha consciência, apenas me lembro de estar sentada na cama colocando os sapatos para seguir e de encontrar todos na congregação, onde seria o velório. Não conseguia pensar nem mesmo dizer nada, meus olhos paravam em um ponto e ali ficavam no vazio da minha dor.

Chegamos na congregação e todos estavam atônitos, me sentei no banco da frente, junto com a minha família. Todos vieram me abraçar, dizendo que sentiam profundamente a perda, sabiam que éramos mais do que irmãs de uma congregação. Ali mesmo, ouvi todos contarem os detalhes do acidente, enquanto um louvor, *Forever* do grupo *Hillsong*, era tocado no piano por uma mulher. Minha vontade era de levantar e sumir para um lugar onde ninguém pudesse me encontrar. Mas eu não podia, então fiquei olhando para aquela mulher à minha frente, narrando como tudo aconteceu, como se minha família já não soubesse.

— Oi Rute, estamos muito tristes, o Marcos nos contou como tudo aconteceu. Eles foram visitar os parentes que moram próximo a fazenda do retiro. Logo no início da noite, o Kouxi retornava para casa com a família e ao passarem por um cruzamento, uma caminhonete em alta velocidade, perdeu os freios e atravessou o carro em que estava toda a família. Não sabemos de fato o que houve, pois não sobreviveu nenhum deles para nos contar, nem mesmo o motorista da caminhonete sobreviveu a fatalidade. Não sabemos como consolar os pais Kouxi, que tragédia!

— Sim... fomos a delegacia com o irmão Marcos, ficamos sabendo através do delegado. Nos destroços, encontraram um documento com o nosso endereço e não entendi direito, pois estava chocada ao receber a notícia. Também encontraram um colar que tinha o nome da minha filha. Foi muito triste...

Estava insuportável continuar ouvindo tudo aquilo, me levantei e sai correndo para fora, precisava de ar. Chorei tanto, tinha vontade de rasgar minhas roupas, de correr, gritar, não sei descrever a dor que senti. Por que ela? Por que com ela? Perdi a família que escolhi para mim!

No velório, todos os caixões estavam lacrados e a imagem que guardaria de Vivian, era o seu último sorriso, quando subia no ônibus e me despedia para sempre naquela tarde de domingo do dia 12 de setembro de 2010.

Parte de seu coração foi embora e a outra guardarei em meu peito por toda a vida.

Seguindo em frente

O tempo passou. Após alguns meses de tristeza inconsolável que tomou a minha alma aflita e abatida, segui sozinha, sem amigos e me sentindo um ser de outro planeta dentro do colégio e dentro da minha casa, me isolei e não falava com ninguém. Meus pais voltaram para a rotina de brigas e todo aquele amor e preocupação comigo haviam passado. Eram frios, ditadores e bitolados por uma fé insana. Não me concentrava em mais nada, não podia assistir TV e quando pensava em ler algum livro da biblioteca na escola, minha mente vagava. Não sentia sede e nem fome, assistia as aulas e me esforçava apenas para não reprovar o ano.

Minha série predileta que assistia com Vivian em sua casa, não existia mais para mim. Não tinha com quem me abrir, nem mesmo planejar um futuro, estava triste com Deus... estava triste por levar aquilo que era tão importante para mim. Eu era obrigada a ir às reuniões da congregação e aquilo me irritava profundamente.

Um dia sentada na cadeira da escrivaninha, que ficava de frente para a janela do meu quarto, estava perdida em meus pensamentos olhando para o nada, via a chuva caindo e molhando o vidro que estava entreaberto. Um vento suave passou pelo vão e tocou a minha face, bateu a porta do quarto e com a força derrubou um dos livros da estante, me despertando do vazio dos pensamentos.

Me levantei e fui até o livro, que estava aberto, para guarda-lo no lugar, mas quando peguei, percebi no rodapé da página, um tempo que me chamou atenção:

Sa,

Um dia quando estiver dentro da faculdade, talvez possa ver este recado. Eu sempre acreditei em você! Nunca deixe ninguém dizer o que fazer, nem mesmo permita que alguém a impeça de seguir os planos e promessas que fizemos!

Amo você! Siga firme!

Vivian

Ao ler aquelas palavras, me ajoelhei no chão com as mãos no rosto, chorei compulsivamente por horas. Meu peito doía, parecia que um punhal tinha sido arrancado me rasgando por dentro. Olhei para o livro, era uma das apostilas da escola, haviam vários corações desenhados e o nome “Derek” espalhado por todos os cantos, ali na página 77,

onde estava o recado daquela que um dia tinha sido um anjo enviando do céu para sarar minhas mágoas. Logo após colocar toda minha dor para fora, entendi o recado de minha eterna amiga. Uma força sobrenatural tomou o meu coração.



Terminei o colégio e busquei todas as formas de estudo possíveis: pela internet, pelos livros da biblioteca, resgatei todas as apostilas dos três anos de Ensino Médio e deixei de lado tudo aquilo que me tirava a atenção. Ganhei uma bolsa de estudos no cursinho e estudei durante três anos, de uma forma tão intensa que parava apenas para comer e tomar banho, e, claro, ir à igreja, pois era obrigada... dormia cedo e acordava logo ao amanhecer, seguindo firme nos estudos para conseguir entrar em uma universidade pública.

Em uma tarde voltando da padaria, ao entrar em casa, minha mãe estava eufórica, meu pai ainda não havia chegado e ela gritou o meu nome animada com o resultado de um dos meus testes nas mãos. Meu nome estava na lista de aprovados para medicina da USP. Fiquei extasiada, sem fala, sem respirar, só pude sentir o abraço forte da minha mãe e seus pulos de alegria.

Mas e agora? Será que meus pais deixaria eu ir para São Paulo estudar e tentar uma vaga para morar sozinha na universidade?

— Tem certeza de que sou eu, mãe?

— Sarah, olha aqui o seu nome!!! – exclamou, me entregando a lista dos aprovados.

Meu Deus, eu realmente havia passado, agora iria embora e decidiria meu futuro. Seria a dona do meu destino. Um terror atravessou minha espinha... como eu, Sarah, uma menina que praticamente não se relacionava com ninguém, poderia sair de Taubaté e sobreviver numa cidade tão grande quanto São Paulo? Será que meu pai aceitaria pagar minhas despesas? Afinal, o curso é de graça, mas o material e a estrutura para me manter durante os estudos não eram.

De repente, lá estava eu, no dia 29 de fevereiro de 2016, sentada no grande auditório das salas de estudo da USP em São Paulo. Ouvindo o professor falando sobre o que era ser um médico. Olhei para todos os lados e senti um alívio... eu, a estranha, estava ali... sozinha, mas feliz, pois tinha conseguido seguir os planos e as promessas que um dia fiz para mim e para minha grande amiga, Vivian.

Segui em frente...

Uma surpresa

— S.a.r.a.h? Está me ouvindo?

— LUCAS? – ao escutar o meu nome novamente, acabei falando mais alto do que imaginava, meu coração estava disparado e em pânico ao me lembrar daquelas cenas gravadas em minha alma há anos. As lembranças dos piores dias da minha vida retornaram como uma tempestade sobre o meu espírito, quando abri a porta e não era quem eu esperava. Senti todo o meu corpo estremecer, por que o Lucas estava aqui uma hora dessa?

— Oi Sarah, está tudo bem? Está pálida.

— Tudo... me desculpe! Já estava deitada. Tudo bem? Aconteceu alguma coisa? – aconteceu alguma coisa com a Marcela? Com o Benjamim? Ai meu Deus! – um milhão de pensamentos.

— Ah, desculpa! Não queria assustar você... só queria saber sobre a Marcela.

— A Marcela? Está tudo bem com ela? Você está sozinho?

— Sim... tem certeza que está bem, Sarah?

— Não sei... a Marcela foi...

— A Marcela não está aqui? – ele perguntava da Marcela, mas eu estava completamente confusa e nervosa.

— Não, ela não está aqui... viajou... — estranho ele não saber que ela viajou.

— Hum... sabe para onde ela foi?

— Ela viajou par... – *Não diga nada!* – minha consciência me alertou de imediato e tive a sensação de que aquela visita não era legal.

— Para onde? – questionou com os olhos perversos.

— Na verdade, Lucas... ela não me disse. Saiu sem falar nada! Por isso imaginei que pudesse estar com você e fiquei confusa por você estar aqui. – que droga! Tive que mentir.

— Posso entrar? – perguntou e continuei assustada. Entrar para que? Não tinha nada para falar com ele. Ainda mais aqui no meu quarto, sem a Marcela. Mal o conhecia e não fui muito com a cara dele! — Você está sozinha? – ele continuava me enchendo de perguntas e estava me deixando atordoada.

— Lucas, acho melhor você voltar depois, quando a Marcela estiver de volta. – eu estava realmente preocupada com aquela visita inesperada. Será que a Marcela contou

para o Lucas o que aconteceu? Será que discutiram? Ou será que ela fugiu... dele... Ohh, meu Deus... será que ele tinha alguma coisa a ver sobre sábado? – *De fato eles estavam juntos na boate* – Pois é... eu os vi juntos. Não, não pode ser... ele não faria isso com ela. – *Sarah, melhor ficar atenta. A Marcela pediu para trancar a porta diversas vezes, e inclusive saiu falando algumas coisas suspeitas.* – Sim... pediu que eu fosse para casa do Ben... Meu Deus e o Ben onde se enfiou? Que dia horrível... não estou me sentindo muito bem!

Enquanto minha consciência tentava buscar uma forma de defesa no caso de um ataque, o Lucas já tinha segurado a porta e entrado no quarto. Fiquei apavorada quando a fechou e seguiu andando pelo quarto olhando para todos os lados como se procurasse algo. Olhou para a cômoda em frente da cama e pegou o porta-retratos sobre ela, tinha uma foto minha e da Marcela sorrindo em uma das corridas da universidade. Enquanto ele falava coisas sem conexão, eu buscava ao meu redor algo que pudesse me auxiliar em caso de emergência. Vi que o *spray* de desodorante da Marcela estava sobre o criado-mudo, me aproximei, sentei na cama e o peguei disfarçando que estava lendo a embalagem, se ele tentasse alguma coisa eu espirraria nos olhos dele. – Acho que estava meio surtada, não pode ser... imaginei que podia ser coisa da minha cabeça. – *Mesmo assim, se garanta* – Minha consciência tentava me manter lúcida diante da situação. Meu coração estava acelerado, minhas mãos suavam e meus olhos estavam com as pupilas dilatadas, porque a adrenalina já tinha se espalhado pelo meu sangue e eu estava alerta para qualquer coisa, mesmo assim, sabia que era uma presa fácil ali naquele quarto sozinha. Olhei para os lados procurando meu celular, mas não conseguia me mexer, ele se virou, me encarando de forma assustadora.

— Gostaria muito de conversar com ela. Vocês têm conversado bastante?

— Como assim? – tentei enrolar a conversa, com o corpo tremendo.

— Ah... vocês mulheres gostam de conversar sobre tudo. Ela falou alguma coisa sobre nós?

— Não... – engoli seco. Meu Deus, não posso acreditar que foi ele que fez aquilo com a Marcela.

— Hum... vi que no sábado você saiu com um cara. – começou a falar vindo em minha direção, e senti que meus olhos já estavam arregalados, minhas pernas ficando fracas, meu coração parecia sair pela boca e meu cérebro entrou em estado de alerta total. – caso se aproxime mais, eu vou gritar e apertar esse *spray* nos olhos dele! – Lucas veio andando calmo, mas olhando dentro dos meus olhos como um predador do mal.

— Sim. E ele deve estar para chegar a qualquer momento, pela mensagem que me enviou há pouco! – tive que inventar algo enquanto tentava criar rotas de fuga em minha mente, mesmo com o meu corpo tremendo.

— Ahh... então, vocês estão juntos?

— Sim. Estamos. – respondi rápido.

— Que pena... – como assim que pena? Ele parou há um metro de distância, me olhando de forma assustadora. Meu peito subia e descia ofegante, sentia minhas mãos dormentes. Quando ouvi alguém batendo na porta, levantei correndo pedindo licença ao passar por ele entre as camas de forma agressiva.

— Deve ser ele, não falei? – pedia a Deus que fosse o Benjamim. Abri a porta correndo e dei de cara com ele, ainda de jaleco do HU, minha reação imediata foi pular no pescoço dele e o segurar com força. Como um alento, consegui soltar todo o ar dos meus pulmões. Não queria largá-lo, e imediatamente Ben correspondeu ao meu abraço e disse baixinho no meu ouvido:

— O que foi? Está tudo bem?

— Bom... preciso ir... é isso Sarah! Até mais. Volto depois para saber notícias da sua amiga. Tchau! – Lucas saiu do quarto e acenou com a cabeça para Benjamim, descendo as escadas sem olhar para trás. Fiquei com o rosto enterrado no peito do Ben. E assim que tive certeza de que seus passos estavam longe, voltei para o quarto.

Benjamim me seguiu, eu continuava tremendo, reagindo a adrenalina que tinha sido liberada pelo meu cérebro. Ouvi quando ele disse:

— O que foi isso? Quem era aquele cara no seu quarto? Você está pálida. Ele fez alguma coisa com você? Cadê a Marcela?

— Calma... preciso de um tempo... – falei, sentando na cama e tentando acalmar o meu corpo.

— Sarah? – Ben falava parado me olhando com os olhos arregalados tentando entender.
— Vou pegar um copo d'água. – seguiu até o frigobar, pegou uma garrafa e me entregou.
– Tome, fique calma! O que aquele cara queria aqui? Sarah??

— Calma... – Benjamim sentou de frente para mim e segurou uma de minhas mãos.

— Você está tremendo e com as mãos frias. Fique tranquila. Só me diz se ele fez alguma coisa com você, estou ficando nervoso! – balancei a cabeça negando enquanto bebia a água e Ben fechou os olhos, acredito que tentando se controlar. – Está mais calma? – perguntou com a voz suave.

— Sim... – senti conforto ao ter Ben do meu lado.

— Então me diz: o que houve aqui? Quem era aquele cara? – ele voltou a questionar. Bufei e comecei a falar:

— Eu já estava deitada quando ouvi alguém bater na porta, achei que era você e abri sem olhar. Então levei um susto quando vi o Lucas parado diante de mim... Benjamim, pensei tantas coisas... pensei que alguma coisa muito ruim pudesse ter acontecido e... – quando contava para o Ben, meu corpo voltou a tremer e desabei a chorar com as mãos no

rosto, pois não queria deixá-lo me ver naquele estado.

— Sarah... o que aconteceu? Por que pensou em algo ruim? Você conhece esse cara? Ele fez alguma coisa com você? Você já saiu com ele alguma vez?

Ben estava nitidamente angustiado, fazendo um milhão de perguntas e eu tentava encontrar fôlego para me explicar. Como ele poderia ter pensado que eu saí com aquele cara? Ficou louco!

— Quem é Lucas, Sarah?

— Não, Ben! Calma... Ele é um rolo da Marcela. Veio atrás dela, mas...

— Mas... o quê? Cadê a Marcela? – por mais que ele tentasse parecer calmo, estava nítido o seu nervoso.

— Ela viajou. Foi para casa da família no Rio e não sei quando volta. Disse que precisava de um tempo e por isso resolveu sair daqui. Eu vou te explicar, por favor, sente-se aqui.

— Mas o que ele fazia aqui dentro sozinho com você? Você enlouqueceu em deixá-lo entrar? Ainda mais rolo da Marcela. Nós não sabemos o que aconteceu com ela, Sarah!

— Ben, eu não deixei ele entrar. O cara simplesmente entrou e fechou a porta.

— Que merda é essa? Esse filh... – Ben levantou da cama com as mãos na cabeça e ficou de costas para mim apoiado na cômoda, enquanto eu me acalmava.

— Ben, fiquei apavorada, passaram mil coisas pela minha cabeça. Peguei esse desodorante e pensei em espirrar nos olhos dele, caso tentasse alguma coisa. Eu cheguei a pensar que... pode ter sido ele... que...

— Exatamente o que estou tentando dizer... talvez por isso a Marcela estava com tanto medo de ficar aqui. Que dia foi esse... pelo amor de Deus!? E esse desodorante não iria ajudar em nada, Sarah! Acha... ? – ele falava balançando a cabeça como se eu fosse uma sem noção... mas o que eu poderia fazer? Foi a única coisa que pensei naquele momento.

— Ahhh iria sim! Porque eu descarregaria o *spray* nele até que ficasse cego! Você não me mandou nenhuma mensagem e imaginei que estivesse ocupado.

— Sim, sim! Meu dia foi terrível. Tive que cumprir a agenda da dr. Renata, depois fui chamado para uma emergência no HU, discuti com meu pai sobre algumas coisas e para acabar, chego aqui e encontro esse f... não tive tempo para nada! Me desculpe! – Ben falou e voltou a se sentar do meu lado, me envolveu em seus braços e beijou o topo da minha cabeça com carinho.

— Senti sua falta. Quando ouvi bater na porta sai disparada pedindo a Deus para ser você. Quando te vi me senti tão segura... não queria mais te largar.

— Sarah... vem aqui. – Benjamim segurou o meu rosto e me beijou com toda intensidade. E da mesma forma, retribuí passando as mãos pela sua nuca tentando segurar os seus cabelos, senti a respiração ofegante dele passando pelo meu ouvido e descendo

pelo meu pescoço. Me levantou com força em seus braços e me colocou no seu colo, entrelacei minhas pernas pelo seu corpo e nos beijamos profundamente. Deixei que passasse as mãos pelo meu corpo, ele tirou o jaleco e a camisa e pude ver mais uma vez o seu tórax forte e definido, o desejei com toda a minha alma. Levantei meu pescoço e deixei que sua boca macia passeasse por mim, enquanto eu beijava sua orelha e o ouvia gemer delicadamente, por um momento pensei que não teríamos mais controle dos nossos corpos, quando ele usou de todo o seu autocontrole e segurou o meu rosto com força, encostou sua testa na minha e disse pausadamente:

— Sarah.Não.Posso.Fazer.Issso! Não.Com.Você. – ele respirava ofegante tentando encontrar equilíbrio. Enquanto eu, queria que ele perdesse todo esse controle. Minha vontade era dar um grito, mas respirei fundo apertando o seu corpo contra o meu, queríamos descarregar todo o nervoso daquele momento. E eu não estava me importando com mais nada.

— Ben, e, se... eu... quiser... ? – perguntei de olhos fechados e falando no seu ouvido.

— Não. Não.Posso! Não.Faz.Issso... por favor, Sarah!

— Por que? – perguntei.

— Olhe para mim... – abri meus olhos e ficamos nos olhando.

— Você é especial. E é isso que amei em você. – fiquei sem palavras, meus pensamentos iam e voltavam em todos os momentos daquela semana e eu sabia que precisávamos esperar. Não era a hora... esperei tanto tempo, por que faria de qualquer jeito? E o amei pelo cuidado que tinha comigo, porque ele estava me protegendo, respeitando o meu corpo e decidindo esperar. Hoje em dia quem pensaria desse jeito? Ao mesmo tempo que pensava isso, me batia a maior insegurança em imaginar que talvez ele realmente não quisesse estar comigo. Tantas ideias e inseguranças, não sabia como lidar com tudo aquilo. Respirei fundo e disse:

— O que eu vou fazer quando não estiver aqui, Ben? – senti uma lágrima escorrer e fechei os meus olhos. Sua mão delicada passou pelo meu rosto e a enxugou com carinho.

— Não chore... por favor! Eu a desejo muito, Sarah! Não me leve a mal por não querer ir até o fim, às vezes fico pensando o que passa por essa cabecinha cheia de reflexões. Quero que durma na minha casa hoje. Não vou deixá-la sozinha aqui está noite, de jeito nenhum.

— Mas Ben...

— Prometo que não vou encostar um dedo em você. Melhor que não fique aqui até entendermos tudo o que está acontecendo. – sabia que ele tinha razão e me lembrei das palavras da Marcela para ficar com ele.

— Está certo. Vou com você. – pude vê-lo abrir o sorriso mais lindo do mundo com aqueles olhos de tigre que brilhavam diretamente para mim.

— Estou feliz em saber que vai estar comigo! E ainda quero entender muita coisa sobre esta história toda. Não me respondeu nem um terço das minhas perguntas.

— Eu sei... estou mais calma, assim posso contar mais um pouco sobre tudo.

— Vamos!

Uma noite e tanto

Chegamos no prédio de Benjamim e enquanto subíamos no elevador, ainda me sentia estranha, ao mesmo tempo em que estava amando ficar com ele, me sentia uma intrusa, porque mal o conhecia e tinha medo de me machucar. Mas decidi viver um tempo novo, e para isso deveria me arriscar, e até aquele momento, ele só tinha demonstrado ser carinhoso, atencioso e me respeitava mais do que eu desejava. Ben me olhava sorrindo, mas podia ver o seu abatimento. A porta do elevador abriu e logo entramos no apartamento.

— Entre! – Ben segurou a porta e me deu passagem.

— Obrigada. – entrei e mais uma vez, lá estava eu. Tudo perfeitamente organizado, fiquei sem saber o que fazer... Que situação esquisita, eu estava com duas mochilas, uma nas minhas costas e Benjamim segurava a outra.

— Venha, este é o quarto da minha irmã. Pode dormir aqui. O banheiro está ali, se quiser tomar um banho e se desejar, deixe suas roupas no armário. Aqui no banheiro tem tudo o que precisa, pode usar sem medo. As toalhas ficam nesta porta, mas se tiver qualquer dúvida ou precisar de qualquer coisa que não encontre, é só me perguntar. – eu só conseguia concordar com a cabeça, estava morrendo de vergonha, era tudo muito fofo. O banheiro era todo branco e uma das paredes tinha um papel decorado com flores cor de rosa bem pequenas. Ele abria os armários me mostrando os produtos para cabelo, papel higiênico, as toalhas estavam enroladas e organizadas por cores brancas e rosas.

— Sarah, eu preciso de um banho. Estou quebrado, meu dia foi muito difícil. Se quiser trocar de roupa, daqui a pouco podemos fazer alguma coisa para comer.

— Sim, claro. Não se preocupe comigo. Você quer que eu prepare alguma coisa para você? Porque eu já tinha jantado e até estava de pijama. – falei sem jeito.

— Ótimo! Se puder, eu aceito! Tem tudo na geladeira, sinta-se à vontade. Já volto.

Ben foi para o quarto dele e por alguns minutos fiquei sentada na cama olhando tudo a minha volta. O chão do apartamento era de madeira escura envernizada, os armários brancos, as paredes tinham um tom azulado bem claro, o quarto tinha um tamanho bom, com uma cama de casal com a parede de trás decorada com outro papel de parede branco e com pássaros azuis, dois criados mudos. De um lado, uma foto das irmãs gêmeas, não sei quem é quem, uma tem o cabelo loiro e cumprido, a outra também é loira mas tem o cabelo de tamanho chanel. Do outro lado, um abajur azul claro e a foto de Benjamim com as duas irmãs. Todas as portas do armário eram espelhadas e fiquei ali me olhando e pensando onde tudo isso iria acabar. Balancei a cabeça gostando dos meus pensamentos, porque por um instante, estava curtindo estar ali, mesmo me sentindo uma estranha.

Respirei fundo e fui até a cozinha estilo americana, preparei um lanche natural com os ingredientes que tinha na geladeira e um suco de laranja. Tudo era milimetricamente organizado e etiquetado dentro dos armários, fiquei pensando o nível de TOC² do Benjamim. Confesso que fiquei assustada com tudo, porque não sou nada organizada, estava com medo de mexer em alguma coisa e não colocar no lugar certo. Por isso, fui fazendo tudo bem devagar até que escutei a voz dele.

— Oi... agora sim... pelo amor de Deus! Que dia foi esse?! – Ben estava de calça de moletom preta, camiseta branca e descalço, foi a primeira vez que o vi assim e meu coração disparou, uma visão do céu, como um anjo dourado. Fiquei desconcertada de o ver daquele jeito e o analisei por inteiro, desde suas mãos, cabelos, olhos, lábios, corpo, pernas e pés... o que eram aqueles pés lindos? Perfeitos! Abri um sorriso e respondi:

— Então... fiz seu lanche... não sei se gosta dele assim.

— Claro! Está ótimo. Estou morto de fome!

— Quer que eu faça mais um?

— Não! Sente-se aqui comigo. Tem certeza que não quer comer nada?

— Não. Eu comi um *Cup Noodles* no alojamento antes de tudo aquilo acontecer. – Ben parou e ficou me olhando.

— *Cup Noodles*? Está falando sério? Isso não é comida, Sarah.

— Estava sozinha e chateada com tudo, não estava com tanta fome para ir até a cantina.

— Chateada? Com o que? – Ben estava sentado no banco de um lado da bancada, enquanto eu estava debruçada do outro. — Venha aqui. Senta do meu lado.

Eu ainda estava desconcertada por estar na casa dele, isso era novo demais para mim, mesmo assim me aproximei e antes de me sentar, senti suas mãos me segurando pela cintura, ele girou a cadeira e me abraçou. — Me conte, o que aconteceu esta noite? Comece do início, Sarah!

Respirei fundo e comecei contando para ele cada detalhe:

— Bom, passei o dia um pouco melancólica com toda aquela conversa de ontem sobre nós. Minhas provas começam semana que vem e o tempo com você será muito curto. Mal começamos a ficar juntos e já vamos ter que ficar longe por um ano, isso tudo é muito complicado. Você sabe disso!

— Eu sei... por isso não sabia como falar para você!

— Tive aula de sistema digestório, não consegui prestar atenção, e serão minhas primeiras provas. Depois de não absorver nada, cheguei em casa disposta a conversar e me abrir um pouco com a Marcela, mas quando entrei no quarto, ela estava de malas prontas para viajar. Disse que ficará um tempo com a família no Rio e não sabe quando volta, perguntei sobre as provas e tal... porém ela estava desesperada, enfiou tudo nas malas e o

motorista chegou muito rápido. Mal tivemos tempo para nos despedir, falei muito pouco com ela. Aquilo me arreventou, Benjamim! Saber em um dia que o cara que você está se apaixonando vai embora, no outro dia descobre que sua única amiga está partindo também e depois quando você pensa que tudo acabou, aparece um cara no seu quarto e... – enquanto eu narrava a minha saga do dia, vi Benjamim, parar de comer o lanche e ficar atônito me olhando e sorrindo. Nem piscava diante das minhas palavras e achei estranho... o que eu disse que o deixou desta forma, nem contei a pior parte ainda? — O que foi? Por que está me olhando assim? – ele colocou o copo com suco sobre a bancada, raspou a garganta sorrindo e disse sem rodeios:

— Porque você disse que está se apaixonando por mim.

— Eu não disse isso!

— Disse sim. Disse que estava arrasada por saber que o cara por quem está se apaixonando vai embora e agora sua melhor amiga também. Eu estou atento a tudo que está dizendo, Sarah.

— Benjamim... eu...

— Tem medo de dizer que gosta de mim?

— Não é isso... é que foi só uma forma de me expressar... não sei! Não sei o que dizer sobre isso... – não acreditei que soltei os meus pensamentos para ele?! – *Sarah Furtado, o que você fez? Enlouqueceu? Não é hora dizer nada disso!* – minha consciência gritou e eu fiquei sem saber o que dizer.

Benjamim segurou o meu rosto com carinho e me beijou com delicadeza. Sentir os seus lábios macios e molhados nos meus era algo que me fazia esquecer de tudo. Ele entrelaçou os dedos em meus cabelos e nos deixamos levar pelo momento, um dia cheio de lembranças ruins, sentimentos de dor, de perda, de tristeza foram todos varridos e eu só podia sentir nossos corpos tremendo de desejo. Eu o desejava muito além daquele beijo e podia sentir que ele também me desejava. Mas precisava saber se tudo era apenas um momento ou não... e no ímpeto da emoção, desta vez fui eu quem o parou. Empurrei o seu corpo para longe do meu e me desvencilhei dos seus braços.

— Pare!

— Sarah... – Ben repetiu o meu nome e ficou com os olhos fechados por alguns segundos, não sei se com raiva, ou tentando manter o controle sobre o corpo dele. Eu caminhei até a pia, abri a torneira e lavei o rosto. Precisava acalmar meus hormônios alucinados. Abri a geladeira, peguei a garrafa de água e a bebi quase toda.

— Me desculpe! Foi mais forte do que eu. – continuou Ben.

— Eu sei...

— O que disse é muito importante para mim, Sarah! – eu não devia ter dito nada, mas já tinha falado.

— Eu gosto de você, Benjamim. Já te disse que tudo é novo na minha vida e precisamos dar tempo ao tempo. Não quero me iludir e me ferir. — ele ficou me olhando e apenas concordando com a cabeça. — Bom... o que mais quer saber? — depois do silêncio, respirou fundo e continuou.

— Continue narrando. Estava dizendo sobre estar triste com a partida da Marcela. Mas onde entra o Lucas nesta história? Quero entender porque a encontrei naquele estado emocional.

— Ah... sim! Bom... logo que a Marcela saiu eu mandei uma mensagem para você, tomei banho e como não consegui falar com você, eu comi alguma coisa ali mesmo no quarto e fui dormir. E quando estava apagando as luzes, ouvi bater na porta, pensei que fosse você e abri sem pensar em nada. Mas aquela cena me levou para alguns anos atrás, Benjamim.

— Por que?

— Porque quando ainda estava no colégio eu esperava por minha melhor amiga, que era muito importante na minha vida e ao abrir a porta numa manhã de segunda-feira, muito feliz e cheias de planos, vi outra pessoa atrás da porta. Um policial disse o meu nome da mesma forma que o Lucas o disse hoje. O oficial trouxe uma das piores notícias da minha vida. Não esperava pelo Lucas, esperava por você! E quando ele disse: — S.a.r.a.h... senti minhas pernas estremecerem porque pensei que mais uma vez receberia notícias de alguma tragédia. No momento, fiquei imaginando que ele estava vindo falar da Marcela, mas em seguida pensei que fosse com você e minha mente entrou num conflito entre o passado e o presente, me senti confusa e foi nesse instante que ele entrou no quarto e fechou a porta.

— FECHOU A PORTA? O QUE ELE FEZ, SARAH? — Benjamim sem perceber se exaltou e alterou a voz nervoso.

— Calma... não fez nada. Ele entrou, ficou observando o quarto e eu estava com o coração aflito, pensando mil coisas. Pensei que ele iria tentar algo, me preparei para isso. Vi algo ruim em seus olhos, e desconfio que a Marcela tenha fugido dele, Benjamim.

— Eu mato esse desgraçado!

— Não podemos fazer nada. Ele não tocou em mim, e não sabemos nada sobre ele. Também, tudo isso pode ser coisa da minha cabeça.

— Quero que fique comigo aqui, e longe desse cara, até saber mais sobre esse infeliz. E onde está sua amiga?

— Já disse, a Marcela foi para o Rio.

— Não, Sarah. A sua melhor amiga do passado. — respirei fundo, porque odiava dizer isso.

— Ah... ela morreu... nesse acidente que eu falei.

— Caramba! Sinto muito. – ele falou de olhos fechados.

— Eu sei...

— Como era o nome dela?

— Vivian.

— E a família dela?

— Morreram todos no mesmo acidente de carro. Foi um dia trágico.

— Uauu, que tenso! Sinto muito, minha linda! O que houve com eles? – Benjamim caminhou até a pia, onde eu estava e mais uma vez me envolveu em seus braços fortes. Estar em seu peito, sentir o seu perfume, ouvir a sua voz, era um bálsamo para minha alma. Eu respirava aliviada perto dele, senti que tocou os lábios sobre o topo da minha cabeça e isso me trazia a sensação de conforto e segurança.

— Foi triste demais, Ben. Ela era muito importante para mim. Fizemos muitos planos. Assistíamos as séries de *Grey's Anatomy* e *The O.C.* juntas, foi com ela que decidi fazer medicina e abrir uma clínica, como já te contei. O irmão dela era autista e por esse motivo iríamos trabalhar juntas para aprendermos mais sobre essa síndrome. Inclusive tínhamos um projeto para isso.

Por alguns segundos quase não me contive, me emocionei ao lembrar da falta que a família da Vivian me fazia.

— Eu imagino o quanto deve ter sido terrível. Sarah, todos nós temos nossos medos e traumas, mas precisamos enfrentá-los! Essas angústias e tristezas do passado nos causam marcas profundas, cicatrizes que um dia nos deixam mais fortes. Temos que seguir em frente e transformar um acontecimento ruim em algo bom. Se pararmos para olhar com cuidado, no local de toda cicatriz não há sensibilidade, os sensores de sensibilidade ficam adormecidos e somente parte deles se recuperam através dos anos. E quando um outro ferimento se abre, novas cicatrizes se formarão e as outras se tornam mais fortes e indolores. Mas, se no seu DNA tiver a chance de se formar um quelóide, sabemos que essa cicatriz pode crescer, se espalhar e continuar doendo. No caso de um ferimento na pele, a pessoa não tem escolha... Mas, no caso das feridas da nossa alma, podemos escolher seguir em frente e tirar dali uma lição de vida que nos fará pessoas melhores. Então, não permita que suas cicatrizes se tornem queloidianas. E quanto aos planos e sonhos que fizeram, não se preocupe... podemos colocar todos eles em prática daqui a alguns anos. Posso te ajudar com isso!

Fiquei olhando para Benjamim enquanto falava e minha mente fazia uma viagem em todos os sentimentos e feridas da minha alma. Na verdade, eu estava tentando seguir desta forma, fazendo com que o meu passado me tornasse forte para vencer o futuro. Mas deveria ter o cuidado para não permitir que as dores me tornassem infeliz e amarga. E mais uma vez... o amei por aquelas palavras.

— Verdade. Obrigada, Benjamim. – o admirei com carinho.

— Sim, minha flor. Você é tão delicada quanto uma rosa, nasceu em meio aos espinhos, porém está conseguindo dar ao mundo um dos mais belos perfumes e cores que encantam por onde você passa!

— Ahhhh Benjamim... por que diz essas coisas?

— Porque também estou me apaixonando por você. – Benjamim me tomou nos braços, me sentou sobre a bancada da cozinha e me beijou com todo o amor que jamais havia sentido. Fluía de seus lábios um amor que eu desconhecia, o segurei com força, beijei o seu pescoço e disse em seu ouvido:

— Obrigada!

— Ahh... Sarah!

— Na minha idade escrever em um diário?

— Sim... eu lembro das minhas irmãs escrevendo, mas tinham quinze anos...

— Benjamim, eu não tive juventude!

— Você é jovem, Sarah!

— Eu quero dizer que não tive adolescência. Tinha medo de escrever o que sentia e de repente meu pai ou alguém ler... sei lá!

— Me desculpe! Apenas achei engraçadinho...

— Eu sonhava ter um diário para escrever... mas...

— Me desculpe! Eu entendo. Por isso digo que você é especial e gosto disto. — Benjamim falou e veio andando na minha direção, sentou na cama ao meu lado e ficou me olhando carinhosamente. — Se importa se eu me sentar aqui do seu lado?

— Não. Claro que não! A casa é sua...

— Saraaahhhh...

— O que aconteceu? Perdeu o sono?

— Sim... estava exausto, pensei que apagaria ao deitar na cama. Mas, não consigo dormir. Fiquei revirando de um lado para o outro e minha cabeça não parava de ficar imaginando o que poderia ter acontecido com você, caso eu não chegasse no alojamento. O rosto daquele idiota não sai da minha cabeça! — desabafou suspirando e com as bochechas vermelhas de raiva.

— Está com o rosto vermelho...

— Estou com raiva, Sarah! Não posso nem pensar nisso que... Arghhh...

— Venha aqui... posso fazer uma coisa?

— O que?

— Massagear suas costas? Talvez consiga relaxar... — *Sarah Furtado, isso não é uma boa ideia!* — minha consciência sabe de tudo... mas... porque não? Não faria nada de mais, apenas um carinho, e claro, que dava para tirar uma casquinha das costas lindas dele.

— Tem certeza? Não quero atrapalhar você. Estava escrevendo e...

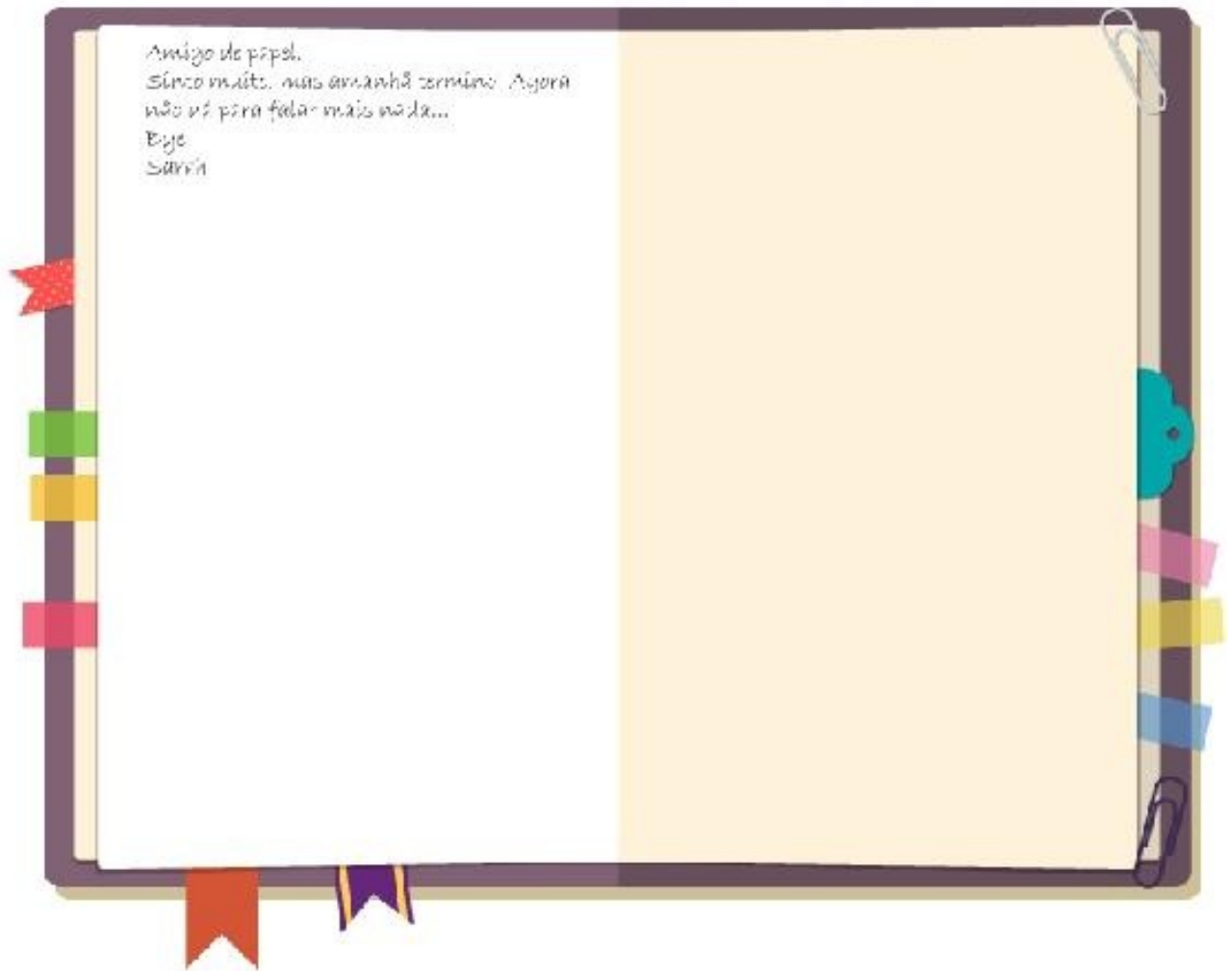
— Você nunca me atrapalha, Ben.

— Essa fala é minha... — disse sorrindo.

— Verdade, peguei emprestada. Venha!

Benjamim se virou, retirou a camiseta e ao olhar as costas lindas que ele tem, fui ao delírio. Será que existe alguma parte feia neste homem? Santo Deus, o que é isso?! Costas definidas, largas e fortes, ele é bem branquinho e olhá-lo desta forma, tão perto da nuca perfeita até a parte debaixo é indescritível... ai meu Deus! — *Concentre-se, Sarah!*

- Benjamim, você tem um creme hidratante?
- Humm... melhor não... não gosto de ficar pegajoso.
- Sêrio? Só para as minhas mãos deslizarem melhor.
- Pera aí, já volto. – Ben foi até o quarto dele, enquanto isso corri encerrar o diário.



- Pronto. Voltei! Este deve servir.
- Sim, sim. Senta aqui.

Ele sentou na cama, me ajoelhei atrás dele, coloquei o creme nas mãos, esfreguei uma na outra, para não ficar tão gelado, e, deslizei minhas mãos sobre suas costas. Que sensação maravilhosa, minhas mãos subiam e desciam de cima até embaixo, enquanto o ouvia gemer baixinho de prazer. Segurei seus ombros e apertei forte desfazendo cada nódulo de tensão. Ben estava imóvel, parecendo um bichinho que ganha carinho.

- Sarah... que delícia! – ele sussurrou. Sorri me achando o máximo.
- Está gostoso?

— Muito... – e assim continuei acariciando suas costas, relaxando cada músculo. Bom, minha intenção era essa, porém se ele estava como eu, então provavelmente sentia mais do que apenas um carinho. Meu corpo estava quente, minhas bochechas queimando de calor,

sentia um tremor atravessando minha espinha, mas não de medo, de prazer por tocá-lo. Na verdade, eu queria mais do que carinho, mas não podia dizer. Tinha vontade de beijar sua nuca, morder as orelhas dele e... ai meu Deus! – *Eu avisei que isso era perigoso! Melhor parar por ai!* – Nem sei por quanto tempo ficamos daquele jeito, até que resolvi obedecer minha consciência.

— Prontinho! Está bom? – disse contra minha vontade, enquanto ainda havia o mínimo de juízo.

— Mas já? Quero mais... – não faça isso Benjamim – pensei comigo de olhos fechados, enquanto ele permanecia de costas para mim. E resolvi continuar só mais um pouquinho, enquanto ele balançada a cabeça para trás e para frente alongando os músculos mais tensos. Levantei o corpo, ainda de joelhos na cama e me aproximei mais de seu corpo, massageando-o com a palma das mãos e colocando mais força. Subia e descia, até que meu rosto ficou mais próximo do seu ouvido e de propósito disse baixinho:

— Está bom?

Ben virou o rosto de lado tentando encontrar meus olhos e segurou minha mão que estava sobre o seu ombro direito.

— Está ótimo! Melhor parar... porque não sei até quando vou resistir ao seu toque. As suas mãos são macias e pequenas, senti-las me tocando assim... não vou conseguir manter minha promessa!

— E quem disse que quero que a mantenha... . – pensei comigo, mas como sempre, devo ter falado alto, porque ele virou o rosto e me beijou com amor. Podia ouvi-lo respirar ofegante ao entrelaçar os seus dedos pelos meus cabelos e me deitar na cama. Aos poucos, desceu seus lábios pelo meu pescoço onde permiti acesso, e aos poucos... suas mãos tocavam todo o meu corpo, enquanto eu também o tocava, amava sentir os seus músculos. Podia sentir que me desejava tanto quanto eu, mas se controlava tentando manter a promessa de não me tocar além daquilo que eu permitisse. Na verdade, eu queria muito mais... Benjamim repetia o meu nome e aquilo me levava a loucura. Num dado momento, senti que apoiou sua cabeça em meu pescoço e apenas me beijava delicadamente. Por que parou? – *Será que é porque tem mais juízo do que você?* – Lá vem ela tentando me dar lição de moral!

— Benjamim? Está bem? – ao me escutar, ele levantou o rosto e olhou profundamente dentro dos meus olhos.

— Não! Não estou bem... não sei o que fazer. Meu corpo inteiro está tremendo e se não parar agora, não tenho mais como responder por mim.

Não posso provocá-lo mais... não seria justo com ele! – *Até que enfim está pensando direito!* – Minha mente brigava comigo o dia todo e graças a Deus por isso!

— Eu sei... – o empurrei devagar até que ele se jogou de costas na cama e colocou as

mãos no rosto, de certo, tentando se controlar, enquanto eu me sentei na cama puxei a coberta e o vi olhar para mim sorrindo.

— Nunca fiz isso com nenhuma mulher.

— Isso o que?

— Tomar o controle do meu corpo neste estágio de excitação.

— E por que comigo você se controla?

— Preciso dizer isso de novo? – balancei a cabeça concordando e ele continuou – Precisa ouvir, não é?

— Preciso.

— Porque você é especial para mim e eu a desejo demais, mas sei que esse momento precisa ser especial. Não quero fazer isso antes de viajar e passar um ano longe de você. Só por isso...

Respirei fundo e ao mesmo tempo que me sentia feliz por se importar tanto comigo, me sentia triste por ouvi-lo dizer sobre o tempo que ficaríamos longe um do outro.

— Eu sei... venha aqui. – o chamei para perto, ele se levantou, vestiu a camiseta e me beijou com carinho. Sentou ao meu lado e perguntou:

— Cadê o seu diário?

— Meu diário? Por que quer saber?

— Quero ver. – soltei uma bela gargalhada e disse:

— Enlouqueceu? Nunca vai ler o meu diário.

— Por que não? Você fala de mim?

— Não, Benjamim... não vou falar nada disso com você.

— Por que, Sarah?

— BENJAMIM... não seja indelicado. Isso é íntimo demais!

— Se está falando de mim, tenho o direito de ler. E pelo visto, você não tem medo de intimidade.

— NUNCA!! E como ousa dizer isso ao meu respeito?

Falei o empurrando para fora da cama, rimos juntos, mas no fundo, eu estava apavorada com a possibilidade de que ele pegasse meu diário e tentasse ler. Agora vou ter que escondê-lo...

— Tudo bem... não vou ler! Prometo! – ao olhar em suas mãos, vi que estava com o diário.

— BENJAMIM... ME DEVOLVA! – fiquei desesperada, como ele pegou sem que eu o visse?

— Não vou ler... já disse!

— Benjamim, não estou brincando. Se não me devolver, vou pegar minhas coisas e irei embora agora! Você nunca mais vai me ver! Me devolva!

Ele ficou parado com as mãos para o alto e os olhos arregalados enquanto eu tentava pegar o diário das mãos dele.

— Calma! Eu vou devolver. Mas posso ler só a primeira folha?

— NÃOOOO!!!

— Está certo! Tome! Sem violência... não confia em mim?

Meu coração estava acelerado e com raiva.

— Idiota... não, não confio mais!

— Como?? Não sou idiota... e se eu disse que não iria ler, você tem minha palavra. – disse cruzando os dedos sobre os lábios.

— É sim... muito feio o que fez. Se aproveitou de mim! – eu disse sorrindo.

— Só brinquei com você! Não faria isso... e jamais me aproveitaria de você.

— Sei...

— Venha aqui, me desculpe! Só estava brincando. Vamos dormir, amanhã não vou para a faculdade, tenho algumas coisas para resolver e preciso me encontrar com meu pai para acertar uns assuntos dos quais nos desentendemos hoje.

— Verdade! Você disse que estava chateado com ele. O que aconteceu?

— Ahhh... é uma longa história!

— Tem a ver com a sua viagem?

— Sim... de certa forma!

— Humm... entendo. Converse com ele com calma e vocês vão acabar se entendendo.

— Sim... mas... vamos dormir e amanhã conversaremos sobre isso. Não quero pensar em nada de ruim, principalmente após essa massagem maravilhosa que ganhei.

— Tudo bem...

Ben me envolveu em seus braços, beijou o topo da minha cabeça, meus lábios e saiu. Confesso que gostei desta notícia do pai dele... uma luz no fim do túnel!

Uma manhã difícil

Benjamim saiu do quarto, me deitei na cama e agora quem não conseguia dormir era eu. Não queria fazer barulho, mas fiquei revirando na cama, que por sinal, era maravilhosa e espaçosa. Meu sono desapareceu... preferi levantar e continuar escrevendo, mas tinha medo de acender a luz e incomodar o sono dele, então saí para tomar um copo d'água. Já no corredor, minha curiosidade foi maior que o meu juízo; a porta do quarto de Benjamim estava aberta e me aproximei para espiá-lo – *Que feio, Sarah!* — Shiii... só dando uma olhada se ele estava bem! – *Sei...* – minha consciência entrava em alerta nos piores momentos. Ele estava deitado sem camisa, apenas com a calça de moletom, uma das pernas embaixo da coberta e a outra de fora, abraçado com um travesseiro, parecia dormir tranquilo... ah... tão fofo! Quem diria que naquele sábado eu iria conhecer alguém tão doce! Jamais poderia imaginar que ele seria assim... tão... diferente! Estou apaixonada e mesmo ele dizendo que também estava, eu tinha medo de me ferir! A massagem realmente deve ter sido boa, porque ele apagou. Fez bem para ele, mas em mim teve efeito contrário...

Toda a casa tinha o seu perfume, segui para cozinha andando pé por pé até a geladeira e fiquei encostada no balcão, pensando em tudo o que vivi nas horas passadas. Respirei fundo com o copo nas mãos, tentando colocar minhas ideias em ordem, já era de madrugada e eu ali acordada... andei até a sala e fui direto no porta-retratos... — Hummm... porque não gosto de você, “Jacque”? Jac-que-li-ne... você é realmente linda! E não acredito que ficarão juntos durante um ano! – *Sarah, eles são primos... pare de criar caraminholas!* — Sim... mas a foto me mostra algo a mais. Ninguém coloca uma foto em cima de um móvel, se não for especial. Por que ele a colocaria ali? – *Porque faz parte da família?* – Humm... não sei...

Balancei a cabeça, resolvi deixar de lado os meus pensamentos e tentar dormir pelo menos um pouco.

Coloquei o porta-retratos no lugar e segui para o quarto, dando de cara com Benjamim no corredor, ele estava com os olhos espremidos pela luz da cozinha e descabelado de uma forma sexy.

— Oi... está bem? Precisa de alguma coisa?

— Não... estou sem sono e estava com sede. Desculpe, não queria te acordar.

— Não se preocupe, o vizinho de cima sempre chega esse horário e não sei o que faz, parece que arrasta a cama de um lado para o outro, fico louco com isso todos os dias.

— Hummm...

— Não conseguiu dormir por algum motivo? Está estranhando a cama? – sorri com carinho e disse:

— Ben, a cama é perfeita e está tudo maravilhoso, apenas estou com a cabeça cheia de preocupações e dúvidas. Parece que uma avalanche me atingiu nestes últimos dias.

— Puxa Sarah... eu sei... quer que eu fique com você até dormir?

— Não se preocupe, pode ir deitar, sei que precisa descansar. Daqui a pouco já temos que levantar, eu tenho que ir para o campus e você também tem que resolver muitas coisas.

— Sim. Venha, vou fazer um sacrifício de deitar com você até pegar no sono. – falou sorrindo e me puxando pela mão até o meu quarto.

Ben deitou ao meu lado, me aproximei e deitei no seu peito. Sabia que era um risco estar ali com ele, mas me senti tão segura que simplesmente dormi.



Acordei com uma voz rouca me chamando carinhosamente.

— Ei dorminhoca...

— Hummm... Ben?

— Conseguiu dormir?

— Humm... sim. Que horas são? Nem te vi sair do quarto.

— São 7h15. Saí logo depois que dormiu. Sua aula começa que horas?

— Às 9h45, tenho aula de Sistema Nervoso I, não posso faltar.

— Preciso sair porque vou atravessar São Paulo, meu carro está no rodízio, então eu vou de moto. Como sua aula é mais tarde, pode ir de *Uber*... ou se você correr, te deixo no campus. Estamos bem perto, em uns 15 minutos estaremos lá.

— Humm... então me espere. Pode me deixar lá?

— Sim. Consegue se arrumar bem rápido?

— Claro.

Dei um pulo da cama, corri para o banheiro e me arrumei em 10 minutos, não queria que Ben me visse daquele jeito, com a cara toda amassada e cheia de olheira. Quando cheguei na cozinha, ele já tinha deixado um café pronto para mim, peguei uma fruta e seguimos.

Logo que entramos no Campus, Benjamim me deixou na porta do prédio de Biomedicina IV.

— Sarah, vou deixar a chave extra do apartamento com você. Já avisei a portaria do condomínio. Pegue um *Uber* e vá para minha casa, não sei a hora que volto, mas não

fique aqui sozinha, pelo menos até entendermos o que aconteceu. Tudo bem?

— Ben, eu preciso passar no alojamento para pegar mais algumas coisas. Também não sei que horas saio daqui. Me mande uma mensagem quando estiver para voltar e a gente se encontra. Não se preocupe comigo!

— Sarah, me ouça: Não ande sozinha pelo Campus! Não sabemos direito quem é esse tal de Lucas e qual a relação dele com a Marcela. Entendeu? – Benjamim falou me olhando sério.

— Tudo bem... mas não acredito que fará nada aqui dentro.

— Só me prometa isso.

— Tudo bem... prometo! – ele tirou o capacete, me puxou para perto, me deu um beijo e saiu, já devia estar atrasado para o compromisso.

Segui para o departamento me sentindo morta de cansada, não dormi o suficiente e confesso que estava muito sem jeito de voltar para casa dele, mas deixei para pensar nisso depois.

Ao entrar na sala, eu ainda tinha tempo suficiente para estudar as matérias até a aula começar. Mas quando abri a bolsa, não encontrei o meu material principal.

— Não acredito! Será que esqueci na casa do Benjamim? Ou no CREUSP? Poxa... e agora? Vou perder o maior tempão indo até lá e além do mais prometi para o Ben que não iria andar por aí sozinha. Que droga! Mas não tenho escolha...

Saí rápido, para pegar o ônibus circular dentro do campus e ir atrás do material, antes da aula começar. – Acreditei que de ônibus não tivesse problema... o cara nem sabia onde eu estava, não tinha dormido no campus. – pensei comigo.

Entrei no ônibus e tive a sensação de alguém estar me seguindo. Mas pensei: — Estou paranoica! Aff...

Desci perto do complexo do restaurante que tinha o hábito de comer, e, fui andando, não gostava muito de passar por lá, porque existem alguns lugares muito arborizados que passam uma sensação estranha, como se a qualquer momento, alguém pudesse aparecer do nada. Meu coração estava meio acelerado porque continuava com a impressão de alguém atrás de mim. — Que droga! Devia ter ficado na casa do Benjamim. Estava assustada, apertei o passo e tentei me aproximar de um lugar onde tivesse mais gente, olhei para trás e vi que uns garotos estavam em grupo andando atrás de mim. Minha cabeça começou a pensar mil coisas. – Será que estão me seguindo? Que esquisito, ai meu Deus... comecei a correr devagar para chegar no meu prédio.

— Prometi que não andaria sozinha e olha onde estou. Nunca reparei como existem lugares ermos pelo campus. Credo! Não tem uma viva alma... onde estão as pessoas? – *Estudando?* – respondi para mim mesma – Claro né, sua...

Esses terrenos deveriam ser mais bem aproveitados. Estão cheios de tapumes pichados e árvores enormes, confesso que estou com medo de passar por aqui, mas agora já era!

De repente olhei para trás e não vi mais ninguém, saí correndo com medo, mas ao virar o corpo para frente, senti uma trombada forte com alguma coisa, que me segurou pelo braço com força e me levou para um corredor de um dos terrenos com os tapumes. Eu queria gritar, mas perdi a fala com o pânico, só podia ver os olhos do homem que me segurava com força. Mas estava com um gorro e um máscara no rosto que me impediam de enxergá-lo e ter certeza de quem era. Tentei olhar para os lados, mas ele prendeu minha cabeça, tapando minha boca. Vi que os homens que me seguiam, agora estavam junto com ele, e, do mesmo jeito o ajudavam a me segurar. Um pânico tomou minha mente e o meu corpo tremeu sem controle, fechei os olhos esperando pelo pior. Eu sabia que seria estuprada e senti um ódio violento, comecei a me debater, o homem me apertou mais contra a parede e os outros o ajudaram a me segurar, só podia ouvi-lo me mandar calar a boca. O estranho é que ele olhava para os lados e os outros diziam para que me largasse e fossem embora.

— Não é ela cara! Vamos sair daqui! Está louco??? Mano... vamos embora!

— Cala a boca, idiota! Ela sabe!

Minha cabeça tentava pensar em uma saída, mas nem chutar eu conseguia, pois um deles me segurou as pernas, enquanto os outros seguravam os meus braços e o homem magro e maior me prendia contra a parede. Quando o ouvi dizer que eu sabia... só pude pensar em uma pessoa: Lucas! Só pode ser ele! Estava desesperada, rosnando por dentro e emitindo sons de agonia, enquanto aqueles brutamontes me seguravam com força.

— Silêncio, vadiazinha! Acha mesmo que vai conseguir sair daqui? Não quero você. Quero saber onde está a sua amiga! E se não me disser, será o prato principal de cada um aqui, portanto não brinque comigo... fique quietinha, silêncio, e deixo você ir embora. Vou soltar sua boca e se gritar vai apanhar como nunca apanhou na vida. — Fiquei de olhos fechados enquanto ele rosnava em meu ouvido — Me diga, vadia! Onde está a sua coleguinha? — eu não sabia o que fazer, o medo me dominava, ao mesmo tempo sentia raiva e nojo por estar imobilizada e sem forças para reagir. — DIGA! Ou vou começar por aqui. — enquanto aquele monstro falava, me tocava nos seios, puxando minha blusa devagar e passando a língua no meu ouvido, senti ânsia. — Vou contar até três e soltar sua boca. Só quero saber onde está a sua amiga. Entendeu? — balancei a cabeça concordando e sabia que teria que fazer o que me pedia, porque jamais conseguiria me defender de todos eles. Mesmo assim temi que me machucassem. — Então... um... dois... e três... — aos poucos ele foi liberando minha boca, ainda me segurando com força pelos cabelos, enquanto os outros dois seguravam meus braços e pernas — Boa menina!

Com a voz trêmula e o corpo sem controle pelo medo, respondi:

— Não sei... eu não sei... não sei para onde ela foi.

— Mentirosa vagabunda!

— Eu... não sei... ela disse que... iria para casa. — falei de olhos fechados.

— Para casa? Quero o endereço.

— Juro... eu não sei... não sei!

— Claro que sabe, sua safadinha... gosta de doutores, não é? – disse debochando de mim e rindo com todos eles. Eu sentia tanta raiva, mas não podia reagir.

— Me solta, por favor! – não conseguia mais conter meu choro, não sabia se de raiva ou medo, mas senti nojo e desejei não ter saído de casa. – Por que não ouvi o Benjamim? – eu continuava com os olhos fechados, na esperança de que fossem embora.

— Ela é educada, pede por favor... – um deles debochou de mim.

— Mano, vamos embora, a mina já disse que não sabe o paradeiro da safada! Vamos embora antes que alguém apareça.

— Cala a boca... já disse! E você, vadia, vai ficar de bico calado! Por que se abrir essa sua boquinha gostosa para falar qualquer coisa, eu vou atrás da sua amiga e depois de você. E ninguém vai conseguir te proteger! Nem o seu médico riquinho...

— Vamos dar o fora daqui! – eles saíram correndo, enquanto o grandalhão ainda apertava minha boca e lambia meu rosto antes de segui-los.

Eu desmoronei no chão me arrastando pela parede, sentindo todo o meu corpo tremer com nojo, queria chorar, mas o meu medo era tão grande que fiquei com as mãos no rosto e os pensamentos fervilhando na cabeça.

Eu queria entender o motivo de tudo aquilo, os olhos dele me lembravam o Lucas, mas não tinha certeza, pois o meu contato com ele foi muito rápido em todas as vezes que nos encontramos. Senti uma vontade incontrolável de gritar, mas não resolveria nada, o lugar estava deserto e o que eu poderia contra cinco homens? Estava tremendo e com o coração acelerado, não podia ligar para Benjamim, ele enlouqueceria e não iria resolver nada, os caras já deviam estar longe. Não sabia se ia para administração e contava tudo, ou se sumia dali, se voltava para aula, se ligava para alguém??? Estava desesperada...

Depois de alguns longos minutos, me levantei do chão e saí em direção ao alojamento, demorei um tempo até saber onde estava, fiquei perdida! Nunca havia percebido aquele corredor horroroso. Entrei no quarto e chorei compulsivamente, mandei várias mensagens para a Marcela perguntando seu paradeiro, precisava alertá-la de que corria perigo, ou se sabia de alguma coisa. O que os caras queriam com ela?? Mas as mensagens não eram recebidas. Tentei ligar e só acusava caixa postal. Questionei qual era o motivo de tudo aquilo? Por que aqueles caras queriam a Marcela? O que ela sabia, ou o que ela teria feito que os deixou tão enfurecidos? Será que era mesmo o Lucas? Os olhos pareciam os dele, ou seria um traficante? Meu Deus... será que a Marcela estava envolvida com drogas? Não sabia o que pensar.

Não sabia se voltava para aula ou pegava todo o meu material e seguia para casa de Benjamim. Sabia que ali não poderia ficar. Mande uma última mensagem para Marcela:

Marcela,

Me ligue urgente!

Juntei todas as minhas coisas mais importantes, que não eram muitas e saí para o ponto de ônibus com duas mochilas. Estava perdida sem saber para onde ir... porém, não poderia perder a aula da manhã, senão me daria mal nas provas! Decidi rapidamente voltar para o departamento de Biomedicina, assistiria a aula e iria para casa do Ben. Entrei no auditório e sentei em uma das cadeiras, ainda estava em choque com a cabeça atordoada. Queria contar para alguém, mas quem?? Estava inquieta e com um nó na garganta, abaixei a cabeça na mesa, tentando me concentrar no que deveria fazer. Não sabia mesmo por onde começar, senti falta dos meus pais. Meu pai enlouqueceria com isso... – *Quem não piraria ao saber de algo assim?* – Pois é... Benjamim ficaria louco. Não sabia nem se devia dizer alguma coisa. – *Faça um boletim de ocorrência.* – Mas se eu fizesse, ou contasse para alguém, os caras viriam atrás de mim. E não podia viver com medo dele, ainda mais agora que ficaria sozinha, nem a Marcela, nem o Benjamim estariam comigo daqui um tempo.

Enquanto eu estava brigando com a minha consciência e tentava pensar racionalmente, uma de minhas colegas de turma, me perguntou...

— Sarah, tudo bem com você? Está meio pálida e aérea. O que houve com seu braço?

— O que tem o meu braço? – perguntei, procurando o que estava de errado.

— Está ralado e sangrando aqui no cotovelo.

— Meu Deus... não sei... devo ter esbarrado em alguma coisa. – eu disse tentando colocar minha cabeça em ordem.

— Isso está mais parecendo que levou um tombo. Vá até o ambulatório, antes que suje seu jaleco.

— Sim. Vou passar lá, obrigada.

Respirei fundo e segui para o banheiro, não poderia ir ao ambulatório, o que eu iria dizer? Que caí... que fui encurralada por um grupo de caras? Santo Deus, que situação! — aquele nojento me feriu os braços. Passei um lenço de papel umedecido, vesti o jaleco e depois de um tempo voltei para sala para terminar a aula e pegar minhas coisas.

— Está melhor? – minha colega perguntou.

— Sim... sim... – menti é claro!

A única vantagem de voltar para aula foi não levar falta na matéria, porque de resto estava perdida. Juntei tudo, pedi um *Uber* e fui para a casa do Ben. Antes, mandei uma mensagem para ele, como tinha prometido, dizendo que não me sentia bem e que estava indo embora.

SARAH 11h20

Ben,

Já chegou? Estou indo embora,

pq não estou muito bem

bj

Já estava no *Uber* quando recebei a resposta:

BENJAMIM 11h35

Oi... cheguei! Estou c meu pai.

O que aconteceu?

Ah... tá bom que falaria! Só se eu estivesse doida. Como poderia esconder dele? E será que estaria certo esconder? Briguei tanto com a Marcela para ir até a polícia, e agora estou fazendo o mesmo, escondendo! – *Já ia dizer isso... mas não quis ser intrometida!* – Eu sabia que não era certo esconder nada... mas não podia contar nada, ainda! Fiquei pensando em como contar. Antes precisava esperar a Marcela me ligar e me dizer o que estava acontecendo. Quem eram aqueles caras e porque ela fugiu. Toda aquela história estava muito mal resolvida. E além do mais, o que eu tinha a ver com eles?

SARAH 11h37

Que bom que está bem!

Nada... só estou cansada.

Posso mesmo ir p sua casa?

BENJAMIM 11h40

SARAH???

Claro que sim! Está com a chave.

Já te ligo. Agora não posso falar.bj

SARAH

Ok! bj

11h41

Caramba, não queria que me ligasse, porque eu já sabia que ele faria mil perguntas...

Não demorou nada e o *Uber* já estava na frente do condomínio. Desci do carro rapidamente e subi. Assim que cheguei, me senti bem! Estava me sentindo segura e longe de tudo aquilo. Fui direto para o quarto da irmã de Benjamim, tomei um banho quente e demorado para me acalmar e limpar as mãos imundas daqueles nojentos. De repente me vi caindo em prantos. Lembrar daquele rosto gritando e me segurando à força me trouxe as

piores sensações, nunca fui tocada por nenhum homem. Benjamim tem sido tão doce e gentil, às vezes fico até com raiva dele, mas aqueles caras eram nojentos. Lembrar deles me ofendendo, me chamando de vadia, vagabunda... meu Deus... me senti tão invadida, tão desprotegida... conseguia entender parte dos sentimentos de nojo e angústia que a Marcela sentiu nestes últimos dias. E não aguentei tanta coisa na cabeça... chorei como há anos não chorava... rasguei minha alma, senti um misto de sentimentos de raiva, nojo, saudade, insegurança, tristeza, medo... queria minha casa, meus pais... senti falta até do meu pai! Por um lado, o entendia quando me proibia de tudo, no fundo, o seu maior medo era que eu sofresse, por outro lado nada justificava suas atitudes grosseiras, mas... eu o amo. Apesar de tudo que eu o via dizer e fazer com a minha mãe, ele era o meu pai e essa palavra me trazia conforto e segurança. Agora eu estava tentando estudar para ter uma vida melhor e acabei tendo que passar por isso... queria que esses caras sumissem dali.

Depois deste turbilhão de pensamentos e sentimentos, aquietei meu coração. Terminei o meu banho, me arrumei e deitei na cama. Precisava dormir e descansar, estava exausta.

Coragem Sarah!

— *Essa sua boca deliciosa vai passar na mão de todos nós!*

— *Me solta, me solta... por favor, me solta!*

— *É uma vadia mesmo. Para o doutorzinho pode...*

— *Por favor... não faz isso! Nãoooooooo... Marcela, me ajuda! Benjamimmm, cadê você?*

— *Foram todos embora, princesinha. Agora é só você e eu... ou melhor... você e nós!*

— *Não faz isso... não...*

— *Sarah!*

— *Paiiiiiiii... pai...*

— *Atende o telefone, Sarah!*

— *Não consigo...*

— *Atende! Está tocando! Atende!*

De repente abri os olhos e estava suando, com o coração agitado, me sentindo tonta! — Meu Deus, o que foi isso? Graças a Deus, foi só um pesadelo. Que horas são? — Corri pegar o celular na bolsa e vi que já eram 17h40. Caramba, que droga! Dormi demais, estava exausta. Meuuuu Deus... 28 chamadas do Benjamim! Vou escutar um monte... ainda fiquei alguns minutos sentada na cama, passei as mãos no rosto tentando me orientar.

— Não posso ficar cheia de paranoias. — corri escovar os dentes e dar uma melhorada na cara porque estava feia a coisa. Tentei retornar as ligações, mas entrava na caixa postal, de certo estava pilotando a moto e não podia atender. Fui para cozinha, estava morta de fome, porque não tinha comido nada até aquela hora. Preparei uma omelete e deixei tudo meio arranjado para preparar para ele também.

Não demorou e ouvi a porta bater e as chaves serem colocadas sobre a bancada da entrada. Apertei os olhos já me preparando para ouvir um sermão. Logo que apareceu na sala, eu me antecipei:

— Oi...

— Oi.

— Me desculpa, não vi suas ligações.

— Sabe quantas vezes te liguei?

— Me desculpe, Ben. Eu estava muito cansada e apaguei. Não ouvi o telefone tocar. —

respondi com os olhos abatidos, tentando me desculpar.

— Sarah... pelo amor de Deus! Vim voando para cá, achando que sei lá... mil coisas poderiam ter acontecido. Estava angustiado!

— Eu sei... não fiz por mal. Me desculpe! – tadinho...

— Tudo bem... esquece! Você está melhor? O que aconteceu?

— Nada...

— Nada? Por que me disse que não estava bem?

— Eu fiz omelete. Está com fome?

— Não... eu preciso de um banho.

Ufaaaa... consegui desviar o assunto. Precisava segurar até conseguir falar com a Marcela. Só depois contaria para ele, mesmo assim, estava com medo e vergonha. Ainda não sabia muito bem como ele reagiria... pois não o conhecia o suficiente. E se depois de contar ele não quisesse mais ficar comigo? — *Acha, sua besta!* – Verdade, pensa comigo... estamos nos conhecendo, o cara vai embora do país daqui a algumas semanas, ele é todo certinho... imagina, pode ter nojo de mim... sei lá! Não sei o que pensar. Talvez devesse esperar para contar. — *Mas, Sarah! Não aconteceu nada mais grave. Foi apenas um susto! Não vejo motivo para não falar. E esconder é sempre pior!* – meus pensamentos e eu...

Enquanto Ben estava no banho, meu telefone tocou e corri atender, era exatamente quem eu esperava.

— Marcela?! Graças a Deus! – atendi caminhando para o quarto.

— O que aconteceu, Sarah?

— Marcela, o que aconteceu com você naquele sábado, tem a ver com o Lucas? – falei entre os dentes e ouvi ela bufar.

— Sarah, pelo amor de Deus! Você me manda uma mensagem dizendo que é urgente para perguntar isso?! Está de zoeira comigo? Já falei que não quero falar sobre isso.

— Não quer falar, porque não sabe o que passei hoje. Quem é esse Lucas?

— O que aconteceu? Ele foi atrás de você?

— Foi... ontem, horas depois de você ter ido embora e hoje eu... – olhei na porta para ver se Ben ainda estava tomando banho e continuei. — Marcela, quem é esse cara? E por que fugiu daqui?

— Sarah, não se mete com isso!

— Como não me meter? Já estou metida nisso... ele está atrás de mim e está indo atrás de você.

— Como assim? O Lucas?!

— Ele está louco... veio no alojamento com um papo estranho e o Ben chegou bem na hora. Fiquei desesperada! Hoje, ele me encurralou no campus com mais cinco caras. Marcela, ele estava com sangue nos olhos para te encontrar. Por que isso?

— Sarah, já disse! Não se mete! Vou resolver essa parada! E você tem certeza de que era ele? Não pode ser...

— Marcela... eu não tenho certeza, mas estou com medo!

— Tchau, Sarah! – ela simplesmente desligou e eu fiquei no vácuo sem ter a resposta que precisava.

— Sarah? – ouvi a voz de Benjamim e levei um susto. E virei, ele estava na porta olhando e secando os cabelos com a toalha.

— Ben?

— O que aconteceu? Estava falando com quem?

— Com a Marcela.

— Hum... está tudo bem com ela?

— Sim... – falei sorrindo sem jeito.

— Hum... e você está bem?

— Estou...

— Tem certeza? Parecia que estavam discutindo.

Ai meu Deus! Não queria mentir para ele, mas o que eu podia dizer? A Marcela não me ajudou em nada. — *Tenha coragem, Sarah! Não comece mentindo* – mas se eu falasse, ele surtaria.

— E com o seu pai deu tudo certo? – perguntei tentando ganhar tempo para pensar em alguma resposta.

— Ah! Nem me fale sobre isso... já discutimos muito e não chegamos a nenhum acordo. – falou a caminho da cozinha e foi sentando na banqueta. Vi que estava chateado e com a expressão sisuda, como de alguém sem paciência. Então pensei comigo: — Impossível contar sobre o que aconteceu! Ele com certeza ficaria muito nervoso. Melhor ser prudente!

— E você? Ainda não me respondeu o que houve no campus. – disse com os braços apoiados na bancada e me encarando no aguardo de uma resposta.

Fiquei tentando desviar o olhar, virei em direção a pia para lavar o prato e os talheres do meu jantar. E sem saber o que dizer, insisti:

— Tem certeza que não está com fome? Eu deixei tudo pront...

— Sarah, porque está tensa? – fechei meus olhos nervosa. Benjamim é um cara muito perceptivo. Sabia quando alguma coisa não estava legal. Mal me conhecia e conseguia me

descrever com perfeição. Seria quase impossível esconder algo dele. Eu precisava dizer alguma coisa.

— Não estou tensa!

— Está sim...

— Benjamim, pare com isso! Você é quem está me deixando tensa. Foi só um dia ruim... vamos falar de você?

Ele respirou fundo, tremendo os olhos na minha direção, enquanto mordida os lábios, era claro que sua paciência estava por um fio.

— Tudo bem... não quer falar, eu vou te respeitar. Mas...

Ufaaa, até que enfim! – pensei, retornando para a pia, de costas para ele, enquanto guardava a louça no devido lugar.

— O que aconteceu com os seus braços?

— O que?? – ferrou!

— Você caiu?

Fiquei o encarando alguns segundos, enquanto tentava encontrar uma desculpa, porém o que eu podia dizer sobre isso? Então... resolvi omitir alguns detalhes, e ir contando aos poucos sobre o meu dia.

— Ah! Meu braço?

— Sim.

— Então... na verdade, eu estava indo buscar meu material para a aula e acabei caindo.

— Mas deixei você na porta do auditório.

— Sim... sim... mas, quando já estava lá dentro, vi que tinha esquecido o material. E... tive que buscar no alojamento.

— Hum... e foi sozinha?

— Fui. Fui de circular. – *Ah! Essa história do gato subiu no telhado não vai dar certo...*

— E como caiu de costas? – Ai meu Deus... que cara insistente. – *Tenha coragem e conte a verdade!*

— Caindo.

— Como, Sarah? Alguém te empurrou? – Ben já estava com a voz alterada e bufando.

Suspirei de olhos fechados, tentando me concentrar.

— Não foi bem um empurrão... estava andando rápido e trombei com uma pessoa, me desequilibrei e caí. – *Isso não é a verdade!* – Eu sei... mas estava ficando nervosa com

meus pensamentos e a insistência de Benjamim.

— Sim... mas se machucou como? É essa a pergunta.

— Caí, Benjamim. Caí de costas e ralei o braço. – falei com raiva pela insistência dele.

— Você já disse isso e está desviando do assunto. O que foi que aconteceu hoje no campus que não quer me contar? Por que estava andando rápido e quem era a pessoa com quem trombou? Ela não te ajudou?

— BENJAMIM... que interrogatório! – ele ficou em silêncio aguardando uma resposta! Não posso mais mentir, tentei fazer a Marcela me contar os detalhes de sábado e ela não me ajudou. Não podia ficar fazendo o mesmo que ela e esconder os fatos de Ben, afinal, ele iria descobrir uma hora ou outra. E que fosse por mim...

— Vai me dizer, Sarah?

— Ben, eu vou contar, mas...

— Sabia que tinha alguma coisa errada... – falou passando as mãos nos cabelos e abaixando o rosto sobre a bancada. — Fala, Sarah! Antes que eu perca o resto de paciência que me sobrou neste dia!

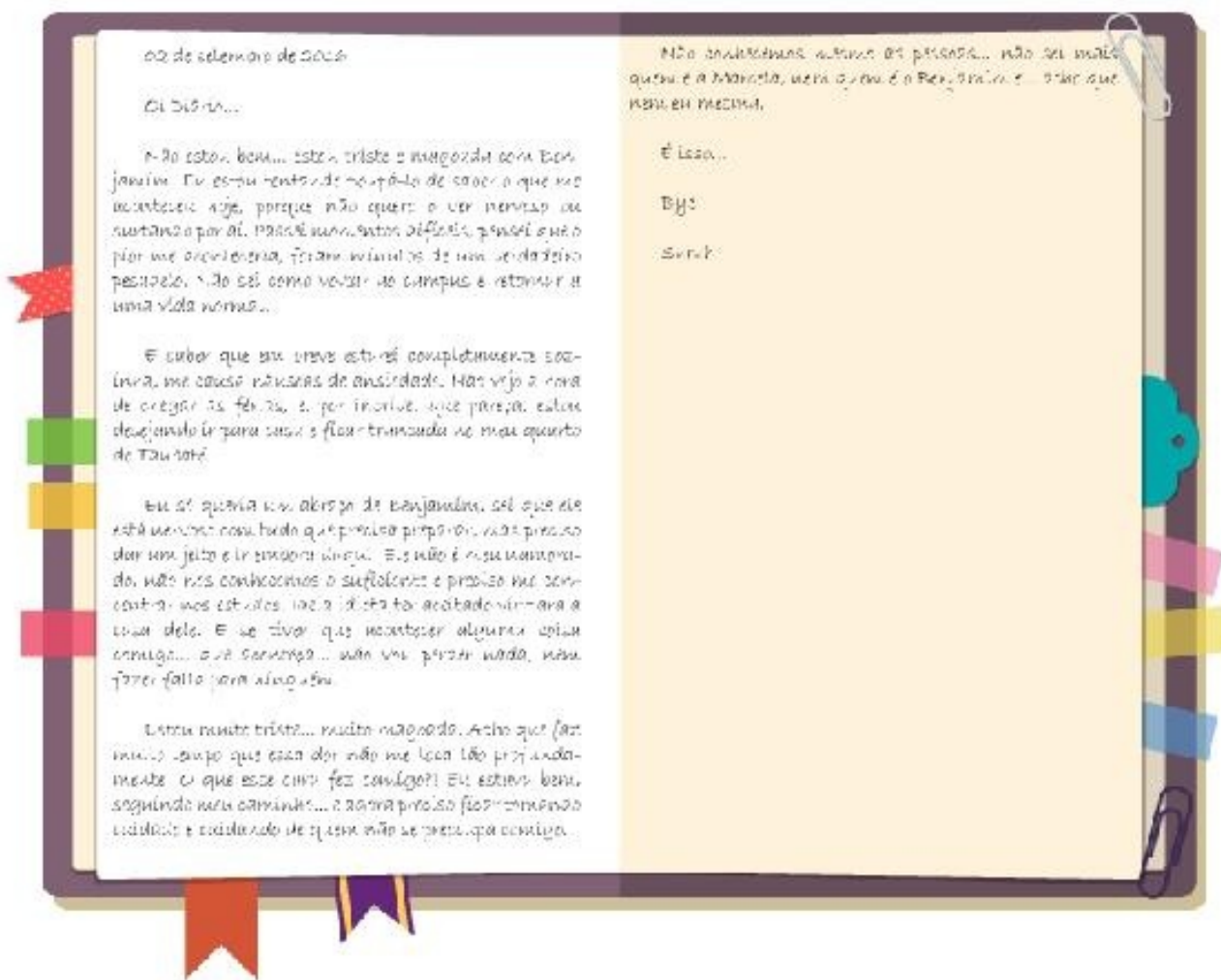
— Só se você me prometer não surtar e piorar as coisas!

— Não posso prometer isso...

— Então, não vou contar!

— Mas que DROGA, Sarah! Então, faz o seguinte... não me conte nada! E se vira em arrumar o que deu errado, está ouvindo?! – levei um susto com a reação dele, perdeu a paciência, levantou do banco e seguiu para o quarto, batendo a porta com força. Confesso que não esperava por aquilo, antes mesmo de dizer alguma coisa. Realmente não era o momento de contar nada. Sabia que estava irritado, mas não imaginei que fosse perder a calma e me tratar daquele jeito. Fiquei triste e assustada, definitivamente não o conhecia.

Fui para o quarto da irmã dele, fechei a porta e procurei meu diário. Precisava desabafar e ali eu poderia colocar meus sentimentos sem medo de ser criticada ou julgada.



Escrevi com lágrimas nos olhos e sentindo uma dor profunda. Queria ir embora, mas no fundo estava com medo de voltar para o campus. O que fazer? Que chato...

Me sinto sufocada com tudo e acho melhor ir embora antes que piore. Assim, Benjamim pode viajar sem se preocupar comigo e... – Preocupar-se comigo? Até parece que está preocupado! – *Claro que está, Sarah! Acha que ele trouxe você para cá, por qual motivo? Transar com você, não foi... porque já tiveram várias chances para isso... Ele realmente se importa. Está tendo cuidado o tempo todo. E você, não está ajudando.* – É... verdade, mas não estava sabendo lidar com essas situações... – *E digo mais, tenho a impressão que ele não quer ir para esse curso e deixar você para trás!* – Será??

Estava realmente pirando com tudo, achei que o melhor a fazer, era deixar tudo arrumado e me preparar para voltar ao alojamento.

Comecei a dobrar as roupas e organizar as mochilas, estava com quatro delas e todas estavam a maior bagunça. Levantei, fui até o banheiro, escovei os dentes, mas as malditas lágrimas continuavam escorrendo, estou mesmo magoada. Quero ligar para a Marcela, mas...

Voltei, sentei na cama e fiquei um tempo olhando para o telefone, passei o dedo na tela e

resolvi mandar uma mensagem para ela.

SARAH 19h40

Ma,

Taí?

Preciso mesmo conversar.

Estou arrasada, miga.

— Que droga... a Marcela está com medo de falar comigo. – suspirei tentando retomar fôlego e pensar em algo, deitei na cama de bruços, na tentativa de me acalmar, essa posição sempre me trazia conforto. Mesmo assim, a dor no meu peito não passava. Benjamim me magoou, me deixou sozinha e bateu a porta... sabia que ele estava nervoso com outras coisas, mesmo assim não esperava por isso.

Enquanto pensava no que o deixou tão estressado, ouvi bater na porta e chamar meu nome:

— Sarah... posso entrar?

Não sabia se fingia que estava dormindo, se ficava quieta e, aproveitava que a luz já estava apagada, não queria discutir mais nada já que ele não estava em um bom dia. Porém, quando pensei que ele fosse embora, bateu de novo:

— Sarah... por favor! Me desculpe... posso entrar? – estava triste com ele e quando fico assim preciso de tempo. Mas não adiantou, ele abriu a porta e entrou devagar:

— Sei que não está dormindo... , podemos conversar? – falou com a porta entreaberta e com a voz doce. Suspirei e não resisti:

— Oi.

— Me desculpe. Não estou bem e não queria sair daquele jeito.

— Eu sei... por isso acho melhor você ir dormir. Não podemos conversar sobre nada.

— Não, por favor! Não consigo ir dormir assim... já briguei na agência de viagem, com meu pai, com meu supervisor... e agora com você.

Fiquei o olhando com amor e senti pena de vê-lo frágil, parecia estar pior do que eu.

— Tudo bem... – acendi o abajur ao lado da cama, ele veio em minha direção, olhou nos meus olhos e disse:

— Estava chorando, né? Desculpa! Odeio isso...

— Tudo bem. – falei enxugando o nariz.

— Não... não está tudo bem. Deixa eu ver o seu braço.

— Eu estou bem. Fui até o ambulatório. – *olha a mentiraaaaa!*

— Foi? Mas não fizeram nenhum curativo nisso? Ralou legal...

— É... foi tudo muito rápido... – eita que o cara é um detalhista fora do normal. Quem iria perguntar sobre um curativo num ralado de cotovelo? Affff... – *Ele trabalha lá, Sarah!* – Claro... sua burra! E é minucioso com detalhes... não viu os armários dele?

Benjamim levantou, foi até o banheiro e voltou com uma caixa de primeiros socorros. Ao voltar, focou os olhos nas quatro mochilas que estavam no chão.

— Vou acender aqui, cuidado com os olhos.

— Tá bom!

— Você ia embora?

— Por que? – perguntei, mas já sabia a resposta.

— Porque suas mochilas estão organizadas. Vire o braço.

— Aiii...

— Nossa, Sarah! Que tombo foi esse? A pessoa ao menos te ajudou?

Fiquei olhando para ele, enquanto limpava com cuidado o machucado. Estava ardendo e doendo na dobra do cotovelo. Ben, fez tudo com carinho e acabei me sentindo mal por ficar enrolando ele. Estava sentindo dor, mas era no coração. Não sei mentir, nem enganar as pessoas, principalmente alguém como ele.

— Benjamim, pare!

— Ei, Sarah! O que foi? Não vou machucar você.

— Eu sei... mas pare!

— Venha aqui! – Benjamim, me abraçou com carinho e me beijou o topo da cabeça, senti vontade de chorar, mas me mantive firme – *Tenha coragem e fale! Ele precisa saber por você.* – minha consciência continuava me repreendendo.

— Eu preciso te contar sobre hoje.

— Tudo bem! Deixe para lá.

— Não. Por favor, me deixe falar!

— Ok...

— Não foi bem um tombo que eu levei... na verdade eu... – a expressão de Ben passou de compaixão para apreensão.

— Eu? Continue. – eu podia ver seu rosto ficando vermelho e sua fisionomia mudando.

— Fui cercada por uns caras e... – Benjamim fechou os olhos e vi seu rosto pegar fogo de raiva.

— O que fizeram?

— Eu trombei com um deles e então me arrastaram para uma viela, perto da central dos

restaurantes.

— Como assim? O que está me dizendo? Sarah, eles te machucaram? Como fizeram isso no seu braço? Pelo amor de Deus, fale logo.

— Me seguraram, eles eram em cinco, Ben.

— CINCO???? Você está dizendo CINCO? Não posso acreditar que fizeram isso com você também... Eu vou mat...

— CALMA! Não fizeram nada!

Benjamim ficou com as mãos na cabeça, queimando de ódio, até que se aproximou e me abraçou.

— Meu Deus, Sarah! Se eu pegar esses caras eu vou... eu vou enche-los de por... O que falaram? Como foi isso? Você viu quem foi? Vamos sair agora e fazer um boletim de ocorrência.

— Não posso, Ben!

— O QUE??????

— Não posso...

Incoerência

— Sarah, isto é uma incoerência com todo o seu discurso de “fazer o que é certo”. Eu não consigo acreditar nisso... não! Onde você está com a cabeça em aceitar isso?? Sarah, pelo amor de Deus!!!!

Benjamim estava enlouquecido, andando de um lado para o outro, com o rosto vermelho feito um pimentão! Fiquei tão nervosa, queria gritar para ele parar, as palavras dele começaram a entrar em minha cabeça, as cenas daquela manhã retornaram como um filme, eu podia ouvir a voz daqueles demônios em forma de homens, falando... e o pesadelo da tarde...

— *Sarah, você não entende? Vadiazinha... o doutorzinho pode... boca deliciosa... Marcela, você precisa falar... você vai aceitar isso? Se contar eu vou atrás de você... Sarah... Sarah... Sarah...*

— PARAAAAA... – gritei aos prantos. Sentia meu coração batendo tão rápido que não podia controlar meus nervos, todo o meu corpo tremia. Não enxergava mais nada à minha frente, Benjamim tentou me tocar nos braços, porém não podia mais...

— NÃOO... não.

— Sarah...

— Não... – não conseguia mais. — Não encosta em mim! — eu precisava sair dali, peguei minhas mochilas e sai correndo, só podia ver o caminho para sumir dali. Minha cabeça latejava. Escutava o Benjamim repetindo meu nome, mas não podia olhar para ele. A chave não girava e eu queria sair... senti as mãos dele tentando me segurar e entrei em pânico. O que podia fazer, queria sair dali, queria gritar, queria sumir, a porta não abria, precisava sair daquele lugar...

— ME LARGAAAAA...

— Sarah... calma... Sarah...

— NÃOOOO... – coloquei as mãos no ouvido e não conseguia me controlar, estava tudo escuro na minha frente, fiquei de olhos fechados... parecia que ia explodir... e fui perdendo as forças aos poucos, parecia que eu iria apagar, como no dia em que recebi a notícia da morte de Vivian. Senti os braços fortes de Benjamim me envolvendo o corpo, tentando me conter.

— Shiiii... ei... Shiiii... calma, calma! Por favor, fique calma! Shiii, shiii!

Eu não sabia onde estava, senti o perfume amadeirado que me acalmava, não conseguia me mexer, sentia que ele me beijava delicadamente o topo da minha cabeça, me segurando

com força e parecia que estava chorando. Aos poucos, aquelas cenas de desespero foram passando, meu coração foi desacelerando, mas ainda estava sem força. Minha respiração estava ofegante e fui tentando me localizar. Abri os olhos lentamente, tentando saber onde eu estava. Continuava ouvindo a voz doce de Benjamim me acalmando.

— Calma... por favor... me desculpe! Desculpe! Perdão... shiiii... me perdoa.

Quando consegui voltar minha consciência, vi que estávamos no chão da sala, na porta de entrada, eu estava de joelhos, sentada e Benjamim da mesma forma. Meu rosto estava completamente enterrado em seu peito e sentia que ele me balançava para frente e para trás, repetindo sem parar para que eu me acalmasse. As mochilas estavam do meu lado, caídas no chão, enquanto eu decidia o que fazer. Tinha medo de olhar em seus olhos, não sabia direito o que tinha acontecido comigo... não sei quanto tempo ficamos naquela posição.

Aos poucos fui tentando me desvencilhar do corpo dele, me sentia fraca, com sono, os meus olhos estavam inchados e minha cabeça latejava. Levantei o rosto aos poucos, até alcançar o dele e pude ver que estava da mesma forma, exausto e com os olhos em brasa, o queixo dele tremia, segurando o choro. Ficamos nos olhando por um tempo, ele gesticulava com os lábios:

— Me desculpe... – falava e balançava a cabeça desnorteado.

Eu só consegui balançar a cabeça aceitando suas desculpas, mas confesso que nem eu entendia o que tinha acontecido. A sensação era como se eu tivesse saído do ar e estado em um pesadelo horroroso. Eu queria falar, mas as palavras não saiam da minha mente, ficavam paradas em meus lábios. Benjamim segurou o meu rosto e passou os dedos delicadamente enxugando as minhas lágrimas. Fechei os olhos e me deixei levar pelo momento. Até que ouvi ele dizer com a voz baixa e rouca:

— Sarah, fica comigo! – abri os olhos e o encarei, tentando buscar uma frase que fizesse sentido para nós. Porque eu não sei nada sobre a vida, sei que vivi debaixo de uma grande opressão, que vi duas pessoas se ferirem durante uma vida que ficaram juntos porque alguém disse para ficarem, mas nunca se amaram, nem houve respeito, só havia palavras frias, sem sentido diante de um relacionamento vazio. E eu quero um amor... um amor que não possa ferir o meu coração, nem me oprimir, nem impedir de que eu seja feliz. E por mais que o deseje com todo o meu corpo, minha alma e o meu espírito, estávamos nos ferindo. Não sabia como dizer para ele... não sabia como dizer que talvez não fossemos feitos um para o outro. Nos conhecemos tão pouco e talvez ele seja o príncipe que sonhei, mas talvez não...

— Por favor... diga alguma coisa... – ele continuava falando, enxugando o rosto e com a ponta do nariz vermelha, parecia se sentir da mesma forma que eu me sentia. Tentando fazer algo dar certo, algo que não estava dando...

— Não posso... – Benjamim me olhou confuso, sem acreditar no que eu dizia. Em seguida, abaixou a cabeça e chorou soluçando. Senti uma dor tão grande em meu peito por vê-lo naquele estado, mas pensei que seria melhor assim, enquanto ainda não nos ferimos

ainda mais. — Não está dando certo...

— Como pode dizer isso?

— Me apaixonei por você...

— Você tem noção do que está dizendo? Como pode dizer que se apaixonou por mim e que não está dando certo, Sarah?

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra...

— Não? Que incoerência é essa... ?

— Não quero sofrer, Benjamim.

— Sarah... por favor! – eu estava tentando ser forte, porque queria ele para mim, queria tê-lo para sempre comigo. O Benjamim doce, carinhoso, que me seduz só com o seu olhar, com os olhos de tigre que me enfeitiça. Eu precisava sair dali enquanto ainda tinha forças para dizer adeus. Não podia me sentir sufocada, presa em alguém que antes de começar já estava escapando pelas minhas mãos... não podia sofrer... não queria mais sentir dor. – *Sarah, pense! Pense antes de deixá-lo. Não faça isso...* – Não... precisava ser forte e não me deixar levar por esses pensamentos que me confundiam.

Tirei forças, não me pergunte de onde, apenas respirei fundo, me levantei ainda sobre os joelhos, beijei o rosto de Benjamim, peguei as mochilas e chorando fiquei de pé:

— Não posso...

— Por que Sarah? Por que está fazendo isso? Não vou te impedir de ir embora, só não posso entender o que aconteceu...

— Benjamim, eu fiz uma promessa para mim. Comecei uma nova vida, quando te conheci naquela noite, foi muito especial... não sei o que viu em mim, eu vi em você o que sempre sonhei.

— Você está ouvindo o que está dizendo? Como pode continuar repetindo que sonhou comigo, que se apaixonou e ir embora da minha vida. Eu entendo que... ou melhor estou tentando entender o que aconteceu aqui... me explique por favor?! Eu queria proteger você... não tem sentido nenhum tudo isso, Sarah!

— Eu amo você, Benjamim.

— Me ama? Mas mesmo assim vai embora?

— Não vou sofrer. Não posso mais me sentir sufocada por ninguém.

— Onde eu sufoquei você?

— Passei uma vida ouvindo do meu pai que tudo o que fazia era para minha proteção. Eu quero ficar com você, mas mal nos conhecemos e já vejo você tentando fazer tudo do seu jeito e no seu tempo. Tudo na sua vida é milimetricamente calculado, organizado, etiquetado... e isso me assusta. Quando as coisas não são do seu jeito, você surta, grita... bate porta e em tão pouco tempo já me feriu...

— Sarah... eu só queria proteger você.

— Eu sei... a vida toda quiseram me proteger e não aprendi a viver.

— Isso não faz o menor sentindo... – ele continuava de joelhos no chão, enquanto negava com a cabeça discordando de tudo o que eu dizia. — Será que não consegue se colocar em meu lugar e me entender?

— Sinto muito... se não consegue entender. – me aproximei do seu rosto e o beijei delicadamente na bochecha, enquanto o via chorar com os olhos fechados. — Tchau...

— Sarah... não faça isso! Por favor!

— Tchau, Ben!

Saí antes que ele pudesse me seduzir com os seus olhos cheios de lágrimas, enquanto abria a porta e seguia para o elevador, senti uma dor tão profunda em meu peito, que tive a sensação de perder os sentidos. Pedi a Deus que o elevador chegasse antes que Benjamim pudesse pensar em vir atrás de mim, pois sei que não resistiria a minha promessa de me afastar dele. Eu sabia que era melhor sofrer agora do que vê-lo partir da minha vida, ou que pudesse estragar as chances dele com um futuro que havia traçado. Eu não tinha direito de fazer isso com ele, suspeito que a briga com o pai seja por esse motivo.

O elevador chegou e entrei correndo apertando os botões com força e várias vezes para que a porta fechasse logo. Mas quando vi as portas se fecharem e não vi o rosto de Ben vindo atrás de mim, ou tentando me impedir de partir, desabei no chão do elevador. Me agachei e com as mãos no rosto chorei, não aguentava mais chorar... – porque ele não veio atrás de mim? – *Mas você não queria que ele viesse...* – Eu quero... quero que ele me impeça de ir... – *Sarah?! O que você quer?* – Eu quero ele, mas não quero estragar a vida dele. Não quero perder ele para outra pessoa... não quero que ele me sufoque, me forçando a fazer tudo do jeito dele. – *Você enlouqueceu...* – fiquei lutando com meus pensamentos.

O elevador parou no quarto andar e meu coração disparou, levantei rapidamente e minhas esperanças reascenderam. — Ele pode ter descido as escadas e vindo atrás de mim, esbocei um sorriso e disse para mim mesma: se ele estiver atrás destas portas eu o perdoo e volto com ele, enfrento tudo ao seu lado, até a dor de vê-lo ir embora para estudar. Juntos podemos aprender a lidar com nossos medos e diferenças. – Esse será o sinal! – tive a mesma sensação de quando nos conhecemos, minhas mãos suaram e minha boca secou.

As portas do elevador se abriram e pareciam fazer isso em câmera lenta, vi alguém e uma alegria invadiu minha alma, mas em questão de segundos, como um *flash* toda a minha alegria se transformou em dor... um casal entrou sorrindo e brincando, enquanto falavam sobre qual filme iriam assistir. Acho que nem me viram ali, destruída, amassada e com a alma sangrando. Por um segundo, fiquei com uma raiva daquela alegria, meus pensamentos estavam quase saindo pela boca e falando alto: – Dá para pelo menos

fingirem que não estão felizes? – *Sarah, foi você que disse “não” para a felicidade. Você desistiu antes de tentar fazer dar certo. Pense nisso!* – Eu sei... só estou com medo! Mas ele também não tentou. Poderia ter vindo atrás de mim, ou me impedido de ir embora...

Cada número que aparecia no visor do elevador, cada vez mais próximo do térreo, mais o meu coração se apertava, mais dor eu sentia, já estava sentindo falta de ar, quando finalmente o elevador abriu as portas e eu me movimenteiei para sair e ao olhar à minha frente, pude ver que estava no andar errado, tinha apertado o botão da garagem por engano, o casal desceu ali mesmo. Esperei, apertei o térreo, e finalmente cheguei para sair correndo daquele lugar. Não sabia nem como ir embora, minha vontade era ir andando, mas não conseguiria com todas aquelas mochilas. Não era longe, mas já era tarde e depois deste dia horrível que vivi, não arriscaria sair andando no escuro.

Quando cheguei na portaria, coloquei tudo no chão, para pegar meu celular e chamar um *Uber*, procurei meu telefone e não encontrei. Comecei a olhar em todas as mochilas e nos bolsos, fiquei desesperada.

— Não acredito... esqueci a droga do telefone na mesinha do lado da cama. – Fiquei agachada ali uns segundos pensando o que fazer. – Deve estar aqui. Não é possível?! E agora? – *Você não pediu um sinal? Táí!* – Nada disso... eu disse que o sinal seria ele atrás daquela porta do elevador.

— Sarah? – Ouvi uma voz doce e rouca chamar o meu nome. Meu coração saiu pela boca. Era ele... olhei para trás, ainda no chão, e, vi parado diante de mim um homem perfeito, mas tão destruído quanto eu.

— Ben?

— Está procurando isto? – disse com a voz baixa me olhando no mais profundo dos meus olhos. – Meu Deus, me socorre! Esses olhos...

— Sim...

Ele ficou parado, descalço, apenas de calça de moletom e camiseta. Estendeu o braço com o celular nas mãos. Me levantei, deixei as mochilas no chão e caminhei lentamente em sua direção, mas não consegui tirar os olhos dos dele. Como uma presa que cai na armadilha de um tigre, fui ao encontro do meu predador e ao tocar suas mãos, senti um choque profundo que atravessou a minha espinha, me fazendo abrir todas as guardas e escudos do meu coração. Benjamim me puxou com força, me tomando em seus braços e me beijou com toda a intensidade, que só ele sabia fazer. Levantou os meus pés do chão, colocou uma de suas mãos na minha nuca, segurando firme os meus cabelos. Foi como me perder em um jardim fresco, como uma brisa que nos toca na primavera, trazendo renovação, foi o sentimento que tive ao sentir o perfume amadeirado do pescoço dele.

— Não posso deixar você sair da minha vida assim... – ele disse no meu ouvido e me soltei em seus braços me deixando levar. Não posso resistir a essa voz, não consigo mais dizer nada... — Eu quero você para mim! Não vou deixar você. – ele continuava

repetindo, ditando o meu nome e me apertando em seu peito.

— Não quero que me deixe ir... eu quero você!

— Vamos fazer dar certo. Vamos conversar... me perdoa se te assustei!

Eu sorri e disse:

— Eu que tenho que dizer isso.

— Sarah, quase morri enquanto te via ir embora.

De repente estávamos ali no maior amor... nos beijando e nos deliciando com palavras e sensações, quando escutamos uma voz grossa:

— Está tudo bem, dr. Hakin? – era o porteiro. Tive vontade de rir, mas também fiquei constrangida com a cena.

Olhamos os dois para o senhor, que devia ter uns 60 anos. Imagine o que estava pensando de nos ver ali cheio de amor no meio do caminho.

— Sim, Alfredo! Agora sim! – Ben respondeu rindo.

Escondi meu rosto no peito dele que logo me soltou e disse:

— Venha, vamos subir e terminar isso lá em casa. Vamos deixar aqui embaixo todo esse estresse. – Ben segurou minha mão firme, caminhou até as mochilas, pegou tudo e caminhamos em direção aos elevadores. Entramos e me lembrei do primeiro dia em que estive aqui, que não faz tanto tempo assim. Dentro do elevador tinha uma caixa de som e tocava uma rádio, quando ouvimos a letra, comecei a rir e Benjamim repetiu as palavras rindo para mim:

— *“A gente se conheceu há pouco tempo... Entre um em um milhão nasce um Adão e Eva. Um Romeu e Julieta em meio a tantas guerras. Mas quando se vale a pena o amor supera. Não sou anjo da guarda. Mas eu vou te proteger. Esse seu sorriso é o combustível pra eu viver... Iê, iê, iê, iê ... Se você me pedir pra ficar pra sempre com você... Nem vou pensar duas vezes pra te responder ... 'Cê sabe que eu vou, vou, vou... Pego minhas coisas e vou... Ficar pra sempre, sempre com você”...*

Não tenho mais como resistir a esse homem... fiquei olhando para ele sorrindo enquanto ouvia cada palavra dessa música que eu amo, de Jorge e Mateus. Ouvi a letra esses dias e pensei tanto nele e agora isso aqui... – *Você não pediu um sinal? Táí!* – Sim... um sinal de que ele é meu! Agora sim... – Sarah... Sarah... !

Chegamos e entramos no apartamento dele e o ouvi dizer baixinho:

— Sai daqui, capiroto!

— O que disse? Falou comigo?

— Claro que não, Sarah! Estou tirando essa urucubaca que veio em cima da gente nestes últimos dias.

— É... sou obrigada a concordar.

Benjamim levou minhas mochilas para o quarto, enquanto eu ainda olhava ao redor, me lembrando de uma hora atrás com toda aquela confusão. Segui em direção ao sofá e me sentei, suspirando e tentando recarregar minhas ideias. As luzes estavam somente no abajur, Ben retornou, afastou a mesa do centro para o lado, se ajoelhou na minha frente – fiquei tensa, o que ele vai fazer?

— Sarah?

— Hum.

— Escute bem o que vou dizer.

— Tá bom.

— Primeiro: me desculpe! Não quis em momento algum te sufocar.

— Benjam...

— Só me escute. Depois você diz o que quiser. – dei mais um suspiro e concordei com a cabeça. — Segundo: Não sou o seu pai! Não sou como ele. Não vou obrigar você a nada. Eu prometo te ajudar nesta nova fase da sua vida. Apenas, entenda, eu não tenho uma bola de cristal. Não sei de tudo, não te conheço o suficiente para saber quais são os seus medos e você precisa ser sincera comigo, se abrir e me dizer o que acontece, caso contrário, não tenho como saber. Não quero que tenha medo de mim. Vou repetir: Não sou o seu pai! Entendeu?

Mais uma vez, concordei com a cabeça. Enquanto o ouvia e tentava assimilar aquelas palavras que me faziam compreender que ele não era como o meu pai. O meu medo de sofrer tudo de novo era tão grande, principalmente quando me lembrava de que Benjamim tinha me contado que todos da sua família eram bem religiosos e por alguns momentos pensei que viveria o meu passado novamente. Prometi que seria feliz e serei! – ele continuou:

— Em terceiro lugar: Se existe diferenças entre nós, vamos arrumar! Preciso saber o que te incomoda, porque disse que sou organizado, etiquetado... o que quis dizer com isso?

— Ben...

— Escute: Não vamos conseguir arrumar tudo em um dia. Vamos aos poucos, tudo bem?

— Sim! O que mais quer dizer?

— Em último lugar, eu quero dizer: Também estou apaixonado por você! Não sei o que é isso... desconheço esse sentimento, Sarah! – ele suspirou de olhos fechados e continuou — Não quero mais ir para Boston e deixar você aqui. E essa foi a briga que tive com meu pai.

— Ben...

— Hoje já liguei para Boston e mudei todos os meus planos. Vou terminar o último

período aqui. E só começo no hospital dos EUA em janeiro.

— Benjamim... – fiquei sem fala. Meu Deus! – pensei comigo.

— Quando você saiu por aquela porta dizendo que não podia tentar, meu mundo desabou! Pensei que tinha perdido você e a confiança do meu pai. Pensei ter jogado tudo no lixo.

— Ben... me desculpe!

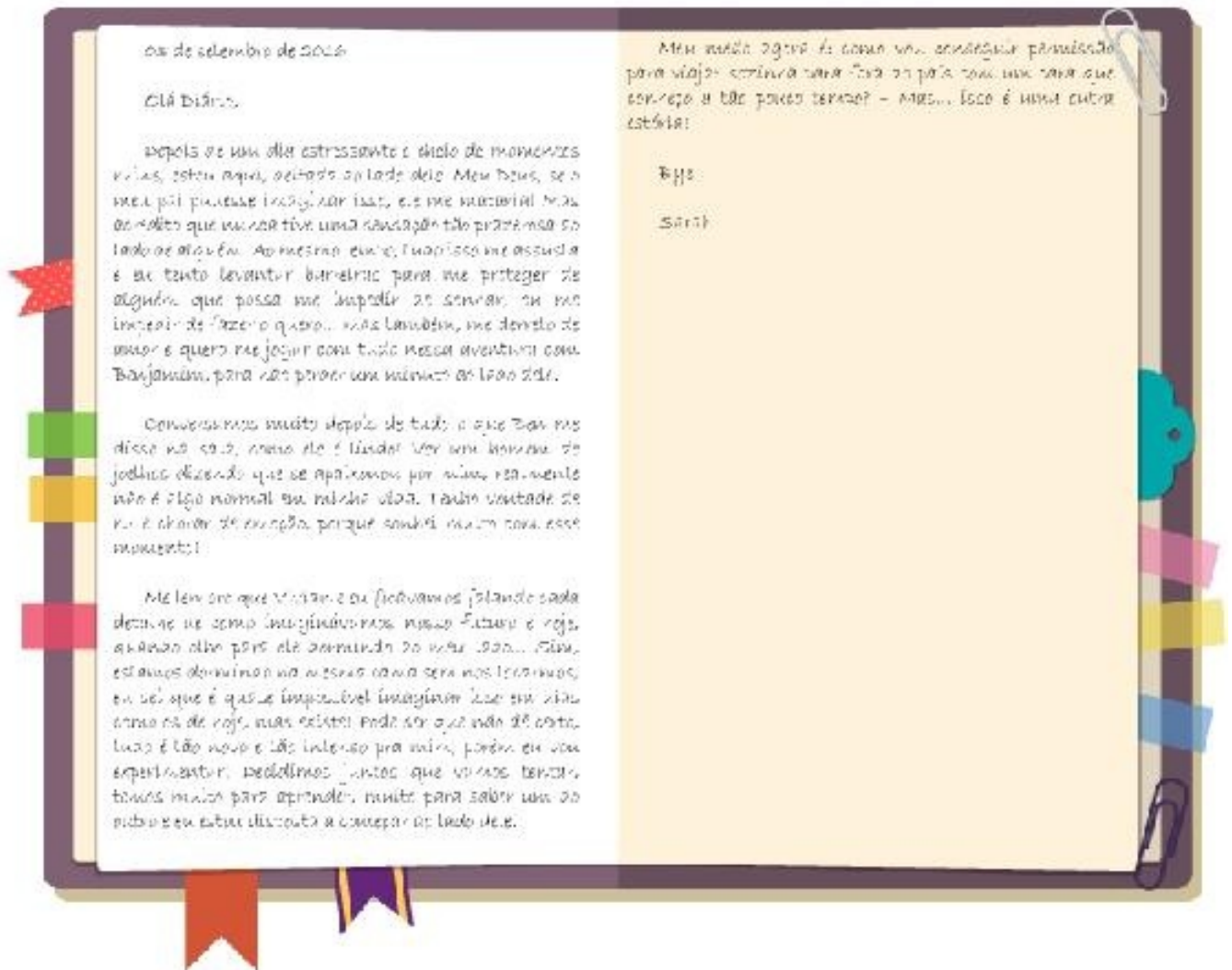
— Não quero que me peça desculpas! Só quero que entenda, estou mudando o destino da minha vida. Estou reajustando a minha direção, Sarah. Porque quero ficar com você. Não vou deixar você aqui e ir embora, no momento mais importante de uma relação, que é o de nos conhecermos. Entende?

— Ben... – o que eu digo para ele, Senhor?! Meu Deus... como assim não vai me deixar?! Ou não vai mais viajar...

— Sarah, em janeiro a faculdade estará de férias. E quero que venha comigo para os EUA.

— Benjamim!

Abrindo as guardas



Depois de um dia intenso como esse, fechei meu diário e o coloquei em cima da mesinha de cabeceira. Apoiada no meu braço, fiquei olhando Benjamin dormir, passando os meus dedos sobre cada linha do seu rosto, sem encostar na pele dele, apenas o desenhando no ar. Tudo parecia um sonho, ele estava sem camisa e dormia como um anjo, é claro que eu queria tocar nele, mas não podia. Me deitei olhando para o teto, uma luz alaranjada entrava por entre a persiana e eu ainda custava acreditar que estava ali deitada ao lado dele. Fiquei pensando em tudo que Benjamin me disse, desde as palavras das cicatrizes até o momento em que me disse estar apaixonado, sorri e entendi que enquanto não perdoasse o meu pai e suas limitações como homem, talvez não conseguisse me libertar da prisão que criei em minha alma. Grilhões de rancor, de ranço, de indignação pela ignorância e pela religião, da insanidade de crenças que os homens acabam criando e levando outros, nos conduzindo a abismos da vida. Em outras palavras, Benjamin abriu

os meus olhos e eu entendi que existe um outro rumo que eu deveria seguir para me sentir livre, aquele caminho que se chama: perdão! Ainda não sei como... mas sei qual será o alvo!

Agora minhas prioridades começavam a se definir: eu preciso denunciar quem tentou me ferir, preciso falar com a Marcela e preciso visitar minha família, eles precisam saber minha decisão de ir para os EUA. Não faço ideia como isso irá acontecer. Talvez os pais de Benjamim não aceitem isso, eles podem achar que eu vou atrapalhar os estudos dele...

O sono mais uma vez me escapou, me levantei e fiquei por um tempo olhando pela janela. Aquelas luzes da madrugada me faziam bem, não sei porque, mas sempre gostei de ficar olhando a noite, o céu estrelado e as luzes da cidade brilhando no silêncio. Uma cidade que não parava, parecia calma e em paz. Eu estava distraída, quando ouvi a voz de Benjamim:

— Ei...

— Oi...

— O que foi? Está tudo bem?

— Sim. Só estou sem sono.

— Hum... está ouvindo?

— O que?

— O vizinho maldito! – tive que rir.

— Verdade, no mesmo horário de ontem.

— Terrível! Sempre acordo com isso. Vem aqui, deite comigo. – suspirei e fui em sua direção.

Deitei na cama e ficamos nos olhando em silêncio, ele ficou passando os dedos sobre o meu rosto, o contornando, enquanto eu apenas sorria. Aquilo foi me dando sono e deitei no peito de Benjamim, sem encostar muito no corpo dele, para nossa segurança, é claro! E o sono chegou...

O dia amanheceu, a luz do sol entrava pelos vãos da persiana, abri os olhos devagar, tentando vencer a claridade e percebi que estava no quarto de Benjamim, porém ele não estava ao meu lado. Sentei na cama sentindo como se um trator gigante tivesse passado pelo meu corpo e me amassado 1000 vezes. Mexi meu pescoço de um lado para o outro tentando colocar tudo no lugar. Me levantei, segui para o banheiro, precisava dar um jeito no meu rosto antes que Ben entrasse e me visse daquele jeito, toda descabelada. Me olhei no espelho e fiquei falando comigo mesma: — O que que é isso?? Gente, olha a minha cara! Preciso de banho, mas minhas coisas estão no outro banheiro! – tranquei a porta ali mesmo e entrei no box, deixando a água quente cair sobre a minha cabeça. Nem sei quanto tempo fiquei ali, saí, procurei por uma toalha no armário, eram todas azul-escuro, me enrolei e fui para o outro quarto pegar minhas coisas.

Quando saí dei de cara com o Ben no corredor.

— Oi. — ele disse me olhando sem fala.

— Oi... pensei que tivesse saído.

— Sim, eu fui aqui embaixo mesmo, o condomínio tem uma conveniência que vende pães e... — ele falava e me olhava de cima a baixo, vi que estava sem jeito e tropeçando nas palavras.

— Hum... desculpa, eu acabei tomando banho no seu banh...

— Não se desculpe! Pode usar o banheiro que quiser.

— Hum... tá bom! Vou... me arrumar... — falei sorrindo querendo abrir o chão e entrar dentro.

— Tá bom... — quando estava nervoso ficava com o rosto em chamas. E vi que aquele momento o deixou sem jeito.

Segui para o outro quarto e me arrumei. Coloquei um vestido lilás que a Marcela tinha me dado, uma sapatilha, sequei meus cabelos, e vi que estava precisando cortá-los, estavam enormes, cheio de ondas e batendo na cintura, eu gostava dos meus cabelos.

Fui até a bancada da cozinha e Benjamim tinha preparado um prato de mamão com mel, pães e café.

— Não sei se gosta de mamão.

— Sim, eu gosto! Obrigada.

— Está linda.

— Ah... obrigada... a Marcela que me deu! — respondi. Ele ficou me olhando e fiquei desconcertada.

— Come. Vamos dar uma volta?

— Não tem aula hoje? — questionei.

— Até tenho, mas não vou. Precisamos dar um tempo, pensei em descer a serra e dar uma volta no Guarujá. Topa?

— Hum... tá bom. — ele continuava me admirando e eu estava muito envergonhada.

— O que foi? Está com vergonha. — falou me olhando com aqueles olhos que me seduzem.

— Um pouco. — falei com a xícara em direção a boca.

— Por que?

— Porque seus olhos me seduzem e eu fico constrangida. — ele soltou uma gargalhada.

— Na verdade, é o contrário! Você me seduz com esse jeito meigo, doce, quem vê pensa que você é mansa assim... mas na verdade, você pode me destruir a qualquer momento.

— Eu?? Como?

— Sim... tive a prova disso... a qualquer momento posso ser destruído por você.

Respirei fundo e sabia o porquê ele disse aquilo. Eu o havia ferido ontem quando brigamos e fui embora. Mas se ele pensa que eu posso machucá-lo, não faz ideia de como ele pode fazer o mesmo comigo.

— Então somos dois que podem se ferir. — falei olhando profundamente nos olhos dele. Eu sabia encará-lo a altura de seu feitiço.

— É disso que estou falando!

— Do que?

— Desse olhar. Você só parece ser frágil, Sarah! Mas como já disse, você é uma gatinha siamesa, delicada, com esses olhos azuis que me seduzem e esses cachos dourados que brilham, anda com calma, cheia de charme, mas como uma gata, pode me arranhar e me ferir quando eu menos esperar. E como toda gata, não pode se sentir presa — apenas o ouvi e sorri.

Levantei sem dizer nada, pois não queria comentar e nem prometer nada para ele. Temos muito que aprender sobre cada um. Beijeí seu rosto e segui para o banheiro para escovar os dentes.

— Ben, preciso levar um casaco?

— Melhor, Sarah! Você trouxe um?

— Não.

— Pode pegar no armário.

— Nossa, eu aqui me preparando para passear enquanto na segunda começam minhas provas.

— Não se preocupe, amanhã ajudo você a estudar. Quer ir de moto ou de carro?

— Ahhh, Ben! De moto vou ter que trocar de roupa...

— Sim. Uma calça jeans e camiseta. Leva o vestido para usar lá.

— Tá bom.

Eu estava eufórica, era tudo o que eu queria: andar de moto com aquele gato mais do que os 10 minutos que sempre andávamos. Ele estava lindo! Pegou os óculos de sol espelhados e o capacete, e de calça jeans, assim como eu, uma camisa branca de linho com uma jaqueta de couro cinza. Eu vestia uma camiseta e uma jaqueta de couro vermelha, que era da irmã dele.

— Ben, sua irmã pode ficar chateada por eu ter pegado uma roupa no armário dela.

— Não se preocupe. Quando conhecer minha irmã, você vai ver como ela vai te amar. — Hum... — pensei comigo... Não tenho certeza disso.

— Faça uma malinha! Se chover, vamos dormir lá.

— Onde?

— Meu pai tem um apartamento no Guarujá.

— Hum... – claro que tem.

Saímos, pegamos a moto e seguimos para a estrada. Não queria estragar meu dia pensando em nada... Se era para ser feliz e deixar meus escudos de lado, então vou deixá-los hoje! O dia estava lindo, céu azul e quente. Segurei firme no corpo de Ben, que sensação maravilhosa... enquanto o sentia perto de mim, sentia a liberdade me tocar o rosto.

— Sarah, quando entrarmos na serra, feche a frente do capacete, por segurança.

— Está bem.

Ele foi bem devagar e eu fui curtindo a paisagem, o vento, o perfume dele e claro... adivinhe... a nuca deliciosa de Benjamim. — *você e essa nuca* – Sim... ele é uma delícia. Depois que saímos de São Paulo e do aroma desagradável do Rio Tietê, entramos na rodovia dos Imigrantes e pude curtir melhor o perfume da natureza.



A viagem não demorou muito, chegamos na hora do almoço. Passeamos pela orla que estava lotada de gente, paramos a moto na avenida de frente para a praia e descemos para tomar uma água de coco e admirarmos o mar.

— Já tinha vindo aqui, Sarah? – ele me perguntou por eu estar o olhando emocionada, pois pela primeira vez eu estava vendo o mar. Nunca tinha entrado, ou visto a sua cor de tão perto. Mas estava sem jeito de dizer isso, então agradeci com os olhos. E ele, sabia disso!

— Nunca. – respondi quase sem voz. Ben me abraçou, tiramos o tênis, ele segurou minha mão e descemos a areia da praia até o mar.

— Então aproveite para sentir a areia nos seus pés e a água gelada do mar!

Aquele momento era algo mágico em minha vida, mesmo que um dia não ficássemos juntos, jamais me esqueceria de que ele foi o primeiro a me beijar, me tocar e a me conduzir com tanto carinho a uma das melhores sensações... pisar na areia e me molhar com água gelada do mar. Eu estava tão feliz ali com Benjamim, que não me importei da minha calça ficar encharcada quase até o joelho. Na verdade, eu queria entrar com tudo e mergulhar, mas tinha vergonha de dizer isso, e além do mais, eu não sabia nadar. A onda batia e eu sentia o perfume de maresia que me envolvia; nos beijamos ali em frente aquela multidão sem nos preocuparmos com nada. Senti-lo me segurar nos braços com carinho e tocar seus lábios macios nos meus, com a água do mar indo e vindo sobre os meus pés, me deixaram eufórica. Eu respirava fundo e soltava todo o ar carregado que estava nos meus pulmões, permitindo assim, que aquela energia boa e perfumada da brisa do mar renovasse a minha alma.

Eu parecia uma criança sem rumo e sem medo. Amei ouvir o barulho do mar me reverenciando naquela tarde com as ondas que vinham e lambiam meus pés, eu fechava os olhos e abria os braços esperando a próxima onda que chegaria. Sentia a areia molhada se derretendo e afundando os meus dedos aos poucos, enquanto os braços fortes de Benjamim me seguravam pela cintura e ele sussurrava em meus ouvidos:

— Se eu puder, te darei o mundo.

Virei para trás e o amei mais uma vez. Ficamos nos olhando profundamente nos olhos, com os pássaros cantando a melodia da vida e da liberdade, enquanto as batidas das ondas faziam um fundo musical. Eu não podia me sentir mais feliz! Segurei o lindo rosto de Ben e o beijei com todo o meu amor.

— E eu te darei o meu coração.

— Procurei por você durante a minha vida. Você é o meu galardão na Terra, Sarah! – quando o ouvi dizer aquelas palavras, as lágrimas desceram pelo meu rosto e o abracei. Por um instante, temi perde-lo com o tempo. Senti muito medo de vê-lo partir e o nosso amor esfriar pela distância. Um aperto forte tomou o meu coração e clamei a Deus em silêncio, pedindo aquele homem para mim para todo o sempre. Minha esperança é que meus pais me deixem ir com ele para os EUA.

— Ei... o que foi? Ficou triste?

— Não. Fiquei feliz!

— Feliz?

— Sim... os felizes também se emocionam.

— Vocês mulheres são um caso de pesquisa. Acho que por isso preciso estudar o cérebro humano. Será que assim posso compreender vocês?

— Por que “vocês”?

— Porque tenho quatro mulheres em minha vida das quais eu amo muito.

— Quatro?

— Sim. – puxa... lá vem a morena. Por que quatro? – pensei comigo.

— Pensei que podia ser só eu. – respondi e ele sorriu.

— Ciumenta! Você, minhas duas irmãs e minha mãe.

— Ah... está certo.

— O que pensou?

— Ah... deixa para lá.

— Fale.

— Pensei... na sua prima. – falei morrendo de medo de estragar o momento.

— Ahhh... não! Sarah, pelo amor de Deus! Por que está de implicância com a Jacque?

— Jacque... porque tem que chamar ela assim? Que saco isso... — *Sarah, isso não vai dar certo!*

— Foi só um pensamento. Não estou de implicância. Você que perguntou.

— Tudo bem... não quero brigar com você, mas pare de falar dela assim. Quando a conhecer vai deixar de pensar bobagem.

— Benjamim, você tem uma foto dela na sala da sua casa. Não entendo isso.

— Meu Deus! É sério que vamos começar com isso agora? — vi que isso o irritou e não entendi aquela reação.

— Tudo bem! Não quero brigar com você, só acho estranho. Como você reagiria se eu tivesse a foto de um primo na sala da minha casa, sorrindo como se fosse meu namorado.

— Chega, Sarah! Vamos embora! O tempo está virando e a chuva vem vindo pelo mar.

Ele segurou minha mão com força e subimos para o calçadão. — *Satisfeita, Sarah Furtado! O cara estava cheio de declaração, agora azedou tudo!* — Mas pelo menos falei o que eu queria. Não gosto de me sentir insegura e essa “Jacque” me deixa assim. Quando chegamos lá em cima, ele estava bicudo, batendo as mãos na calça e pés, e não olhava para mim. Puxa... acho que o azedei mesmo. Por mais que eu tente, às vezes acho que ele parece meu pai... e isso me dá medo! Mas ele já me disse que não é, então não posso deixar esses medos e inseguranças estragarem nossa tentativa de dar certo. Resolvi baixar minhas guardas e me aproximei devagar, na tentativa de seduzi-lo e acalmar o seu humor.

— Ben... — tentei vir com calma, mas ele não respondeu, continuei me aproximando. — Desculpa... — ele me olhou meio de lado e levantei os ombros em redenção.

— Sarah, qual o seu problema? Por que faz isso?

— Me desculpa. Eu não achei que fosse ficar bravo.

— Eu não estou bravo. — respirei fundo e fiquei olhando para ele.

— Mas está chateado. Eu não queria te deixar assim. Estava tudo tão maravilhoso, não quero discutir com você.

— É disso que tenho medo. Desse seu jeito felino... vem de mansinho e me quebra por dentro. O que eu faço com você? Não consigo ficar bravo. Vem aqui. — ele me segurou e me beijou com carinho. — Não quero mais que fale da minha prima. Já vi que esse assunto te incomoda, mas você vai precisar resolver isso, porque sabe que é na casa dela que vou ficar durante o curso.

Respirei fundo tentando me recompor, eu realmente sabia disso e aquilo me atormentava. Subimos na moto para correr da chuva, mas não teve jeito, fomos pegos por ela e quando chegamos ao apartamento, estávamos ensopados. Na praia, eu tinha tirado a jaqueta e guardado na mala, estava descalça, minha camiseta estava toda molhada e Benjamim da mesma forma. Quando entramos no elevador do apartamento, ele ficou me

olhando e eu estava louca para agarrá-lo ali mesmo, ele é tão sexy e sedutor. Mas Ben, não encostou um dedo em mim, até entrarmos.

Quando fechou a porta, ele me agarrou pelo braço e me puxou para perto dele com força:

— Sarah... você está linda demais... . impossível resistir a você, te vendo assim toda molhada... não sei se aguento. — ele falava ofegante e eu podia sentir sua excitação, enquanto me beijava contra a parede do corredor do apartamento. Ele segurava meus cabelos e os cheirava com os olhos fechados. Descia beijos intensos pelo meu pescoço e deslizava as mãos por todo o meu corpo e eu me deliciava, retribuindo com as mãos pelo o seu rosto e descendo para suas costas que estavam com a camisa colada no corpo pela chuva. Agora era eu que tinha que manter o juízo, só não sei como. — *Sarahhhh... fique firme!* — minha consciência acordou na hora certa.

— Ben, não diz isso...

— Sarah... estou louco! Juro que estou tentando... mas...

— BEEEN!!!!??? — ouvi uma voz aguda gritar e Ben deu um pulo para trás me soltando, enquanto eu tentava me recompor.

— Bia?? O que está fazendo aqui? — Benjamim falou surpreso e eu pensei: — ai meu Deus! O que é isso??

— Que isso?? Não vai me abraçar? Aliás, melhor não, já vi que a chuva pegou vocês. Não vai apresentar sua amiga? — a irmã de Ben respondeu, enquanto eu estava sem fala - Meu Deus?! Que vergonha! Era a irmã de cabelo curto que eu vi na fotografia.

— Claro! Sarah, essa é a minha irmã Beatriz. — ele falou engolindo seco. E eu morrendo por dentro. Não estou acreditando que fomos apresentadas assim...

— Sarah! Que nome lindo. Meu irmão não falou que estava namorando. Você é realmente linda.

— Oi... obrigada! Você também. — caramba. O que posso dizer? Cadê o buraco para eu entrar dentro? Eu vou matar o Benjamim...

— Bia... nem nos falamos nestes dias. Cadê a Bella? — Benjamim perguntou para ela.

— Saiu com o namorado.

— Vocês vieram sozinhas com os namorados? E o pai sabe disso?

— Qual o problema? Você não está sozinho aqui com a Sarah? Ele nem sabe que descemos. E eu não vim com ninguém, só a Bella.

Fiquei olhando os dois conversando num tom meio ácido e fiquei sem saber o que dizer. Já estava constrangida o suficiente com o flagra. Vi que Ben não gostou das surpresas, tanto das irmãs na casa, quanto delas estarem junto com outro cara.

— Está certo. Bom... acabei de chegar e vou mostrar o lugar para ela. Vem Sarah, vou

te mostrar o quarto, tome um banho para tirar essa roupa. – seguimos para um dos quartos, enquanto a Bia nos olhava com um ar engraçado. De certo estava achando tudo cômico, porque afinal, nos pegou numa situação constrangedora. Assim que entramos, ele fechou a porta e eu já comecei falando:

— Ben, isso é muito chato! Que situação... estou morta de vergonha, olha o nosso estado. Você vai ficar aqui comigo? – falei olhando no espelho gigante que tinha no quarto. Eu estava ensopada e muito constrangida, a camiseta estava transparente aparecendo meu sutiã, meus cabelos molhados grudavam no corpo.

— Eu não sabia que elas estariam aqui. Situação? – ele bufou. — Imagine a minha situação naquela hora. Mas não se preocupe! Eu vou dormir no sofá-cama. E relaxe quanto as minhas irmãs, elas não mordem, só fiquei chateado, porque achei que poderia curtir você sem ninguém para atrapalhar. E ainda trazem um cara para cá... ai meu Deus!

— Mas é melhor assim. – eu disse e ele ficou me olhando sorrindo.

— Fomos salvos pelo gongo com os furacões I e II, Bia e Bella.

Rimos juntos e segui para o banheiro para tomar banho enquanto Ben saiu para conversar com a irmã.

Um passeio atribulado

Depois do susto que levamos quando chegamos no apartamento, tomei um banho, coloquei o vestido que tinha usado pela manhã, preendi parte do cabelo e usei uma maquiagem leve, como a Marcela tinha me ensinado. Fiquei um tempo olhando pela janela do quarto, a extensão do mar azul – todo o apartamento era rodeado por janelas enormes de vidro que davam visão para o mar – uma beleza de tirar o fôlego. Tantas coisas passam pela minha cabeça, fico pensando como tudo é tão grandioso e poderoso.

Hoje mais cedo eu fiquei sem fala diante do mar, sentir aquela nevoa chuvosa tomando conta de toda a praia. O tempo claro e ensolarado ser transformado em nuvens pesadas que derramaram do céu uma chuva forte com ventos e raios. E por um instante, fiz uma analogia com a vida, como de repente, um dia ensolarado pode mudar para um dia de tempestade, e senti um aperto no peito. Temi perder esses momentos felizes que estou vivendo, porque minha vida sempre foi rodeada de alegrias que se transformavam em tristezas. E enquanto eu viajava em meus pensamentos, senti as mãos de Benjamim segurando minha cintura e os seus lábios beijarem meu pescoço com delicadeza.

— Ei... o que foi? Está pensativa.

Sorri e disse:

— Sim. Pensando nas reviravoltas da vida.

— Isso é bom?

— Não sei...

— Não parece bom... estou vendo uma nuvem negra sobre sua cabeça. Está triste?

— Não. Estou apenas refletindo e tentando encontrar um equilíbrio na minha vida. Não quero ser como antes, quero me redescobrir encontrando novos caminhos, nem sempre é tão fácil quanto parece.

— O que aconteceu? Eu fiz alguma coisa? Ou são só pensamentos mesmo?

— Não aconteceu nada. São só pensamentos mesmo. E sim, você fez! Tem me deixado mimada e feliz. – ele riu e me beijou.

— Olhe para mim. – me virei para ele e o olhei profundamente nos olhos, enquanto ele dizia — Não pense muito no que pode acontecer. Vamos viver um momento de cada vez. Deixe as coisas acontecerem. Você tem tentando controlar o seu futuro e não podemos fazer isso, Sarah. Não temos esse domínio sobre a vida, essas expectativas nos abatem. Entende? – cada dia mais esse homem leva um pedaço do meu coração. O olhei emocionada porque sempre tinha palavras profundas que me ensinavam a olhar a vida de uma forma mais leve. Passei as mãos pelo rosto dele e disse:

— Benjamim... seu nome é lindo! Sabe o que significa?

— Sim...

— Deriva do hebraico *Benyamin*, *Ben*, significa “filho”, e *yamin* é “mão direita”. Seu nome significa “*Filho da felicidade*”.

— Sim... – ele concordou meio envergonhado.

— Você é a minha felicidade. Um presente de Deus em minha vida que veio para sarar a minha alma, me resgatar da dor e me mostrar que eu posso ser feliz. Ben, quando eu saí, naquela noite que nos conhecemos, eu tinha em mente a ideia de fazer tudo o que nunca fiz. Mesmo não sabendo por onde começar e temendo desagradar a Deus, eu decidi que faria de tudo – enquanto eu falava, ele me olhava emocionado e surpreso com a minha revelação — mas desde quando você me beijou, eu tenho sentido o seu cuidado, como um anjo que Deus me enviou para cuidar do meu coração. E mesmo que eu tente lutar contra os designios de Deus, não vou vencer o amor que tem nascido no meu coração. É mais forte do que eu!

Benjamim ficou me olhando com os olhos arregalados e a boca aberta, era claro que ele não esperava pelas minhas palavras.

— Sarah...

— Hoje faz uma semana que nos conhecemos e parece que estamos juntos há anos. Não sei explicar isso...

— Sarah... não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Eu é que precisava te dizer isso...

— Você é tão linda. Tem uma alma doce! Mesmo depois de tantas lutas internas, inseguranças, perdas e dúvidas. Depois de tantos anos de pressão psicológica, você tem descoberto o quão forte é! – ele me disse. Eu sorri e o beijei, sendo correspondida com carinho até que nos perdemos em beijos fortes e molhados.

— Benjamim... suas irmãs não estão esperando para o jantar?

— Hum... estão... mas podem esperar um pouquinho.

— Melhor não... vamos...

— Pelo visto, você gosta mesmo de tirar doce da boca de criança. – sorri com o comentário dele.

— Na maioria das vezes você é quem tem tirado esse doce da boca de criança... – rimos juntos.

Depois do tempo que passamos juntos cheios de carinho, seguimos para a sala e todos decidiram sair para jantar em algum lugar legal. Por causa da chuva, fomos todos no carro do namorado da Bella, a outra irmã de Benjamim, que por sinal, era um amor de pessoa, pelo menos até agora. Me recebeu com muito carinho, me abraçou repetindo diversas vezes que eu era linda, até me deixando um pouco constrangida novamente.

Entramos em um restaurante que ficava de frente para a orla da praia. O ambiente era bem aconchegante, com varal de luzes vermelhas, velas e sofás confortáveis. Ben sentou ao meu lado e me abraçou, enquanto Bella sentou do outro lado com o namorado e a Bia ficou no meio.

Conversamos sobre vários assuntos, elas me fizeram mil perguntas: onde eu tinha nascido, o que eu fazia na faculdade, como nos conhecemos e há quanto tempo estávamos juntos. Foi um momento tenso para mim, Ben ficou me olhando com o braço sobre o sofá por de trás da minha nuca e com uma das mãos ele rodava o copo de bebida, parecendo distraído e distante.

— Hoje faz uma semana. – eu disse meio sem jeito, respondendo a irmã dele.

— Nossa... só isso?! – a Bia se espantou e eu sorri sem jeito — Parece que vocês estão juntos há muito mais tempo! A forma como se tratam e pelo jeito que conversam, muito louco isso!

— Verdade, parece que se conhecem de longa data. Vocês combinam muito, Sarah! Mas eu preciso te contar algumas coisas sobre o meu irmão, senão depois você vai dizer que eu não avisei! – disse a outra irmã, Bella, enquanto Ben a encarava fuzilando com os olhos e rindo.

— Pode parar, Bella. Essas coisas só contamos depois de um ano. – disse o namorado dela – e Benjamim continuava quieto, apenas olhando para todos. Confesso que achei estranha a reação dele, não sei se está pensando no que estão dizendo, ou se no que eu disse antes de sairmos. Fiquei incomodada com a expressão em seu rosto. Parecia pensativo e aos poucos fui me sentindo insegura. Será que ele está com vergonha de mim? Afinal, as irmãs dele eram lindas, viajadas e bem resolvidas, enquanto eu... eu era apenas uma menina tentando se descobrir em um mundo novo. Ele pediu licença e saiu para ir ao banheiro, atrás dele foi o namorado da Bella, e eu fiquei sozinha com as gêmeas. Meu coração ficou acelerado, com medo de que me perguntassem alguma coisa que eu não pudesse responder. Elas eram engraçadas e curiosas:

— Sarah, agora que o Ben saiu conte aí: ele não tem sufocado você com mil perguntas? Por que não sei se você sabe o quanto meu irmão é metódico?! Ele é um amor... mas é um chato, viu! – fiquei sem chão. Como assim? Por que elas estão falando dele desta forma? Eu jamaisalaria isso do meu irmão, se tivesse um. Eu queria fazer mil perguntas, mas quando tentei perguntar sobre o que exatamente elas queriam dizer sobre “sufocar”, Benjamim voltou e se sentou ao meu lado. – sorri sem graça. Na verdade, aquela informação não era legal. Fiquei nervosa e não consegui mais disfarçar, então, pedi licença para ir ao banheiro. Ele se levantou e eu saí rápido, precisava respirar um pouco.

Demorei um pouco tentando me acalmar, porque não esperava ouvir aquelas palavras. Como não tenho nenhuma experiência com namorados e irmãs, achei tudo muito esquisito. Minha maior insegurança estava abalada e com as palavras de quem o conhece, isso que mais me perturbou.

— Será que me enganei? – *Sarah, não se precipite! Ela pode ter falado de forma figurada.* – mas também pode ter sido um alerta. Eu tenho me declarado para ele... ai meu Deus! Preciso manter a calma e usar a cabeça.

Voltei para a mesa meio sem jeito, parecia que tudo tinha perdido a graça. E se o Ben não for nada do que eu estou pensando? A Marcela pediu para eu tomar cuidado porque sou meio tontinha. Era só o que me faltava! Como eu não conseguia esconder meus pensamentos e reações, Ben pareceu perceber que alguma coisa não estava legal.

— Está tudo bem? – ele perguntou no meu ouvido.

— Sim.

— Não parece. Aconteceu alguma coisa?

— Não! Está tudo bem. – respondi sorrindo sem graça.

— Ok... – ele retrucou franzindo a sobancelha.

Depois daquelas palavras da irmã dele, eu não curti mais nada, nem comi direito, fiquei me sentindo muito estranha e quando estávamos indo embora, todos sugeriram ir a uma boate para dançar, eu e Ben estávamos no banco de trás do carro e ele respondeu logo:

— Não... Estou cansado. Vou para casa. E a Sarah também parece exausta – mas quando ele disse isso, eu imediatamente não resisti e respondi. Como se algo tivesse me tomado e eu quisesse me impor diante de todos:

— Não! Eu me sinto muito bem! Podemos ir sim.

— Tem certeza? Parece cansada.

— Não! Eu estou bem. – um silêncio estranho tomou o carro e ele ficou me olhando de forma surpresa. Até que a Bia quebrou o clima.

— Ah... Então vamos lá ver o que rola, quem sabe não acho o meu par, afinal estou de vela aqui, né!

Benjamim me olhou e em seguida ficou com o rosto virado para o lado de fora da janela, continuava pensativo, até que chegamos a um *pub* pequeno, mas bem agradável. Descemos do carro, ele segurou minha mão e me puxou para perto falando no meu ouvido:

— O que aconteceu?

— Nada. Por que?

— Porque está estranha. Você não me disse que gosta de ficar em casa, que não tem o hábito de sair? Quer mesmo vir a um *pub*?

— Impressão sua. Sim, gosto de ficar em casa, mas hoje quero sair. Não podemos? – falei e beijei seu rosto de leve. Mas ele é muito perceptivo e estava claro que não o convenci. Na verdade, eu não estava a fim de discutir nada na frente das irmãs dele, e de

fato eu queria testá-lo um pouco. Nossas discussões costumavam ser meio cansativas e eu queria me divertir.

— Podemos... – ele respondeu com a expressão sisuda.

Entramos, sentamos em uma mesa bem no fundo. Na pista de dança tinha um grupo de pessoas dançando. As gêmeas se levantaram dizendo que iam para a pista dançar, mas o Rodrigo, namorado da Bella, disse que não ia porque não gostava de dançar, então ela me pegou pela mão e me puxou:

— Vamos, Sarah!

— Ahh... não sei! – olhei para o Ben que estava com o semblante pesado e fiquei sem saber se ia ou não.

— Venha! Vamos dançar que faz bem. – Benjamim me olhou, mas não disse nada e eu ainda tinha um vício: pedir permissão! — Posso ir? – imediatamente todos ficaram em silêncio e olharam para ele. Vi que ele ficou sem jeito com a reação deles e respondeu:

— Sim. Claro! Não... precis...

— Venha, Sarah! – a Bia me puxou e eu fui.

— Você já está pedindo permissão para o meu irmão? Não é muito cedo para isso? – disse Bia.

— Não! É que... é meu costume!

— Costuma pedir permissão? Não facilite isso, Sarah! Eu amo meu irmão, mas ele é superprotetor ao nível máximo. Ele não faz por mal, mas se deixar, ele controla nossas vidas o tempo todo. Não é ruim, entende... ele é um amor... o amo demais, mas o conheço muito bem. E você parece ser muito meiga e quieta, não deixe ele a controlar, porque ele perde a noção!

— Como assim “perde a noção”?

— Me entenda, não é que ele seja violento, só é protetor demais. Quer proteger tudo a sua volta, sabe?

— Sim... — respondi com a boca seca. Esse era o meu maior medo! O que eu mais temia estava diante de mim, sendo confirmado por quem o conhecia. – Ai meu Deus, o que eu faço!? Eu amo tudo o que ele tem feito por mim, mas... tinha medo dessa proteção, temia ser sufocada por ele. E precisava decidir o que fazer. Enquanto estávamos dançando, ele não tirava os olhos de mim, parecia irritado com alguma coisa. Bom... se é como a Bia está dizendo, ele está olhando para as três mulheres que gosta fazendo o que querem e isso, de certa forma, deve estar incomodando. No mesmo instante, decidi fazer o que eu queria e não o que ele queria que eu fizesse.

Pedi que a Bia fosse até o bar comigo, pegamos uma bebida destilada, voltamos para pista e estava tocando umas músicas antigas do Renato Russo, a pista toda estava cantando *Eduardo e Mônica*. Ficamos dançando e cantando, enquanto Benjamim continuava com a

expressão estranha, apenas olhando, não o vi conversando com o Rodrigo, que também não tirava os olhos da pista. De repente, três caras se aproximaram e se juntaram na rodinha que estava eu, Bia e Bella. Um deles, com o copo de bebida na mão, falou alguma coisa no ouvido da Bia e os outros dois se aproximaram de mim e da Bella; não levou dez segundos e Benjamim e Rodrigo estavam ao nosso lado.

Ben me pegou pela cintura e ficamos dançando, enquanto eu repetia a letra da música *Será* para ele, que ficou me olhando tentando entender o que eu queria dizer. Ben me puxou para perto e me beijou com força – *Marcando território? É sério isso? Aff...* – enquanto estávamos nos beijando, ouvi uma cadeira cair com força e senti quando Benjamim me protegeu de algo.

Quando olhei para o lado, um dos caras que havia se aproximado antes, estava caído no chão com a boca sangrando. Virei para trás e o Rodrigo estava discutindo com a Bella, enquanto a Bia tentava acalmar os dois, o cara levantou do chão e partiu para cima do Rodrigo, Benjamim o segurou com força tentando impedir que a confusão continuasse. A Bella saiu nervosa e a Bia correu atrás dela, o Rodrigo ficou querendo mais confusão, enquanto Ben segurava o cara e gritava para ele sair dali. No momento, fiquei sem saber o que fazer, mas corri, peguei a mão do Rodrigo e o puxei para fora do *pub*. Os seguranças vieram e tiraram o Ben lá de dentro. – Meu Deus, que confusão! – pensei e corri até a Bella, que estava chorando abraçada com a Bia que tentava acalmá-la. Rodrigo estava fora de si, até que dei um grito com ele, pedindo que parasse – não sei nem de que lugar saiu minha reação. Na verdade, odeio confusões. Nisso, Benjamim chegou me pegou pela mão com força, bufando de raiva e foi em direção as duas irmãs.

— Depois vocês dizem que eu sou nervoso! Mas olha para isso, Bella!

— Não grita comigo, Benjamim!

— Eu sabia que isso não ia dar certo! Eu falei para irmos para casa! Depois eu sou o superprotetor. Vocês duas só fazem merda. – Benjamim estava irado e eu apavorada com tudo aquilo. Já o tinha visto nervoso, mas fiquei assustada com o tom de voz e a expressão de raiva dele que continuou repreendendo as duas até seguimos todos para o carro. Como ele era o único que tinha bebido água, pediu as chaves e saiu nervoso, dirigindo rápido.

Apesar de tudo, não foi ele o autor da confusão, e sim o idiota do Rodrigo. Mesmo assim estava assustada com a reação de Benjamim ao falar com as irmãs. Fiquei tão nervosa, que não conseguia dizer nada, até que Ben passou no sinal vermelho, quase batendo em outro carro, ele pisou no freio com força e eu dei um grito:

— NÃOOOOOOO! PARAAAAAAA!!! – quando abri os olhos pensei que estaríamos todos sangrando. O motorista do outro carro parou e desceu vindo em nossa direção, não sei o que aconteceu, só ouvi o Rodrigo descer do carro e ir de encontro a ele. Eu tremia tanto que tive uma crise de pânico e sai do carro e desabei a chorar. Benjamim soltou o cinto de segurança e me abraçou com força.

— Calma, calma! Está tudo bem! Sarah? – eu sentia meu corpo tremendo e não

conseguia falar — Calma! Ei... está tudo bem. Não aconteceu nada, só pisei no freio com força. Vocês estão bem? — ele falou olhando para trás, eu estava com muita raiva de tudo aquilo. Temi que outra confusão começasse com o motorista do carro, então abri a porta e desci andando para não sei aonde. Eu queria voar no pescoço dele, mas preferi andar até minha raiva passar. — SARA! Pare... ei.. pare, pare! Me escuta! — ele tentava me segurar, mas eu continuava com os braços cruzados andando sem parar.

— Benjamim, você quase matou todo mundo naquele carro!

— Calma, não aconteceu nada. Foi só um susto. Ei... calma. — ele tentava me segurar e eu tentava me desvencilhar dele — Ei... calma! Vamos voltar para o carro, por favor! Eu só fiquei nervoso. — respirei fundo, enquanto ele tentava me abraçar.

— Não estou te reconhecendo. Nem parece você, Ben!

— Me desculpe! Venha! Por favor... — parei de andar enquanto ele me segurava tentando me acalmar.

Voltamos, o motorista estava conversando com o Rodrigo, que logo voltou para o nosso carro.

Benjamim apoiou os braços sobre o volante e encostou a cabeça, de certo estava tentando encontrar um equilíbrio mental, olhou para trás e perguntou se todos estavam bem. Bella estava num canto do banco, a Bia no meio e o Rodrigo bateu a porta com força do outro lado. Então, ouvi a voz de Bia:

— Vamos parar com toda essa palhaçada, quero ir para casa. Benjamim, se controle! Pelo amor de Deus! E Rodrigo, que escândalo foi esse? Que coisa idiota, bater naquele cara!? Ele estava falando comigo, e não com a Bella. Vocês dois parem já com isso!! Saímos para nos divertir e agora estou aqui sozinha, podia ter pego aquele gato! E vocês quatro de bico um com o outro... Tenha a santa paciência! Já deu! Vamos embora!

Todos ficaram em silêncio. Eu confesso que tive vontade de rir, porque era exatamente o que eu queria dizer naquele momento, mas achei melhor me calar. Ainda tremia o corpo todo, pensei que iria morrer! Seguimos para o apartamento, ao entrarmos cada um foi para um lado. Eu fui direto para o quarto e entrei no banheiro. Tranquei a porta e fiquei sentada na tampa da privada, com as mãos na cabeça, que doía muito, tentando entender tudo o que houve naquela noite. Que tenso!

Depois de um certo tempo, ouvi Benjamim bater na porta:

— Sarah... — ele falou baixo, mas não respondi. — Está tudo bem?

— Sim. Já vou. — fui seca com ele.

Quando saí, ele estava sentando na cama, sem camisa, com os braços apoiados nas pernas e cabeça baixa, parecendo bem chateado.

— O que foi tudo aquilo? — perguntei, admirando o corpo dele discretamente.

— Me desculpe! — ele respondeu suspirando.

— Você vai ficar pedindo desculpas até quando, Benjamim? – ele me olhou incrédulo.
— Não me olha assim não. Só quero entender o que está acontecendo, quem era aquele cara lá, porque com certeza não se parecia com você! Ou eu não sei nada sobre você mesmo!

— Bom... você quer saber quem eu sou? Sou um cara extremamente nervoso, cheio de manias, tenho TOC com tudo ao meu redor, ciumento e controlador! – eu estava encostada na porta do banheiro, enquanto ele falava meu coração parecia que ia sair pela boca, fiquei atônita, olhando para ele sem piscar — Esse sou eu, Sarah! Mas apesar de tudo isso, eu amo minha família, amo cuidar das pessoas, sou dedicado e tenho aprendido, com o tempo, a respeitar o espaço das pessoas a minha volta. Trabalho meu autocontrole há anos porque não quero afastar as pessoas de mim. Esse sou eu!

— Benjamim, não sei o que dizer... – balbuciei.

— Não diga nada! Só ouça.

— Não gosto que fale assim. Você parece meu p...

— Já disse e repito que não sou o seu pai! Pare de me comparar com ele. Pelo amor de Deus. – ele me respondeu. Suspirei chateada com toda a situação.

— Eu sei... Mas está difícil não comparar vocês dois, depois das suas atitudes hoje.

— Sarah, eu estou dizendo que apesar de todos os meus defeitos, eu quero ficar com você. O dia não era para terminar assim... Estávamos tão bem, já conversamos sobre tudo isso! Eu sei que preciso me policiar o tempo todo para não sufocar você, mesmo que a minha intenção seja só de te proteger. E além do mais, eu não armei confusão nenhuma hoje.

— Eu sei... fiquei assustada. Você parecia outra pessoa, fiquei com medo! Quando falava daquele jeito com as suas irmãs e dirigia aquele carro como um louco!

— Me desculpe! Não quis te assustar.

— Tenho medo de seguirmos em frente e com o tempo essas suas manias ficarem piores. – falei olhando para ele, com os braços cruzados e com as palavras saindo trêmulas da minha boca.

Ele me olhou de lado e balançou a cabeça concordando com o que eu estava dizendo.

— Eu sei... é assim que sempre acaba! – neste instante fui ao ápice da insegurança. Entendi os motivos pelo qual ele nunca estava com ninguém. E o porquê das palavras de sua irmã, para não me deixar levar pelo controle que ele mantinha sobre quem amava.

— Benjamim... – eu falei com medo da reação dele, o mesmo medo que eu sentia quando tentava falar algo com o meu pai — Você já machucou alguém?

— Como assim? Do que está falando?

— Alguma namorada. – com certeza deve ter sido violento com alguém, porque senão,

qual o motivo daquele alerta da irmã dele? – *talvez porque ela esteja enciumada?* – Não... não... – *ele já demonstrou tantas atitudes carinhosas, não parece ser como a Bella falou.*

— Claro que não! Não sou violento com as pessoas. Eu sou nervoso, mas sou um cara controlado. Às vezes perco a linha, mas no geral, eu sou um cara normal, Sarah! Por que está me perguntando isso? – respirei fundo, estava com medo de dizer.

— Sua irmã me disse para não deixar você me controlar, e...

— Sério que elas falaram isso? Sarah, na verdade, eu sempre tentei cuidar demais delas. Morria de ciúme dos namorados que elas tinham e acabava dando confusão. E quando namorava na escola, eu também acabava brigando por causa de ciúme. E assim, nunca dava certo com ninguém. Hoje foi muito difícil para mim, ver a mulher que estou me apaixonando e as minhas duas irmãs naquele lugar dançando, e quando vi aqueles caras vindo, eu fiquei louco, mas me controlei. Não fui eu que parti para briga, foi o Rodrigo. E a Bella não é nenhuma santinha, deve ter provocado, por isso a confusão! Conheço bem essas duas... acredite em mim!

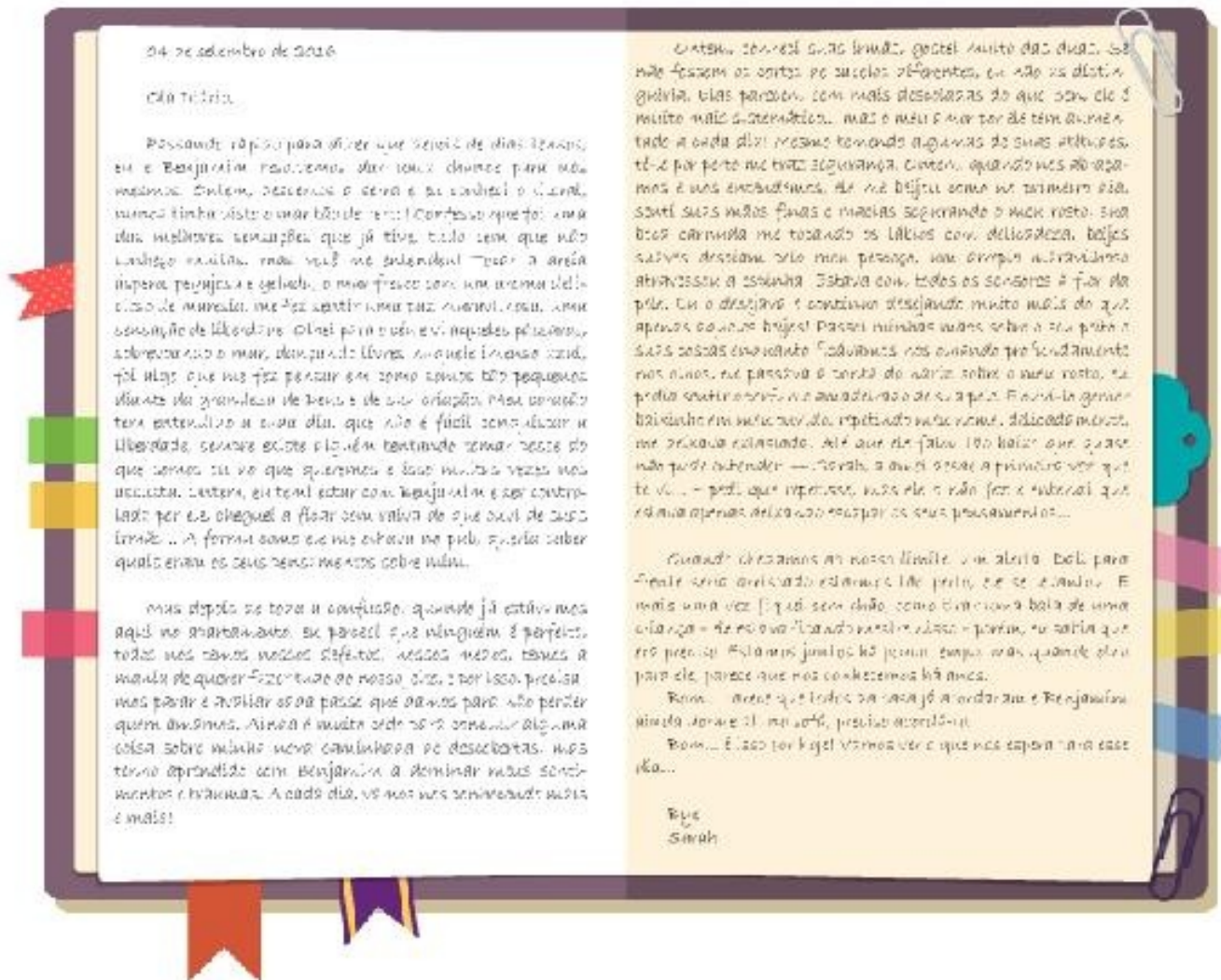
Respirei fundo tentando colocar tudo em ordem na cabeça e por um lado ele tinha razão, quem armou a briga foi o Rodrigo. Minha consciência tinha me alertado de que tudo poderia ser assim, as gêmeas devem ter ciúmes de mim, por isso ficaram falando aquilo. Precisava dar a Benjamim o benefício da dúvida.

— Está certo! Apesar de achar que você estava muito quieto no jantar, vamos esquecer essa confusão e nos concentrar em nós. – conclui. Benjamim soltou todo o ar dos pulmões, se levantou e veio em minha direção. Me abraçou e beijou o topo da minha cabeça.

— Não vamos brigar, Sarah! Por favor! – falou me beijando com amor.

— Não... – retribuí seu beijo com mais intensidade me deixando levar por ele e permitindo curtir cada parte daquele peito nu à minha frente.

Família



— Ei dorminhoco... não vai acordar? — eu disse na tentativa de fazê-lo despertar.

— Hummm... que horas são? — ele resmungou, abrindo os olhos aos poucos. Eu tinha aberto uma fresta na cortina e o sol estava entrando no quarto.

— Já são dez horas! — estava ouvindo os barulhos do pessoal na sala de estar.

— Hum... já está pronta?

— Sim, senhor.

— Huuumm... Então vem aqui comigo! — Ben me puxou e eu rodei sobre o corpo dele, dando um grito, porque eu não esperava por aquilo. Ele me abraçou e ficamos deitados juntos por um tempo.

— Nossa, Ben... você dormiu nesse sofá duro. Aqui é muito ruim.

— Nem vi... apaguei. Melhor assim, porque ali com você não iria dar certo.

— Vamos tomar café... estou com fome.

— Vamos... — ele levantou e começou a escovar os dentes, depois trocar de roupa, enquanto isso, abri as janelas e fiquei admirando o mar, com a praia lotada e o sol forte.

Chegamos à sala e já estavam todos sentados à mesa tomando café, eu fiquei muito sem jeito, primeiro porque ontem tinha sido uma noite meio tensa, segundo porque mesmo que Benjamim tivesse dormido no sofá-cama, dormimos no mesmo quarto e eu estava sem graça com o que poderiam pensar.

— Olha os pombinhos aí... — enunciou Bella.

— Bom dia para você também, Bella. — retrucou Benjamim.

— Bom dia, gente! — falei morrendo por dentro.

— Bom dia, Sarah! Espero que tenha dormido bem. — Bia me respondeu, enquanto o Rodrigo permanecia em silêncio, apenas nos cumprimentando com a cabeça.

Sentamos com eles, peguei um pouco de fruta que a ajudante trouxe, e não abri minha boca, estava muito envergonhada. Normalmente eu já não tenho o costume de falar, e ali naquele momento, não sei por qual razão, mas senti certa ironia da parte delas comigo. Fiquei tentando encontrar o porquê elas estavam meio estranhas. Ao mesmo tempo em que pareciam me receberem com carinho, senti umas alfinetadas durante a conversa. Estavam insinuando, entre uma frase e outra, sobre estarmos tão pouco tempo juntos e ele já me levar no apartamento da família, depois falaram da diferença de idade, que nem é tanto assim... Não demorou muito e Bella citou sobre a viagem para os EUA e a especialização de Ben. Aqueles assuntos começaram a azedar o meu dia, não estava com o menor ânimo de entrar nessa onda. Ouvi o Rodrigo sussurrar para Bella pegar leve, e tive a certeza de que as alfinetadas não eram apenas minha impressão. Ela estava realmente me provocando, mas que droga isso! Benjamim falou que eu iria gostar delas, mas não está rolando da forma que imaginei. Ontem, foi aquele papo esquisito sobre ele ser controlador, agora essas provocações... e o pior é que eu não posso falar nada para Ben, porque se quando falei da prima “Jacque”, ele já ficou irritado, imagina se eu falar das gêmeas! A Bia parecia um pouco melhor, mas também não ajudava muito. Eu só respondia o necessário, preferi não criar confusão, não gosto de conflitos. Porém, Benjamim percebeu que eu estava meio desgostosa com aqueles assuntos.

— Bella, vamos mudar um pouco o foco e falar de você? A Bia disse que o pai não sabe que desceu a serra com o seu namorado. — ela estava sorrindo e fechou a cara no mesmo instante. E eu amei essa! Ponto para ele!

— Não preciso dar satisfação de tudo para o pai.

— Ah... não? Até ele saber...

— Ele não vai saber, a não ser que voc... — ela não tinha terminado a frase e ouvimos

uma voz grossa dando bom dia para a governanta.

— Agora vai ter que se explicar. – Benjamim falou e gargalhou com a boca cheia de pão.

— Não acredito nisso... – ela falou e o Rodrigo puxou a cadeira para longe dela — Foi você quem o chamou aqui, não foi, Ben?

— Está maluca... – ele negou. Eu tive uma vontade de rir, mas ao mesmo tempo fiquei apavorada. Caramba que droga! Muita coisa ao mesmo tempo, não sabia o que fazer.

— O que é isso?? Encontro de família? – o pai de Benjamim disse com um tom de voz alto ao entrar na sala de jantar.

— Filhoooo... que alegria ver você aqui! – a mãe de Benjamim exclamou ao vir na direção dele.

Eu não sabia para onde eu olhava, se devia me levantar ou permanecia imóvel, se precisava falar alguma coisa... Fiquei desesperada! As gêmeas ficaram pálidas, ou melhor, só a Bella ficou em pânico, porque a Bia estava sozinha. Todos se cumprimentaram, o pai de Ben olhou feio para Bella e o namorado, enquanto Rodrigo o cumprimentava sem graça.

— Por que não me avisaram que estariam aqui? – perguntou o pai.

— Pai, por que você não disse que viria? – Bella devolveu a pergunta.

— Porque eu vou atender no consultório daqui essa semana, então resolvemos vir hoje.

Percebi que o pai de Ben não deu muita atenção para ele, a mãe estava toda animada, mas o pai devia estar chateado com a discussão que tiveram durante a semana. Eu continuava sem saber o que fazer, sabia que tinham discutido alguma coisa a meu respeito, mas não tinha a certeza sobre o que, e isso estava me deixando muito sem jeito. Como o pai dele não veio nos falar nada, Ben levantou e disse:

— Pai, essa é a Sarah. E Sarah, meu pai, Dr. Abel Hakin.

— Oi dr. Hakin, tudo bem? – mais uma vez, um buraco para me esconder fez muita falta. Pelo amor de Deus que vergonha, ele apertou minha mão. Tinha um olhar forte com olhos azuis que mais pareciam duas bolas de cristal, alto, de cabelos bem grisalhos e uma pele linda. Aliás, ele é lindo, as gêmeas são muito parecidas com o pai. Engoli seco, ele fez algumas perguntas superficiais, sobre a faculdade, sobre onde eu morava, mas logo saiu pelo corredor, de certo, foi para o quarto. Enquanto isso, a mãe de Benjamim se aproximou, segurou meus braços e se apresentou, falando com Benjamim.

— Meu Deus, Ben... que linda que ela é! Eu sou a mãe desse presente que Deus me deu. Que olhos meigos você tem. – amei a mãe de Benjamim no mesmo instante. Ele era muito parecido com ela, os olhos de tigre são iguais aos dela. Um olhar doce, um sorriso encantador, como o dele, bochechas brilhantes e rosadas, um cabelo ajeitado e bem loiro. Ela é muito elegante, mas bem diferente das gêmeas. Assim como Benjamim, seu olhar e

seu jeito seduziam de imediato. Ela me olhou nos olhos várias vezes e me abraçou tão forte, que senti o amor fluir através dela, senti o mesmo conforto de quando Ben me abraçava. Sorri gentilmente, e ouvi... — Estou apaixonada por você, minha filha. — aquelas palavras entraram na minha alma como um alento e vi que Ben sorriu com carinho, mas percebi que as gêmeas não curtiram a cena.

— Eu nunca recebo abraços assim... — resmungou Bella.

— Olha o ciúme... — disse Ben sorrindo.

A mãe seguiu e foi abraçando todos, enquanto o ouvia dizer no meu ouvido:

— Minha mãe gostou de você. — eu sorri feliz.

— Como ela se chama?

— Eliana.

Graças a Deus o dia estava maravilhoso, tirando uma alfinetada aqui e outra ali das gêmeas, principalmente da Bella, a Bia ainda ficava mais na dela. Todos seguiram para a sala de TV, ficaram decidindo o que iriam fazer e, combinaram de almoçar no apartamento.

Eu estava me sentindo feliz, apesar de não ter achado que as gêmeas eram aquele “amor” que Benjamim havia dito, preferi deixá-las para lá. Depois de todas as apresentações, a mãe de Benjamim perguntou por que não aproveitávamos para ir à praia, já que o dia estava quente. Meu coração disparou — Ir à praia? Ai meus Deus! Eu não sei nadar, nunca coloquei um biquíni na vida! Na verdade, nem tenho isso! Olhei para Ben apavorada e ele percebeu que fiquei nervosa, porque com certeza mudei minha expressão. Nunca fui à praia, e ainda mais com esse povo todo me olhando! — *Relaxe, Sarah!* — fiquei quieta sem dizer nada, melhor fingir que não estou aqui.

— Tudo bem? Quer ir à praia? — Ben falou no meu ouvido. Olhei para ele com os olhos arregalados e balancei a cabeça negando — Não se preocupe, tem roupa para você aqui.

— Não... melhor não. — balbuciei querendo pegar minhas coisas e ir embora. Que saco, isso não estava nos meus planos. — *Saraaaahhh... lembra sobre ser uma nova pessoa? Não seja chata!*

— Por que? Tem vergonha? — eu fiquei numa sinuca de bico, se todos fossem e eu não, ficaria desconfortável para o Ben. Se eu for, vou ficar olhando todos aproveitando o mar, enquanto fico no sol quente, que com certeza irá acabar comigo. Ai meu Deus! Que situação. Mas não quero ser a chata do dia. Lembrei-me da Marcela dizendo para não ser esquisita. — Sarah? — Benjamim chamou minha atenção.

— Oi... — falei lutando com os meus pensamentos.

— Vamos dar um mergulho, minha irmã pode emprestar uma roupa e não se preocupe, vou ficar com você o tempo todo. Sei que nunca foi à praia.

— Tudo bem... – ai que droga... Vou ter que engolir essa.



Fui para o quarto com o biquíni que a Bia me emprestou e quando me olhei no espelho do banheiro, quase morri:

— Gente... . o que é isso?? Não vou tirar a roupa de jeito nenhum. Olha para isso? Olha o tamanho dessa calcinha!!! Não dá! – eu falava comigo mesmo quando ouvi o Ben bater na porta.

— Sarah? Está pronta?

— Sim. Já estou indo. – fechei os olhos e fui com uma saída de praia branca, por cima do biquíni. — Está tudo bem?

— Sim... – respondi desconsertada.

— De verdade?

— Sim... mas esse biquíni é muito pequeno...

— Não se preocupe, vou estar com você e todo mundo estará de biquíni também.

— Hum... tudo bem! – quero só ver a reação dele quando vir o tamanho da parte de baixo do biquíni! Ele ainda não está entendendo a situação.

Seguimos para a praia, as gêmeas estavam lindas, de chapéu e óculos escuros. Eu estava me sentindo um peixe fora d'água. Quando chegamos, o ajudante que trabalhava na praia abriu uma barraca, porque as gêmeas, assim como eu, eram bem brancas e precisavam se proteger do sol. Fiquei com a saída de praia sentada na cadeira e dali não sairia por nada! Todos se levantaram e começaram a tirar as roupas que estavam por cima da roupa de banho para passar protetor solar. Fiquei em choque e bastante incomodada, porque quando elas tiraram a saída de banho estavam vestindo um maiô super discreto, enquanto eu estava com aquele biquíni minúsculo!!! Será que fizeram de maldade comigo? Quero ver se Benjamim vai achar normal o tamanho desse biquíni! Estou ferrada! Ele ficou me olhando e disse:

— Sarah, melhor passar o protetor, o sol está muito quente e você é muito branquinha.

— Sim. Já vou passar. – eu estava disfarçadamente esperando todos irem para a água, assim eu ficaria mais à vontade para passar o protetor.

— Quer que eu ajude? – Benjamim me perguntou.

— Venha, Sarah, eu passo em você! – disse a Bia.

— Hum... tá... – caramba! Ninguém me deixa em paz! Eu não queria tirar a saída de praia e o Rodrigo ainda não tinha descido para o mar, não queria fazer isso na frente dele. Eu sabia que branca do jeito que estava, se não passasse a droga do protetor, iria cozinhar ali em dois minutos. Então me levantei, morrendo de vergonha, fechei os olhos por trás

dos óculos de sol, e tirei a saída. E no mesmo instante ouvi:

— Uauuu! Que corpão menina! – vi que Benjamim parou com o protetor nas mãos. As gêmeas eram bem magras e retas, não tinham muitos seios e as pernas eram bem finas, diferente de mim, que sou bem magra, mas tenho o quadril largo, coxas grossas, cintura fina e seios fartos, como a minha mãe. Quando abri os olhos, diante do comentário da Bia, ele estava com o rosto na minha direção, não sabia para onde estava olhando exatamente, porque os óculos de sol espelhados atrapalhavam. Mas quase morri quando ouvi o Rodrigo se expressar sem pensar:

— Uauu...

— Ei... Ficou doido, cara?! – Ben virou para ele com os braços abertos e o repreendeu
— Mais respeito! – eu sabia que não devia ter vindo.

— Rodrigo! Vai para água, a Bella já está lá. – interrompeu Bia, tentando desfazer o clima.

Na verdade, eu vi que o Rodrigo não fez por mal, ele é completamente sem noção, e soltou um pensamento inapropriado, só podia ser. Durante o café, eu percebi que o namoro deles não era muito querido pelos pais e nem por Ben. Rodrigo correu para água ao encontro da irmã de Benjamim, enquanto ele ficou resmungando com Bia.

— Que cara sem noção! Fala sério... perdeu o juízo. Já estou me arrependendo de ter vindo para cá. Vamos ficar só para um mergulho e vamos embora. E vocês não tinham um maiô para emprestar para ela, não?? Tinha que ser esse biquíni? Caramba... olha o tamanho disso! – eu tentei avisar – falei comigo mesma, mas gostando da cena.

— Ben... não entra nessa! O Rodrigo é um idiota. E por que um maiô? Ela é linda... e o que é lindo é para ser visto!

— Cala a boca, Beatriz! Não sei como minha irmã, tão inteligente, fica com um cara desse... esse babaca não faz nada da vida! O pai tem razão em não querer esse namoro. E você pare de dar força para ela, ouviu?

— Ben... chega! Vai para água também e esfria essa cabeça! Você anda muito nervosinho!

Fiquei em silêncio, melhor não me meter nessa briga deles, porque com certeza iria sobrar para mim e eu já estou cansada de confusões em tão pouco tempo.

— Vai você para água, me dá aqui que eu termino isso! – ele pegou o protetor solar da mão da irmã.

— Ahhhh... espertinho! – Bia brincou e saiu andando em direção ao mar.

Benjamim não saiu mais do meu lado, todos foram para água e ele terminou de passar o protetor nas minhas costas.

— Sarah, como você é linda. Me arrependi de trazer você aqui.

— Por que?

— Meu Deus! Olha para você! Perfeita! Você é linda... e essa marquinha aqui no ombro?! – o ouvi suspirar e no fundo fiquei muito contente de ouvir o que ele disse, mesmo querendo cavar um buraco na areia e entrar nela como um siri.

— Está me deixando envergonhada... – senti um beijo carinhoso no meu ombro onde eu tenho uma marca de nascença que parece uma borboleta. Meu corpo inteiro ficou arrepiado.

— Venha... vamos entrar no mar e esconder tudo que está de fora! – falou me pegando pela mão e seguimos para a água.

Benjamim me segurou com todo cuidado até que a água chegou à minha cintura. Estava gelada e de vez em quando eu sentia até faltar o ar, por várias vezes me deu frio na barriga de medo, parecia que eu iria afundar e sumir naquela imensidão, mas a mão firme de Ben estava me sustentando. As ondas vinham e eu sentia um pânico com a força do impacto, tentei não dar vexame. Ben segurou na minha cintura algumas vezes e ajeitou meus cabelos, eu devia estar parecendo uma maluca, porque não soltei das mãos dele por nada. Quando a série de ondas se acalmava, ficávamos abraçados e nos beijando. Ele tinha um corpo lindo, forte e definido, senti suas mãos passando pelo meu corpo com carinho, sem faltar com o respeito. Perguntei-me algumas vezes de onde este homem tinha saído para entrar com tanta força em minha vida e mudar o meu destino, imaginava que provavelmente eu estivesse em um sonho e fosse acordar a qualquer momento, ou talvez, tudo não passasse de pura ilusão.

Depois daqueles momentos maravilhosos curtindo o mar, o sol, os beijos de Ben, a água de coco e a areia macia, voltamos para o apartamento. Almoçamos com a família dele que foi muito carinhosa comigo, a não ser as alfinetadas das gêmeas e algumas perguntas estranhas do pai dele – que não foram exatamente para mim, e sim direcionadas a Benjamim. Voltamos para São Paulo antes que a chuva pudesse chegar.

— Hum... lá vem bomba! Fala...

— Quando sua irmã volta para cá? Por que... você sabe... Eu estou no quarto dela.

— Ahh... sim! Acho que depois do feriado!

— Hum... entendi...

— Não se preocupe com isso, posso pedir para ela ficar na casa do meu pai.

— Não! – exclamei.

— Por que não? Não quero que você vá embora!

— Porque não! É muito estranho...

— Minha irmã fez alguma coisa pra você?

— Não... eu só não ficaria à vontade!

— Vamos deixar isso para depois, ok!? Vamos acabar nos desentendendo sobre isso. – toda a vez que o assunto se trata das gêmeas, que fazem de tudo para me provocarem, ou da prima dele: a coisa desanda. Isso realmente me irrita! Mas não quero brigar com ele e deixei o assunto para outro dia.

— Tudo bem.

— Vou tomar um banho e então saímos! – ele encerrou o assunto levantando do sofá.

— Ok...

Benjamim saiu para o banho e eu me levantei para terminar de me arrumar, quando ouvi o celular dele tocar. O aparelho estava próximo, logo na entrada, sobre a bancada de madeira. Quando olhei o visor, fiquei gelada.

Não acredito! Ela não... logo agora?! – *Se comporte, Sarah! Você sabe que isso é motivo para discussão.* – Eu sei... não vou fazer isso, mas minha vontade é apagar a droga da ligação dessa prima. – *Você gostaria que fizesse com você?* – Não! – *Então... se controle!* – minha consciência às vezes me irrita com esse senso do correto. Mas realmente, eu não poderia mexer em algo que não é meu. Minha mão coçou forte de vontade de abrir o celular e fuçar em tudo. Mas fiz como o José da Bíblia: Saí correndo, me sentei no sofá e tentei me distrair mexendo no meu celular, mesmo com os meus pensamentos em guerra com a minha carne fraca.

Ele saiu do banho e eu estava na sala, tentando me distrair com o celular. Quando desviei o olhar, o vi de toalha enrolada na cintura, cabelo molhado e despenteado, as costas molhadas... Que visão do céu, meu Deus! Melhor voltar para o alojamento o quanto antes! Nunca o vi assim, ele era cuidadoso e normalmente evitava aparecer de toalha, ou andar pela casa à vontade, enquanto eu estava hospedada lá. Mas acredito que ele não me viu, deve ter imaginado que estava no quarto me arrumando. Só o abajur

estava aceso, deixando o ambiente meio escuro e eu estava no cantinho de fora do sofá. Então decidi ficar em silêncio, quase me abaixei para ficar invisível e continuar o admirando, pois ele estava de tirar o fôlego, santo Pai! Isso com certeza é um pecado dos grandes, concupiscência da carne... e que concupiscência! Mas, quando ainda estava babando naquelas costas, vi que pegou o telefone e retornou uma ligação.

— Oi, lindaaaa! E aí? — meu coração parou, e minha respiração também. — Estava no banho, acabei de sair, pensei ter escutado o telefone por isso vim ver. Como você está? Saudades, menina! — ele está de sacanagem, né?! Como assim “linda”? Não estou acreditando que ele a trata assim com essa intimidade. Não, não! Pode parar! Eu queria gritar e arrancar o telefone das mãos dele e dizer para essa abelhuda: — Que porcaria é essa? Mas decidi ficar bem quieta e ouvir mais um pouco da ousadia dele. — Não sei. Estou decidindo. — decidindo o quê???? Estou ficando muito irada!!! — Depois do feriado já tenho todas as respostas. Não se preocupe! — essa menina está me tirando do sério, deve querer saber quando ele vai pra lá. Será que ele disse que eu vou?? Talvez... mas se ele está dizendo “depois do feriado” pode ser que está esperando... — Fique tranquila, meu amor... — É O QUE?? Amorrrrrrrrr????!!!! Esse filho da m... não me chama de amor!!! — Eu estou muito feliz. E isso é o que importa. Elas já foram bater tudo para você! São terríveis. — aquelas gêmeas encapetadas... só pode ter sido elas! Será que falaram de mim? Por isso essa menina fica ligando para ele!? Será que ela ligou quantas vezes? — *Sarah, fique calma! Vai fazer besteira. Você está escutando tudo pela metade. Seja civilizada e espere a oportunidade para conversar.* — Conversar??? Se conversarmos sobre isso, pode se preparar para uma briga nível bomba de Hiroshima! Se ele ficar de palhaçada com essa prima do capeta, eu não vou viajar coisa nenhuma! Elas pensam que eu não estou vendo que elas estão morrendo de ciúmes de mim? O que será que estão falando? — Eu sei... eu sei... Jacque! - sabe o que, infeliz!? Ai... será que ele vai me contar tudo? Estou com vontade de chorar! Ele está partindo meu coração falando com ela desse jeito. — *Mas por quê? Ele não está fazendo nada* — Nada? Ele a chamou de “AMOR” e “LINDA”... — Então fica combinado. Depois do feriado te mando tudo certinho. Fica com Deus! Um beijo, linda! — de novo ele disse “linda”... — Me cuido sim, pode deixar! Beijo!

Morri... morri mil vezes! Meus olhos vão me trair... não vou conseguir fazer de conta que não ouvi isso. Não sei mentir, não sei disfarçar quando estou triste. Fiquei com as mãos na boca para tentar me impedir de gritar e chorar, porque estou muito brava. Não me mexi, continuei parada ali, tentando não fazer um barulhinho. Quando Ben voltou para o quarto para terminar de se vestir, eu corri para o banheiro e fiquei lá um tempo tentando me recompor. Eu queria dar um grito! Me olhei no espelho e estava vermelha, com os olhos abatidos. O que fazer diante disso? Eu não sei como reagir, ou esconder. Precisava ser forte para não brigar com ele. Vamos ter uma briga terrível se tocar neste assunto. Ben

está cansado, e quando está assim, fica muito irritado. Apesar de que ele estava carinhoso comigo quando chegou. Eu levantei e sentei na tampa da privada umas dez vezes tentando tirar de mim todas as sensações e pensamentos negativos.

— Sa? – levei um susto com a voz dele me chamando. Que raiva, essas lágrimas não estão me ajudando, não quero chorar na frente dele. Preciso me acalmar para pensar no que fazer. Estamos tão bem neste último mês – Sarah? – Ben bateu mais uma vez na porta e tive que responder.

— Já vou.

— Está pronta?

— Sim.

— Hum... ok! – esperei ele sair e abri a porta. Se fosse de dia poderia usar óculos de sol, mas agora à noite não posso esconder que meus olhos estão vermelhos. Sou muito branca e meus olhos claros acabam me entregando quando eu choro.

— Vamos? – peguei a bolsa rapidamente e fui abrindo a porta tentando fugir dos olhos dele.

— Vamos. Vou pegar minha carteira. – ele correu no quarto, enquanto eu fiquei no *hall* chamando o elevador. Fiquei desviando dele até a garagem, disfarçando com o celular, mas conseguia perceber que ele estava me medindo. Entramos no carro, eu fiquei olhando para fora da janela, enquanto ele se ajeitava para dar a ré com o carro. Mas, como sempre, é bem difícil esconder qualquer coisa de Benjamim.

— Sarah, está tudo bem? – eu não conseguia responder. Temi não resistir e chorar, então só concordei com a cabeça, enquanto mordida minha bochecha para manter meu controle

— Não me parece bem. O que aconteceu?

— Nada. – ele ficou um tempo me olhando com os braços sobre o meu banco e o corpo projetado em minha direção.

— Odeio quando faz isso.

— Isso o que, Ben? – o enfrentei, mas ainda sem o encarar.

— Quando diz que está tudo bem e não está. Ou melhor, você estava quando eu cheguei. Eu não entendo o porquê de repente você muda de humor e azeda. Se não quiser sair, a gente volta para casa.

— Eu não disse nada. Por que está fazendo isso?

— Porque estou vendo em seus olhos que você chorou. O que foi que eu fiz? – eu olhei para o lado, me preparando para uma super explosão, que aconteceria quando eu falasse. Fiz um esforço enorme para não chorar. Estávamos tão bem e ouvir tudo aquilo não foi legal!

— Sarah? – ele voltou com o carro para a vaga, desligou o motor e ficou esperando — Não vamos sair assim. Não sei ficar com coisas sem resolver. Me diz, o que foi?

— Eu não quero falar nada. Por favor. Não insista.

— Como assim? Você mudou do nada! – olhei para ele querendo o mandar catar coquinho, para não dizer algo mais feio. E ele ficou com a aquela cara de cachorro abandonado, esperando uma resposta.

— Me diz você, Benjamim. – foi mais forte do que eu as palavras irônicas. Não me aguento. Eu até tento...

— Eu? - questionou surpreso.

— Sim. O que me diz das frases? “ – Oi, *Lindaaaa*” ou você prefere “– *Fique tranquila, meu amor*”, ahhh ou então “ – *Um beijo, linda*”. Qual delas você prefere falar? - excelente, silêncio absoluto! Ele ficou me olhando sem saber o que dizer.

— Você estava ouvindo minha conversa? – ele ainda pergunta??? Só pode estar de brincadeira!

— Sim.

— Onde? Atrás da porta?

— Eu estava no mesmo lugar de quando você me viu quando chegou, no sofá da sala. E juro que não esperava isso de você. Eu não sou de ficar ouvindo atrás de porta! Depois não quer que eu fale, ou sinta ciúmes, ou duvide do seu relacionamento com ela. Me explica, Ben?! Se fosse o contrário, como se sentiria? – ele ficou mais uma vez em silêncio, me olhando. De certo tentando encontrar uma desculpa. E eu me esforçando para não chorar, eu não vou chorar de novo por causa daquela abelhuda! Ele respirou fundo, fechou os olhos e tomou fôlego. Agora vai começar a confusão. Lá vem a bomba!

— Sarah, você tem razão. Não fiz por mal. Sempre nos tratamos carinhosamente, mas entendo que não é legal o que fiz e não posso mais falar com ela nesses termos. Se eu tivesse ouvido você falar assim com algum amigo, primo ou sei lá quem... eu teria ficado muito irritado. Você tem razão! Me desculpe, não vai acontecer de novo.

Como assim... ele não vai ficar nervoso? Nem bravo comigo? – *Ele sabe que errou.*

— Vem aqui. – ele soltou o cinto de segurança, me abraçou, me deu um beijo no topo da cabeça dizendo — Olha para mim... me desculpe por você ter escutado isso. Não sei o que passou pela minha cabeça. Foi sem pensar, ela me ligou perguntando da viagem, quando que eu iria, disse que minhas irmãs falaram que talvez você fosse comigo... essas coisas... e acabei me empolgando! Não queria te deixar triste, nem mesmo te fazer chorar. – eu continuava de braços cruzados pensando naquelas palavras, eu queria acreditar nele. Afinal, estava me contando a conversa, mas...

— Benjamim, você me feriu demais usando essas palavras com ela. Logo com ela! Você que sabe que eu tenho inseguranças!

— Não precisa ter insegurança, Sarah! Já conversamos sobre isso.

— Não? Depois do que ouvi hoje? É impossível. – eu respondi com a sinceridade dos meus sentimentos. E o ouvi respirar fundo e dizer calmamente:

— Não... Sarah! Não precisa! Já pedi desculpa. Ouça: Eu amo você! – fiquei parada com os olhos fechados tentando absorver aquelas palavras, era a primeira vez que ele dizia assim tão claro.

— Sarah, ouviu que eu disse? – só concordei com a cabeça. — Eu estou te dando o meu coração. Nunca disse isso para ninguém. – levantei os meus olhos para ele, que segurou meu rosto com delicadeza e me beijou. — Eu amo você! – eu também o amava, mas não conseguia dizer nada. Precisava de tempo. Meu coração estava partido e por isso, tempo e espaço são remédios para mim desde quando eu era menina. Fiquei olhando para ele tentando buscar algo que nem mesmo eu sabia o que poderia ser, talvez um sinal de que ele estivesse falando a verdade. Mas homens não costumam falar a verdade. E de repente, fiz uma viagem ao meu passado por alguns segundos.

Era uma tarde fria, não me lembro muito bem, mas devia ser setembro 2010. Eu queria passar mais tempo na casa da Vivian, a mãe dela tinha feito bolo de cenoura com calda de chocolate, eu brincava com o Vitor, no chão da sala, enfileirando seus carrinhos, ele estava com quatro anos e a síndrome tinha sido descoberta há menos de um ano e todos estavam se adaptando ao mundo dele.

Vitor apresentava alguns sinais desde o desenvolvimento do primeiro ano de vida, possuía alguns atrasos para falar, andar, comer e passava alguns momentos irritados chorando muito. Os pais de Vivian, sempre foram muito atentos e estudados, eles questionavam muito o pediatra, que logo os encaminhou para um neuropediatra. Na época, Vitor foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), porém era apenas o início de tudo. Estavam apenas começando uma pesquisa para descoberta do nível do TEA e quais seriam os caminhos que deveriam tomar. O mais importante naquele momento, era amá-lo, aceitar o diagnóstico e descobrir o melhor jeito para que o desenvolvimento de Vitor fosse saudável. Foi uma longa caminhada e no início, eu flagrei várias vezes a mãe de Vivian chorando no quarto e olhando as fotos de seu filho bebê, ou discutindo com algum parente sobre a síndrome. Não foi nada fácil, mas com a ajuda da medicina e de Deus, eles foram superando etapa por etapa. Para minha felicidade, Vitor me adotou como um membro da família, sempre deitava em meu colo, demonstrando seu amor por mim. Eu acariciava seus cabelos e ele permitia, o que não acontecia com todos.

Mas naquela tarde, em especial, após brincar bastante com Vitor, saí da casa de minha amiga por volta das 17h50, atravessei a linha do trem, e segui rumo ao centro, onde eu morava. Na época, Taubaté tinha uma linha de trem ativa e Vivian sempre ia comigo até

essa travessia. Nos despedimos e segui caminhando por mais uns quinze minutos. Não sei por qual motivo resolvi mudar o meu caminho de costume e passar por uma ruela próxima à praça do relógio. Eu vinha pensativa sobre a síndrome de Vitor, me lembrando das séries que assistíamos sobre medicina, que desde aquela época eu amava assistir programas de TV com filmes de médicos ou policiais, coisa que eu só podia fazer junto a Vivian.

De repente, vi o carro do meu pai estacionado debaixo de uma árvore. Pensei: “Será que é ele? Mas o que está fazendo ali? Será que veio ver um cliente?”. Como meu pai trabalhava com vendas de produtos médicos, procurei ao redor e não vi nenhum comércio ou clínica por perto, ali era bem residencial. Me aproximei para ver se o carro era realmente o dele, já que eu não sabia o número da placa, eu poderia reconhecer o carro pelo painel que sempre tinha uma Bíblia e na tampa do porta-malas um adesivo com o logo da congregação. Ao chegar mais perto, vi que tinham duas pessoas dentro do carro e caminhei devagar. A rua era arborizada e eu fui andando de árvore em árvore, até verificar se realmente era o carro dele e quem era a segunda pessoa no carro.

Junto com meu pai estava uma mulher branca, de cabelos lisos, longos e escuros, eu não conseguia ver o rosto, mas pude ver que meu pai a beijava com intensidade. Fiquei atrás da árvore por alguns minutos, tentando entender a cena, cheguei a pensar que estava delirando, por alguns momentos tive a impressão que tinham me visto. Mas logo voltaram a sua atividade, ela gemia, e ele também. Lembro-me de escutar bem baixinho e longe quando ela falou o nome dele várias vezes, e ele repetia o dela, “Marta...” era o nome daquela mulher.

Eu não conseguia me mexer, tive medo de sair dali e dar a chance de me verem. A mulher se ajeitou, ele também e depois foram embora. Fiquei um tempo sentada na calçada tentando me recompor do estado de choque. Não podia acreditar na cena em que meus olhos tinham acabado de presenciar. Eu precisava voltar para casa, mas tinha medo ou nojo... não sei dizer. Olhar nos olhos do meu pai seria algo muito difícil. Eu cheguei em casa à noite e todos estavam preocupados, inventei que estava estudando na biblioteca para as provas.

Meu pai... estava sentado na mesa da cozinha tomando sopa, com a cara carrancuda de sempre, cheio de grosseria. Eu queria contar para minha mãe, mas temi que ela pudesse não acreditar em mim e também que ele negasse até o fim, criando mais confusão. Nunca mais vi aquela mulher, nem mesmo os dois juntos. Meu pai continuava pregando, minha mãe o servindo, e todos imaginando que ele era um homem correto. A única coisa que sei, é que ele sempre chegava mais tarde nas quartas-feiras, a desculpa era que ele estava com clientes, mas eu sabia que esse era o dia da semana no qual eu o flagrei com a mulher de cabelos negros.

— Sarah... Sarah? Está me ouvindo? Por favor, não chore! Por que está chorando? - uma voz doce ecoava em minha cabeça e percebi que estava no carro com Ben, ele enxugava minhas lágrimas, mas eu não estava chorando por ele, e sim pelas cenas que

estavam gravadas em mim. Comecei a acreditar que realmente precisava de terapia. Olhei para Benjamim e disse:

— Eu estou te ouvindo. Não quero mais sair e quero dizer uma coisa: Não minta para mim! Já disse isso uma vez e volto a repetir. Se mentir para mim, ou me enganar, Benjamim, nunca mais vai me ver. Eu tenho um coração amoroso e tenho lutado para apagar as marcas do meu passado, mas se mentir para mim, então acabou! Entendeu?

— Sim... eu nunca menti para você e não pretendo fazer.

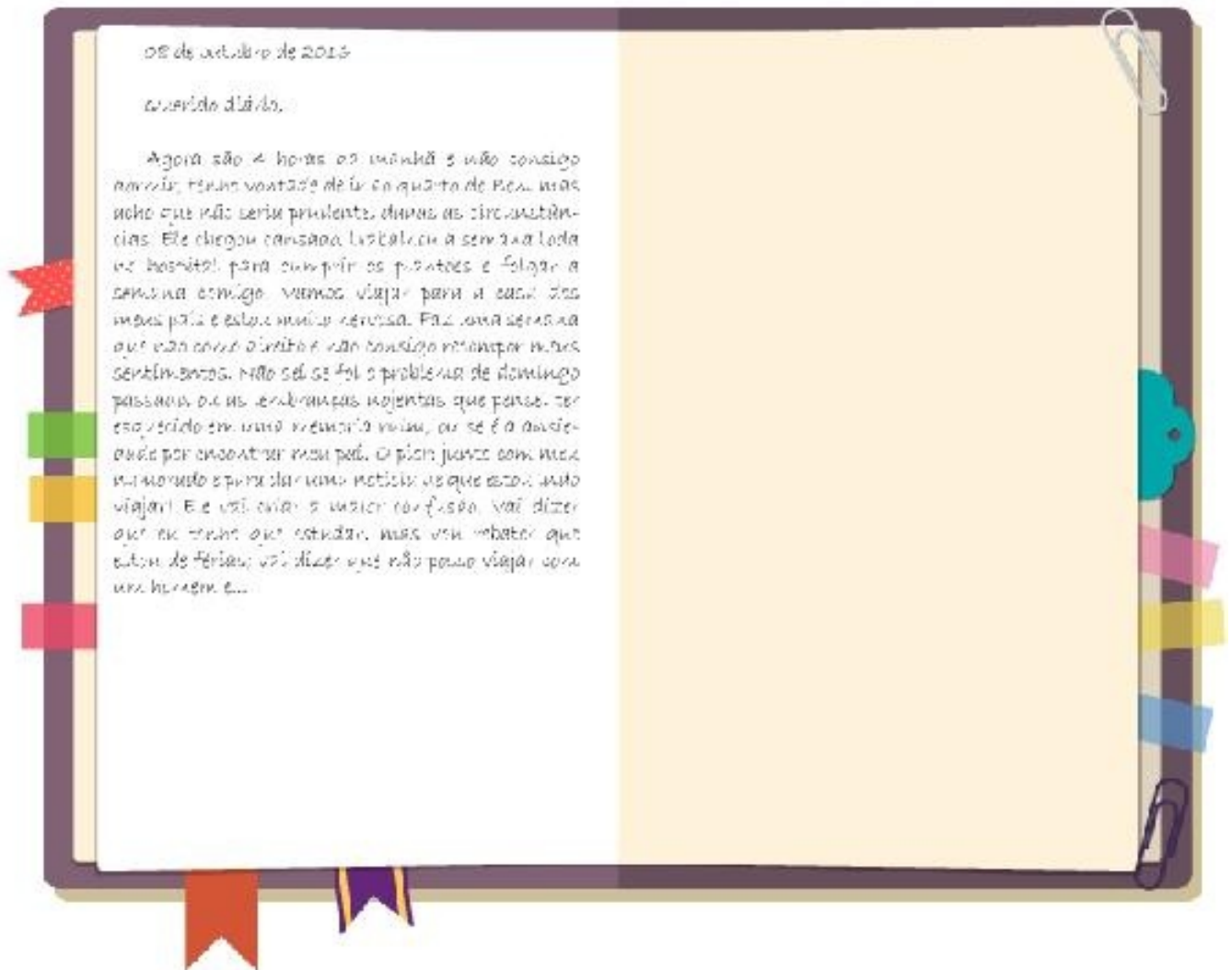
— Tudo bem. Eu quero subir e ir dormir. Não me sinto muito bem. - ele respirou fundo e me envolveu em seus braços.

— Não sei o que aconteceu com você, Sarah. Mas quero que confie em mim... – senti o seu carinho ao me beijar o topo da cabeça. O perfume de Benjamim sempre me acalmava, mas hoje eu estou realmente triste, não me sinto bem, e mesmo sabendo que ele está ao meu lado e sinto que diz a verdade, meu coração continua apertado.

— Eu estou tentando, Benjamim.

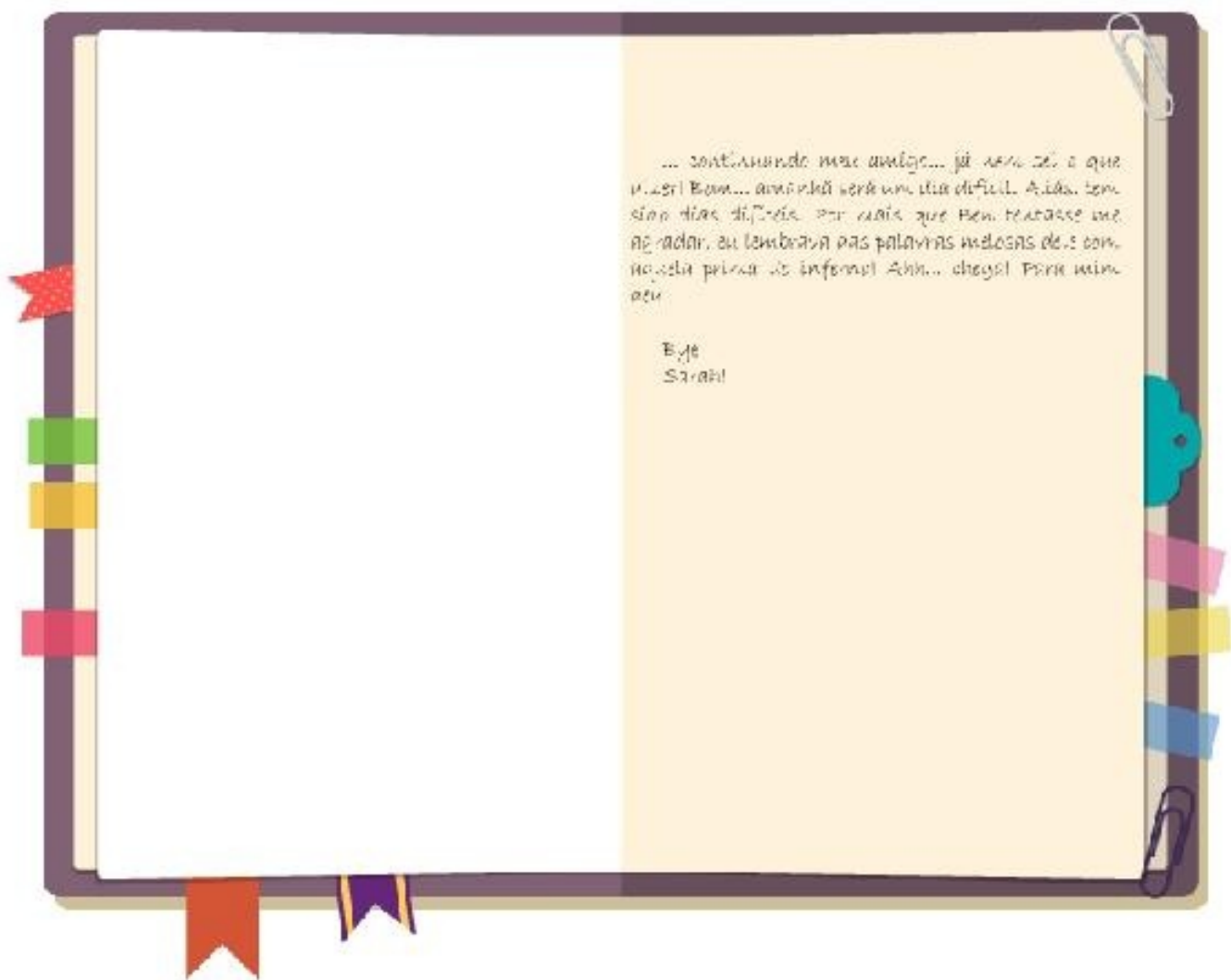
— Eu amo você, Sarah Furtado! – eu o ouvi mais uma vez, mas ainda não podia dizer o quanto estava o amando, por mais que eu quisesse, as palavras não saiam dos meus lábios.

Um susto



Por um instante parei de escrever e fiquei desesperada pensando... E o que eu poderia dizer? Eu não sabia! Ele ainda me sustentava, eu não tinha essa autoridade sobre ele. Meu Deus! Ele poderia me impedir de ir! Afinal, ele era meu pai, me bancava e mandava em mim... Só poderia ter minha independência quando de fato pudesse me manter financeiramente sozinha. Mas... e agora? Eu não sabia... – *Sarah Furtado, vai dormir!*

Deixe esses pensamentos insanos para amanhã. – eu respirei fundo e concordei com minha consciência – voltei a escrever mais um pouco, mas sem a menor concentração.



Rolei na cama até o dia amanhecer e só fechei os olhos quando ouvi os pássaros e o movimento dos carros na marginal, que ficava longe, porém eu estava tão ligada que podia ouvi-los. Foi como um cochilo... ouvi alguém entrar no quarto e era ele, Benjamim.

— Ei... linda! Já são sete horas! Vamos levantar e seguir viagem, senão vamos pegar o maior trânsito. Você combinou de almoçar lá, lembra?! – eu o escutava longe, não queria acreditar que já era hora de acordar.

— Huuummm...

— Sarinha... vamos, amor! – eu jurava que estava sonhando. Sarinha? Amor? Quem era aquele que estava me chamando? Respirei fundo e abri só um dos olhos, bem devagar, para ter certeza de que não estava delirando. — Ei... linda! Acorda. Seu diário está aberto na cabeceira. Posso ler? – dei um pulo da cama.

— Claro que não! – Ele gargalhou em voz alta.

— Descobri o segredo de fazer você sair da cama de manhã!

— Benjamim!! – e ele ria sem parar. Me agarrou, me enchendo de beijos macios, senti que já tinha tomado banho e feito a barba. Que homem cheiroso, Deus!

— Se eu pudesse ficava aqui com você. Mas essa visita aos seus pais é muito importante. Vamos fazer tudo certinho! Porque se o seu pai não deixar você ir... nem sei o que fazer, Sarah!

— Ben... eu estava pensando nisso... E se ele disser que não posso ir?

— Nem vamos pensar nisso! Por favor! Vamos!

Ele levantou e saiu, parecia angustiado com isso, pude perceber que estava tão nervoso quanto eu. Porém o seu cansaço de ontem o fez dormir, enquanto eu fiquei desesperada procurando o sono.

Foram duas horas de silêncio dentro do carro, minha mente borbulhava tentando seguir os conselhos da psicóloga em me manter focada, respirar tranquilamente, e buscar imagens boas que um dia eu pudesse ter vivido com meus pais – foram bem poucas – mas me esforcei. Enquanto Ben, permanecia em silêncio, gesticulando os lábios. Acho que estava memorizando o texto ensaiado. Tive vontade de rir dele, mas o deixaria mais tenso.

— *Você chegou ao seu destino!* – ouvi a voz do GPS. Como se eu não soubesse onde moro, ou melhor, onde meus pais moram. Senti um frio na barriga... A janela aberta, o portão de ferro branco encostado. Apesar de sempre falar com a minha mãe pelo telefone, fazia seis meses que não vinha aqui, tudo estava igual. Depois de estacionar e descer do carro, Benjamim segurou minha mão, a dele estava suada e a minha muito gelada.

— Nervosa?

— Um pouco.

— Imagine eu... agora estou ficando desesperado. – era nítido o nervoso dele, porque seus lábios que estavam sempre rosas e brilhantes, naquele dia, estavam secos e pálidos.

— Quer ir embora? – perguntei na esperança dele aceitar.

— NÃO! Não sou homem de fugir de nada. Sempre vou atrás do que quero.

— Hum... poderoso dr. Benjamim!

— Sem gracinhas... dona Sarah Furtado!

Abri o portão devagar e senti um cheiro delicioso de comida. Acho que agora relaxei... O feijão da minha mãe é imbatível! Achei estranho ninguém vir atender a campainha, mesmo a tocando para comunicar minha chegada. Estava me achando importante demais! Olhei para Ben, ele estava tenso, franziu a testa sem entender o que estava acontecendo. Quando ouvimos a voz da minha mãe, vindo do quarto:

— Sarah?! Chegou cedo.

— Oi mãe. – fiquei nervosa quando a encontrei. Excelente recepção... seis meses sem me ver e eu cheguei cedo demais? — Este é o Benjamim, que falei com a senhora. — fiquei travada!

— Olá Benjamim, nome lindo! O meu é Ana Rute.

— Olá senhora Ana... Ana Rute, me desculpe.

— Pode me chamar de Ana.

— Ah... obrigado. – Ben respondeu nitidamente nervoso.

— Como vai sua família? Seus pais seguem alguma religião?

— Sim.

— Que benção. Qual delas? – perguntou minha mãe toda animada. Vi nos olhos de Ben, que estava muito sem jeito com o interrogatório logo de cara. Ele olhou para mim e para não o deixar mais constrangido, mudei de assunto.

— Mãe, cadê o pai?

— Hum... Estou com o almoço quase pronto, ele já chega, fiquem à vontade.

— Tudo bem.

Confesso que apesar de saber que minha família era estranha, eu não conseguia me adaptar aquilo – às vezes chegava a pensar que fui adotada, se não fosse as fotos de criança – eu ainda fico esperando chegar em casa e ser recebida como se sentissem minha falta. Desde pequena sempre tive a impressão de que eu não fazia parte desta família, que caí de paraquedas em um lar completamente estranho. Era como se nada me pertencesse de verdade. Eu ficava tentando buscar algo, existia um vazio, um buraco que eu não conseguia entender. Algumas lembranças, fora de contexto, apareciam em minha mente e eu tentava encaixá-las no tempo, mas não conseguia. E isso acabou me tirando a alegria de voltar para casa. Poxa, meu pai sabia que eu estava vindo, não podia esperar por um instante e me receber com meu amigo? – afinal, até o momento Benjamim estava sendo apresentado como meu amigo, apesar da minha mãe já saber a verdade. Enquanto meus pensamentos me enlouqueciam e meu humor mudava para pior, escutei Ben falando baixinho no meu ouvido. Estávamos debruçados na sacada da varanda na frente da casa.

Minha casa era térrea com um portão de ferro branco na entrada, subíamos três degraus para termos acesso a porta de madeira branca. O piso da frente era vermelho, e dentro da casa era tudo de taco, bem brilhante, como minha mãe gostava de deixar. A sala era grande, e ficava à direita da porta de entrada – havia um pequeno *hall* quadradinho, logo que se entrava na casa, e, um vão de acesso à sala – assim que entrávamos, do lado esquerdo tinha um longo corredor que dava acesso aos cômodos dos quartos e banheiros. E do lado direito da sala um corredor que dava acesso a cozinha e quintal, tudo reformado pelo meu pai. Na varanda da frente, tinha uma mureta pequena, que minha mãe deixava cheia de plantas e flores, abaixo podíamos ver o espaço da garagem para um carro. Tudo muito simples, mas bem organizado e harmônico.

— Ei... que cara é essa? – Ben sussurrou e sorri apenas balançando a cabeça. Não queria começar o feriado reclamando. — Quero te abraçar, posso?

— Melhor não!

— Sério? Vamos ficar só como amigos aqui? – fiquei olhando para Benjamim pensando no que eu poderia responder sem ofendê-lo. Na verdade, ele tinha razão, eu não poderia ficar fingindo que ele era um amigo, afinal, como vou pedir para viajar com um amigo? Ou será que como amigo seria mais fácil? Talvez um amigo da faculdade que também estava indo estudar? Hum... boa ideia. – *Sarah Furtado, pode começar a desfazer esses pensamentos mentirosos! Mentira tem perna curta e sempre acaba mal. E Benjamim não aceitaria isso.* — No que está pensando, Sarah? Coisa boa não é... – continuou ele.

— Por que está pensando isso de mim? – eu disse rindo, pois sempre parecia que Ben podia ler meus pensamentos.

— Porque estou vendo seu rosto bolando o que não presta.

— Benjamim, sabia que ficar adivinhando os pensamentos dos outros é pecado? – ele soltou uma gargalhada alta.

— Eu sabia que você estava bolando alguma coisa errada. E pode esquecer que não serei cúmplice. E mais, se está passando por sua cabeça que eu serei apresentado aos seus pais só como seu amigo, pode esquecer isso.

— Por que?

— Sabia que estava pensando isso. – ele falou com as mãos na cabeça.

— Não pensei nada... você que está dando as ideias.

— Negativo, linda! Seus pensamentos são nítidos neste rosto lindo.

— Ben, talvez... Deveríamos contar por etapas.

— Não, Sarah. Não tem coisa pior do que ficar falando as coisas por partes. Já brigamos por causa disso, e não quero fazer com as pessoas o que não gosto que façam comigo. Então esqueça essa ideia! Estou nervoso, mas sei muito bem enfrentar meus problemas de frente.

— E se meu pai não aceitar?

— Então pensaremos em algo para convencê-lo. Já enfrentei o meu, o seu será moleza.

— Ahhhh... está certo! Quero ver quando o conhecer.

No mesmo instante, um carro chegou e um homem estranho desceu para abrir o portão. Olhei com mais atenção para dentro do carro e avistei que meu pai estava do lado do carona, mas não parecia ele... o sol estava dando reflexo no vidro e fiquei confusa.

— É seu pai?

— Não... é... não sei!

— Não sabe... – disse Ben rindo.

— Não. Parece mais magro.

— Olá, boa tarde, Sarah! – disse o homem negro, alto e forte que desceu para abrir o portão. Não o reconheci, porém ele me conhecia.

— Olá... – dei com a mão e um sorriso sem jeito.

Ele estacionou o carro e desceu para abrir a porta para o meu pai. Fiquei tão confusa, imaginei: – Será que o Sr. Matias agora está tão besta que tem um motorista para servi-lo? – mas meus pensamentos me traíram e meu coração saiu pela boca quando vi que o homem abriu a porta e, se abaixou para pegar o meu pai no colo. Fiquei estatelada segurando firme na mureta – Que droga era aquela? – pensei comigo.

O homem carregou meu pai do carro até o quarto e eu fiquei como uma estátua tentando entender a cena. Não reconheci meu pai, ele estava magro, acho que pesando uns 40 quilos, pálido como uma cera, quase sem cabelos – muito ralo mesmo – a roupa parecia grande em seu corpo. Ele sempre foi um homem elegante, apesar do sobrepeso, então aquela cena me tirou o ar e me senti tonta. Benjamim deve ter percebido meu espanto, e me segurou pela cintura de forma discreta. Eu não saí do lugar, até que o ouvi me chamando.

— Sarah? Está bem?

— Ben... o que é isso? Não parece o meu pai. – falei engolindo seco. E não tive coragem de seguir o homem até o quarto.

— Amor... eu não conhecia seu pai... então não sei nem o que dizer. Mas, ele parece bastante doente. Você não sabia de nada?

— Não... não sabia... – falei e saí em direção a cozinha. — Mãe, o que aconteceu com o pai? Por que não me disse que ele estava doente?

— Filha! Então... era isso que eu precisava conversar com você. Só não queria que soubesse por telefone.

— O que houve? Por que não disse antes? Esperou todo esse tempo para dizer que ele não está bem. Se tivesse me falado eu viria para casa.

Minha mãe respirou fundo e começou contando desde o início toda a história de que meu pai vinha tendo dores e mais dores nas costas. Sempre com crises de pedra nos rins, um vai e vem de hospitais sem fim. Eu realmente me lembro de várias destas crises enquanto ainda estava morando com eles. Porém, recentemente, em uma das crises, ele desmaiou e um dos exames de sangue foi acusado uma alta taxa de cálcio no sangue, fato que tem o levado as crises de pedras nos rins. Ele foi encaminhado para um especialista devido outros fatores suspeitos como a perda de peso, falta de apetite e fraqueza. O diagnóstico foi *carcinoma hepatocelular*, ou vulgarmente falando, câncer de fígado. Um tipo de câncer comum em mais de 10% da população, que se descoberto no início, existe chances de cura, porém não era o caso em questão. Todas as vezes que ele se sentiu mal, associou que eram apenas as pedras nos rins, que na verdade, existiam, mas nunca foram tratadas com a devida importância, e ele também nunca buscou saber o motivo das

inúmeras incidências. Só após o episódio do desmaio que se descobriu o problema, já estava em estágio avançado. Eu não era médica ainda, mas já sabia o fim daquela conversa, ou melhor, eu pensava que sabia.

Fiquei ouvindo minha mãe falar e algumas coisas eu até tinha estudado nesse semestre, sobre o princípio de desenvolvimento das doenças e sistema digestório, que me deu a ideia do que estava por vir. Benjamim pediu os exames para dar uma olhada e tentar ajudar de alguma forma. Minha cabeça começou a viajar no passado e lembrar de situações nas quais devemos sempre tomar muito cuidado.

Apesar de não concordar com muitas atitudes dos meus pais, sou uma pessoa que acredita nos princípios de Deus e uma das coisas que me lembro era ouvir pregadores estarem sempre exigindo santidade de seus filhos e muitos deles dizendo que doença era sinal de que a pessoa estava em pecado. Inclusive meu pai dizia isso, e por isso, talvez, seja o motivo pelo qual nunca procurava médicos para saber de fato o que tinha com aquelas crises renais. Mas eles esquecem de dois fatores importantes: o primeiro, é que somos feitos de carne e assim, somos suscetíveis a doenças na Terra, pois vivemos aqui. E o segundo, é que a própria Bíblia nos ensina que aquele que está de pé cuide para que não caia, este último realmente era uma verdade vinda da parte dele, que pregava santidade, julgava tudo e todos, mas esqueceu de vigiar a própria vida. Não podemos julgar ninguém, porque a vida dá muitas voltas, um dia podemos estar lá em cima olhando tudo do alto e no outro pode ser que estamos precisando que alguém nos carregue no colo e nos dê banho. São realidades nas quais tenho visto todos os dias quando estou dentro do hospital. A verdade, é que a humildade e o amor devem andar lado a lado todos os dias de nossas vidas.

Segundo round

Depois de ouvir toda a história e nos meus pensamentos tentar organizar as ideias, senti um abatimento muito grande, porque mesmo ele não sendo o pai que sonhei e desejei por toda a vida, eu o amava, nunca esperei que algo ruim nesta magnitude o atingisse. Por mais grosso e ignorante que ele fosse e mesmo sabendo das traições e da pessoa que fingia ser na frente dos outros, eu tinha esperança de que um dia ele pudesse enxergar o quanto estava perdendo com essas atitudes. Desde pequena imaginava viver outra vida, pensava nele como um pai carinhoso, ficava aguardando ele chegar em casa e me abraçar, ouvir um elogio, ou qualquer palavra amorosa que fosse. Mas na verdade, esse dia nunca chegou... até que um dia eu desisti e resolvi seguir minha vida do meu jeito. Sabia que o respeito a ele era algo que me trazia benefícios para a vida, e, assim o fiz. Acredito até que Benjamim seja um destes bens – chega ser irônico: Bens e Ben – ele é o meu presente, a minha felicidade.

Enquanto eu continuava pensando deitada no sofá, porque não tive coragem de ir até o quarto do meu pai, até que ele me autorizasse, senti uma mão macia passar pelo meu rosto e dei um pulo.

— O que foi? – Benjamim se assustou com minha reação.

— Nada. Só levei um susto...

— Eu imagino que não deve estar sendo fácil chegar aqui com um plano e levar esse soco no estômago. Mas seja forte e converse com ele. Por que não vai lá saber como ele se sente?

— Eu vou. Só preciso de um tempo. Nunca entrei no quarto deles sem ser chamada.

— Hum... nunca imaginei que pudesse existir relacionamentos assim hoje em dia.

— Ahhh... acredite! Existe!

Benjamim estava tão lindo, de joelhos no chão, olhando profundamente nos meus olhos, enquanto acariciava meu rosto. Eu queria abraçá-lo e sentir os seus braços me envolvendo, como ele tinha o hábito de fazer quando eu me sentia insegura. Mas ao mesmo tempo, estava com medo de causar um reboliço dentro de casa. Meus pais nunca tinham me visto com ninguém, por mais que hoje, por ser maior de idade, teoricamente eu poderia ter mais liberdade, a dependência que eu ainda tinha deles me impedia de fazer o que eu quisesse. Respirei fundo, querendo fechar os olhos e deixar Ben me tocar, mas olhei dentro dos seus olhos de tigre sedutores e deixei escapar meus pensamentos:

— Quero muito te abraçar. – revelei com a voz baixa e ele sorriu.

— Então vem.

— Não posso... – falei com dor no coração. Sabia que era importante para Ben resolver a questão do namoro com meus pais. Tinha certeza de que estava tão frustrado quanto eu, por perceber que o momento estava bem mais complicado do que imaginávamos. Bom... pelo menos eu achava isso!

— Eu entendo... quer que eu converse com sua mãe? – ouvi-lo dizer isso foi um alívio. Pois confirmava que ele realmente queria resolver a situação. Mas ainda não sabia muito bem por onde começar. Não tinha intimidade com eles para dar início no assunto. E agora meu pai estava frágil, poxa vida... que situação!

— Não... você não viu as perguntas dela, Ben?

— Eu sei...

— Preocupada por saber qual a sua religião... Por que não começou com “olá tudo bem?” como uma pessoa normal?

— Eu sei... deixe isso para lá, amor! Você sabe que eles são assim e ainda se surpreende? Vamos pensar em organizar as coisas dentro dos recursos que temos. Ok? – tive que rir dele. Organizar? Recursos? É sério isso? Meu Deus, ele é o louco da organização. Enquanto eu sorria pensando no que dizer, ouvi a voz da minha mãe:

— Sarah? – Benjamim se levantou calmamente, enquanto eu estava nervosa com a possibilidade dela nos ver juntos. Aquilo era estranho!

— Estou aqui. – respondi, mas ela já estava na sala e Ben de pé me olhando.

— Seu pai pediu para falar com você. – meu coração disparou quando percebi o rosto aflito da minha mãe. Meu Deus, lá vem bomba... ele vai querer saber sobre quem é o cara que eu trouxe em casa, sem antes falar com ele. Nem doente me dá trégua.

Benjamim me olhou de forma animadora me dando forças para ir até o meu pai e manter a calma. Eu entrei no quarto com o coração acelerado e as mãos trêmulas. Meu pai estava sentado na cama e irreconhecível, tive a sensação de mal-estar quando o vi tão debilitado, estava com dificuldades para respirar de tanto *stress*. Andei devagar e não sabia se eu me sentava na cama, ou me aproximava, porque na verdade, eu nunca tive um relacionamento afetivo com o meu pai, não tínhamos o hábito de nos abraçar, ou brincar... eu estava sentindo compaixão ao vê-lo naquele estado, da mesma forma que sinto por um paciente no hospital. Mas não sinto dor por me recordar de como ele era, porque não tenho lembranças de uma infância alegre ou de um relacionamento entre pai e filha. Apenas sinto pena, pois ninguém merece passar por esse sofrimento. O que eu podia fazer naquele momento? Talvez perguntar como se sentia? O que eualaria para um paciente? Porque abraçá-lo ou tocá-lo eu jamais teria coragem, o medo que eu sentia dele era maior.

— Oi, Sarah. – ele iniciou a conversa abatido e com a voz fraca. Não parecia altivo.

— Oi, pai.

— Não se assuste. Sei que deve estar confusa, mas estou bem na medida do possível. – falou devagar.

— Por que não me avisou que o senhor estava doente?

— Não, não. Bobagem.

— Hum... não é bobagem. Como se sente?

— Cansado.

— É o tratamento. Está fazendo quimioterapia?

— Sim...

— Por isso... se sente tão fraco. Precisa descansar.

— Você está bem? – meu pai me perguntou com a voz bem abatida e os olhos cheios de lágrimas. Era a primeira vez que o via tão vulnerável.

— Sim... e... o senhor, como está se sentindo? – ele fechou os olhos e não disse nada. Eu fiquei em silêncio, não sabia o que fazer. Quando ele abriu seus olhos estavam vermelhos e uma lágrima escorria por seu rosto, seu queixo tremia tentando conter um choro amargo. Confesso que fiquei tão desconcertada e tive vontade de abraçá-lo. Mas permaneci inerte.

— Acho que... para quem eu sou... estou bem! – aquelas palavras me fizeram sentir um aperto no peito, porque eu conseguia ver em seus olhos arrependimento. Por que os homens precisam sentir dor para se arrependerem do mal? Não conseguia entender isso... Apesar do relacionamento frio que sempre tivemos, eu continuava me comovendo com o seu estado. Vários pensamentos atravessavam a minha mente, me lembrava do dia em que o vi com aquela mulher no carro, das palavras duras dele com a minha mãe, das grosserias e friezas comigo a vida toda. E principalmente da dureza que ele sempre levou as regras da casa com relação à fé e as próprias coisas da vida, uma vez que eu sabia que andava por caminhos tortos. Nenhum homem jamais conseguirá ser completamente santo uma vez que a própria Bíblia diz que somos todos pecadores – *E por isso é tão importante perdoar, Sarah!* – lá vem ela... minha consciência me dando lição de moral. Mas ela está certa. Eu preciso perdoar meu pai...

— Pai... o senh...

— Sarah... eu preciso dizer algumas coisas... porque sei que meus dias estão contados. – ele falava com a voz embargada, tentando ser forte.

— Pai... não diz isso...

— Eu preciso, Sarah! – apenas concordei com a cabeça. Estava sentada na beira da cama um pouco afastada, ainda com medo dele — Houve um tempo atrás que eu andei meio perdido... – fiquei gelada achando quealaria daquela mulher, não queria ouvi-lo falar dos seus casos — Eu...

— Pai... não quero que diga nada!

— Sarah, minha filha! – ele falou de forma carinhosa e olhando no fundo dos meus

olhos. Aquilo era absolutamente inédito e fiquei parada o encarando, tentando me situar — Sempre a tratei como minha... — Hã? Como assim? Do que ele estaria falando? Como minha o que? Devia estar delirando, mas permaneci em silêncio tentando entender — Eu errei muito, Sarah! Errei com a sua mãe, errei com a minha congregação, errei com Deus. Mas principalmente, errei com você. — ele me olhava emocionado, mas parecia envergonhado de tudo e por isso em alguns momentos desviava os olhos de mim... Aquela situação estava me deixando tão nervosa, meu coração estava batendo forte e tinha medo do que ele podia me dizer — Prometi a sua mãe, que nunca contaríamos a verdade — Verdade? Santo Deus! Que verdade ele estaria querendo dizer? — Mas, diante do que venho sofrendo e diante do que ouvi hoje dos médicos, não tenho mais cura, só Deus pode me tirar dessa dor. Eu sei que Ele pode, mas fará segundo a sua vontade. Eu não posso carregar mentiras dentro de mim e nem continuar vivendo uma vida falsa.

— Pai... o senhor está me assustando. — que porcaria ele estaria querendo dizer. Estaria delirando?

— Eu sei... Mas seja forte! Sei que é! — ai meu Deus... vem chumbo grosso para o meu lado! — Sarah, sente-se aqui mais perto. — ah não... não queria ficar mais perto.

— Pai... — eu não conseguia dizer mais nada.

— Sarah, antes de me casar com a sua mãe, ela se envolveu com um rapaz, que havia recém-chegado na congregação, chegou parecendo ser um homem correto, frequentou o grupo durante um tempo, se envolveu em alguns ministérios, se aproximou das jovens, no início tudo parecia respeitoso, mas com o tempo, percebi que ele estava se engraçando para o lado de Rute. Tentei conversar com o nosso líder sobre as atitudes dele e sobre a questão de tudo ser muito recente, mas ele gostava muito do rapaz e não deu muito atenção, chegou até a dizer que era coisa da minha cabeça. Mas com o tempo, o rapaz se aproximou cada vez mais de sua mãe e ela se apaixonou por ele. Todos a apoiaram, pois todos gostavam dele, e, eles acabaram se envolvendo. Mas como nem tudo que parece bom, às vezes é de fato, ele a desrespeitou e a engravidou. Claro que ela acreditou nas promessas infundadas do rapaz, se ele conseguiu seduzir até o nosso líder, que era um homem duro e desconfiado, imagine uma menina cheia de sonhos! Eu amava sua mãe e a desejava, mas quando vi que estavam juntos, me afastei. Um dia, fui chamado na secretaria, pelo líder da época, e ouvi a pergunta: — Matias, você ama a filha do irmão Luiz, a Ana Rute? — fiquei questionando o motivo da pergunta dele. E o líder continuou: — Ama o suficiente para assumi-la como sua mulher? — fiquei sem chão, sem saber o que dizer, ficava me perguntando: Como assim? Mas ela está namorando o “fulano”. O que será que aconteceu?! — E... — meu pai deu uma pausa longa e meu coração estava desesperado. Parecia juntar forças para continuar a história macabra do passado deles.

— E... a verdade... era que... o “fulano” fugiu, logo que descobriu que sua mãe estava grávida. Ninguém sabia onde ele estava. — grávida? Ele disse grávida? Meu Deus! Fiquei sem ar... era um pesadelo e acreditei que iria acordar... mas ele continuou: — Eu amava a sua mãe mais do que tudo! Na verdade, eu a amo! Na hora não sabia o que dizer, fiquei acuado, mas pensei que era a chance de tê-la para mim. E resolvi ficar com ela e assumir a

criança. – que droga é essa? O que este homem estava dizendo? Ele enlouqueceu! A quimioterapia devia estar deixando-o com confusão mental.

— Pai... eu...

— Espere! Não diga nada... eu preciso ir até o fim senão posso perder a coragem. – ainda tem mais??? — Sarah, eu preciso do seu perdão. Porque eu disse para Deus que cuidaria de você e da sua mãe com todo amor, mas... eu nunca soube amar vocês. Eu sentia que deveria me aproximar, mas algo dentro de mim as rejeitavam. Deus foi tão maravilhoso que quando você nasceu, vi que tinha os mesmos olhos azuis que os meus, os mesmos cabelos dourados que os meus, sua pele branca, eu chorei por dias sem que ninguém pudesse ver. Deus me deu você! Mas eu lutava para enxergá-la sendo minha. E quando olhava para a sua mãe, eu não conseguia perdoá-la por não ter sido totalmente minha. Ela tinha sido dele primeiro, eu fui apenas o cara que evitou o escândalo, o reservado no banco aguardando ser chamado. Meu pai falava e eu sentia um misto de sentimentos, como raiva, ressentimento e arrependimento. Parecia até corado enquanto falava sem parar, e eu perdia o fôlego.

— Eu não me sinto bem. Preciso de ar... – eu levantei e saí correndo. Era demais para mim. Como assim, eu não era filha dele? Minha mãe... não... até onde tudo aquilo chegaria? Eu estava sufocada e sem ar... precisava ir embora... queria sair dali... aquela casa me fazia mal!

Saí correndo pelo corredor, a porta da sala estava aberta, Benjamim estava na varanda e passei por ele correndo, abri o portão de ferro e saí pela rua, eu precisava de ar puro. Escutava o meu nome sendo chamado alto, mas eu não parava de andar rápido, até que senti as mãos fortes de Ben me segurarem com força.

— Sarah!! O que aconteceu? – ele perguntou assustado e ofegante como eu.

— Ben... Ben... – eu não conseguia falar, estava sem ar e com a vista escura. Ele me envolveu em seus braços e beijou o topo da minha cabeça várias vezes.

— Calma! Fica calma! Tem alguma lanchonete ou bar por aqui?

— Não sei...

— Vem aqui... Vou comprar uma garrafa de água.

— Quero ir embora.

— Calma. Primeiro se acalme e me conte o que aconteceu. Depois nós vamos embora.

Benjamim me levou para o carro e lá dentro eu consegui me acalmar, minha respiração foi desacelerando e um filme da minha infância começou a passar pela minha cabeça. Eu queria encaixar todas as peças nos devidos lugares e comecei a história de trás para frente, deixando Ben sem entender nada. Expliquei o que eu tinha acabado de ouvir do meu pai e eu repetia como uma louca aquelas palavras para que eu mesma pudesse acreditar. Juntei os fatos sobre não o sentir tão perto, as grosserias intermináveis que ele fazia com a minha

mãe, que ficava calada. — Ela se sentia uma prisioneira... — acabei soltando um dos meus pensamentos.

— Sarah, eu não estou entendendo nada! — eu escutava a voz de Ben longe, era como se dentro da minha mente um redemoinho de palavras e cenas se misturassem, eu escutava vozes indo e vindo, lembranças de uma vida que resolveram despertar e trazer um turbilhão de sentimentos dentro de mim.

Sempre fui melancólica e apenas algumas pessoas conseguiam me fazer sorrir. No fundo, eu era uma sonhadora aguardando a felicidade. A parte mais difícil sempre foi tentar entender o porquê eu não me sentia amada, e, quando alguém se aproximava e eu conseguia me sentir importante, então, algo ruim acontecia. Apesar de tudo isso, sempre senti uma força sobrenatural que me conectava ao mundo idealizado em minha mente, com a certeza de que alguém especial estaria comigo. Enquanto os meus pensamentos estavam atordoados, a voz de Benjamim ressoava longe, sentia as suas mãos tocarem o meu rosto e foi como água fresca em dia de sol. Senti alívio e paz, sua boca estava perto do meu ouvido e falava meu nome delicadamente repetidas vezes. Relaxei meus ombros e consegui me conectar com ele, fechei meus olhos e me permiti sentir que não estava sozinha. Ouvia dizer exatamente isso: — Você não está sozinha! — era o que ele repetia e tudo parecia acontecer em câmera lenta. Deixei que todo aquele sentimento de frustração saísse e comecei a falar sem parar:

— Benjamim, eu sempre me perguntei o porquê ele nunca me amou, sempre associei o fato à religião, que ele não sabia amar, ou porque queria parecer santo na frente de todos, quando na verdade ele era um adúltero, sem escrúpulos por trair minha mãe, que fazia de tudo por ele. Muitas vezes me imaginava encarando-o com raiva, mas nunca tive coragem de fazer isso de fato. Existia uma distância entre nós que agora eu posso entender, não que ele fosse certo, com aquelas atitudes, porque eu não tenho culpa de nada disso, e, claro que não há justificativa para o que ele fez comigo nem com ela. Até porque, era óbvio que minha mãe foi enganada por amor... ela acreditou que aquele cara a amava e por isso se entregou e tudo isso aconteceu...

— Sarah, amor... calma! Está falando tudo junto... quem a enganou? Seu pai? Por que a culpa? — ele ligou o carro, foi até uma venda que tinha perto de casa. — Espere aqui, eu já venho.

Eu fiquei no carro com os olhos fechados tentando me recompor. Eu não sou uma mulher fraca... — *Isso mesmo! Reconponha-se!* — minha consciência sempre em alerta. Benjamim voltou com uma garrafa d'água.

— Tome, beba e respire fundo. Eu já entendi o que houve. Mas explique devagar.

— Obrigada! Não, eu quis dizer o meu pai biológico, que nunca será meu pai. Apesar de todos os defeitos, meu pai será sempre o Matias.

— Claro, meu amor! Ele é seu pai, e não importa o que faça, nem o que aconteceu com a sua mãe no passado. Mesmo que por ignorância ele tenha errado, não o culpe porque tentou acertar. Sarah, com todos os erros que cometeu, ele o fez por amor. Sei que é muito

difícil entender tudo agora, mas se acalme, volte pra lá e termine essa conversa. Seu pai está muito doente, amor... Preciso dizer que só mesmo um milagre pode salvá-lo da doença, porque os exames já mostram a metástase por todo o corpo. Não posso esconder isso de você.

— Eu sei...

— Chore o quanto precisar, mas resolva tudo com ele. Mesmo que tenha errado, o perdoe. E sua mãe... ela foi enganada! Isso é a coisa mais normal que pode acontecer.

Respirei fundo ao ouvir as palavras de Benjamim e eu sabia que ele tinha razão. Matias assumiu ser meu pai. Com todos os erros que teve, sempre cuidou de mim, mesmo que friamente e distante. Às vezes pensamos que os pais são heróis que nunca podem falhar, mas esquecemos de que eles também são humanos sujeitos a erros, tanto quanto nós, que somos filhos. Achamos que nossos pais, serão aqueles que nos protegerão e enfrentarão o mundo por nós, nunca podem falhar ou cometer erros, porém eles erram, se machucam, tomam decisões erradas e algumas vezes acertam. Decidi ouvir o conselho de Benjamim e voltar para casa, ele foi junto comigo e quando entrei pela porta, vi minha mãe chorando, me ajoelhei na frente dela, que estava sentada no sofá da sala, a abracei forte e disse que a amava, que nunca deixaria de amá-la ou admirá-la. Tudo começava a fazer sentido e precisaríamos de tempo para arrumar o estrago de uma vida.

— Não o odeie, Sarah! Porque quando eu pensei que morreria de dor no meu coração por ter sido abandonada, ele me aceitou. Ele me amou... do jeito torto dele, mas amou! – eu a ouvi dizer aquilo e me perguntei: – Será que ela sabia dos casos que ele tinha? Será que era prudente contar e colocar tudo em pratos limpos? Talvez, não! – decidi não dizer nada. Me levantei, segui para o quarto onde estava o meu pai, fechei a porta e disse:

— Pai, quero que termine de contar tudo e vamos ser claros um com o outro. – eu tomei uma coragem que não sabia de onde vinha. O abracei forte, ele estava tão magro e frágil! Fechei meus olhos e deixei que toda a frustração e mágoas do passado fossem embora. Suspirei diversas vezes e vi meu pai chorar como uma criança. Repeti em seu ouvido várias vezes:

— Pai... você é e sempre será o meu pai!

Tomamos café e seguimos para USP, passamos no alojamento que estava imundo, resolvi arrumar e limpar tudo antes de ir para a aula. Ben estava bicudo e pediu para sua secretária do lar para me ajudar. Me deu um beijo frio e saiu para o HU, deixando um milhão de recomendações. Eu sabia que no fundo ele tinha razão, mas eu precisava do meu espaço. Limpamos tudo, dei boas risadas com a Maria, que é um amor de pessoa, e claro, que eu não perderia a oportunidade de saber mais sobre Ben, as gêmeas e aquela pessoa...

Maria trabalhava para a família há 10 anos. Era uma senhora de uns 58 anos, estatura mediana, branca, olhos claros e um pouco acima do peso para sua altura, mas bem forte. Fui questionando, rodeando, disfarçando e aos poucos, enquanto brincávamos, ela foi soltando o que eu queria saber! Perdão Deus! Não fiz por mal! Descobri que Ben sempre foi tihoso, mas tinha um coração bondoso, diferente das gêmeas que eram mimadas, Benjamim sempre abriu mão de si mesmo para ajudar os outros. A Maria não falou mal delas, mas também não falou bem, exatamente como eu imaginava que eram. Inclusive, me perguntou por que eu não quis ficar no apartamento, já que tinha espaço para todos. Mas, por cautela, apenas disse que não queria incomodar e aproveitei para perguntar:

— Maria, você sabia que vou viajar nas férias com o Ben?

— Não sabia. – ela respondeu breve. Fiquei chateada porque queria mais informações.

— Hummm... Parece que vamos nos hospedar na casa de uma prima dele. – forcei uma tentativa de resgatar alguma informação daquilo que ainda estava me tirando o sono.

— Ahhh sim... a dona Jacqueline. – mas que droga, ela precisa falar mais do que isso!

— Você a conhece, Maria?

— Hum... pouco. Ela veio algumas vezes para cá, mas sempre fica com as meninas. O Ben trabalha e estuda muito, quase não tinha tempo para ficar com elas.

— Entendi. – acho mesmo que tudo não passa de coisa da minha cabeça. Ela ficou em silêncio e eu continuei guardando algumas peças de roupa no armário, quando ouvi uma gargalhada no corredor e a porta do quarto abrir.

— Oieee... quem está aí? Cadê a loirinha mais linda da USP? – quando olhei para a porta, Marcela estava entrando cheia de malas junto com o motorista. Meu coração deu um salto de alegria, tenho certeza de que os meus olhos brilharam.

— MARCEEEEEELA!

— Sarinha! Sua fofa... vem aqui, miga! Saudades de você! – nos abraçamos forte e até me emocionei. Sempre gostei muito desta morena maluca.

— Sua doida! Você me deixou aqui sozinha sem notícias! Quase morri por sua culpa! – bastou esta frase para ela mudar a fisionomia, acho que joguei um balde de água fria.

— Eu sei que devo explicações. Mas é tão difícil falar sobre isso...

— Me desculpe. Não vamos falar disso agora. Conte-me coisas boas!

— De coisas boas não tenho nada... Mas o que está fazendo aqui, por que não está com o Ben?

— Na verdade, eu estava até agora, voltei hoje! A Maria veio me ajudar a dar uma arrumada aqui.

— Olá Maria!

— Olá! Podem ir almoçar, meninas! Já passa da uma da hora da tarde! Eu também vou dar uma saidinha e volto para deixar tudo arrumadinho aqui.

Descemos, acompanhei a Maria até a cantina e almoçamos todas juntas. Enquanto eu não consegui tirar quase nada de informações da Maria, com a Marcela já foi diferente, seu jeito engraçado e autoritário fez com que Maria nos contasse tudo. No início da conversa, Marcela me perguntou como eu e Maria nos conhecemos e contei que estive na casa de Benjamin, que descemos para a praia, que conheci as gêmeas, enfim... acabei contando de forma comedida alguns detalhes.

— Então você trabalha para o dr. Benjamin?! – perguntou Marcela para Maria.

— Sim. Conheço a família há bastante tempo. Eles gostam de mim e eu adoro aquele menino! Sempre educado e nos tratando com muito carinho, as irmãs são mais difíceis, mas têm seu lado bom. Cortam um dobrado com ele, porque o Ben é muito ciumento.

— Claro que gostam de você, olha essa doçura! – Marcela falou apertando o rosto da Maria, que acabou dando risada. — Quem não vai gostar? Mas me fale mais... Benjamin é ciumento e as irmãs são malvadas? – balancei a cabeça achando engraçado o jeito da Marcela, enquanto Maria também se divertia com ela.

— Sim... Benjamin é um amor, mas gosta de tudo muito bem explicadinho, sempre foi organizado e todo certinho. Tão organizado que tenho medo de deixar coisas fora do lugar.

— Sei bem como é isso! – acabei pensando alto e as duas riram — Maria, o que são aquelas etiquetas espalhadas por todos os lugares? – acabei perguntando e rindo.

— Sim... ele diz que aquilo é para me ajudar a deixar tudo no lugar. Já que as gêmeas são umas bagunceiras e estão sempre se metendo em alguma confusão com os namorados. O dr. Abel fica louco com elas!

— Hum... as duas estão namorando? – a Marcela continuou e eu fiquei só observando.

— Agora só a Bella, a Bia está solteira. Elas aprontam todas, quando eram menores, se o Ben aparecesse com alguém, elas aprontavam com a menina. A única que podia se aproximar de Benjamin era a prima. Essa é o xodó das meninas.

— Hum... xodó?! Mas por quê? – acabei perguntando.

— Ah... A Jacqueline é mais velha do que elas e sempre vinha passear por aqui, trazia presentes e sabe como é isso... ela tem a idade do Ben, acho que trabalha com fotografia. Muito bonita, mas olha... ow menina enjoada! Eu não gosto muito dela não, tem o nariz

empinado e acha que tem o rei na barriga! Humilha as pessoas, acha que nós somos empregadas dela. Não gosto de falar da vida do patrão não... mas ela não é minha patroa! Eu trabalho para o dr. Abel e para dona Eliana, que são maravilhosos. Mas quando chega aquela menina...

— Hummm... e ela vem sempre? – perguntei apavorada.

— Ela vinha, mas teve um tempo que a dona Li não deixou mais ela vir. Teve uma briga na família, não sei direito o motivo. Mas olha... você fica de olho, hein menina... eu não quero por lenha na fogueira, mas eu acho que a briga foi por causa do Benjamim. Eu sempre desconfiei que ela gostava dele, não como prima... sabe? A dona Li descobriu alguma coisa estranha e não deixou mais ela tirar férias aqui. Ela vinha com a família toda, e o dr. Abel ficava muito incomodado. — eu fiquei sem chão. Eu sabia que tinha alguma coisa!! — E tem mais... eu ouvi uma briga feia do dr. Abel com o menino, parecia não querer que ele ficasse na casa dela, nessa viagem que vocês vão fazer, sabe?

— Sim... sei! – ai meu Deus! A Maria se fazia de bobinha, mas na verdade ela sabia de tudo! Eu queria que ela me contasse mais, porém logo levantou e disse que tinha que resolver umas coisas.

— Pelo visto, perdi bastante coisa, né... – comentou a Marcela se divertindo com a boca aberta da Maria.

Eu preciso ganhar forças e tentar convencer o Ben a não ficar na casa dessa prima! Mas como? – pensava comigo.

Acabamos o almoço e seguimos para o alojamento, me calei e fiquei pensando em cada palavra da Maria. Eu sabia que tinha alguma coisa... então a briga dele não foi por minha causa e sim por causa dela! Os pais de Ben deviam saber que rolou alguma coisa e não querem que ele vá para lá. E eu pensando que o problema era comigo, aquelas irmãs querem que ele fique com ela! Isso é o que vamos ver...

Quando foi umas 17h, a Maria se despediu e foi embora, fiquei sozinha com a Marcela e conseguimos conversar. Na verdade, ela queria saber sobre eu e o Ben, aquelas perguntas indiscretas que ela sempre faz... Quando eu revelei que Benjamim ainda não me tocou... intimamente, ela ficou me olhando incrédula.

— Sarah, ele é gay? – ela questionava com os olhos arregalados.

— Que isso, Marcela?! Claro que não!

— Como assim, miga! Hoje em dia um cara só aceita isso com uma mulher se for gay!!

— Marcela, se dependesse de mim eu já tinha dormido com ele...

— Piorou!!! Ai meu Deus Sarah, ele é gay! Por isso não está ligando de não fazer “essas coisas” com você.

— Marcela, te garanto que ele não é gay. – respondi querendo fechar a cara.

— Não pode ser... vocês estão juntos há quase dois meses e não transaram? Se ele não

for gay, então ele está com outra pessoa.

— MARCELA!!! – comecei a ficar irritada com essas suposições.

— Vou averiguar isso... de qualquer forma, melhor descobrir que ele gosta de homem do que estar com outra mulher. E outra, quero saber mais sobre essa tal prima que fica dando em cima dele. Tem certeza que vai viajar com aquele gato e ficar na casa da tal de “Jacque”? Sai dessa, Sarah! Você vai se aborrecer e vocês vão acabar brigando.

— Eu sei... mas como vou falar isso para ele?

— Falando as claras! Não rodeie. Se aquele gato fosse meu, é ruim hein... jamais deixaria ele na casa de uma piriguete!

Respirei fundo e sabia que ela tinha razão! Depois do que tinha ouvido da Maria, a menina não devia ser nada agradável, principalmente sabendo que eu estava indo junto. Por que ela não arranjava um namorado para ela?!

Tomei um banho e Marcela continuava enfiando as coisas da sua mala de volta para o armário. Enquanto isso, ouvi quando bateram na porta e minha amiga ficou em alerta.

— Deve ser o Ben! – falei rápido para acalmá-la.

— Será? Como sabe?

— Sarah? Sou eu, Ben. – ouvi a voz de Benjamim me chamando atrás da porta.

— Não falei!? – respondi sorrindo e Marcela respirou aliviada.

Abri a porta e percebi que Benjamim ficou surpreso ao ver a Marcela.

— Oi Marcela, você voltou? – falou seco.

— Oi dr. Benjamim. Sim... fazer o que? As provas vão começar e preciso terminar o período para recuperar as notas das provas que perdi nesse tempo fora.

— Sim. E você está melhor? – parecia um médico perguntando para uma paciente.

— Sim. Sim. – Marcela respondeu sem graça.

Ele concordou com a cabeça, ainda com a expressão séria e se virou pra mim.

— Vamos comer alguma coisa, Sarah. – percebi que continuava ácido.

— Vamos. Você quer vir, Marcela? – perguntei por educação e ele franziu as sobrancelhas. De certo, não queria que ela fosse e era óbvio que ela perceberia.

— Não... vou terminar aqui e dormir. Preciso por muitas coisas em dia. E não se preocupem, agora tenho um segurança comigo. Depois te conto todos os detalhes.

— Tudo bem.

Saímos e encontrei no corredor um cara alto, forte, com uma calça e camiseta preta agarrada, cabeça raspada, estava com os braços cruzados e aquela cara de *pit bull*, bem gato por sinal! Ben o cumprimentou acenando com a cabeça, seguimos para o carro e ele

continuava distante.

— Está com fome? – ele me questionou em um tom de voz baixo.

— Um pouco.

— Você está bem? – questionou novamente arrumando o cinto de segurança.

— Sim... e você?

— Bem.

— Hum... – que clima horrível! — Benjamim, o que foi? – falei com medo da reação dele, mas eu estava num ponto da minha vida que precisava falar e esclarecer as coisas.

— Nada.

— Como nada? Olha para você... se está chateado comigo porque vim para cá, pode parar... não estou mais sozinha.

— Não, não está! Está pior... está na companhia de uma maluca! – disse irritado.

— Ben... não fale assim!

— Desnecessário vir para cá, Sarah! Tem espaço para você lá em casa, não precisava ter voltado. Não até sabermos o que aconteceu com aquele bandido. Não vou ficar em paz sabendo que você está aqui sozinha e ainda por cima na companhia da Marcela, que é o pivô de toda essa confusão. Você esqueceu que foi por causa dela que você foi atacada? – eu sabia que no fundo ele estava certo, mas fiquei pensando em uma forma de não brigar, porque precisava de paz para convencê-lo a não ficar na casa da prima. Então resolvi abrir as guardas e quebrar o gelo do jeito que eu sabia.

— Amor, não vamos discutir por causa disso. – bastou essa frase para Benjamim largar as armas, ele me olhou alterando a fisionomia raivosa por outra de surpresa. Com certeza não esperava pela minha reação. Me aproximei dele lentamente – como uma gata que desejava alguma coisa – passei minhas mãos pelo rosto dele e o marquei com vários beijos doces e suaves, ele parou de falar e fechou os olhos se deixando levar pelo momento.

Aquilo não era algo que eu tinha o hábito de fazer, ele respirou ofegante e não demorou muito para me tomar nos braços e me beijar intensamente. Senti suas mãos deslizando pelo meu corpo, e sua respiração no meu pescoço me deixou extasiada. Coloquei minhas mãos debaixo da camisa dele e senti o perfume amadeirado do seu pescoço – fazia dias que não nos tocávamos assim. Desde o feriado, acabamos ficando longe por conta de todas as descobertas e na volta quando disse que retornaria para o alojamento, Ben azedou completamente. A barba por fazer me arranhava o rosto e a sua boca macia passeava pelo meu corpo. Eu queria mais... queria ir até o fim, mas não demorou muito para eu ouvir Ben dizer ofegante, com a testa encostada na minha:

— Tenho medo desse seu jeito.

— Meu jeito? – falei sorrindo.

— Sim... você me enfeitiça a ponto de me quebrar por inteiro. E ouvi-la me chamar de

amor... nunca me chamou assim.

— Não?

— Não...

— Mas eu amo você, Benjamim.

Quando disse isso, ele me olhou com aqueles olhos de tigre que conseguiam me paralisar e me fazer perder os sentidos, ele me tomava em seus braços e me beijava com força. Fazia tempo que não sentia o hálito fresco e a língua macia dele dentro da minha boca. Benjamim tinha o poder de fazer com que eu perdesse a razão. Bastava ele dizer: —

Eu quero você agora! – e eu me entregaria por inteira. Eu o desejava como nunca imaginei que pudesse sentir isso com alguém. Queria aquele homem para toda a minha vida.

Minhas inseguranças

Decidimos ir para o apartamento dele depois de quase perdermos o controle de nossas promessas dentro do carro. Eu queria encontrar uma oportunidade para tocar no assunto da viagem.

Benjamim segurou minha mão, subimos o elevador abraçados e percebi que ele estava mais calmo e com a expressão alegre.

— Sarah, fica aqui essa noite... – ele me pediu olhando com aqueles olhos doces e irresistíveis.

— Ben, eu não trouxe nada. E amanhã tenho aula cedo.

— Você não precisa de nada, já tomou banho e a aula de amanhã será comigo. Você pode ir no alojamento antes e pegar o que precisa. – não podia dizer não, precisava de toda a atenção dele.

— Vou pensar...

— Pense com carinho...

Entramos no apartamento e ele foi tomar um banho, enquanto eu fiquei na sala olhando para aquela fotografia da prima, pensando como eu poderia convencê-lo de não ficar na casa dela. Como poderia tocar nesse assunto sem criar uma discussão? Eu ainda estava buscando ideias, ele apareceu na sala, todo cheiroso e com aquele pijama que eu amo: calça de moletom, camiseta e descalço. Benjamim me abraçou pela cintura e um arrepio delicioso atravessou minha espinha quando senti os seus lábios passearem pela minha nuca e meu pescoço. Passamos um tempo abraçados e em silêncio, eu aproveitava cada momento daquele aconchego. Senti-lo tão próximo era tudo o que eu precisava para aquietar a minha alma.

Depois de comermos algo leve, ele abriu um vinho, colocou uma música suave, *Impossible* na versão cantada por *James Arthur*, e ficamos no sofá da sala nos olhando e conversando sobre tudo que vivemos nos últimos meses, sobre como nos conhecemos e toda essa loucura que descobrimos juntos. Ele estava carinhoso e eu comecei a pensar em como o poder de palavras doces podem mudar o rumo de um momento, se eu tivesse sido rude com ele, talvez estivéssemos brigados e distantes, mas optei pelo o amor e estamos no rumo certo! Benjamim estava realmente romântico, parecia feliz por me ter ali com ele. Acariciava o meu rosto, enrolava os meus cabelos nos dedos e soltava, me observando com os olhos quentes. Nossos beijos estavam cada vez mais intensos e a cada momento ele avançava mais o sinal, quando percebia que estava perdendo o controle sobre sua promessa de não me tocar, ele parava e ficava com a cabeça baixa tentando buscar

equilíbrio – aliás, que porcaria de equilíbrio é esse? Benjamim deve ter feito meditação chinesa não é possível! – foi em um desses momentos que eu aproveitei a deixa e comecei a falar tentando não demonstrar medo ou insegurança em minha voz.

— Amor...

— Ahhh Sarah, falando assim você pode me pedir o que quiser... . – era tudo que eu precisava ouvir! Eu olhei dentro dos olhos dele e aos poucos desci pelo pescoço e fui dando pequenos beijos até voltar ao seu ouvido falando delicadamente:

— Amor... a gente precisa conversar sobre a viagem.

— Hum... sim... sobre o que quer saber? – ele respondeu levantando o pescoço, me dando acesso para beijá-lo e mordiscá-lo com carinho.

— Meu passaporte... o dia... o que eu preciso levar... o roteiro... e... o hotel... – eu disse enchendo-o de beijos, mas meu coração e mente estavam acelerados, ansiosa com as respostas, pois eu sabia que aquele momento de paixão poderia se transformar uma grande confusão. Porque todas as vezes que falávamos no nome daquela “menina” o clima mudava.

— Humm... – ele parou e me olhou firme nos olhos — Está em cima já... dei entrada no passaporte e pedi para o despachante agilizar. Apesar de não querer que você pare de me beijar, eu sei que preciso passar isso tudo para você. Já tenho tudo arrumado.

— Ah... já?! – eu disse nervosa, porque eu sabia que os planos eram ficar na casa da “Jacque”.

— Sim. Venha aqui. – ele pegou a taça de vinho colocou sobre a mesa de centro, me pegou pela mão e me levou no escritório. Me colocou sentada no colo dele e abriu o notebook.

— Aqui... eu tenho tudo arrumado. – claro que tem! – pensei comigo – ele abriu uma pasta com o nome ‘*Viagem Boston*’ e depois uma planilha com tudo definido. — Sa, você precisa ir até a Polícia Federal para fazer a entrevista do passaporte, eu vou com você, é bem simples! E depois, ele deve ficar pronto daqui uns 10 dias, o despachante já está com toda a papelada para a entrada do visto, assim já posso bater o martelo com a passagem na agência, porque quero que vá junto comigo no mesmo voo.

— Por que? Corremos o risco de ir separados? – falei apavorada.

— Espero que não. Mas tudo depende do visto, amor.

— Hum... e se não sair?

— Não vamos pensar nisso. Se não sair, eu vou ver o que posso fazer... porque meu prazo com o hospital e o curso estão mais do que apertados. Começo dia 5 de janeiro e estou tentando reagendar tudo com a agência para o dia 23 de dezembro.

— Nossa... e quanto ao hotel? Onde vamos ficar? – aquela era a minha maior preocupação.

— Essa é a única coisa que não preciso me preocupar. – que droga... era o meu maior medo, mas me fiz de desentendida.

— Humm... e por que?

— Já tinha falado, amor! Vamos ficar na casa da minha prima, a Jacque. – precisei contar até mil e respirar fundo para não ter um treco. Eu já sabia, mas contava com a possibilidade de Benjamim ter mudado de ideia depois da briga com o pai. Affff! O cara tinha dinheiro o suficiente pra pagar um hotel e não precisava ficar na casa dessa... argggg que raiva! — Tudo bem? – fiz cara de paisagem e concordei com a cabeça. Ainda não era hora de surtar e com a voz controlada, tentei argumentar:

— Mas amor, se eu estou indo com você e estamos tão bem, não acha que seria melhor se... a gente ficasse em um lugar só para nós? – ele parou e ficou me olhando com aqueles olhos fortes de tigre que muitas vezes me intimidavam, pensei: Sabia que esse assunto ia estragar tudo! – e tentando arrumar continuei:

— Amor, eu não...

— Tem razão, Sarah! – o que??? Tenho razão? Ele concordou? Ai meu Deus!!! Não acredito! Ufaaaa!! Minha reação foi tão espontânea que eu segurei o rosto dele e o agarrei com força o beijando com todo o meu amor.

— OHH... uauuuu... eu preciso concordar mais vezes com você. – disse dando risada.

— Também acho! – respondi ainda o cobrindo de beijos e sorrindo.

— Mas é verdade, eu concordo que se ficarmos na casa da Jacque, vai ser complicado, pelo menos enquanto você estiver lá. – opaaa, pera ai... humm... pelo menos enquanto eu estiver lá?? O que ele quer dizer com isso? – pensei comigo.

— Hummm... como assim? Depois que eu voltar pro Brasil, você vai para casa dela?

— Sim... daí não preciso gastar com moradia.

— Entendo. – afff... minha alegria durou pouco! Mas eu não queria que ele percebesse isso. Eu precisava ser inteligente!

— O que foi? Ainda está cismada com essa situação da minha prima, Sarah?

— Ben, eu não quero falar sobre isso. Se vamos discutir, eu prefiro não conversar.

— Não estamos discutindo. Só quero saber se isso ainda incomoda você? – e agora? O que eu poderia dizer? – *a verdade, Sarah!* – minha consciência em alerta.

— Ahh amor... eu vou ser sincera! Não sei por qual o motivo que fico insegura. Vocês... já ficaram juntos alguma vez no passado? – infelizmente acabei soltando o que veio na minha cabeça.

Benjamim ficou me olhando quieto e com os olhos apertados, eu já o conhecia o suficiente para saber que isso era sinal de irritação, mas, permaneci com os olhos firmes

nos olhos dele, aguardando uma resposta. Por que eu sabia que tinha algo de errado nesta história.

— Sarah, eu não quero brigar com você. Já disse e repito que ela é minha prima e nunca tivemos nada.

— Mas, nem um amor de primos... sabe?! – ainda tentei ser o mais sincera possível, mas confesso que estava apavorada com a possibilidade de uma explosão. Benjamim era doce, mas tinha uns acessos de raiva que me assustavam.

— Não! Não da minha parte! – ele respondeu num tom de voz controlado.

— Então me responde mais uma coisa com toda a verdade? – agora quero ver ele não dizer – *você está querendo o quê, Sarah Furtado?* – a verdade, pensava comigo.

— O que, Sarah? – vi que ele já tinha azedado, de novo.

— Qual o motivo da briga com o seu pai na semana passada?

— Do que está falando?

— Benjamim, sem rodeios, por favor! Você disse que nunca mentiria para mim. Então não faça isso. – ele ficou me olhando incrédulo, é claro que nunca poderia imaginar que eu chegasse a esse ponto. Sei que ele deve estar lutando consigo mesmo para responder, porque não poderia mentir, mas não queria me dizer a verdade desta história... eu sentia que tinha algo a mais.

— Não sei o que dizer sobre isso.

— Só preciso da verdade, Ben. Não foi por minha causa, não é?!

Ele respirou fundo, me tirou do colo dele, eu sentei sobre a mesa do escritório, enquanto ele andava até a porta e voltava, parou de frente para mim e começou a falar:

— Sarah, estávamos indo tão bem. Por que tocar em um assunto morto? – ai meu Deus! Vem coisa ruim por aí... será que vou ser forte para ouvir? – *Você não insistiu? Agora aguenta!* – minha consciência e eu discutindo de novo. Ele continuou:

— Eu nunca tive nada com a minha prima! Mas até hoje, não sei o porquê, os meus pais insistem em me afastar da família dela. Nós nunca ficamos juntos!

— Ben, você nunca a beijou?

— Não... brincamos com coisas de criança, tipo marido e mulher, salada mista, mas só isso! – respirei fundo para manter meu controle. Por que os pais dele invocariam com algo tão insignificante? Minhas inseguranças estavam me matando, mas eu não podia sufocá-lo. Precisava acreditar no que dizia...

— Tudo bem... eu não tenho nada a ver com isso do seu passado. Eu só queria saber se sentia algo por ela. O resto não quero mais saber! – confesso que perdi minha paciência e

sabia que dali em diante, era eu quem estava ficando irritada.

— Claro que não, Sarah!

— Então, chega desse assunto. Eu vou para casa dormir e quando estiver tudo pronto para viagem, você me avisa. – eu não queria mais ouvir nada, cansei de toda essa história, e se Ben estava dizendo que não tinha nada com ela, eu daria um crédito a ele. Estava cansada dessa menina! Se eu chegasse naquela viagem e ela tentasse alguma coisa, eu jogaria tudo no ventilador!

— Ei... ei... para com isso! Olha para mim. Por que esse assunto agora? Você está irritada, eu estou irritado, este assunto sempre nos traz problemas. – ele disse me segurando.

— Chega, Ben! Me leva para casa. Realmente, estou irritada!

— Você não disse que ficaria comigo? Para com isso, Sarah!

— Sim, mas mudei de ideia! Preciso ir para casa. – Benjamim ficou me olhando, eu sabia que ele estava com raiva, mas naquele dia era isso! Não daria o braço a torcer e não queria mais aquele assunto entre nós. Fiz o meu melhor, tentei ouvir dele, mas parecia que esse assunto estava lacrado.

— Sarah, eu sinceramente não sei o que dizer para que você esqueça esse assunto.

— Benjamim, você não me respondeu da forma que eu gostaria. Fica enrolando sobre isso e parece que tem alguma coisa escondida no meio disso tudo que não quer me contar.

Vi a fúria em pessoa, ele bufou e colocou as mãos no rosto, provavelmente tentando manter o equilíbrio, coisa na qual eu já tinha perdido. Eu não queria mais ficar perto dele. Peguei minha bolsa e fui em direção a porta da sala, saí e enquanto eu chamava o elevador, minha cabeça fervia. Quando as portas se abriram, dei de cara com a Bella – pronto! Era tudo o que eu precisava pra terminar naquele dia.

— Oi Sarah! Tudo bem?

— Oi Bella. Tudo e você? – enquanto isso, Ben se aproximava muito irritado com a cara fechada.

— E aí, Mim? – disse ela de forma carinhosa com ele.

— Oi Bella. – ele respondeu, beijando a testa dela.

— Tudo bem com vocês? Que caras são essas?

— Tudo bem. Depois nos falamos. – ele respondeu e entrou no elevador.

— Okay... quando voltar conversaremos! – ela disse com as sobrancelhas de pé, percebendo que o clima estava ruim entre nós. E tinha que ser logo com ela... com certeza vai ligar para aquela *capeta* e contar que já estamos brigando. Respirei fundo e fiquei em silêncio até chegarmos na garagem. Entramos no carro, eu ainda olhava para fora, estava com raiva dele, o ouvi dizer:

— Odeio isso! – eu fiquei quieta, não falaria mais nada. Pelo pouco que conheço de Benjamim, sei que ele não dormiria sem resolver o assunto.

Ele dirigiu até o alojamento em silêncio e eu não olhei para sua direção, porque não sabia bem como resolver essa situação. Estávamos indo bem, mas eu não poderia fingir que não estava ciente de nada, por outro lado, eu sabia que com raiva não conseguiria nada dele. Benjamim é como um gato dengoso, se eu o tratasse com carinho, conseguiria o que queria. Precisava ter muito de sabedoria, porque caso contrário, as irmãs dragão e a prima conseguiriam o que queriam primeiro. Já estávamos quase chegando na porta do Creusp e eu não podia deixá-lo voltar para o apartamento para ser infernizado pela irmã – *isso mesmo menina! Peça desculpa por sua reação e desconfiança. Deixe as coisas acontecerem e não o perturbe mais com esse assunto. Apenas fique atenta.* Resolvi dar ouvidos a minha consciência, que tinha razão.

Quando chegamos, Ben parou o carro, soltou o cinto de segurança e abriu a porta, mas respirei fundo e o segurei:

— Ben, me desculpe... – ele abaixou a cabeça por um instante, e acredito que devia estar buscando forças para manter a calma novamente.

Benjamim é extremamente controlado, porque tem uma tendência a ser rancoroso, gosta das coisas esclarecidas e organizadas, tem sempre tudo planejado a sua volta e é extremamente dominador. Porém, era nítido que lutava contra algumas destas particularidades. O seu lado bom é que tem um coração enorme no qual abre mão de suas coisas para ajudar quem está a sua volta. Em uma de nossas conversas, ele me disse que além de seguir a carreira da família, seu objetivo de vida sempre foi o de ajudar as pessoas. Então, esse lado controlador e dominante não me incomodava, porque o seu lado bondoso supera todas as características ruins. Mesmo em tão pouco tempo, eu percebia o seu cuidado comigo e com a minha família, e mesmo todos me alertando de que ele era reservado, ele já se abriu comigo ao revelar que gosta de mim.

Eu sei que sou uma pessoa difícil, sabia onde queria chegar com meus sonhos e objetivos, mas muitas vezes, me sentia insegura e confusa, e Ben me preenchia nestas falhas da minha personalidade. Gosto de tudo organizado, mas na maioria das vezes, não conseguia colocar tudo no seu devido lugar. E tinha conhecimento de que poderíamos enfrentar muitas barreiras, devido as nossas diferenças sociais, as minhas inseguranças, o ciúme e o controle dele. Tudo isso são grandes desafios, mas não queria deixá-lo de mão beijada para ninguém. Sou muito determinada e vou até o fim por ele, assim, eu decidi passar por cima de qualquer orgulho e deixar para lá essa confusão. Sabia que Ben odiava discussões e coisas mal resolvidas, então eu precisava esclarecer tudo. Depois de um tempo, ele me olhou nos olhos e suspirou.

— Sarah...

— Me desculpe, amor! Eu estou confusa com tudo o que tem acontecido, tenho me esforçado para superar tudo que venho descobrindo a meu respeito, venho tentando saber

quem eu sou de verdade. Passei uma vida reprimida, fazendo mil perguntas sobre quem eu era, perdi pessoas que eu amava, sempre tive a sensação de lutar sozinha. E quando decidi ser diferente, e segurar o leme do meu navio, dando a direção que eu quero, as ondas se levantaram e o barco seguiu a direção que era preciso para que eu me descobrisse. Eu sei que Deus está me apresentando uma nova vida com Ele, porque você, Ben, é um presente, um anjo, eu nem sei dizer ao certo, só sei que você apareceu quando eu decidi jogar tudo para o alto e com esses olhos lindos tem me conquistado a cada dia, tem estado ao meu lado, tem me respeitado mais do que eu desejo e às vezes, eu sinto medo de perder você. Me sinto insegura com essa viagem, será minha primeira viagem internacional... e... a doença do meu pai, as revelações dele sobre a minha vida... é tanta coisa... – quando terminei de dizer tudo isso para ele, minha cabeça fervia e então desabei... coloquei minhas mãos no rosto, não gostava que ninguém descobrisse minhas fraquezas, mas Benjamim tinha esse poder sobre mim, ele me fazia expor meus sentimentos. E quando os seus braços me envolviam, e sentia que beijava os meus cabelos, o seu perfume me acalmava e me sentia segura.

— Vem aqui... me desculpe! Eu sei que está acontecendo tudo rápido demais. Não quero que sofra, mas não dê atenção para as coisas pequenas. Já concordei em ficar no hotel e para se sentir segura, vou ver o que posso fazer enquanto estiver nos EUA. Então, não pense em nada!

Ele segurou meu rosto e nos beijamos delicadamente, estávamos exaustos com tudo e precisávamos descansar.

— Me perdoe pelas perguntas, Ben?

— Já perdoei. Me perdoe por não te entender... às vezes não sei o que dizer. Mas vai dar tudo certo!

— Tudo bem... eu vou ficar aqui hoje, preciso conversar com a Marcela. Amanhã conversamos mais, ok?

— Tudo bem! – ele sorriu pra mim.

Nos despedimos, ele me levou até a porta do apartamento e entrei.

Como tudo aconteceu...

Acordei com uma dor de cabeça terrível, não conseguia mexer minha cabeça, me levantei devagar e fui em direção ao armário, tentando encontrar algum remédio que me ajudasse. Escutei o chuveiro aberto, a Marcela estava tomando banho, e eu só esperava que não começasse aquele tormento todo de novo... voltei para a cama e não conseguia nem olhar meu celular para ver que horas eram. Mas eu imaginava que já era tarde, porque estava bem calor e não tinha condições nenhuma de ir a aula. Cobri minha cabeça e fiquei quieta, tentando melhorar, estava irritadíssima e com vontade de chorar, de novo estava com a droga da TPM, que me destruía a vida todo mês. Fechei os olhos e fiquei meditando para a dor ir embora, mas com a barulheira que ela estava fazendo, ficava meio difícil de manter a calma.

— Sarah? – ouvi a Marcela me chamando, mas confesso que não tinha a menor condição de brincadeiras naquela hora.

— Oi.

— Eu preciso conversar com alguém. – ah não! Logo hoje! Pensei comigo — Você não tem aula com o Benjamim?

— Sim... não estou muito bem, Marcela.

— O que aconteceu? Vocês brigaram?

— Mais ou menos... mas estou com muita cólica e dor de cabeça...

— Entendo... – eu ainda estava com a cabeça coberta e irritada, mas não conseguia ouvir alguém precisar de ajuda e ignorá-la. Descobri a cabeça apertando meus olhos, na tentativa de protegê-los da luz.

— Sobre o que precisa conversar? – falei com a voz baixa.

— Ahh... não quero te incomodar, você está de TPM. Mas estou tão nervosa, Sa! – ela começou a se segurar pra não soltar tudo de uma vez. Eu queria tanto essa conversa, não podia evitá-la.

— Pode falar... eu vou ficar aqui quietinha só ouvindo.

De repente olhei para a minha amiga com dificuldades, eu realmente não me sentia bem, mas vi que ela estava chorando e começou a falar sem parar:

— Sarah, eu preciso falar e só pode ser com você, faz mais de um mês que estou fazendo o tratamento com o psicólogo que meu pai indicou, mas não consigo me abrir com ele, porque quando me lembro das cenas daquele dia, eu fico travada – quando a ouvi dizer aquilo, um alerta acendeu em minha mente, pois eu não tinha como saber

exatamente o que ela sentiu, mas tinha uma ideia asquerosa do que era ser tocada por homens que não conhecemos, me lembro do dia em que aqueles cinco caras encostaram em mim e eu fiquei completamente rendida, sem forças para reagir, uma covardia — Quero dizer o que sinto, mas...

— Ahhh... amiga! Eu consigo imaginar um pouco, mas nem se compara ao que você sofreu...

— Eu estava tão feliz com você naquele dia, quando saiu com o Ben, eu continuei dançando com o Lucas. Eu gosto muito dele, Sarah... eu não quero gostar, mas ele tem um poder sobre a minha mente que não entendo. Ele me domina, eu digo que não vou fazer o que ele quer, mas acabo fazendo. E eu tive medo de dizer isso para o psicólogo, por saber que ele é cliente do meu pai...

— Foi o Lucas que fez isso com você? — eu estava tentando ser forte para ouvi-la, mas estava frágil, com meus hormônios alucinados e gritando dentro de mim, senti tanta raiva dele.

— Na verdade, Sarah, faz um ano e meio que eu e o Lucas nos conhecemos aqui na faculdade, ele está no quinto período de arquitetura, o pai dele é um empresário rico daqui de São Paulo. Numa destas festas que a galera arranja, eu acabei me envolvendo com ele, no começo era um rolinho normal, a gente ficava com quem queria, tipo relacionamento aberto, sabe? Até que começamos a ficar em todas as festas, baladas e tal. E eu sabia que de vez em quando, ele tomava algumas destas “balas”.

— Balas? Já ouvi falar, mas não sei nada disso, Marcela.

— Então... são chamados de “balas” esses comprimidos que tomamos na balada para curtir mais, entende?! Eu não tenho nada contra quem toma — fiquei chocada com a revelação dela. Como assim “não tem nada contra”?! Apesar de chocada, eu não queria interrompê-la, já que demorou tanto pra ela resolver falar, então ela continuou — Num destes dias de festas, o Lucas me ofereceu uma destas “balas” ou “doces”, tanto faz como chama, e eu resolvi experimentar. A sensação é alucinante, o corpo esquenta e dá uma alegria descomunal, a gente tem vontade de abraçar todo mundo, dar risada, dançar, e toda a vergonha vai embora, por isso alguns chamam de “pílula da felicidade”. Bom... naquele dia fiquei com alguns caras.

— Alguns? — saiu sem querer.

— Sim... não me julgue, Sarah! Por favor! — ela falou abatida e só consegui balançar a cabeça concordando que ela poderia continuar, eu jamais a julgaria. Mas era um assunto desconhecido para mim, então... difícil não ficar chocada. — Não transei com eles, apenas fiquei, mas acabei transando com o Lucas e foi a melhor transa que já tive na vida! — choquei de novo, minha dor de cabeça até passou.

— Sei...

— Mas não é sobre minha transa que quero falar... a questão, Sarah, é que depois disso, todas às vezes que saíamos, ele me vendia uma delas. No início, ele me deu umas três “balas”, depois disse que não era dele e que estava ajudando um amigo e eu acabava

comprando, porque custa caro essa maldita. Era muito bom usar com ele, ficávamos muito bem, mas como tudo, no início é lindo, depois começa o inferno. Eu tomava essa droga todo final de semana com ele e os amigos dele, foi quando descobri que o Lucas é conhecido como *drug dealer* nas baladas, um tipo de negociante, que só negocia com gente da classe média alta, por causa do valor da droga. Um dia, ele me fez uma proposta para comprar uma quantidade razoável e levar em uma festa, ele me disse que até me daria um troco, no começo eu relutei para aceitar, mas acabei concordando, se fosse só naquela festa. Porque na verdade, eu estava comprando todo final de semana e meu pai começou a me fazer mil perguntas onde eu estava gastando a grana que ele liberava na minha conta.

— Marcela... – nossa, estou passada!

— Sarah, eu não sou uma viciada... só uso nas minhas noites com ele, a questão é que fiquei enrolando o Lucas alguns meses para pagar essa quantidade que peguei. Porque a festa que levamos as balinhas, era de uma amiga minha da faculdade e ela não acertou a mercadoria com ele. E agora, ele quer que eu pague, porque os donos da droga querem a grana e estão em cima dele. E como eu vou falar isso com meu pai? Com quem eu vou pegar dinheiro para pagar isso?! Meu pai fica em cima de mim controlando meus gastos. Ele sabe cada passo que dou, tem pânico de algum filho se meter com drogas... e eu estou arrasada em ter que contar isso para ele! Ele pensa que essa confusão toda foi apenas um acidente que eu sofri!

— Marcela?! Seu pai não sabe de nada disso?

— Não! Sarah, naquele dia do seu aniversário, o Lucas me levou para fora e tivemos uma briga feia. Ele queria a grana de todo jeito, disse um monte de porcarias para mim, quando estávamos saindo em direção ao carro, uns caras o cercaram, nos seguraram e nos enfiaram no carro, me seguraram a força e fizeram ele assistir tudo o que fizeram comigo...

— Amiga, eu não sei o que dizer... – eu queria abraçá-la, mas ela me impediu. Creio que queria mesmo colocar tudo para fora.

— Eles rasgaram a minha roupa, levantaram minha saia, enquanto eu tentava me debater, eles prendiam a minha cabeça para baixo no banco de trás, e... – santo Deus, não consigo nem imaginar isso! — Todos eles me estupraram, Sarah! – ela falava em meio às lágrimas e interrompia a cada frase, eu comecei a chorar junto.

— MARCELA... – eu estava desesperada, eu queria ser forte, minha cabeça voltou a latejar tão forte que pensei que não conseguiria ouvir até o fim do relato dela.

— Eu sinto nojo de pensar, não posso reconhecê-los. Fui colocada de costas, com os braços presos, tinha uns três atrás, eu tive a impressão de que o Lucas estava no banco da frente, eu não consigo saber nada do que fizeram com ele, eu escutava ele tentando gritar e parecia que estava com a boca presa.

— Mas onde você estava? Viu o carro, alguma coisa...

— Não. Só sei que era um carro grande, parecia uma minivan, mas não tenho certeza de nada, porque eles estavam encapuzados e tudo foi muito rápido, quando eu vi estavam me largando numa rua. Eu perdi o rumo... Sarah... foi a pior coisa que eu vivi na vida...

— Meu Deus! Não posso imaginar isso! Mas... você tinha usado a tal da “bala”?

— Sim... na hora que chegamos, eu e o Lucas tomamos. Queria curtir um pouco daquela noite com ele.

— Meu Deus, Marcela! E o Lucas? O que aconteceu depois? Será que ele armou isso?

— Não sei... ele está atrás de mim... mas tenho medo de falar com ele. Por que ele não me protegeu, Sarah! Eu achei que ele gostasse de mim... Achei que curtíamos juntos tudo isso. Era para ser uma coisa pequena... e se tornou algo horrível!

— Marcela, mas então você acha que não era ele que me cercou aqui no campus?

— Acredito que não.

— Mas pareciam os olhos dele...

— Não sei o que dizer! É gente da pesada, Sarah. – respirei fundo e minha cabeça parecia que estava sendo martelada com força.

— Mas e agora, Marcela?! Você precisa contar tudo para os seus pais!

— Eu sei... Mas a minha dúvida agora é saber que tenho que denunciá-lo, mas tenho medo de virem atrás de mim. E... a única prova é o seu celular.

— O meu celular? Por que?

— Porque no dia, você tinha esquecido o celular comigo, lembra?

— Sim.

— Então... o meu celular eles levaram. A sorte que eu tinha o seu, chamei um *Uber* e ele me trouxe para casa. Ele queria ir à polícia, quando viu o estado que eu estava, mas eu disse que seria perigoso e o motorista não quis se envolver. Me deixou aqui e vazou. Minhas únicas provas, são esse motorista que tenho que encontrar pelo aplicativo e o seu GPS do celular. Mas não vi o rosto de nenhum deles e nem sei direito se o Lucas estava mesmo dentro do carro. Mas só de lembrar daquele banco esfregando no meu rosto, eu lembro daquelas mãos imundas deles me segurando e um por um me tocando e me machucando... – ela falava soluçando de dor e meu coração estava desesperado de imaginar as cenas.

— Você devia ter ido ao hospital.

— Só posso contar com o depoimento do Benjamim... Ele fez o registro no HU?

— Sim, ele fez. E por que vieram atrás de mim, Marcela?

— Eles não queriam você, Sarah! Eles querem a mim... querem a grana! – respirei fundo e contei para ela em detalhes o que aconteceu no dia. Ela chorava tanto que às vezes perdia o fôlego. Eu me levantei para pegar água e acalmá-la.

— Calma! Venha aqui. — eu consegui abraçá-la e ficamos um tempo assim — Você quer ir à delegacia e fazer a denúncia?

— Mas e minha família, Sarah!?

— Sua família vai te apoiar, amiga. Como foi lá no Rio? Precisa ligar agora para o seu pai.

— Eles querem detalhes. Mas só contei que me machucaram, não contei nada disso para eles, porque meu pai morreria...

— Amiga, eu sei o quanto deve estar sendo difícil para você e por pior que seja, você deve falar a verdade sempre! Não adianta esconder porque um dia tudo vem à tona e será pior. Você vai ficar vivendo com esses fantasmas até quando?!

— Não sei...

— Muitas mulheres já passaram e passam por isso! Um estrago gigantesco é causado na alma delas, são tocadas e feridas desde o corpo até o mais profundo da alma. Muitas ainda são obrigadas a escutar que a culpa foi delas! Eu não sei o porquê, mas eu vejo que tudo isso de ruim que veio sobre você, pode se transformar em forças para que lute até o fim para defender essas mulheres. Você tem dinheiro e influência, vem de uma família que tem poder, seu pai é um advogado renomado. Não permita que a tristeza e a vergonha te impeçam de lutar por uma causa tão necessária! Você tem como pagar um segurança e jogar todo esse lixo no ventilador. Não pare de lutar, não se deixe levar pela vergonha... denuncie e se alguém tentar te humilhar ou virar essa história contra você, lute e os enfrente. Marcela, você é forte, o seu coração é enorme em se dispor a ajudar os menos favorecidos, foi isso que me fez admirá-la a cada dia ao seu lado! Você me deu forças para mudar a minha história! Agora use essa dor para mudar a história de outras mulheres!

Não sei de onde saiu àquelas palavras, uma força sobrenatural tomou o meu coração e senti que fluía de mim uma energia que vinha do alto. Ela não estava mais sozinha! Nos abraçamos, Marcela ligou para o pai, contou tudo aos prantos e depois seguimos para a delegacia mais próxima. Durante o caminho, segurei firme na mão da minha amiga e clamava a Deus para que todos fossem encontrados e punidos.

Chegando lá, entreguei meu telefone como prova, mas antes mandei uma mensagem para Ben pedindo que nos encontrasse na delegacia. Ele não demorou muito e chegou com uma cópia autenticada do relatório de atendimento do HU e disse que a Marcela poderia fazer o exame ginecológico, na tentativa de encontrar algum sinal de cicatriz interna, ou algum sinal que caracterizasse o estupro.

Ficamos com a Marcela durante todo o processo e todo tempo Benjamim deu forças para ela. Em alguns momentos, era possível ver a ira que partia do coração dele. Dei o meu depoimento e descrevi cada detalhe do dia que fui atacada. No começo, fiquei um pouco incomodada por Ben estar ouvindo tudo o que eu estava relatando em detalhes, mas me lembrei das minhas próprias palavras para a Marcela. Eu sabia que seria muito difícil

para ele ouvir, mas também sabia que não adiantava esconder. Enquanto eu narrava os fatos daquele dia, Benjamim segurava minha mão firme, eu sentia que ele a apertava mais forte quando parecia tentar manter o controle de tudo o que ouvia. Lembrar-me daqueles momentos foi terrível, isso porque fui tocada por fora, não tenho como imaginar a dor na alma da minha amiga ao narrar a maldade que fizeram com o seu corpo e com sua alma. Confiar em alguém, entregar o seu coração e o seu amor para quem não o merece deve ser a pior sensação que uma mulher pode sentir. Quando terminamos, ouvi Ben perguntar ao delegado:

— Qual a probabilidade de encontrarem esses monstros?

— Vamos pedir uma análise de dados do celular e tentar tirar dali alguma informação. Vamos tentar localizar as câmeras destes locais para localizar o veículo e contatar o motorista do *Uber*, que levou a vítima para casa. A universidade com certeza nos ajudará com isso também. Mas temos que ter paciência e aguardar o resultado dos exames que a menina fez hoje. O nosso maior trunfo será o indivíduo saber que a vítima voltou e com certeza virá atrás dela, assim estaremos monitorando os seus passos e podemos pegá-lo. — respondeu o delegado.

— Sei... Paciência...

— Vão para casa e esperem a polícia resolver isso. — continuou o delegado ao ver que Benjamim estava irritado.

Chegamos ao alojamento já era de noite. A Marcela estava bem abatida com todas as perguntas horríveis que teve que responder, além de algumas que acabaram demonstrando certa insinuação absurda de que ela teria facilitado, ou de que andou com uma galera que não era confiável. É claro que sabemos disso... Mas num momento tão delicado, por que falam esse tipo de coisa? Por que insinuar que uma mulher facilitou um ato monstruoso como esse? Qual a mulher que espera ser estuprada por cinco homens perversos? Será que não enxergam isso? Por que as mulheres precisam levar a culpa por serem bonitas ou por errarem em se apaixonarem por um cretino?! Meu coração estava indignado! Espero que peguem cada um deles e todos paguem por tudo que fizeram! Graças a Deus, a Marcela pode pagar para estar sempre acompanhada de um segurança! Não sei se o Lucas virá atrás dela quando descobrir que ela voltou para São Paulo. Mas e as outras vítimas? Nem todas possuem esse benefício financeiro, infelizmente.

Benjamim decidiu ficar conosco naquela noite e me senti mais segura, mesmo dormindo espremido numa cama de solteiro com ele, passamos uma noite tranquila, tirando minha cólica. Ter os braços dele em volta do meu corpo era um alívio e ouvir sua voz baixinha no meu ouvido me dava conforto:

— Fiquei preocupado com você a manhã toda. Te mandei um milhão de mensagens.

— Me desculpe, amor. Foi uma manhã que eu não esperava. Acordei passando tão mal... depois ouvir o relato da Marcela foi muito difícil! Nem olhei o celular... só vi as

mensagens quando liguei para você.

— Quando me disse que estava na delegacia, meu coração parou! Sarah! Imaginei o pior... não sei o que fez comigo... só sei que... não sei viver sem você! Nunca senti isso por ninguém... Ouvir você descrevendo o que fizeram com você e como fizeram, foi muito difícil. Minha vontade era sair dali e encontrar esses caras à força... — senti que ele me abraçava mais forte e isso me aquecia o coração.

— Eu sei... Não queria que você tivesse ouvido aqueles detalhes.

— Não sairia dali por nada. — ele respirou fundo, cheirando meus cabelos.

— Vai dar tudo certo... eu espero...

Um peso havia saído dos meus ombros, não sabia que fim esta história teria, vivemos em uma nação na qual a impunidade ainda prevalece, mas acreditei que a justiça viria das mãos de Deus! E dessa, ninguém poderia fugir...

Me preparando...

25 de novembro de 2016

Querido pai,

meus dias, por dois curtos, meu passaporte e o pronto e estorvo impedimento o visto americano. Benjamin tem me ajudado muito na facilidade e com a preparação de tudo que preciso para viajar. Me sinto bem segura de tudo isso. A cada dia tem se mostrado mais confiante e independente, tirando aquelas dicas que eu fiz quando eu estava saindo, uma velha garça. Então, passou o dia na casa dele, aproveitando que os amigos vão muito e tirando um tempo para nós dois, porque a universidade dele exige tanto para mim quanto para ele, que tem muito trabalho com todas as atividades de HCL, aulas e provas finais.

Não sei o que fiz para me sentir um amor sozinho... Para mim tem sido difícil manter a amizade no lado dele, sem me perder em pensamentos ruins e mentes... Afinal ele é tão bonito e amável, todos os dias que estamos juntos e me sinto nos perdendo em coisas e assuntos, muitas lembranças me vêm novamente de dia em que prometi para vocês encontrar um tempo para mim... coisa de criança? Sim... tudo isso de ter seus sonhos, o meu era ter um amor verdadeiro e construir a clínica para antigos. Um deles está sendo realizado e o outro um dia chegou!

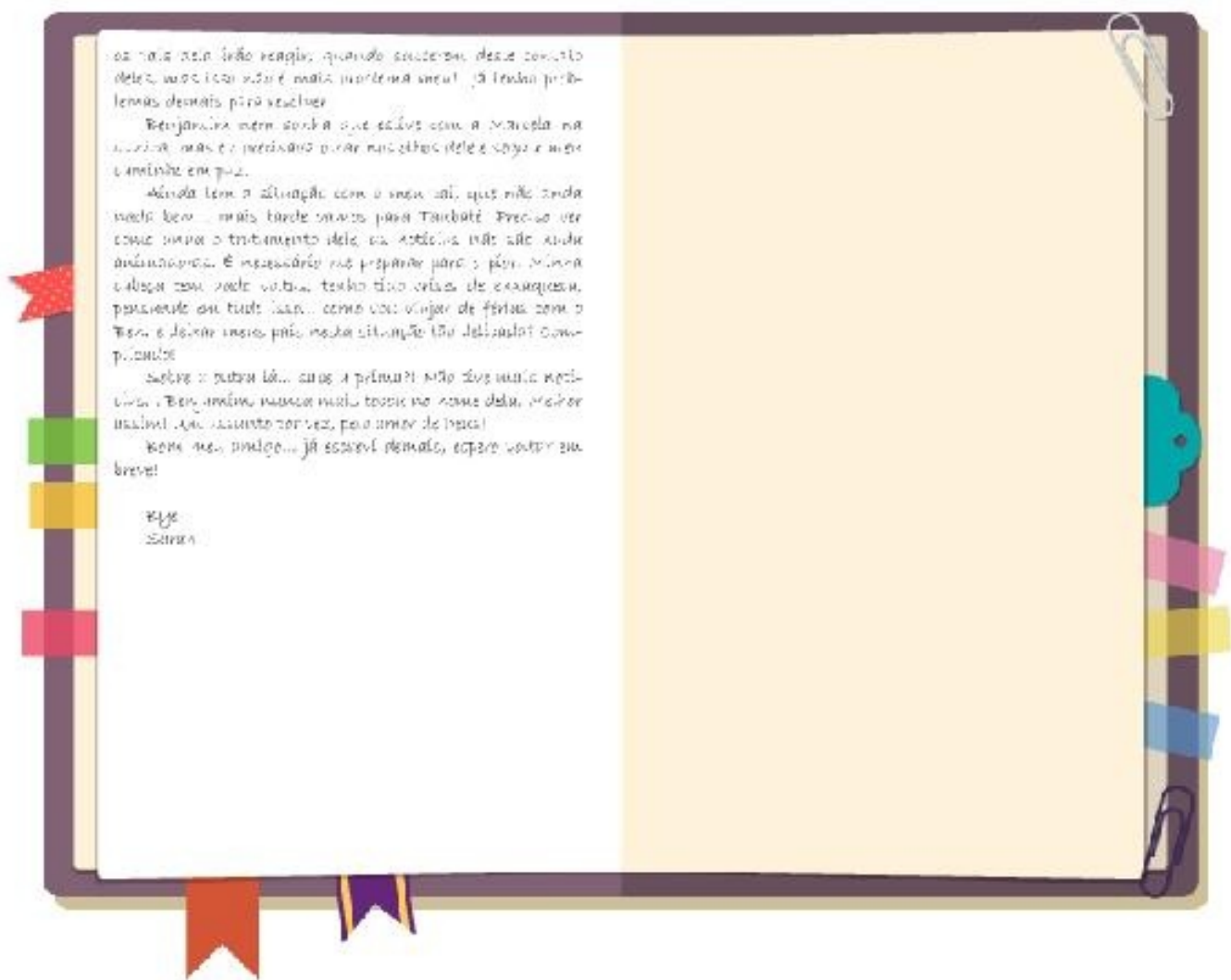
Estou completamente apaixonado por Benjamin, meu amigo... às vezes sinto que ele está me deixando e analiso cada parte do seu corpo lendo o de seu lado, todo esculpido pelos deuses de Deus, sei que não é mentira, mas sei o quanto dói no amor, quando penso que estarei para mim, uma história diferente na verdade, estou sendo consolado pelo tempo a encontrar o caminho da felicidade.

Nada vem sem dar, só a dor de descobrir as verdades da minha história, mas no suor lágrima, os jardins da religião e falta de amor que tem sido arrancados da

minha alma e finalmente estou conseguindo desamarrar um futuro para mim, só preciso agradecer a minha amiga Marcela, por insistir tanto em me levar naquela noite, sei que para ela trouxe muitas lembranças, que estão se esvaziando, mas que de certa forma, abrirei outros caminhos e o possível futuro de outros filhos. Apesar de parte daquela quadrilha já ter sido, inclusive o Lucas, é um amigo. Mesmo sabendo depois que ele conseguiu sair, devido a influência de nós, está se escondendo, se escondendo em uma clínica para dependentes químicos. Descobrimos que além de traficante, ele era usário. Marcela ainda pensa nele, não consigo interrompê-lo, eles não estão mais juntos, mas ela visita-o toda semana na clínica.

Benjamin, por sua vez, continua triste com a mesma amizade, ele acha dela como uma mulher, mas não aceita o fato de manter essa relação com o cara que trouxe tantas coisas na vida dele, tristemente sabendo que foram as trocas que ele nos ensinaram, de volta da humanidade e que o Lucas estava junto.

Numa das visitas de Marcela à clínica de reabilitação, ele me pediu para ir junto, pois o Lucas precisava fazer uma viagem. Fiquei desesperto porque não quero vê-lo se tornar alguém. Porém, a mulher acabou pensando se deveria ir. No dia seguinte, depois de uma hora eu fui embora, fiquei sozinho, mas preciso dizer - estava tenso e tremendo com o encontro, no meio do caminho quase desisti, mas quando chegou e o encontramos, na casa de vocês, era muito diferente, eu estava lá. Toda aquela alegria e aquelas coisas maravilhosas que eu tinha visto, não estavam mais lá. Eu me perdi, perdi a Marcela, vi que ficaria na clínica por um ano, e que pretendia ajudar os dependentes químicos junto com a Marcela. Aquilo me surpreendeu e realmente sei que eu consigo seguir firme em tudo o que tem planejado. Mesmo com a sinceridade nos olhos dele, confesso que fico apertado com o fato de Marcela ainda me ser um amigo, sei que ela não se pode



na sala dela indo reagir, quando souberem desse contato
deles, vou lá e vou falar mais pra ela me! Já tenho proble-
mas demais pra resolver.

Benjamin, nem sei se que você tem a mancha na
cabeça, mas é melhor não falar nada dele e só se a man-
cha não for.

Ainda tem a situação com o meu pai, que não anda
muito bem... mais tarde vou pra Tanchê. Preciso ver
como vai o tratamento dele, eu sei que não está
muito bom. É necessário me preparar para o pior. Minha
cabeça está muito ruim, tenho tido crises de enxaqueca,
perdoando em tudo isso... como vou viajar de férias com o
Ben e deixar assim pra minha situação (ou melhor) com-
promisso?

Espera o outro lá... não a primeira? Não tem mais nada
para Ben, minha cabeça não tem no nome dele, não tem
nada lá, não tem nada, não tem nada de nada!

Ben, não, não... já escrevi demais, espero voltar em
breve!

Rjje

Sarah

Estava na casa de Benjamin, ele estava no plantão e eu fiquei arrumando minhas coisas, tomei café e andei pelo apartamento, fazendo uma hora antes de tomar banho para me arrumar para sairmos de viagem, Ben deve chegar por volta das 18h. Minha curiosidade estava aguçada e aquela fotografia na sala me incomodava de forma absurda, eu olhava para aquela menina e via algumas semelhanças comigo, e na minha cabeça se passavam mil coisas. Será que era por isso que Ben estava comigo? Ela parece comigo, a diferença são os cabelos negros. Às vezes, pensava que talvez pelo fato de serem primos e não poderem ficar juntos, ele resolveu ficar comigo... – *Sarah Furtado, quanta imaginação! Pare já com isso!* – minha consciência sempre tinha razão, estava se aproximando o dia da viagem e eu estava surtando. Não queria nem pensar nisso... Só de imaginar que Ben podia me deixar por ela, sentia uma dor imensa dentro do peito.

Larguei o porta-retratos fazendo uma oração para Deus afastar aquela coisa de mim... Mas a curiosidade estava lá me atizando, fui andando e entrei no quarto de Benjamin, abri os armários, coisa que nunca tinha feito antes, e fiquei pasma com a organização do armário desta criatura linda! Meu Deeeuusss... Olhei para aquilo tudo, as cuecas dele estavam separadas por cor, as camisas milimetricamente organizadas em espaço e cor nos cabides, os sapatos e tênis ficavam todos na mesma posição. Queria eu ser assim... abri uma das gavetas para ver as camisetas, e encontrei uma caixa – Ai meu Deus! – abri

devagar com medo do que pudesse encontrar, afinal, estava sendo cruel e invasiva, mas eu queria saber mais sobre ele – *Não assim, Sarah!* – E abri assim mesmo.

Dentro da caixa tinha vários papéis de cartas, e meu coração disparou quando vi o nome da diaba! Não resisti e abri todas, apavorada com a possibilidade dele chegar, mas li e reli como um raio que cai na Terra, meu coração estava acelerado e a cada palavra que eu lia, buscava mais e mais sinais de uma possível traição da parte dele. Porém, minha doce consciência me pedia para ver as datas, e vi que eram antigas, da época da escola, ela falava que sentia saudade, que amava estar com ele e com as gêmeas, que o seu amor por ele era diferente, planos de uma viagem para Suíça... – acho que acabaram fazendo essa viagem, era aquela da foto na sala. Fui sentindo uma tristeza e um abatimento na minha alma e a odiando mais ainda. Pensava na possibilidade dele gostar dela, com mais certeza dessa vez. Não vi nenhuma carta de resposta dele – claro... deviam estar com ela. Poxa... não devia ter mexido aqui! Porém, uma frase me chamou a atenção:

“... nunca seria pecado. Agradeço por não termos o mesmo sangue...”

Eu fiquei sem entender o que ela queria dizer com isso “não temos o mesmo sangue”??? Que porcaria era aquela frase? Talvez Benjamim tenha dormido com ela!!! Isso era o que eu acreditava e não poderia cobrar nada dele, pois tinha sido há muito tempo atrás. Mesmo ele dizendo que nunca tinha a beijado, fiquei nervosa só de imaginar que ele pudesse estar mentindo para mim, nem sei o que faria... Com medo de que ele pudesse chegar, fechei tudo com cuidado, pois sei que Benjamim é meticoloso e deve saber quando alguém mexe nas suas coisas.

Fui em direção ao chuveiro meio sem rumo, aquelas palavras não saíam da minha mente, tomei um banho gelado, precisava esfriar minha cabeça. Não podia arranjar confusão, então ter sangue de barata seria uma boa para o momento. Mas enquanto estava no banho, meu peito doía, e tive vontade de chorar... mas não derramei uma lágrima! Minha raiva era maior do que minha dor! Homens são todos iguais mesmo, a gente pensa que pode confiar, mas os f... conseguem nos seduzir e enganar – *Não se precipite! Espere para conhecer a menina...* — minha mente insistia em tentar me ajudar, mas eu não sabia se suportaria!

Enquanto trocava de roupa, devia ser umas 13h, escutei bater na porta:

— Sarah? – ai meu Deus! Caramba! É o Benjamim!

— Oi...

— Está pronta?

— Já vou. – nosso Deus! Quase fui pega com a boca na botija!!! Ele disse que voltaria às 18h! Saí do quarto e fiquei pálida quando olhei para ele. — Mas você já voltou?

— Consegui colocar alguém no meu lugar e vazei! – ele falou com uma maçã nas mãos.

— Hum...

— O que foi? Está tudo bem? – ele e a percepção fora do normal.

— Sim... só estou com um pouco de dor de cabeça.

— De novo?! Passa lá no hospital na segunda, vamos fazer uma chapa disso, pode estar com sinusite, amor! – minhas inseguranças apareciam por mais que eu lutasse contra elas. Queria confiar nele de olhos fechados, mas tinha medo... tinha medo de me ferir demais. Ele é sempre tão doce, me desmanchava quando me olhava com aqueles olhos de tigre, e falava com a voz forte, me chamando de amor... Mesmo assim, ainda tinha medo! Não respondi nada, virei às costas e caminhei para o banheiro para secar os meus cabelos. Fiquei na frente do espelho tentando manter meu equilíbrio.

— Ei... é só isso mesmo? – abri os olhos e ele estava na porta.

— Sim. – me virei e dei um selinho nele. Despistar o Benjamim é uma missão bem complicada.

— Está certo. Vou tomar um banho e quando estiver pronta podemos ir.

— Tudo bem... – sei que não o convenci, não sabia mentir! Ou melhor, ainda não sei!

Já estávamos quase chegando à casa dos meus pais, o som do carro estava ligado tocando *Set Fire To The Rain* da *Adele* e eu fingi que estava dormindo a viagem toda, não queria conversar com ele com medo de não suportar e querer saber sobre essa história que parece ter tanto mistério. Minha cabeça fervilhava e precisava manter o controle dos meus sentimentos e das minhas palavras, essas que acabam escapando pela boca.

— Ei... amor!? – senti os seus dedos passarem delicadamente sobre o meu rosto e eu queria ficar ali por um tempo ganhando forças para o que eu poderia encontrar.

— Oi...

— Melhorou a cabeça? – olhei nos olhos dele e senti um nó na garganta. Não queria perdê-lo.

— Não quero perder você! – para variar a minha boca grande, às vezes não respeita os comandos do meu cérebro... só posso ter problema. Ele me olhou, franzindo as sobrancelhas, sem entender muito bem e respondeu com amor.

— Por que acha que vai me perder? – continuei olhando profundamente para ele e apenas o beijei delicadamente nos lábios. Falar sobre isso não era uma boa!

— Nada. Só estou um pouco cansada. – Benjamim não disse mais nada até chegarmos. Após estacionar o carro em frente da minha antiga casa, ele beijou minha testa e descemos.

Infelizmente, e como eu já imaginava, a situação de saúde do meu pai era muito delicada, porém o encontrei animado, estava falando e os olhos dele brilharam ao ver Benjamim. Talvez, um dia eu entenda a conexão e admiração que meu pai criou com Ben, era realmente uma grande benção em minha vida. Ouvi os dois cochichando várias vezes, como se estivessem armando alguma coisa, tentei descobrir com Benjamim sobre o que tanto conversavam, mas como sempre, uma das características dele que eu já tinha percebido, além da organização e proteção, era a discrição absoluta. Um segredo para Benjamim era algo valioso e guardado a sete chaves, isso me irritava bastante!

Passamos um final de semana maravilhoso, apesar das minhas inseguranças, o relacionamento da minha família com Ben me trazia conforto e, acabei esquecendo todas as minhas dúvidas. Na volta, ele disse que em breve eu poderia ter uma grande surpresa.

— Boa ou ruim? – perguntei. Benjamim respirou fundo e respondeu:

— Amor, acho que as duas.

— Cruzes, Benjamim...

— Estou falando sério... Não quero assustá-la, mas a saúde do seu pai não anda bem, e você precisa se preparar para o pior.

— Eu sei... e a boa?

— A boa não posso contar, é surpresa! – e deu um sorriso no canto da boca.

— Então não devia ter falado!

— Deixa de ser rabugenta, Sarah! Você andou mal-humorada o feriado todo. Está nervosa com alguma coisa? Estou querendo animar você!

— Desculpe! Só ansiosa com a viagem. – era tudo o que eu poderia responder. Mais do que isso não daria certo...

— Tudo bem... – ele disse acariciando minha perna enquanto dirigia.

Chegamos a São Paulo por volta das 16h, e quando estávamos no elevador, eu estava deitada no peito de Benjamim, e a música que estava tocando na rádio me chamou a atenção porque não era o estilo de sempre, estava tocando *Letting Go* de *Jeremy Camp*. Senti um aperto forte no peito, uma tristeza profunda me tomou, senti vontade chorar, de colocar para fora minhas angústias e medos. Ben percebeu que eu não estava bem e levantou meu rosto.

— Ei... o que foi? O que aconteceu? Me desculpe se fui rude lá no carro. – mas não era por isso que eu queria chorar, e também não conseguia falar o porquê, senti saudade de algo que nem eu sabia o que era. Ben beijou o topo da minha cabeça e me abraçou forte — Não sei porque está assim, mas... – o telefone dele começou a vibrar e enquanto me abraçava com um dos braços, puxou o celular do bolso da calça com o outro... — Alô! – só o ouvi responder: – Ok! – e em seguida inclinou a cabeça para trás e encostou-se ao espelho. Tentei sair dos seus braços e olhar no rosto dele, mas ele me segurou forte.

— O que foi? – perguntei assustada com a reação dele.

— Amor... vamos ter que voltar para Taubaté!

Olhei para ele sorrindo meio sem jeito.

— Obrigada, amor! – falei beijando seu rosto com carinho, mas eu sabia que meus olhos mostravam como estava minha alma. Eu estava feliz, mas ao mesmo tempo ainda sentia dor, perder pessoas é algo no qual nunca estaremos preparados.

— Amor, você está vendo o que entreguei para você?

— Sim. Meus documentos de viagem e a passagem.

— Não, meu amor! Olhe direito.

Franzi as sobrelanceiras tentando entender e comecei a analisar com mais cuidado, tinha um passaporte e o peguei, abri e quando meus olhos leram o nome que estava escrito e a fotografia, eu fiquei paralisada.

— BENJAMIM... – não tinha mais coração nem razão para segurar qualquer emoção. Arregalei meus olhos e comecei a chorar – eu estava muito chorona – larguei tudo no chão e dei um salto no pescoço dele. O abracei com força e com o rosto enterrado em seu pescoço só conseguia dizer:

— Obrigada! Muito obrigada! – era o passaporte da minha mãe com o visto pronto. Ela iria conosco para os EUA! E a danadinha sabia de tudo! Ele retribuiu o abraço, me beijou com carinho e quando olhei para ela, estava tão emocionada quanto eu. — Mãe! Você sabia disso e não me contou?!

— Na verdade, não podia falar nada, porque a gente não sabia se daria certo. E não vou ficar lá o mesmo tempo que vocês ficarão. Só passarei uns 10 dias e depois eu volto, não é isso, meu filho? – ela confirmou com Ben.

— Sim, Dona Rute. Isso mesmo. Por mim poderia ficar, mas a senhora disse que tem outras coisas para fazer aqui. – ele disse tentando ser gentil.

— Como preparou tudo isso e eu não percebi? Você não existe, Benjamim!

— Está feliz?

— Se estou feliz?! Eu estou muito feliz! Não sei nem mensurar isso... – ele me abraçou com carinho e beijou minha testa.

— Isso é o que importa... não estava mais suportando ver você tão triste. Sei que isso jamais mudaria a sua dor, mas sei que seu pai não iria querer vê-la tão abatida, amor!

— Verdade! Seu pai não gostaria disso. Agora, me deem licença, preciso guardar estas sacolas e começar o almoço, se não se importa, meu filho.

— Claro! Fique à vontade, dona Rute! Meus pais devem chegar daqui a pouco, e eu tenho que ir para o HU e ainda arrumar umas coisinhas.

Minha mãe saiu de perto e eu fiquei tão feliz com a surpresa que segurei o rosto dele com força e olhando nos olhos dele, eu disse:

— Eu amo você!

— Eu também! Graças a Deus estou vendo esse sorriso lindo no seu rosto de novo.

Tomamos café juntos, Ben seguiu para o HU e passamos a tarde na casa dele com os pais, que foram nos visitar e dar um apoio para mamãe. Conversaram sobre tudo, até sobre os planos da viagem – eu mesma não sabia de nada, deixei tudo por conta de Ben – fizeram um monte de perguntas e eu já estava cansada de ficar ali ouvindo tudo.

Saí da sala e liguei para Marcela, estava com saudades dela. Ficamos conversando sobre a viagem e ela me deu vários conselhos para não cair nas armadilhas que as gêmeas e a prima pudessem armar. Parecia exagero dela, mas preferi dar ouvidos e se nada acontecesse lá, seriam apenas conselhos. A preocupação de Marcela comigo era tanta, que me deu o telefone de uma amiga que mora em Boston, caso precisasse de ajuda, e ainda disse que durante a semana era para eu ir me despedir, que ela tinha separado uns dólares para eu levar comigo. Exageros de Marcela! Mas não quis ofendê-la dizendo que não precisava, até porque eu estava totalmente por conta do Ben. Nunca viajei e não sabia por onde começar.



Mais tarde, Benjamim voltou pra casa, tomou um banho rápido e depois de conversar um pouco com nossos pais, me chamou para darmos uma volta, enquanto todos continuavam na sala batendo papo.

— Vamos para onde?

— Vou te levar para jantar, mas antes vamos passear de moto.

— Agora? – era por volta de umas 17h30 e ainda estava bem claro.

— Por que não?

Terminei de me arrumar, coloquei uma calça jeans bem justa que ganhei da Marcela, uma bata de seda rose e uma botinha marrom que também ganhei dela. Dei uma ajeitada no meu rosto, que fazia tempo que não passava nem um batom. Peguei uma jaqueta de couro e saímos. Ainda no elevador, Ben segurou o meu rosto com carinho e disse:

— Está linda!

— Você também! – passei a mão pela gola da camisa dele – Amo essa camisa! Lembro quando vi você pela primeira vez... – estava com a mesma roupa de quando nos conhecemos, aquela camisa de listra rosa e uma calça jeans desbotada, usava uma bota caramelo e a jaqueta de couro marrom.

— É?! – senti os lábios quentes e macios dele passando delicadamente pelos meus lábios.

— Sim... nunca vou esquecer quando os seus olhos encontraram os meus. Quando senti seus braços me envolverem com aquela música.

— Confesso que não me lembro da música! Só tinha olhos para você... mirei o alvo e

segui firme! – tive que rir quando ele falou gesticulando.

— Vamos. Chegamos!

O elevador chegou e quando vesti o capacete senti uma paz tão grande... estar com ele de novo naquela moto me trazia boas recordações. Pude admirar, novamente, ele subir na moto com aquelas pernas lindas e fortes, e claro, que eu não deixaria de contar sobre a nuca perfeita deste homem na minha frente! Simplesmente a nuca mais sexy do planeta! O abracei firme e saímos rumo ao nosso destino, que não fazia ideia de onde seria. Quando ouvi o ronco da moto e senti a velocidade, uma tranquilidade tomou conta da alma, e eu até queria que ele ousasse um pouco, mas isso seria pedir demais para o “Doutor Controle”! Curti cada segundo, cada luz que já estava acendendo com o pôr do sol, em cada lugar que íamos passando. Algumas vezes eu me debruçava sobre ele e me deixava levar por seu perfume delicioso. Senti como se os fardos da dor estivessem saindo de mim!

Não queria que chegasse ao nosso destino, atravessamos praticamente toda a marginal, por um momento achei que ele estava fazendo um tour pela cidade... Ele sabia o quanto eu amava o anoitecer. Observei que Ben diminuiu a velocidade e estávamos no centro da cidade. Entramos em um estacionamento subterrâneo e quando paramos, o questionei:

— Onde estamos?

— Quero te levar para jantar em um lugar especial – franzi a sobrancelha, estava curiosa, eu não conhecia nada de São Paulo.

— É um hotel? – perguntei imaginando que Ben tinha preparado uma surpresa para a nossa primeira noite juntos. Mas eu não tinha trazido nada especial, nem me preparei para aquilo... e confesso que comecei a ficar apavorada!

— Não... aqui se chama Terraço Itália. É um restaurante!

— Ahh... entendi! – não sei se fico feliz ou frustrada! O elevador não parava mais de subir, descemos no 41º andar.

Quando chegamos, entramos em uma sala panorâmica lindíssima, super sofisticada, até demais para a roupa que eu estava vestindo. Não parecia um lugar que Benjamim tinha o hábito de frequentar.

— Olá dr. Hakin! – um *maître* o cumprimentou e eu estava um pouco constrangida com aquele ambiente sofisticado, não esperava vir em um local assim.

— Olá Júlio! Tudo bem?

— Tudo sim. E o senhor? Faz tempo que não vejo os seus pais. Me acompanhem por gentileza. Aqui está a mesa de vocês – pelo visto se conheciam bem.

O *maître* puxou a cadeira para mim, que estava chocada com a vista linda do lugar, ainda não estava totalmente de noite, por conta do horário de verão, então era possível ver uma parte da cor alaranjada do pôr do sol atrás das montanhas da Serra da Mantiqueira,

em contraste com a cidade inteira de São Paulo e suas luzes já acesas dos carros e edifícios. Simplesmente um espetáculo! O local era rico em glamour, as cadeiras douradas com um estofado marfim, as mesas eram redondas e com toalhas que iam até o chão, castiçais acesos sobre as mesas e arranjos de flores brancas. Confesso que me senti em um filme parisiense. Tudo lindo, rico e aconchegante.

— Que lugar lindo, Ben.

— Gostou?

— Amei! Que vista é essa?! Uau! – exclamei admirada. Ele sorriu.

— Estou feliz que gostou! Foi sugestão dos meus pais, mas eu estava com medo de que você não curtisse. – ele disse passando a mão nos cabelos um pouco sem graça. Nunca o tinha visto daquele jeito!

— Por que eu não gostaria? É lindo!

— Ah... sei lá! Parece coisa de gente velha! – ele riu envergonhado do próprio comentário.

— Você quer dizer de quem tem bom gosto!

— Está certo! – respondeu sorrindo meio nervoso, na verdade, parecia ansioso.

— Seus pais sabem que estamos aqui?

— Sabem.

— Por que me trouxe aqui?

— Queria levar você em um lugar especial e não sabia onde! Falei com meu pai e ele me sugeriu aqui. – enquanto ele se explicava, o garçom chegou com uma garrafa de vinho e continuei admirando a vista que anoitecia.

— Eu amei aqui!

— Que bom! – ele aproveitou para escolher o cardápio sugerido pelo garçom e eu curtia cada segundo daquele momento: admirando Benjamim e aquela vista incrível ao fundo.

Conversamos um pouco sobre a viagem, ele segurava minha mão e me olhava com amor.

— Tudo isso é só para me fazer sorrir?

— Também.

— Também? Tem mais um motivo?

— Na verdade, meus pais veem muito aqui, desde que ele pediu minha mão em casamento. – engoli seco e o meu coração parou. Onde ele está querendo chegar com essa conversa?

— Hum...

— E... eu sei que você passou por algumas coisas pesadas nos últimos meses, mas eu

queria que experimentasse algumas coisas boas. — ai meu coração! Que susto! Já estava achando que ele iria se ajoelhar e tal... - *Bobinha! Isso não existe mais!* – minha consciência gritava dentro de mim.

— Nossa amor, não precisava se preocupar! Eu estou bem! Só mesmo o tempo para fazer isso passar, é normal... eu acho...

— Sim, eu sei... Mas eu quero viajar com você se sentindo bem!

— Mas eu estou bem. E depois de saber que minha mãe vai junto, já foi um alívio para mim, só estou meio triste, mas vai passar, eu prometo!

— Eu sei... eu sabia que a qualquer momento seu pai partiria, Sarah. Então pedi para darem entrada na papelada dela. Imaginei que você ficaria numa situação complicada.

— Obrigada!

— Não precisa me agradecer!

— Preciso sim. O que você está fazendo por mim e por minha família... não tenho nem palavras, Ben. – ele ficou sem jeito, mas eu precisava dizer aquilo para ele.

— Eu já disse: Eu me apaixonei por você! E nunca senti isso por ninguém, quero ter você comigo para sempre!

— Para sempre?

— Sim, Sarah! Para sempre! – respirei fundo e ele segurou minha mão acariciando-a com carinho.

Depois do jantar maravilhoso, terminamos de tomar o vinho que foi cuidadosamente escolhido por Benjamim, e enquanto eu me perdia dentro daqueles olhos de tigre que me encaravam e me faziam derreter de paixão, o garçom se aproximou segurando uma bandeja com a sobremesa que eu escolhi: mil folhas com creme de baunilha, chantilly e morangos, minha boca encheu de água!

O garçom formalmente se inclinou, colocou a sobremesa bem na minha frente e quando bati o olho na mesa, ao lado do prato tinha uma caixinha vermelha de veludo. Eu parei com os olhos fixos na caixinha e em seguida levantei as mãos sem saber o que fazer – MEU DEUS, O QUE É ISSO?! – meu coração disparou e a minha boca secou, levantei os olhos para Ben e era nítida a apreensão que fluía no rosto dele.

— Ben... – o garçom se retirou e eu continuava encarando a caixinha.

— É para você. Abre!

— Benjamim Hakin, o que é isso? – meu Deus! Não podia crer naquilo! Lentamente eu levei as mãos até ela e abri com cuidado. Me deparei com um anel de brilhante. — Ben... – minha boca não tinha saliva suficiente para eu falar, apenas olhei para ele com a boca aberta. Ele afastou a cadeira do restaurante, se levantou devagar, se aproximou de mim e quando eu achei que já tinha acabado, ele se ajoelhou na frente de todos – *Ai Meu Deus!*

Ai Meu Deus!

— Sarah Furtado, eu a quero para sempre! Você aceita se casar comigo? – Tive alguns segundos de confusão mental, me questionando sobre o que era aquilo. Como assim, casar?! Meu Deus, eu não sabia o que dizer... Eu quero!? Meu coração estava batendo tão forte que parecia que iria enfartar! Ele ficou me olhando com aqueles olhos que me enfeitiçavam, que me seduziam e me faziam amolecer as pernas, era impossível dizer não para ele! De repente meus olhos me traíram e encheram de lágrimas, eu ainda estava frágil com tudo que vinha acontecendo na minha vida, e tê-lo ao meu lado para sempre era tudo o que eu precisava, era tudo o que eu sempre havia sonhado! Ele era o presente que eu tinha pedido a Deus, o sonho que eu sempre tive de formar uma família. Não tinha porque pensar, ele era meu e eu era dele para sempre. Então eu me encurvei, o abracei – estava morrendo de vergonha de todos que estavam lá – e disse em seu ouvido:

— Eu aceito ser sua para sempre.

Ele me puxou, olhou nos meus olhos e enquanto tirava o anel da caixinha e colocava no meu dedo anelar esquerdo, o garçom voltou para nossa mesa com um buquê de rosas brancas, o pianista tocou uma música e todos aplaudiram – Quase morri! – Benjamim me beijou delicadamente e eu devia estar da cor do tapete daquela sala, vermelho sangue.

— Todos sabiam que você iria fazer isso? – perguntei curiosa ainda enxugando minhas lágrimas.

— Não. Só os nossos pais.

— Nossos?

— Sim. Antes de virmos embora do feriado, eu pedi a sua mão em casamento para o seu pai, e, ele nos abençoou.

— Benjamim...

— Vou cuidar de você, Sarah, enquanto eu viver!

Enquanto isso nos EUA...

24 de dezembro de 2015

China, 2002

Análise de amor e sexo é celebrada, mas não como antes. Antes... estão os Bessons, os Blys. Chegam aqui antes por volta das 19h de Brasília. Preciso te contar isso, porque aqui é muito diferente! Chegou já de noite, mas todos os lugares estavam vazios, que tipo de noite, que tipo lugar de noite, quando não há festa e que aquilo, era real e estava mesmo assim na pé na sala americana sem fim de fumar... quase ninguém quando ninguém eu chego por ali, depois eu vou para

[illegible]

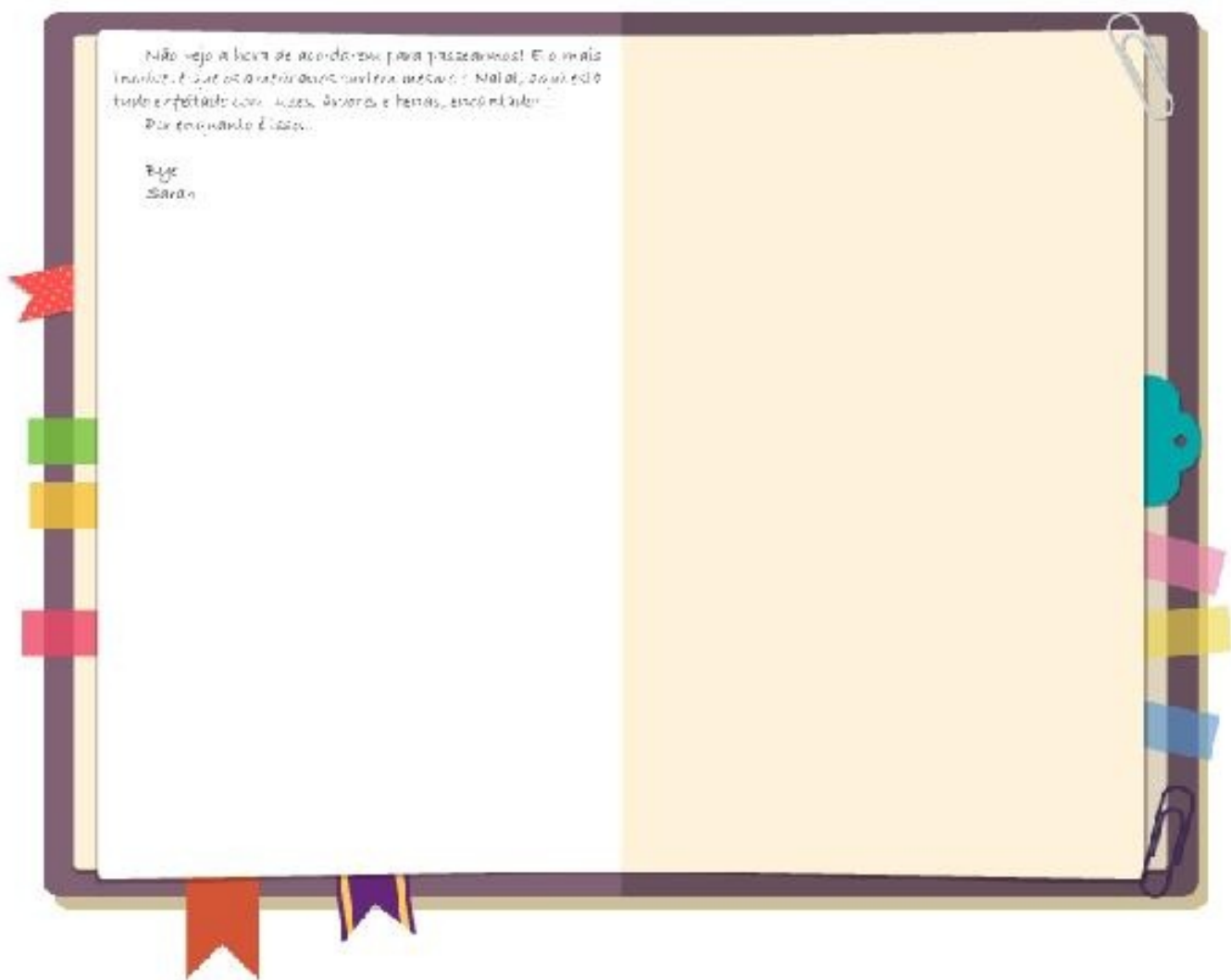
que a população de estudantes de direito da cidade de Juazeiro do Norte.

quando chegou a ficar com o Benjamin, ele procurava prepará-lo para o casamento: em elel sentava nas pedras do moinho, nos falava das pêsames suas, vez por semana e sempre se levava alguma coisa, ou só palavras boas, mas escava a água do rio todo, me perguntava se eu estava gostando de ser e consentimento de meu pai. E que isso poderia me trazer, pido ajuda. E que se era um relacionamento com a minha família, e todos os dias, depois do que o meu pai me contou sobre o pai, que minha mãe se relacionava com ele, pode melhorar o pai, de modo de ser, mas ainda tinha uma dúvida: como o meu pai poderia ter com o Benjamin? Isso realmente me fez a pergunta, que virava a ser, para saber se eu poderia ser feliz. E com minha mãe, com a minha mãe, eu não poderia ser feliz. E com a minha mãe, eu não poderia ser feliz. E com a minha mãe, eu não poderia ser feliz.

Finalmente, quem escreve tudo que vive nos seus últimos segundos, não está muito diferente. Alguns de lá, dentro das câmaras mortuárias de cristal, particularmente os dominicanos, sofrem de apatia e insensibilidade de Ben de Cabrita de madrugada. Tiveram uma escola na Península de São Domingos aqui perto da ilha. A viagem, lá, maravilhosa, mas na realidade não muito. Eu estava lá também, que estava aqui e de repente, não deu um momento. Eu queria continuar a escrever. Ainda não estava um pouco mais com medo do quê. E Ben, o velho, o que quer? Quando ele estava lá dentro de dentro e na Península e depois quando ele chegou aqui, agora está liberando e eu não vou também.

É claro que, diante disso, quando se trata de crianças, a coisa é simplesmente um questionário da natureza! Se não acredita em um país corrompido, não precisa fazer um diagnóstico para ver se é uma espécie de império do Rev., para ver se ele não acredita, não sabe...

Estava em um apartamento, alugado numa casa
minha mãe e eu morava em um quarto e ele em outro. Estava
muito feliz...



Caramba! Eu já acordei, escovei os dentes, abri as malas, troquei de roupa, mexi em todos os armários da cozinha e comi uns chocalatinhos e balas que deixaram de cortesia, estava morta de fome, fui mil vezes à janela ver a neve e ninguém acordava! O apartamento era uma graça, logo que entrávamos tinha um *hall*, a esquerda tinha a cozinha que era integrada com a sala, que ficava mais à frente, o chão era de taco claro, os móveis eram bem escuros, o sofá preto, e os tapetes eram da cor marfim com alguns toques em vermelho, assim como as almofadas. As banquetas da cozinha eram brancas, e os eletrodomésticos todos de inox. A sala era toda vidrada e era possível ver as árvores secas lá fora, e por causa do frio, os telhados das outras casas estavam cobertos de neve. Do lado direito da cozinha americana, estavam às portas para os dois quartos, o banheiro e a lavanderia. Cada quarto tinham um pequeno closet, uma cama de casal e um móvel de apoio lateral. Tudo simples, mas muito confortável.

Coloquei o casaco, vesti as botas e o gorro de lã. Praticamente todas as roupas que levei para passar o mês eram da Marcela, uma amiga mais chegada que irmã! Desci as escadas para ver a rua, bem de frente tinha uma casa toda em madeira amarelinha com as janelas branquinhas, coisa mais fofa... não pude esperar ninguém acordar, eu tinha que deitar na neve, e foi o que fiz, fiquei deitada fazendo um anjinho. Eu sei que é ridículo... mas eu

nem ligo! Fiquei olhando para o céu tentando acreditar que eu realmente estava ali! Quando me sentei, dei de cara com o Ben, descabelado e enrolado no cobertor na porta de entrada:

— Sarah, você está doida?! Está muito frio!

— Eu sei... coloca um casaco e vem aqui comigo!

— Vem tomar café.

— Já vou... – que estraga prazer! Ainda fiquei lá mais um pouco até que senti minhas mãos perderem a sensibilidade, então entrei.

Subi toda molhada, porque minha roupa não era a certa para o gelo e antes de me trocar pulei no pescoço do Benjamim e o enchi de beijos.

— Obrigada!

— Acordou animada, hein?!

— Vocês dormem muito e você parece mal-humorado.

— Ahh... amor, estou morto! Faz mais de um mês que não paro um minuto. Se deixar, passo o dia todo dormindo hoje.

— Eu sei... é que tudo é tão novo para mim... estou apaixonada por este lugar.

— Fico feliz. Precisamos achar algum lugar aberto para comprar comida.

— Eu vi que tem um centro comercial aqui perto. Podemos ir andand... – não terminei a frase e ouvimos a campainha — Está esperando alguém? – perguntei.

— Não.

Benjamim levantou da baqueta para abrir a porta e claro, só podia ser ela: a prima perseguidora!

— Jacque? – quando ouvi o nome dela, meu coração disparou e minha alegria foi sugada. Puxa vida... Não podia esperar mais um pouco para vir xeretar aqui?!

— *Hi Baby!* Que saudade! – da bancada fiquei só observando o abraço apertado que a piriguete deu no meu noivo... NOIVO! Quero que ela saiba disso, se é que já não sabe.

— E aí? Tudo bem? – Benjamim ficou completamente desconcertado, olhou para traz me chamando. — Sarah, vem aqui. – eu levantei e fui até eles sorrindo, mas minha vontade era sair correndo dali — Jacque, essa é a Sarah, que já falei para você... e Sarah, essa é a Jacqueline, minha prima, que também já falei. – respirei fundo e sorri, tentando desfazer minha insatisfação com a presença dela. A menina é realmente linda, e pelo amor de Deus, como parece comigo. Os olhos, a pele, o corpo, só é mais velha e tem os cabelos negros. Não queria que aqueles pensamentos voltassem a me atormentar.

— Oi Jacqueline! Tudo bem? Prazer... – falei apertando a mão dela.

— Pode me chamar de Jacque! *My Gosh, she is beautiful!* – eu não falo muito a língua, mas posso entender que ela me chamou de linda.

— Sim... ela é! Aliás, minha noiva é linda. – amei ouvi-lo dizer aquilo e o abracei pela cintura, queria mostrar a ela que ele é meu!

— *What?! Bride??* – a menina perdeu a cor. Uma das sacolas que estavam nas mãos dela caiu no chão, nos tirando a atenção e Benjamim abaixou para pegar.

— Opa! Deixe que eu pego isso... tire o casaco, Jacque. Aproveita e toma um café com a gente. – notei que ela perdeu o sentido e ficou completamente perdida, tive que fingir que ela era muito bem vinda. Comecei a guardar as compras que tinha levado enquanto ele colocava o café para servi-la.

Em seguida, minha mãe apareceu, e Benjamim as apresentou, acredito que ela não contava com mais uma surpresa. Fiquei ouvindo a conversa dos dois, e continuava arrumando o armário da cozinha. De certa forma, foi gentil da parte dela levar algo para comermos depois da longa viagem que fizemos, sem contar o frio e a véspera de Natal. Talvez eu estivesse criando a ideia de um monstro que não existia. Até poderia dar a ela o benefício da dúvida – algumas coisas ela falava em inglês e tentava um português bem arrastado, de certo pelos anos que estava vivendo nos EUA. Não demorou nem 20 minutos e o telefone dela tocou, conversou com alguém – eu não entendi nada – se despediu de todos e foi embora, disse que não ficaria porque já tinha combinado um compromisso com umas amigas a noite. Mas antes, ela perguntou se Benjamim se importava com isso e ele, claro, disse que não e que estava cansado, iria dormir.

Assim que ela saiu, fui até o banheiro tentar me recompor e não alimentar em minha cabeça ideias insanas – *Sarah Furtado, você acabou de chegar. Então vá com calma, e aprenda apenas a ouvir. Não fale, nem comente nada... aproveite o momento!* – Ouvir e calar. Saí do banheiro e Benjamim estava encostado na parede entre a cozinha e o *hall* dos quartos.

— Está tudo bem? – ele me perguntou com uma xícara de café nas mãos e uma rosquinha doce na outra.

— Sim... tudo! – o que eu poderia dizer?! Que não? Que minha euforia tinha acabado? Não. Ainda não!

— Ok... quer um café?

— Sim... – eu não sabia se era só o cansaço mesmo, mas ele parecia meio irritado. Está certo que o humor de Benjamim era bem bipolar. Mas não queria confusão com ele justo no primeiro dia.

Era véspera de Natal e como nem eu e nem Benjamim comemoramos o dia, aproveitamos para descansar. Naquele momento, eu estava com as duas pessoas que mais amo, não podia querer nada melhor! Eu aproveitei para dormir um pouco, mas como a

minha excitação com as novidades eram maiores que meu cansaço, não consegui relaxar. Assisti um pouco de TV, mas não entendia nada, Benjamim deitou no meu colo e hibernou novamente. Minha mãe também aproveitou para ler a Bíblia e descansar um pouco. E eu ali... tentando arranjar um jeito de fazer alguma coisa. Fiquei um tempo viajando nos meus pensamentos, passando as mãos nos cabelos de Ben, desenhando as formas do rosto dele e o acariciando com amor. Tadinho... devia estar muito cansado mesmo, nunca o vi dormir tanto. Passei pelas redes sociais, fiz algumas fotografias dele dormindo, do apart hotel e da vista da janela. Abri os armários para ver o que tinha, fiz alguma coisa para comer, caso alguém acordasse com fome, depois conversei um pouco com a minha mãe e aproveitei para perguntar sem rodeios algumas coisas que ficavam martelando na minha cabeça.

— Mãe, você conversou com o pai sobre o Benjamim? Assim... quero dizer, chegou a comentar com ele sobre o meu namoro antes de ser apresentado e tal?

— Ah... tive que fazer isso, Sarah! Como você disse que talvez fosse pra lá no feriado, eu já fui me preparando para saber como abordar o assunto e contar. Não dava para ser de supetão.

— Humm... Sim, eu sei. E ele?

— Bom, primeiro eu fui preparando o terreno, disse que você já tinha feito 21 anos e que a qualquer momento poderia aparecer com alguém e tal...

— E ele não surtou não?

— Na verdade, filha, o problema com a saúde o transformou demais. No último ano, ele não gritava, não era grosseiro, tinha uns ataques de chatice, mas estava mudado. Até no templo comentaram sobre isso. Quando falava sobre você, ele ficava pensativo, a única preocupação dele era sobre quem era o rapaz. Você sabe, depois de tudo que vivemos, ele tinha muito medo de que algum espertalhão pudesse se aproximar e ferir você, como aconteceu comigo.

— Sim... eu entendo!

— Você deu sorte, Sarah!

— É... Deus né, mãe! No início tinha medo dele.

— Por que? Ele fez alguma coisa?

— Não... mas as atitudes dele pareciam demais com as do pai falando... Vou falar baixo porque não quero que ele ouça... E um dia, fui até embora do apartamento dele, estava decidida a terminar tudo.

— É mesmo? Ele é ciumento?

— É... Ele é meio controlador. Mas as qualidades que tem superam isso... pelo menos, eu acho! Resolvi ir embora naquele dia porque estava no apartamento dele e aconteceram outras coisas com a Marcela... mas não vem ao caso...

— Eu não sei bem contar em detalhes, mas depois de um tempo que eu vinha

preparando o seu pai, acabei contando que você estava namorando e me surpreendi porque ele não gritou, nem quis ir atrás de você, mas depois ouvi ele falando com alguém no telefone. Eu não entendi toda a conversa, mas pelo o que eu sei, o seu pai mandou chamar o reitor da UNITAU (Universidade de Taubaté), e tiveram uma longa conversa de portas fechadas lá em casa.

— O reitor? Sobre o que?

— Sim. Eram amigos de infância e de negócios e, pelo o que eu entendi, era sobre o Benjamim.

— O meu Benjamim?

— Sim.

— Uau... ele deve ter pedido para o reitor levantar a ficha do Ben. Mas como? – fiquei pensativa com a informação. Será que minha mãe tinha entendido direito? Que loucura... talvez por essa razão o aceitou tão fácil. Meu pai já sabia tudo sobre Benjamim. Bem a cara dele mandar fazer isso.

— Seu pai sempre foi bom nisso, filha. Se o líder da congregação, na época que me envolvi com o Gustavo, tivesse dado ouvidos ao Matias, talvez eu não teria sofrido tanto.

— Gustavo? Esse era o nome do meu pai biológico?

— Sim... me perdoe! Não queria ter dito nada.

— Tudo bem. Você sabe o sobrenome dele?

— Não me lembro...

— Bom... vamos continuar arrumando isso aqui. Não quero pensar nisso agora.

Enquanto estávamos conversando, fui colocando as roupas no closet, tentei afastar da minha mente esses fantasmas horríveis, talvez um dia eu queira saber, não hoje! Fiquei pensando se eu deveria desfazer a mala do Ben, tive medo dele não gostar, mas arrisquei. Desmanchei com cuidado cada peça que estava cuidadosamente organizada na mala. Lembrei da organização do armário e fiz igual. Depois só me restava comer e descansar...

Acordei com alguém me acariciando o rosto, tentei abrir os olhos e senti o perfume delicioso de Ben.

— Oi... – abri os olhos com dificuldade e vi que era ele, estava tomado banho e arrumado — Oi... Que horas são? – resmunguei.

— É cedo. São oito da manhã.

— Hum... nem vi que horas fui dormir. Você e minha mãe só dormiam e comiam. Cruzes! – acabou o sono da Cinderela e agora ele queria me acordar.

— Vamos dar uma volta? – me convidou.

— Agora?

— Sim. Se agasalhe, vou levar você para conhecer alguns lugares. A Jacque passou aqui

logo cedo e deixou a chave do carro que pedi.

— Sério que ela já veio aqui?

— Sim. Ah... vi que desfez minha mala. Está tudo perfeito, obrigado! Como sabia que gosto de tudo arrumado daquele jeito? – ai caramba... fiquei sem saber o que dizer! Tinha esquecido desse detalhe, eu não podia falar que fuzei no armário dele escondido!

— Ah... eu fiquei bastante no seu apartamento e guardei algumas coisas no seu armário, acabei vendo como gosta... me desculpe por isso.

— Não... tudo bem! Só curiosidade mesmo. Porque vi que alguém mexeu na minha gaveta, pensei que tivesse sido a Maria, mas achei estranho, não gosto que ela arrume lá.

— Ahh... não?! Por quê? – ferrou!

— Amor, desculpe por ontem! Eu estava destruído e não tinha energia para nada. Hoje vou recompensar você. – ele desconversou e não me respondeu, me deu um selinho e saiu. Dormiu tanto que estava até com os olhos inchados. Pelo menos me safei dessa vez...

Levantei e saímos todos num *tour* pela cidade, apesar da neve, o dia estava lindo e com o céu azul. Benjamim me levou até alguns lugares que eu tinha pesquisado e queria conhecer, como a Harvard Medical School (HMS), a faculdade de medicina de Harvard, que fica na área conhecida como Área Médica de Longwood (Longwood Medical Area) no bairro de Mission Hill, ficava ao lado do apartamento que estávamos, dava para ir andando até o campus. O lugar era fantástico, como vemos nos filmes, tem uma arquitetura bem inglesa e antiga, extremamente organizada e limpa.

— Um dos meus sonhos é fazer o doutorado aqui. — disse Benjamim, e eu fiquei pensando no tempo que ele passaria longe de mim. Sei que era egoísmo meu, mas já estávamos tendo que administrar esse um ano longe, depois teria mestrado e daí doutorado...

— Sim... seria um sonho. Mas ficaríamos mais tempo longe um do outro. – acabei soltando meus pensamentos.

— Ahh... minha linda! Até lá estaremos casados e você vem comigo.

— Aqui é muito bonito mesmo. Bem diferente do Brasil. – minha mãe desconversou. Pelo menos, foi a impressão que tive.

Tiramos algumas fotos e seguimos para outro lugar muito lindo chamado Prudential Tower, que é um dos arranha-céus mais altos do mundo e o 2º mais alto da cidade com 52 andares, foi um dos lugares que pesquisei, é um bom lugar para conhecer a história dos imigrantes de Boston, além da vista magnífica de toda a cidade. Lá de cima podíamos ver as cores da cidade, que naquela época do ano, ficava completamente branca e marrom. As construções têm cor de terra, construídas de tijolinho à vista, o rio Haward ficava todo congelado e o espelho de água na frente de uma das maiores igrejas cristãs também. Gostaria de ter visto tudo sem estar congelado, mas... só em outra oportunidade. Tiramos

várias fotografias lá de cima, eu sozinha, eu com o Ben e com a mamãe, que estava numa alegria sem fim, apesar de descobrirmos que ela tinha medo de altura. O observatório era muito massa...

Depois seguimos para o Shopping Center que fica em frente ao observatório e estava linda a decoração de Natal. O lugar é todo construído em vidro dando visão ao edifício Prudential Tower, logo que entramos vemos uma escadaria enorme que dá acesso às lojas. Passeamos e almoçamos por lá. Depois fui ao salão de beleza com a minha mãe, minha intenção era mudar o visual dela, mesmo com certa relutância de sua parte, insisti bastante, e ela aceitou. Benjamim me ajudou com a comunicação para que entendessem o que eu queria e depois saiu para dar uma volta. Aproveitei e cortei um pouco os meus cabelos, que estavam enormes. No final, quando olhei para ela, me emocionei de poder vê-la tão diferente, deixou que aparassem as pontas dos cabelos e pintassem da cor natural, um loiro acinzentado. Parecia outra pessoa, rejuvenesceu uns 10 anos e ela sorriu sentindo-se bem ao se olhar no espelho.

Logo que terminamos Benjamim voltou com uma sacolinha de presente:

— Cortou o cabelo? – ele me perguntou com um meio sorriso.

— Só um pouco.

— Está linda. – sorri e o beijei — Nossa dona Rute, a senhora está linda e jovem – minha mãe ficou com as bochechas vermelhas de vergonha. Mas era nítido a sua felicidade, a sensação era de liberdade! Livre para ser feliz outra vez.

Antes de ir embora, eu queria passar numa loja e comprar um presente de formatura para o Ben, que na correria acabei não tendo tempo de dar nada para ele. Entrei numa loja especial de canetas tinteiras, tive vontade de rir com o nível da minha comunicação, mas fiquei feliz que mesmo a trancos e barrancos, consegui fazer com que me entendessem e fui carinhosamente atendida por um senhor chamado David. Para minha surpresa, ele me presenteou com uma gravação no corpo da caneta, quando disse que seria para o meu noivo recém-formado em medicina.

Já estava anoitecendo, voltamos para o apartamento e quando estávamos sentados na sala, Ben aproveitou que mamãe foi dormir, levantou e me entregou a sacola de presente.

— Comprei para você.

— Ahh... eu também comprei um presente para você!

— Sério? – os olhos dele brilharam.

— Sim. Aqui! – entreguei a sacola preta com o nome da loja em prata. Ele abriu com cuidado separando cada parte do embrulho e eu sorri.

— O que foi?

— Só admirando o seu cuidado com tudo o que tem. – eu disse e ele me beijou com carinho dando risada.

— SARAH! Que linda, amor! Você pediu para gravar isso? Como conseguiu?

— Ah... não foi difícil... um senhor me atendeu com carinho e me deu de presente a gravação. Ele entendia tudo que eu falava.

— Carinho é?! Hum... sei! Quantos anos ele tinha?

—Benjamim... ele tinha idade para ser meu avô. – falei dando risada.

— Está certo... estou orgulhoso de você. E muito obrigado, ela é muito linda... – ele falava admirando o presente. Fiquei feliz com a reação dele. A caneta era preta com detalhes em dourado e a pena era toda trabalhada com desenhos e com o nome da marca. No corpo da caneta pedi que gravasse bem pequeno a frase: *Com amor para Dr. Benjamim Hakin.*

Em seguida, abri o presente enquanto ele olhava a caneta de todos os lados, era uma sacolinha da Tiffany & Co. – Meu Deus! – quando abri o embrulho, tinha uma gargantilha em ouro com o meu nome escrito em letra de mão como pingente.

— Ben... isso deve ter sido uma fortuna! É linda... – eu amei o presente, mas fiquei nervosa porque eu usava a corrente da Vivian, desde que ela faleceu, nunca mais tirei do pescoço.

— Gostou?

— Sim. Mas não quero que fique gastando tanto dinheiro comigo!

— Percebi que você está sempre com essa corrente de coração. Agora pode trocar. – meu coração ficou aflito, eu não queria trocar. — Ou então... pode colocar junto... – ele estava abrindo a corrente para colocar em mim e retirou a outra. Senti um aperto no peito, parecia que eu estava deixando de lado as lembranças da Vivian.

— Não dá, amor! Vai ficar uma enrolada na outra. – eu não queria tirar a corrente da Vivian, mas também não queria entristecer Benjamim. Então deixei que ele retirasse o colar de coração mesmo com dor no peito. E ele percebeu que alguma coisa eu não tinha gostado.

— Gostou mesmo? Parece que não curtiu. – ele comentou, eu disfarcei e o beijei com carinho.

— Venha aqui. Eu amei! – segurei firme a corrente dela e pensei que poderia descobrir um jeito de usar as duas. Puxei o rosto de Benjamim para perto e aproveitei que minha mãe não estava ali e o beijei com intensidade. Benjamim retribuiu e fechei meus olhos, me deixando levar pelos seus lábios macios e molhados, desci pelo pescoço perfumado dele e subi até o lóbulo das orelhas, dando mordidinhas suaves que o fizeram gemer baixinho em meu ouvido. As mãos dele passeavam pelo meu corpo e aproveitei para colocar as minhas mãos por baixo da camisa dele, fazia tempo que não conseguíamos ficar sozinhos e eu não sentia os seus músculos salientes há algum tempo. Sentei no colo dele e trancei as minhas pernas por sua cintura, mas foi demais para ele...

— Pare, Sarah! Pare antes que eu perca o controle.

— Ben... não estamos fazendo nada.

— Eu sei... eu sei bem disso! Mas preciso manter minha sanidade ao seu lado. E já pensou se sua mãe aparece aqui? – eu ri com a provável cena — Você ri, mas sou eu que vou ter que me explicar.

— Tudo bem... dr. Benjamim.

— Não fala assim...

— Posso contar uma coisa? – disse dando risada dele.

— O que?!

— A Marcela me perguntou se você era gay.

— O QUE?! Como assim? Ela perguntou se nós já transamos?

— Claro, Ben.

— Sarah... não acredito! – não imaginei que ele pudesse se sentir chateado. Me tirou do colo dele e foi até a cozinha.

— Não fique bravo! Mulheres conversam sobre esses assuntos. E eu disse para ela: “Com certeza, ele não é gay!” – ele me olhou, estava com um copo de água na mão e deu risada.

jeito que Benjamim gosta. Estava usando o perfume que ele me deu, é uma delícia... nunca tive um perfume importado como esse, *Victoria's Secret Forever Sexy*, um dos ganhadores do prêmio de melhores do ano de 2016, pelo menos foi o que a vendedora nos disse.

— Uauuu... Sarah... – ele ficou me olhando com os olhos mais brilhantes que já tinha visto — Você consegue me abalar e me surpreender a cada dia! Está linda demais. Acho melhor nem sair com você assim...

— Você também está lindo... – ele estava parecendo um príncipe de smoking preto. Confesso que casaria com ele ali mesmo. Ele tinha cortado os cabelos e aparado a nuca, respirei fundo e fui em sua direção para beijá-lo, ele me segurou pela cintura, e ficamos nos olhando por um tempo – meu salto era bem alto e me senti poderosa.

— Se não estivéssemos atrasados, eu borraria este batom!

— Eu adoraria!

— Gosta de me provocar... – o beijei delicadamente e sorri. Benjamim pegou o cachecol preto e vestiu, eu coloquei o casaco sobretudo. Minha mãe também estava linda, nunca a vi tão arrumada, parecia uma boneca, me deixou até passar maquiagem nela. Na verdade, nem parecia minha mãe!

Quando estávamos chegando, eu comecei a ficar nervosa, minhas mãos estavam suando e meu coração acelerado. Paramos na garagem e subimos para a cobertura da família. O elevador era privativo e as portas se abriam dentro de um *hall* que dava direto pra sala. Quando entramos, estava tudo com meia luz, garçons andando por todos os lados e tinha mais gente do que imaginei, pensei que seria só a família. Ben segurava minha mão e minha mãe vinha atrás, uma recepcionista tirou nossos casacos e cachecóis colocando-os nos armários logo na entrada. Em nossa direção vinha ela, a Jacque:

— Uauuu! Que lindos. Sejam bem-vindos. – ela cumprimentou o Ben com um beijinho no rosto e acenou a cabeça para mim e para minha mãe. — Venham, quero que conheçam *my mother*.

— Oi tia! Quanto tempo! – Benjamim cumprimentou a mãe de Jacqueline, que de forma muito amorosa me abraçou e senti um carinho especial por ela. Elas se pareciam talvez por causa dos cabelos lisos e pretos. A mãe era baixinha com um corte de cabelo chanel, muito elegante, tinha a pele branca e os olhos azuis. Cumprimentou minha mãe com um aperto de mão. Imagino que ela deveria estar odiando aquele momento, eu sabia que não gostava de lugares cheios, com pessoas que não conhecia — Essa é minha noiva, Sarah! Sarah, essa é minha tia, Eloisa – Ben nos apresentou.

— Sarah, muito prazer! Pode me chamar de tia Elô. E que nome lindo você tem... parece uma princesa, tem os olhos doces e meigos. Seja bem-vinda a família, esse menino é de ouro! – eu sorri e concordei com a cabeça.

— Ela é uma princesa, tia! – Benjamim concordou sorrindo e olhando para mim.

Estavam todos interagindo, minha mãe conversava com a tia Eloisa, enquanto Jacque foi buscar o pai dela e o trouxe meio arrastado para nos apresentar.

— E aí tio... como vai essa força?! Nunca mais voltou para jogar pebolim comigo. — Benjamim exclamou para o tio que se aproximava.

— E aí garotão... ?! *Ohh... my Gosh!* Não acredito que está formado. Lembro de você um molequinho — Ben sorriu e o abraçou batendo nas costas.

— Tio, essa é minha noiva, Sarah!

— Olá, tudo bem? — falei morrendo de vergonha. A Jacque é a cara do pai, os olhos, a pele e o jeito de olhar é tudo dele, meio altivo, enquanto a mãe parecia mais meiga. Ele ficou olhando com uma expressão que me deixou sem graça, tentei desviar os olhos, mas era como um imã, ele franziu a sobrancelhas e sorria de lado. O pai dela era muito bonito, jovem e atraente, chego a dizer que até meio sedutor. Enquanto eu tentava decifrar todos eles, a tia Elô o chamou:

— *Baby...* - ele continuou falando com Benjamim e me olhando indiscretamente.

— Tio, estão te chamando. — Ben o avisou.

— Gustavo! — ela insistiu chamando-o pelo nome e meu coração disparou... foi como uma cena em câmera lenta, eu me virei para ele e fiquei olhando paralisada, soltei a mão de Benjamim, vi minha mãe se virando para ele e quando os olhos dos dois se encontraram, ela desfez o sorriso e desabou no chão. Eu não tive reação, fiquei estatelada olhando para ele que desfez o sorriso e se virou para mim, ficamos parados no lugar, enquanto todos os outros se abaixaram para socorrer minha mãe. Eu não ouvia mais a música que tocava no lugar, meu mundo parou, e acho que meu coração também. Não sabia o que fazer... levaram ela para um cômodo da casa que estavam os sofás e eu me senti perdida. Aquele homem continuava parado me olhando, de repente, ele balançou a cabeça, acredito que na tentativa de voltar a realidade e falou:

— É... aceita um copo de água? — eu não conseguia responder. Na verdade, eu não sabia direito o que estava acontecendo, ou sabia? Não... não pode ser! Minha ficha estava caindo ou estava pirando? Esse cara pode ser meu pai biológico? É isso que estou entendendo? Se ele é o meu pai biológico, essa menina é minha irmã? Não... não... é demais para mim... — ele segurou minha mão, tentando me tirar do meio da multidão e me levou até a cozinha, eu não via mais ninguém — Você... está bem? Tome. — ele me entregou um copo de vidro com água, mas eu não conseguia tirar os olhos dele. Tínhamos o mesmo olhar... a mesma boca... e os cabelos dele eram loiros como os meus. Não pode ser! — Sarah, sente-se aqui, eu vou tentar encontrar o Benjamim. — ele me guiou até um banco, me sentei, estava perdida, com as mãos trêmulas, sem rumo, não sabia se saía dali e ia embora, mas eu também não sabia nem como voltar para casa. Respirei fundo e tentei colocar minha cabeça em ordem... Precisava de forças! E o pior, se esse cara fosse meu pai... Então o Benjamim era meu primo?! É isso? Quando pensei que apagaria ali na cozinha, ouvi a voz de Ben e o meu corpo estremeceu.

— Amor...

— Ben...

— Oi... está tudo bem com você?

— Eu não sei! Onde está a minha mãe?

— Ela está bem, acho que foi uma queda de pressão. Mas já está bem e quer ver você. Meu tio disse que você estava aqui. Não entendi nada.

— Ben...

— O que aconteceu? – Benjamim estava agachado no chão, e passando a mão pelo meu rosto, nitidamente preocupado. Eu o abracei e queria ficar ali para sempre, beijei o pescoço dele e disse:

— Não sei por onde começar, nem se devo ficar aqui... não sei o que fazer...

— Como assim? – ele me puxou e olhou nos meus olhos — Primeiro preciso entender, porque estou perdido.

— Antes, eu preciso falar com a minha mãe.

— Claro, vem comigo.

Ele me pegou pela mão e quando entrei no escritório onde ela estava, a vi pálida.

— Mãe... – só estávamos nós duas e Ben.

— Filha... – vi o desespero nos olhos dela.

— Benjamim, me deixe sozinha com a minha mãe, por favor. Já chamo você. – ele saiu me dando espaço.

— Sarah, precisamos sair daqui. – ela declarou.

— Calma. Primeiro preciso ouvir da sua boca. – respondi.

— O que quer que eu diga?

— É ele? Ele é o Gustavo que me falou esses dias?

— Sim. É ele. Esse homem é o seu pai biológico. – quando ouvi aquelas palavras, parecia que todo o ar dos meus pulmões tinha desaparecido. Senti minha cabeça girar, e eu puxava o ar com força, eu me manteria forte! E aquele homem não iria entrar em minha vida e estragar tudo o que sonhei. Ele não é o meu pai, é um covarde. E eu queria que tudo viesse à tona e fosse esclarecido, tinha um objetivo e ninguém iria me tirar dele. Decidi ser diferente e enfrentar o que viesse até alcançar os meus sonhos. Tirei forças da minha alma e disse:

— Ele nunca foi o meu pai. Levante daí porque você é muito mais forte do que pensa, mãe. – parecia que eu tinha sangue nos olhos, queria dar um tapa na cara dele. Mas antes, eu precisava entender como chegamos nisso. Então, eu abri a porta e Ben estava andando de um lado para o outro, nitidamente agoniado. — Benjamim.

— Amor... o que está acontecendo?

— Entre aqui. – ele entrou e sua expressão era de alguém com medo do que poderia ouvir. — Ben, seu tio Gustavo, é m... – quando comecei a falar, escutamos a porta do escritório abrir com força e um voz grossa e altiva disse:

— Eu sou o pai dela!

— O que?? Como assim? – Ben indagou chocado.

— Não. Você é o cara que abandonou a minha mãe grávida. – corrigi.

— Não pode ser... Tio, você era casado antes disso e... – ele parou, pensou – Não... não pode ser. – Ben falou com um sorriso irônico de indignação.

— Eu preciso que me deixem conversar com a Ana. – olhei para minha mãe e ela estava olhando para ele com nojo.

— Não. Você não vai ficar sozinho com... – eu disse com ódio dele.

— Saíam todos. Eu quero ouvir o que esse homem tem para me falar. – ela me interrompeu. Engoli seco.

Benjamim segurou minha mão e disse que estaria na porta, caso ela precisasse de ajuda.

— Nunca tentaria nada contra você, Ana. – Gustavo disse com a voz mais baixa.

— Não?

Saímos e ouvimos os fogos explodindo, todos gritavam na sala e brindavam a virada do ano - “*HAPPY NEW YEAR!*”. Benjamim me envolveu em seus braços no corredor do apartamento.

Eu estava com tanta raiva daquele homem, que uma energia ruim fluía de mim, tive vontade de cuspir nele, de atacá-lo com força e jogar nele todos os anos de frustração e rejeição que sofri! Foram anos de dúvidas, sem entender o porquê não me sentia amada. E quando eu descubro o motivo de uma vida sem sentido, de uma opressão que sempre imaginei ser sem nexo algum, eu fico órfã do pai que escolheu não me deixar nascer órfã. Quando eu notei que na verdade ele me amava, só não sabia como se expressar, ele adoeceu e partiu – e então eu finalmente consegui me colocar no lugar dele e imaginar o que se passava na sua cabeça.

Mas sou filha de outro homem, de um ser desprezível... que abusou de uma mulher, a enganou e roubou os sonhos de todos os envolvidos. Meu pai, Matias, se sentia o estepe, minha mãe a pecadora envergonhada diante de uma congregação, eu a rejeitada sem saber o porquê. Não concordava com isso... Mas conseguia entender os sentimentos que poderiam passar no coração dele. E estar lá, com aquele cretino na minha frente, e que ainda tinha coragem de dizer que era o meu pai? – fiquei com meu rosto enterrado no peito de Benjamim tentando me manter firme.

— Não sei como dizer: Feliz 2017, minha princesa... – ele disse olhando para mim com

os olhos tristes e aproximou o rosto para me beijar, mas desviei. — O que foi? – ele se afastou e franziu as sobrancelhas.

— Ben, sua prima é minha meia irmã e logo... você é meu primo!

— Não... não sou seu primo! – ele fez uma cara estranha de discordância.

— Benjamim... – doía em mim, porque tinha medo do que pudesse vir acontecer.

— Amor, me escuta! Não tem como você ser minha prima, porque minha tia não é irmã de sangue da minha mãe. Minha tia foi adotada pelos meus avós em um dos projetos da igreja que eles frequentavam.

— A Eloisa não é sua tia de sangue?

— Não.

— Então, a Jacque não é sua prima de verdade?

— Não. Graças a Deus! – ele falou e segurou meu rosto com carinho me dando um selinho.

— Meu Deus! Não acredito... Benjamim, não estou acreditando em tudo isso! Parece mentira. – por um momento me lembrei das palavras que li em uma das cartas que ela escreveu para Benjamim. E comecei a entender os motivos dela dizer que “não seria pecado”. E aqueles fantasmas vieram me atormentar novamente.

— Nem eu... Nossa, meu tio sempre foi um cara maneiro, eu gostava de brincar com ele, era atencioso, participativo na família... eu estou passado! Será que a Jacque e a minha tia já sabem disso?

— Vai lá ver, amor! Eu vou ficar aqui de olho neles.

— Tem certeza?!

— Sim. Claro! – ele me beijou com carinho e saiu. Eu fiquei tentando ouvir a conversa, mas não conseguia entender tudo. Escutava mais a voz dele pedindo perdão. Eu queria entrar naquela sala, mas preferi obedecer minha mãe. Fiquei andando de um lado para o outro, muito ansiosa, esperando a portaria da porta abrir, e de repente, escutei ela abrir com força e Gustavo saiu com os olhos vermelhos de choro. Não queria nem saber o que ele estava sentindo, aliás, queria que ele sofresse. Olhou-me nos olhos e percebi como pareço com ele.

— Precisamos conversar. – me disse com a voz embargada.

— Eu não quero conversar com você.

— Sarah.

— NÃO!

Entrei na sala e o deixei parado no corredor, minha mãe tinha chorado muito.

— Mãe, você está bem?

— Estou. Coloquei para fora tudo o que guardei há anos. Consegui dizer o que estava

entalado na minha garganta há vinte e dois anos! Percebi quanto rancor havia em mim e jamais seria feliz se isso não tivesse saído do meu coração. Deus escreve o nosso destino, Sarah. E quando nos desviamos dele, porque somos fracos, Ele vem e conserta. Deus nunca deixa nada para trás, filha... para ser feliz, essas feridas não podem estar com pus. – respirei fundo e tentei entender o que ela queria dizer – Por isso, não deixe que essa mágoa te impeça de ser feliz. – só consegui concordar com a cabeça, porque meus pensamentos estavam uma loucura – Agora vamos embora daqui, filha!

— Vamos!

— Eu vou descer e encontro vocês no estacionamento.

— Eu vou atrás do Benjamim.

Saí meio sem rumo atrás dele, a casa estava lotada e eu não conhecia nada nem ninguém, não vi a Jacque, nem a mãe, nem o cretino... Fui andando de cômodo em cômodo até que escutei uma discussão, identifiquei que era a voz de Eloisa falando bem alto, mas era difícil entender com o barulho dos fogos e com eles falando em inglês, só consegui ouvir quando ele dizia “*I’m sorry!*” ou “*I love you*”, *I love you*... sei bem... cretino! Não queria que minha virada de ano fosse assim... Queria ir embora e nunca mais colocar os pés ali. Continuei procurando por Benjamim e ouvi a voz dele falando alto no último quarto do corredor. Aproximei-me devagar, porque me interessava bastante o motivo de sua alteração.

— Benjamim, chega disso! OK? – era a voz da Jacque, chorando — Essa menina apareceu na minha vida para me destruir.

— Jacque, ela não tem nada a ver com isso. É tão vítima quanto você.

— Não. Não é! A mãe dela apareceu na vida do meu pai e o seduziu, assim como ela está fazendo com você! – fiquei sem crer no que ouvi da maluca. Minha mãe não seduziu aquele crápula, foi exatamente o contrário. E meu relacionamento com Benjamim não diz respeito a ela.

— Você enlouqueceu, Jacqueline?

— Ben, eu amo você! – eu não esperava ouvir aquilo. Como assim, ela o ama?! Eu sabia... Meu coração estava desesperado, queria entrar no quarto e dar na cara dela, mas precisava saber mais...

— Jacque, pare agora com isso... você está fora de si! – ele falava entre os dentes e eu precisava ver o que estava acontecendo.

— Benjamim, você vai negar o que aconteceu com a gente?! Nós sempre nos amamos! – levei mais um soco no estômago. Como assim? Eu queria saber o que tinha acontecido entre eles, então ela continuou – Eu entendo que seus pais jamais aceitariam, mas você é meu, Benjamim... ela não vai roubar você de mim... E agora, ela também quer tirar meu pai de mim! Ben... você não consegue ver isso? — Eu sabia que tinha acontecido alguma coisa... sem chão comecei a clamar a Deus.

— Jacque, você está fora de controle. Precisa se acalmar. O que aconteceu entre a gente foi coisa de adolescente. Eu amo a Sarah! – ai meu Deus, comecei a passar mal.

— Não foi, Ben! Você disse que me amaria para sempre! – quando ouvi aquilo, foi demais para mim. Precisava ir embora! Perguntei tantas vezes ao Benjamim sobre isso e ele mentiu para mim. Eu disse que não perdoaria se ele mentisse para mim!— Jacque, esquece aquele dia. Eu não estava no meu juízo e... – tive a impressão de que ela o beijou — Me larga, pare com isso... – não deu mais para continuar ouvindo. Não tinha como ficar com ele. Mais um cretino na minha vida não teria como suportar. Seria demais para mim... saí correndo pelo corredor, tentando achar a saída daquele inferno. Entrei no elevador arrasada, me perguntando por que ele mentiu para mim... O que eu iria fazer?! Eu o amo, mas não podia ficar com um cara que esconde o passado de mim. Eu abri o meu coração e entreguei para ele... E depois saber que aquela menina é minha irmã... Não, não podia ser. Meus sentidos estavam certos, ela não me fazia bem desde a primeira vez que a vi naquela fotografia.

Cheguei ao estacionamento e minha mãe também estava chorando, eu não poderia viver como ela.

— Filha, o que houve? – eu estava aos prantos. Eu suportaria tudo, tudo o que eu passei durante os últimos meses, mas saber que o Benjamim mentiu para mim foi demais. Eu perguntei para ele sobre aquilo...

— Mãe, eu preciso sumir daqui. Vamos embora deste lugar.

— O que aconteceu?

— Vamos sair daqui, mãe. Vamos chamar um táxi, vou ligar para Marcela e depois te conto.

— Meu Deus! Que inferno é esse? Eu devia ter feito como faço todo ano, passar o Réveillon na congregação!

— Chame mesmo por Ele, e pergunte por que ELE fez isso comigo?! O que fiz de errado...

Mudança de planos

Estava a caminho da casa de uma amiga da Marcela, depois de ligar e pedir ajuda, passei no apartamento e peguei parte das minhas coisas, mesmo com a minha mãe sendo contra e tentando me acalmar. Eu precisava de tempo e espaço. Não tinha a menor condição de olhar nos olhos de Benjamim, sabendo que ele mentiu para mim sobre algo que pedi tanto que me contasse a verdade. Tinha medo de falar o que não estava sentindo, medo de não resistir aos olhos dele, na verdade, nem sabia do que eu tinha medo. Não conseguia decifrar o que se passava em meu coração naquele momento, eu o amo tanto que sentia como se tivessem arrancado parte de mim... podia ter sido sobre tudo, mas não sobre ela... não naquele momento da minha vida... ainda não consigo acreditar que temos o mesmo sangue. Eu perguntei tantas vezes a Benjamim, sabia que tinha alguma coisa estranha entre eles. Uma confusão de sentimentos atravessava a minha alma, ao mesmo tempo que sentia uma dor profunda em deixá-lo, uma raiva agonizante me pedia para ir embora. Medo e decepção eram o que me definia, medo de estar lá naquele lugar que não tinha domínio, medo de estar sendo enganada e sofrer, me sentia pequena diante de tudo aquilo. Mas por outro lado, prometi ao meu pai que seria forte e não deixaria ninguém me ferir. Talvez eu tenha criado expectativas sobre quem ele era e o deixei entrar fundo demais no meu coração – *Mas Sarah... já parou para refletir sobre o que ouviu?* – minha mente me alertava, mas eu retrucava: - Ele mentiu para mim! – *Já pensou que tudo isso pode ter sido armado?* – Não foi... dessa vez não! Eu sabia que aqueles pensamentos eram o meu lado fraco, o lado do meu desejo de ficar com ele. E eu precisava ser forte para usar minha razão e não destruir minha vida. Precisava de foco!

— Filha... você deveria ouvi-lo antes de deixar tudo para trás. – minha mãe ainda tentava me fazer voltar atrás, mas ela é a única que não poderia falar aquilo. Não queria ficar com alguém que poderia me machucar a qualquer momento. Ela foi tão machucada com promessas falsas e com palavras, eu não queria o mesmo caminho para mim.

— Mãe, só de ouvir a voz dele eu posso fraquejar e não quero me ferir. Prometi isso ao meu pai... – eu disse quase sem conseguir soltar as palavras, estava me esforçando para ser forte e mudar o meu destino.

— Mas... Sarah! – virei o rosto para o lado de fora da janela, para esconder minhas lágrimas. A dor em meu peito era muito grande e eu precisava manter minha raiva para não retroceder. Começou a tocar uma música no rádio do táxi que eu amava, mas era tudo o que eu não precisava ouvir... - *Say you won't let go* – James Arthur.

Só de me lembrar dos olhos daquele homem que se dizia o meu pai na minha frente, um milhão de pensamentos me tomava trazendo sensações que nunca experimentei. Tive

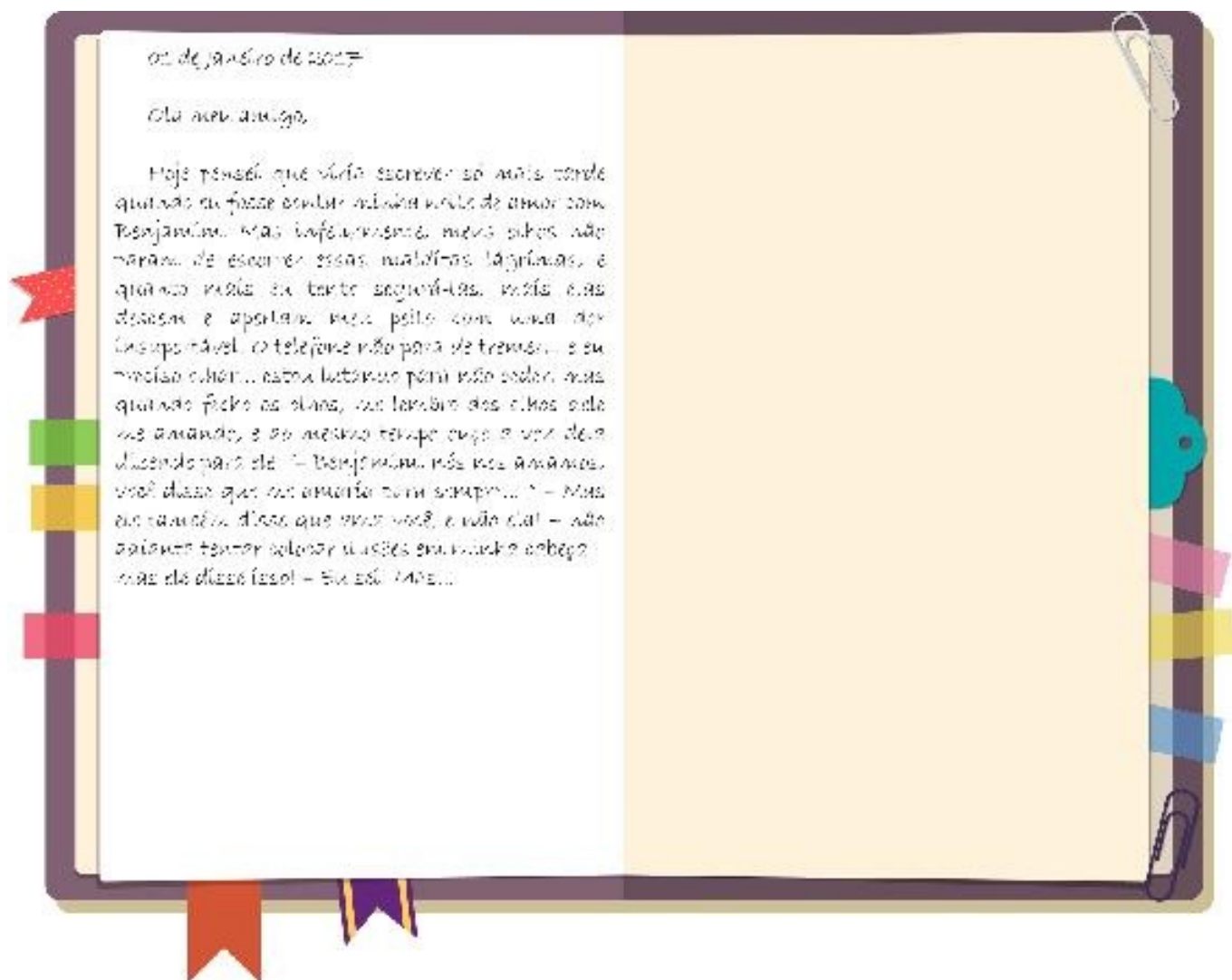
nojo dele, me lembrava das palavras do meu pai, Matias, e depois ouvia aquele covarde falando que ele era o meu pai biológico – ele nunca foi meu pai e nunca será! – eu queria vomitar todas as palavras que estavam engasgadas em meu peito durante uma vida. Não sabia o que estava acontecendo comigo, nunca fui assim... eu nunca tive essa fúria insana em minha alma, era como se a minha carne lutasse contra o meu espírito tentando me manter em equilíbrio. Precisava daquilo: Equilíbrio! O perdi no momento que ouvi o nome daquele homem e quando achei que ainda estava no controle... ouvir a voz de Benjamim com “ela”, não me ajudou em nada e só de imaginar os dois juntos... tenho certeza que ela o beijou! Eu olhava para fora e via a neve se acumulando, as luzes das casas acesas, alguns fogos que ainda explodiam no céu, e eu lá indo embora, deixando para trás aquilo que pensei ser o grande amor da minha vida. Só quando estivesse de volta ao Brasil podia pensar no que iria fazer, tinha deixado com ele parte do meu coração sangrando, minha aliança de noivado, e um bilhete onde não consegui dizer nada do que eu queria, apenas escrevi: *“Você partiu o meu coração! Adeus! Sarah”*



Chegamos na casa da Alice, uma amiga da Marcela, que nos recebeu com muito carinho. Ela me abraçou e já parecia saber o que tinha acontecido, ainda tinham alguns amigos bebendo na sala e comemorando, mas eu não estava no clima para socializar com eles. Era um pequeno *loft* do outro lado da cidade, ela subiu conosco para o andar de cima, e me deu liberdade para dormir em seu quarto. Fiquei sem jeito, mas não tinha forças para pensar em mais nada, troquei de roupa e deitei na cama. Minha mãe me olhava de forma assustada, acho que nunca me viu reagir de forma tão dura, tentou argumentar, mas eu não podia... Benjamim me atingiu o coração em um lugar que não sabia explicar, eu poderia suportar a traição e as armadilhas de todos, mas dele não... não podia viver a mesma história da minha mãe.

Então eu decidi o meu destino: seguirei sem ele!

Peguei o meu diário na bolsa, eu precisava falar com alguém. Minha mãe não me entendia, a Marcela estava na casa da família, de certo já tinha bebido todas, e na parte de baixo do *loft* todos estava comemorando, enquanto eu estava olhando pela janela e vendo a neve cair sem dó, observando um céu que não me pertencia mais... – quando peguei a caneta e me sentei na cama, o visor do meu celular acendeu sobre a cabeceira, não sabia se eu deveria olhar, porque com certeza devia ser ele. Fechei os olhos com força, eu precisava ser forte e para não fraquejar, comecei a escrever:



oi de janeiro de 2007

Ola meu amigo,

Hoje pensei que seria escrever só mais tarde quando eu fosse sentir alguma coisa de amor com Benjamin. Mas infelizmente meus olhos não pararam de escorrer essas malditas lágrimas, e quando não eu tento segurá-las, mas elas desceam e apertam meu peito com uma dor insuportável. O telefone não para de tocar... e eu preciso atender... não luto mais para não atender, mas quando falo os olhos, eu lembro dos olhos dele me olhando, e ao mesmo tempo ouço a voz dele dizendo para ele "Benjamin, nós nos amamos, você disse que me amaria com sempre..." - Mas eu também disse que amava você, e não daí - não consigo tentar colocar a cabeça em qualquer coisa, mas ele disse isso! - Eu sei... Mas...

— Que droga! O telefone não para.

— Filha, atende ele.

— Não posso, mãe.

— Apenas faça o que estou pedindo. – eu respirei fundo e quando peguei o telefone vi a quantidade de mensagens de Benjamin no *WhatsApp*. Não sabia o que fazer... comecei a ler as últimas, ele parecia desesperado. Meu coração quase fraquejou de imaginar que eu poderia estar cometendo o maior erro da minha vida.

BENJAMIM 00:42

Sarah,

Cadê vc?

BENJAMIM 01:05

O QUE ACONTECEU??

BENJAMIM 01:06

AMOR,

Estou preocupado!

BENJAMIM 01:30

SARAH...

O QUE ISSO AQUI????

VC ESTÁ DE SACANAGEM???

SARAHHHH

BENJAMIM 01:40

AMOR...

Para onde vc foi?

Só me diz se está bem.

Me liga por favor... não faz isso comigo!

Por favor...

— Sarah, como sua mãe eu quero que você tenha a decência de dar uma resposta para ele. Não é justo isso!

— Mãe, ele me traiu.

— Não importa. Eu até respeito a sua decisão de terminar o noivado, mas não o deixe assim... Não há nada pior do que ser deixada para trás sem ao menos uma explicação. Se coloque no lugar deste rapaz.

— Mas mãe, e quem se coloca no meu?

— SARAH! Me obedeça! – respirei fundo e comecei a digitar, porque eu sabia que ela tinha razão, mas não queria dar o braço a torcer. Senti remorso, mas também senti raiva dele, e queria que ele sofresse.

SARAH 02:05

Eu preciso de um tempo...

BENJAMIM 02:05

ONDE VC ESTÁ?

Eu não podia dizer, ele iria aparecer lá...

SARAH 02:07

Por favor...

Preciso colocar a cabeça em ordem.

BENJAMIM 02:07

Mas pq foi embora?

Não podia ser aqui comigo?

Deixou a aliança, o que eu fiz de errado que parti
o seu coração?

Eu mereço uma explicação, não acha!?

SARAH 02:08

O que acha disso?

... você disse que me amaria para sempre...

BENJAMIM 02:09

Amor...

é sério isso?!

essa garota é maluca...

vc está entendendo tudo errado...

eu amo você...

BENJAMIM 02:09

Amor...

Me diz onde vc está!

Vamos conversar... ou atende a porcaria
deste telefone!

BENJAMIM 02:10

Não dá p acreditar nisso...

Parece um pesadelo...

Ele ligou umas duzentas vezes, mas eu sabia que se eu dissesse onde estava ele apareceria e... — *Sarah Furtado! Precisa dar uma chance para ele se explicar!* — Eu devia falar com ele, mas não naquela noite! Não tinha condições de olhar para ele. Precisava dormir... tinha a sensação de que um tanque de guerra passou por cima de mim e me destruiu!



Acordei com meu celular tocando e minha cabeça estava pesada, abri só um pouquinho dos meus olhos, me protegendo da luz que inundava o quarto pelos vidros das enormes janelas, estava tentando entender onde eu estava, não vi minha mãe ao meu lado. Peguei o celular e vi que a última mensagem era de Ben:

BENJAMIM 03h:38

Você é quem está partindo

o meu coração...

Pensei que tudo tinha sido só um pesadelo, mas quando olhei ao redor, me afundei na cama e percebi que era real. Eu é que estou partindo o coração dele?? E o meu coração? Também tinha mensagens da Marcela.

MARCELA 06h:40

Sarah,

O que aconteceu??

Me liga e explica

essa confusão.

Não esperei nem um segundo, mesmo com dor, liguei para ela.

— Alô! – ela atendeu em seguida.

— Amiga... – quando ouvi a voz dela, desabei! Fiquei sentada no chão do quarto com as mãos na cabeça, aos prantos.

— Sarah, o que aconteceu?

— O Benjamim me traiu.

— Como assim???? Ele já me ligou um milhão de vezes!

— Você disse onde eu estou?

— Não. Mas Sarah... amiga, estou do seu lado, mas o coitado está acabado. Eu devo uma para ele... sacanagem miga... conversa com ele antes de tomar qualquer decisão.

— Marcela... até você!?

— Sa... antes de tomar essa decisão, precisa conversar com ele. Eu sinto que isso foi algo armado por ela. Confia em mim.

— Eu só preciso de um tempo. Por favor, me ajuda a mudar meu voo de volta para o Brasil ainda hoje!

— Sarah...

— Por favor... não quero ver o Benjamim.

— Sa, eu quero ficar do seu lado, mas sinto que está cometendo um erro. – respirei fundo e não iria mudar de ideia.

— Você vai me ajudar com o voo?

— Tudo bem...

Desliguei o telefone e precisava de um banho quente. Bati na porta do banheiro e a Alice saiu.

— Ahh... me desculpe, pensei que fosse minha mãe.

— *Hi Sarah, take it easy!* Sua mãe saiu.

— Saiu?

— *Yeah!*

— Meu Deus... como assim? Ela não fala nada de inglês. — Alice sorriu e seguiu para o closet, enquanto eu entrei e fui tomar um banho quente. Onde será que ela foi... ? — pensei comigo - Não conhecia nada por lá, se ela se perdesse me daria mais trabalho ainda.

Depois de uma hora, eu estava com tudo arrumado aguardando a confirmação da Marcela sobre a troca das minhas passagens. Já tinha tomado um café e fiquei na sala para dar espaço a Alice.

— Sarah?

— Sim.

— Espero que esteja se sentindo melhor. Eu preciso sair, combinei com meu namorado de passar o dia na casa da família dele. Não se preocupe com nada, a Marcela é quase minha irmã e a chave reserva da casa fica aqui no extintor. Caso precise sair, é só trancar e deixar aqui. — ela falava com um pouco de sotaque.

— Ah... Alice, muito obrigada! Nem sei como agradecer...

— Não se preocupe! — ela era um amor, tinha uma estatura pequena de cabelos negros e curtos, extremamente simpática.

Alice saiu e fiquei sozinha no *loft*, preocupada com o sumiço da minha mãe, olhei algumas vezes pela janela da casa, e não via nada. Fiquei imaginando que ela pudesse ter saído atrás de comprar algo para comermos, mas a demora estava me incomodando, até que escutei a porta bater e caminhei em direção ao *hall* para saber onde a danadinha podia ter ido, mas quando olhei, minha visão era outra e estremeci.

— Benjamim?! — ele me olhava com um olhar que eu desconhecía. Não sabia se era fúria ou dor, mas olhava através da minha alma sem falar nada — Como chegou aqui? — ele continuava em silêncio e caminhava na minha direção.

— Para onde você vai com essas malas?

— Ben... por favor! — um nó atravessava minha garganta, porque olhar nos olhos dele era algo que me desestabilizava. Ele vinha na minha direção como um predador em busca daquilo que o pertencia. Estava com os olhos vermelhos, mas permanecia com um olhar que sempre temi. Não iria baixar minha armadura para ele...

— Está me deixando? — ele perguntou parado na minha frente segurando o casaco nas mãos.

—Benjamim...

— O que eu fiz por você não foi suficiente para se sentir amada? – não esperava que ele dissesse aquilo, foi como um soco no meu estômago, porque eu sabia que ele estava sempre ao meu lado, e claro que me sentia amada, a questão não era aquela – *então diga isso para ele!* – minha mente repetia - Na verdade, não queria que ele percebesse que o meu corpo inteiro estava tremendo, estava com medo de falhar... e não resistir...

— Ben, foi a Marcela que disse onde eu estava?

— Não.

— Não? – ele só balançou a cabeça, e aquele olhar estava me deixando desconfortável, estava com medo dele. — Você está me assustando.

— Estou? Por que? – só consegui levantar meus ombros tentando dizer que não sabia o porquê. — Ainda tem dúvidas do quanto eu amo você? – ele falava com a voz contida.

—Benjamim... eu só preciso de um tempo para colocar minha cabeça em ordem.

— Sarah, você me devolveu a aliança, fez as malas e foi embora. É assim que resolve seus problemas? Você foge? – ouvi-lo dizer aquilo me trouxe uma raiva tão grande. Eu não estava fugindo. Estava me afastando dele... que ousadia!

— Não estou fugindo! – respondi com raiva.

— Não?

— Não.

— Então está fazendo o que?

— Eu já disse, só preciso de um tempo longe de tudo e de todos.

— Fugindo. Eu pensei que eu merecesse um mínimo de consideração.

— Pare de falar que estou fugindo e porque eu teria consideração por alguém que não teve por mim?

— Sarah, eu fiz tudo por você.

— Você mentiu para mim!

— Eu não menti.

— Você vai continuar negando que teve um relacionamento com a sua prima? – enquanto eu falava alterada, ele permanecia contido.

— Sarah, ela é louca. Sempre fomos muito amigos, se ela gosta de mim, eu não tenho culpa. E o que tive com ela foi coisa de criança...

— Benjamim... você disse que a amava.

— SARAH... eu disse isso quando tinha 14 anos! Consegue ter ideia disso!? – fiquei olhando para ele tentando montar a cena. — Meus pais sempre me disseram que ela era obsessiva e eu nunca acreditei. Ela usa minhas irmãs para se aproximar de mim, e agora eu tenho certeza de que ela precisa de ajuda psicológica.

— Ela beijou você. — eu estava perdendo o controle do meu corpo e as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

— Quando isso?

— Eu ouvi.

— Você enlouqueceu... — ele jogou o casaco no sofá, desviou os olhos de mim e passou as mãos pelos cabelos e depois com as mãos na cintura continuou — Eu duvido que você viu alguma coisa, porque não aconteceu nada. — fiquei em silêncio, porque de fato eu não tinha visto nada. Mas ouvi...

— Eu não vi, mas ouvi.

— Você ouviu o que? Uma doida falando coisas de quando tínhamos uns 14 anos de idade e eu brincava de casinha com ela?

— Por que seus pais não queriam vocês juntos?

— Meu pai disse que ela sempre foi desequilibrada como a minha tia.

— Sua tia?

— Sarah... — ele se aproximou mais de mim com alguns passos lentos. Eu sabia que se ele me tocasse não teria forças para resistir àqueles olhos e perfume...

— Benjamim, fique aí.

— Por que? — ele continuava caminhando e eu fui dando passos para trás.

— Porque... eu...

— Eu...

— Eu não posso...

— Não pode o que?

— Ben...

— Tem medo de mim? — concordei com a cabeça e quando vi não tinha mais espaço para me afastar e Ben continuava vindo em minha direção.

Meu coração disparou e meus batimentos cardíacos podiam ser visto sobre a minha blusa. Minha respiração estava ofegante e o seu olhar me queimava por dentro. Mesmo sentindo raiva dele, meu corpo não queria obedecer os comandos da minha razão, eu tentei ficar olhando firme dentro dos olhos dele, mas foi inútil minha tentativa de o afastar. Eu podia sentir a respiração dele perto da minha boca, meu corpo amoleceu, meus braços não tinham forças para o afastar e ele me prendeu contra a parede de forma que eu não queria mais que ele me soltasse, deixei que os lábios dele me tocassem com delicadeza, fechei meus olhos e não podia mais resistir a sua língua macia que passeava dentro da minha boca. Eu estava completamente entregue a ele, sentia suas mãos deslizando pelo meu rosto e escorregando pela minha nuca, sentia suas delicadas mãos segurando meus cabelos com

força, a sua perna me prendia contra a parede.

Naquele momento, mesmo que ele me soltasse, não queria que fosse embora, estava disposta a ser dele. Era impossível resistir àqueles olhos de tigre e ao seu perfume estonteante. Ele deslizou os lábios até o meu ouvido e com a voz macia falava suavemente:

— Ainda tem dúvida do quanto eu amo você? Não tenho olhos para nenhuma mulher, porque só desejo você – ele continuava segurando os meus cabelos e olhando nos meus olhos, continuou: — Você me enfeitiçou, Sarah! Eu amo você! Se for embora agora, eu deixo tudo aqui e vou atrás de você. – ele não precisava dizer mais nada, eu era dele... minha alma já estava presa nele, bastava uma única palavra e ele me tinha. Fechei meus olhos e senti os seus beijos suaves tocando os meus lábios. — Me diz... diz que você é só minha... porque eu sou seu... eu sou todo seu... – uma luta dentro de mim tentava se levantar dizendo que ele poderia me ferir a qualquer momento, mas eu não tinha forças para lutar com o meu lado coerente, porque eu o desejava mais do que qualquer possibilidade de tentativa de proteção da minha alma.

— Eu sou sua... mas você me feriu... – eu disse quase sem voz e ele continuava me beijando delicadamente.

— Não, amor... eu fui ferido por você! – deixei cair todas as minhas armas e escudos e me entreguei a ele. Quando o agarrei com força e enlacei minhas pernas em sua cintura forte, ele me segurou com força contra a parede, e nos beijamos intensamente, ouvi ele falar ofegante e com as frases cortadas: — Eu sei que você quer ir até o fim e me deseja tanto quando eu a desejo. Mas eu só vou ter você completamente, depois que disser “sim” no altar.

Era difícil acreditar que naquele momento, Benjamim tentava manter o controle do seu corpo, eu já tinha perdido o meu! Mas ele falava sério! Não... não podia crer! Como ele conseguia aquilo?? Que raio de controle o cara mantinha?!

— Você está brincando comigo? – falei incrédula.

— Não, amor... você é minha e eu sou seu! Mas eu prometi para Deus que só a teria depois que se casasse comigo. – ele pegou minha mão e tirou do bolso da calça a aliança — Você esqueceu isso em casa... – colocou de volta no meu dedo e beijou minha mão com amor.

— Benjamim... – apenas fechei os meus olhos e me delicieei com ele.



— Oi...

— Oi! Faz tempo que está aí? – me perdi com o meu diário, eram tantas coisas para colocar em dia que não percebi que Benjamim estava na porta me olhando. Eu estava ouvindo música com o fone no ouvido e não prestei atenção quando ele chegou.

— Um pouquinho...

— Não vi você aí na porta.

— Eu sei.

— O que foi? Está com fome?

— Hum... não! Estava admirando você escrevendo e ouvindo música.

— Hum...

— Algum dia vai me deixar ler o seu diário?

— NÃO!

— Por que não? Você fala mal de mim?

— Às vezes...

— Sério????!!!! – ele exclamou dando risada e veio em minha direção.

— Sério. Às vezes você me tira do centro!

— Eu né!? O que está ouvindo? Me empresta um fone, vou ouvir com você.

— Gosto dessa música – *Impossible* – James Arthur.

— Eu também. Ela fala de um amor que foi quebrado. – ele explicou e eu fiquei encarando-o, eu sabia do que ele estava falando.

— O que não é o nosso caso. – concluí.

— Não... mas... se eu não fosse atrás de você, sei que iria embora! – ao lembrar-se do ocorrido, pareceu chateado.

— Mas já falamos sobre isso, Ben.

— Eu sei... é que às vezes, quando acordo e não vejo você ao meu lado, parece que tudo acabou. Sempre que acordo eu preciso saber onde você está... – eu fiquei chocada com a revelação dele. Benjamim é tão forte e determinado, nunca imaginei que ele poderia sentir isso, senti remorso...

— Nunca imaginei que pudesse sentir isso... – falei, olhando nos olhos dele.

— Eu sei... tenho medo do que você é capaz de fazer comigo – não entendi porque ele estava dizendo aquilo. Provavelmente estava inseguro. Será que ele não sabia o quanto eu o amava? – *Você já disse isso para ele?* – minha mente falava comigo – Sarah Furtado, muitas vezes as pessoas precisam ouvir para entender o quanto são amadas – respirei fundo e fiquei tentando entender o que estava passando no coração dele.

— Eu amo você, Benjamim. – ele ficou me olhando com os olhos cheios de lágrimas, e aquilo era novo para mim. Como assim?? Benjamim, é tão seguro de si, tão valente, mas tão sensível. — Preciso dizer de novo o quanto eu amo você?

— Minha mente sabe que você me ama, mas às vezes fico confuso com algumas reações que você tem. Quando algo sai errado, sua tendência é fugir de mim, sempre foge de mim...

— Nunca foi minha intenção machucar você. Eu só queria me proteger. – fui sincera com ele, porque a verdade era essa, eu só estava tentando me proteger.

— Amanhã eu começo o curso e a residência, e sei que meu tempo ficará apertado para te dar atenção.

— Eu sei... não vou deixar você por isso! – tentei fazer com que ele melhorasse aquela cara de vulnerabilidade.

— Que bom!

— Acha que eu iria embora por você não poder me dar atenção?

— Não sei! – ele precisava saber o quanto eu o amava.

— Amor, se você tem medo de se machucar, eu também tenho. Você é meu mundo, Benjamim. Em você eu encontrei paz, amor, atenção, segurança... quando estamos juntos, meu mundo fica doce. Eu quero você para sempre... me apaixonei e às vezes, sinto meu peito doer por medo de perder você. Me perdoe por ser impulsiva com algumas coisas. Me promete uma coisa? – ele estava atento ao que eu falava e concordou com a cabeça.

— O que?

— Me promete que se eu fizer algo assim... você nunca vai desistir de mim?! – ele sorriu e fechou os olhos.

— Difícil essa promessa!

— Por favor!

— Isso significa que você pode ir embora?

— Não é isso, Ben. Eu sei que não sou uma pessoa fácil! – ele me olhava com tanta profundidade que eu estava assustada.

— Eu prometo! Eu prometo te amar por toda a minha vida, e enquanto eu viver jamais vou deixar você. Eu prometo que por onde você for, eu estarei ao seu lado. Sarah, eu vou atrás de você até o fim do mundo, vou segurar sua mão se estiver caindo, vou te levantar e te colocar em meu colo. Vou cuidar de você quando estiver doente, vou te proteger de tudo e de todos. Eu me apaixonei por você quando te vi pela primeira vez, porque eu sabia que você era tudo que um dia pedi a Deus. E se acontecer de você não me quiser mais... eu vou esperar, se a vida me golpear e levar você, vou esperar a eternidade chegar!

Ele terminou de falar e eu estava sem fôlego, se a intenção dele era me fazer chorar, ele conseguiu... Por mais que eu sempre queira esconder dele minhas fraquezas, ele havia me desmanchado de amor! A armadura que um dia levantei para proteger o meu coração, foi despedaçada... Ele enxugou minhas lágrimas e eu o beijei com toda intensidade de amor, paixão e desejo.

— Eu amo você, Benjamim! E vou te amar para sempre... Prometo nunca o deixar! E se um dia me ferir, eu prometo falar e esperar você. – enquanto eu me declarava, ele me beijava com carinho e sorria.



Os dias passaram e ficamos quase que em lua de mel, com a diferença de que sempre que avançávamos um pouco o sinal, Benjamim se afastava de mim. Eu confesso que apesar do passado da minha mãe com o meu pai biológico, eu sabia que Benjamim era diferente e que ele já deu muitas provas disso. Conheço a família dele e o cuidado que ele tem comigo. Por isso, se dependesse de mim, já teria me entregado por completo. Mas precisava respeitar o desejo dele em dormirmos juntos somente após o casamento, por outro lado... Ainda lutava contra alguns fantasmas das minhas inseguranças, porque eu

sabia que os dias de partir para o Brasil estavam se aproximando e Ben ficaria aqui mais onze meses, mesmo sabendo que cortou todo relacionamento com a família da prima e minha meia irmã, estaria na mesma cidade que ela. E o fato dele não aceitar dormir comigo, mesmo quando eu insistia, às vezes me deixava confusa e um pouco frustrada, tinha medo daquilo nos afastar com o tempo. Sentia tristeza por voltar sozinha para casa, mesmo sabendo que era para o bem dele... Gostaria que Benjamim voltasse comigo.

Quanto a minha meia irmã e o seu pai, ou melhor, nosso pai... Ainda não tenho maturidade para deixá-lo participar da minha vida. Depois do Réveillon, parece que Ben acordou e conseguiu enxergar o relacionamento tóxico que mantinha com Jacqueline e sua família. O que me deixou aliviada foi quando ouvi a última conversa dele com o pai, pelo Skype, sobre tudo o que aconteceu. O dr. Abel fez questão de frisar diversas vezes que tinha avisado sobre quem eram, e que não desejava ver Benjamim no apartamento dela. Inclusive descobri que foram os pais dele que nos financiaram nos EUA. Por um lado, fiquei sem jeito, por outro extremamente feliz, por saber que a ideia havia partido da família.

Sentia-me bem e feliz, conseguia enxergar os caminhos para realizar meus planos após minha formatura, claro que ainda tinha um chão árduo pela frente, mas estava animada por ver minha vida se desenrolando e se resolvendo. Só que ainda não estava completa, por saber que precisaria esperar por um ano a volta de Benjamim e sabia que ele me faria muita falta.

No táxi a caminho do aeroporto, eu estava tentando me manter em paz, buscando imagens e sentimentos que fizessem os dias passarem mais rápidos. Lembrei-me de cada momento que estive ao lado de Benjamim nestes cinco meses, que mais pareciam cinco anos, tudo aconteceu tão rápido que era quase impossível não se sentir exausta. Cada beijo, cada carinho e cada palavra que trocamos ficariam em minha lembrança. Nossa despedida foi bem difícil, Ben estava trabalhando muito e estudando tanto que só conseguíamos ficar juntos no final da noite, e eu tinha pena de ver que ele se esforçava para conversar comigo, mas logo dormia de exaustão. Mas eu já sabia que seria assim, e tentei ficar ao lado dele sempre que tínhamos uma chance. Na noite anterior a minha volta, dormimos juntinhos na cama, ele segurou minha mão, e passamos horas nos olhando em silêncio, eu podia sentir sua respiração quente em meu rosto e seu hálito mentolado que me fez apaixonar por ele. Quando amanheceu e vi os olhos de Ben se abrirem, podia enxergar cada raio negro da íris de seus olhos, que o deixavam tão sedutor e me faziam estremecer a espinha. Ele segurou a minha mão perto do seu peito e disse várias vezes que o coração dele era meu para sempre. Impossível não amar Benjamim quando eu podia enxergar a vulnerabilidade de sua alma.

— Amor, em julho, se eu não puder ir para o Brasil, vou deixar tudo pronto para você voltar.

— Já estou contando os dias!

— Não fique andando sozinha pelo campus, e tome cuidado, por favor!

— Não se preocupe! Vai dar tudo certo... – ao mesmo tempo que eu dizia aquelas palavras, no fundo eu estava apavorada com a ideia de deixá-lo lá. Fantasmas do meu passado insistiam em me atormentar. Mas logo ouvia a voz de Benjamim me encorajando a ter fé!

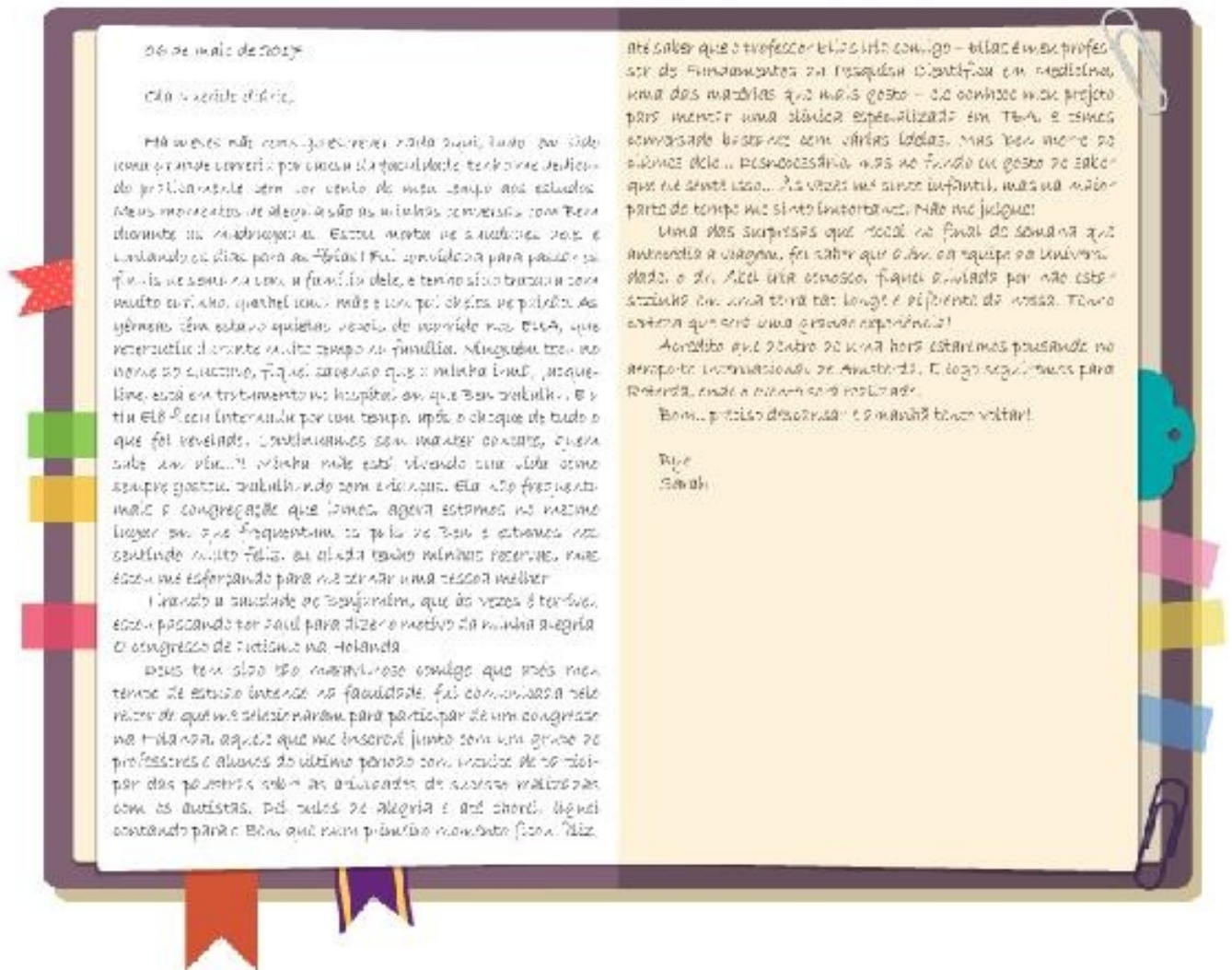
— Sarah, eu sei que você tem vários traumas e experiências ruins com a sua fé... mas eu quero pedir que não desista de Deus, porque Ele nunca vai desistir de você. Pense que muitas coisas acontecem e nos fazem mais fortes, eu creio na palavra de que os planos de Deus jamais poderão ser frustrados. E ter você em minha vida é um grande exemplo disso! Um dia, quando eu estava em um retiro, estavam todos conversando e tocando violão até amanhecer o dia... eu devia ter uns 18 anos, foi um ano antes de entrar na faculdade, e eu sabia que seria complicado sair depois que começasse a estudar. Então fiz um pedido a Deus: pedi que Ele me trouxesse alguém especial, descrevi o que eu queria: pequena, loira, olhos claros, de alma meiga, mas forte, alguém que eu pudesse amar e cuidar e que fizesse eu me sentir amado e feliz. Pedi alguém que Ele tivesse separado para mim, e que fosse só minha! – eu estava olhando nos olhos dele pasma com aquela revelação – E então, naquela noite de sábado, eu estava muito cansado, mas eu queria comemorar porque tinha acabado de saber que havia sido aprovado para o BWH. Liguei para o Maurão, meu amigo, e não fiquei nem 15 minutos, quando te avistei entrando junto com a Marcela, indo no bar, puxando o vestido para baixo todo tempo, e olhando para todos os lados, com a aparência de um peixe fora d'água. Meu olhar em você foi como um ímã, eu soube desde do primeiro momento que você era ela: A mulher que eu pedi a Deus!

Ainda sem fala senti as mãos dele passando pelo rosto me acariciando com carinho, senti o seu amor fluindo e me tocando no mais profundo da alma! Meus medos e inseguranças foram arrancados como se uma mão pudesse ter tido acesso ao meu espírito e arrancado tudo que era de ruim. Senti uma paz e alegria nas quais nunca havia sentindo antes. Ele continuou:

— Dê uma chance para ser tocada por Ele. Se permita conhecê-lo e sentir a Sua presença, deixe Ele mostrar a você o que é ser cuidada e amada de forma simples, sem regras, sem receios, deixe o Pai te mostrar o verdadeiro amor que vem do alto. Só Ele tem poder para nos sarar, para tratar nossas feridas, nossos traumas e medos. Quando sentir medo, ou saudade, lembre-se de que eu serei para sempre seu... e que nunca estará sozinha, porque Ele nos deixou uma promessa: de estar conosco mesmo quando todos nos abandonarem, mesmo que nossos pais nos deixe, Ele jamais nos deixará! – senti tanto amor nas palavras de Benjamim, ele era minha felicidade, meu amigo, meu conselheiro, o instrumento usado para tratar minhas feridas, e restituir minha comunhão com Deus... . que era algo que perdi ou talvez o que nunca tive!

Jamais esquecerei estes momentos juntos. Eu tentei segurar minhas lágrimas quando o avião começou a decolar por saber que agora seria um tempo de muito estudo e dedicação até a volta de Benjamim.

Um encontro...



Acordei com um burburinho dentro do avião e levei um susto, todos estavam abrindo as janelas e olhando para fora, e a voz do comandante narrava alguma coisa em inglês, eu não entendia nada. Uma visão literalmente celestial estava lá fora, eram as plantações de tulipa que subiam e desciam em pequenos relevos sobre a terra. Parecia um desenho colorido todo marcado com pontos. Maravilhoso! Fiquei encantada com tanta beleza vista do alto, pois maio é o mês da primavera na Europa e um dos melhores climas para turismo. Olhei no relógio, era quase 8h da manhã, no horário do Brasil, e deveria ser quase meio dia em Amsterdã, estava me sentindo meio atordoada com o *jet lag*, mas logo tentei me recompor. Estava sentada ao lado do meu futuro sogro e sogra, pois tive o privilégio de viajarmos dois dias antes da equipe, com tudo pago por eles. Confesso que apesar de grata, minha vontade era que Benjamim estivesse ali também, mas entendo que ele não pudesse estar.



Chegamos e fomos direto para o *West Cord Fashion Hotel Amsterdã*, esse era o nome que estava no meu *voucher*. O hotel era lindo, todo decorado em marrom meio bronze, tapetes vermelhos e lençóis brancos, extremamente luxuoso, pelo menos para mim, que não tinha o costume de estar em lugares assim. Me joguei naquela cama e fiquei um tempo pensativa sobre tudo que eu vinha vivendo de maravilhoso. A única coisa ruim era estar sem o Ben. Mandeí mensagem pra ele.

SARAH 12h40

Oi Amor,

Chegamos!

Sdds... só falta vc aqui!

Não demorou nada e meu celular já deu o sinal.

MY LOVE 12h45

Que bom!

Sdds... eu queria estar aí!

Contando os dias para julho...

SARAH 12h45

Está em casa?

MY LOVE 12:46

Não...

SARAH 12:47

Já está no hospital?

Hj não é seu dia de folga?

MY LOVE 12h47

Sim...

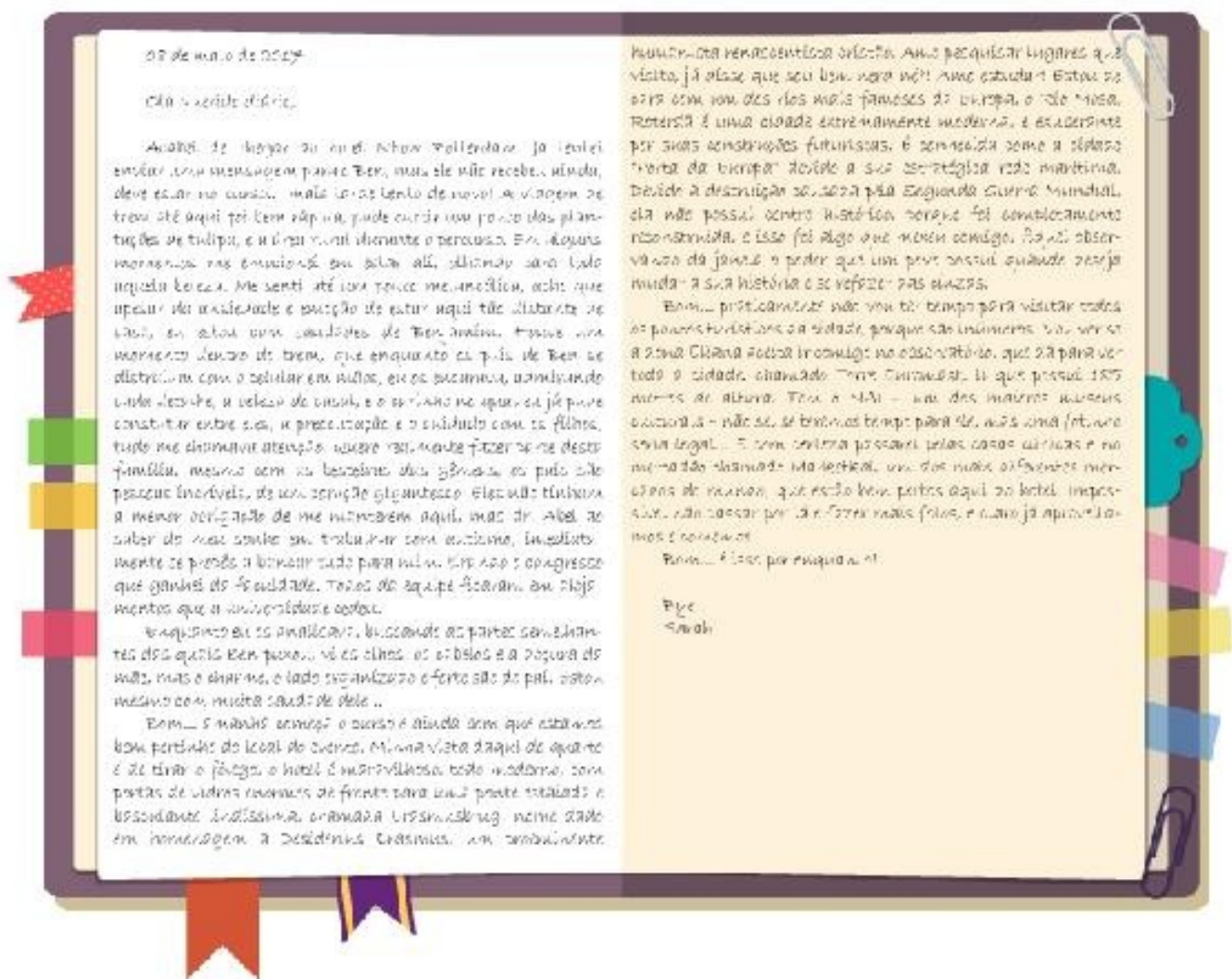
Benjamim devia estar em algum lugar público, porque estava monossílabo, isso geralmente acontece quando ele está muito ocupado ou andando pela cidade. Ouvi alguém bater na porta e quando abri, era minha sogra:

— Oi Sarinha, vamos descer para almoçar, gostaria de ir conosco?

Desci com eles para o almoço e em seguida me convidaram para um passeio rápido, na Museumplein, um local lindo todo gramado e com uma infinidade de museus, é claro que eu tinha estudado um pouco sobre Amsterdã para não fazer feio. Confesso que não sou amante de museus, mas eu queria agradá-los por tudo que estavam fazendo por mim há

meses, e também queria ter a oportunidade de conhecer cada um por questões culturais mesmo. Mas de todos, o que eu mais tinha interesse era no Rijksmuseum, o Museu Nacional, com um acervo repleto de obras que contam a história dos Países Baixos. Não podia deixar de tirar a famosa fotografia em frente ao lago onde está escrito “I am Amsterdã” O prédio do museu fica no fundo, e assim acaba se tornando uma peça fundamental do turismo. Mas o que amei foram os livros que estavam na biblioteca, e eu não entendia absolutamente nada do que eles falavam – dei muita risada – eram 14 salas para visitar com quadros e obras contando toda a história. O dr. Abel sabia sobre tudo, mas eu estava entediada de ficar ali ouvindo-o falar. Depois quando eu já estava com as costas doendo, e abrindo a boca de sono - precisava muito dormir - passamos em frente ao Van Gogh Museum, não tínhamos tempo para entrar, pois ele também é enorme com 5 pavimentos, térreo, 3 andares superiores e um subsolo. No térreo ficam a recepção do museu, guarda-volumes, cafeteria, loja e banheiros. No 1º andar fica a exposição permanente com as obras do artista. Só passeamos por esta parte, tiramos algumas fotografias e eu juro que não aguentava mais, ver museus. E é claro que não podíamos deixar de passar na frente da Casa de Anne Frank, não subimos, pois a fila de turistas estava enorme, deixei para voltar no dia seguinte, pois o livro de Anne Frank sempre mexeu muito comigo e já o li e reli várias vezes, acho até que somos muito semelhantes, temos aqueles momentos de euforia e alegria e em seguida um gênio meio difícil de lidar com algumas situações, claro que a história de vida dela, não se compara com a minha, mas sempre me identifiquei muito com ela.

Ainda na Museumplein, passamos por um quiosque onde vendia um biscoito delicioso, recheado de doce de leite, chamado *stroopwafel*, uma loucura de delícia, só de lembrar me enche a boca de água e eu não posso com isso! Chegamos ao hotel já estava bem tarde, eu desabei na cama e apaguei...



Enquanto eu terminava de escrever no meu diário, escutei bater na porta e já imaginei que a dona Eliana devia estar a minha procura para comermos, pois era por volta do meio dia. E a princípio, não iríamos conseguir entrar no hotel ainda, pois aqui o *check in* é partir das 15h, mas nada que o dr. Abel não resolvesse, conseguimos nos instalar em nossos quartos antes do previsto. Fechei o diário e corri para a porta, não trocava de roupa para bater perna, mas quando abri... uma surpresa!!! Dasquelas que é impossível não gritar! E foi o que eu fiz: Dei um grito ao me deparar com o rosto de Benjamim!

— BENJAMIM! – gritei e pulei em cima dele. Ele largou a bolsa que estava na mão, me abraçou forte, fiquei com as pernas entrelaçadas nele, sentindo o seu perfume delicioso tão perto de mim... Ele segurou o meu rosto e me beijou com toda a intensidade de quem não se via há quatro meses.

— Que saudade, amor! – ouvi ele falar em meu ouvido com a voz macia. Olhei em seus olhos e me derreti de saudade.

— Ben, que saudade desses olhos! O celular não me deixa sentir o seu perfume nem a sua pele!

Eu não desci do corpo dele, fiquei presa como um imã, enquanto ele pegou as malas e a

bolsa do chão com uma mão só, entrou no quarto, bateu a porta e me jogou na cama. Eu só queria ficar presa nele por um tempo esquecendo que existia a cidade turística por um momento.

— Sarah, que saudade do seu cheiro, da sua pele, de estar perto!

— E como você conseguiu vir?

— Ahhh... Dei meu jeito, eu sabia que você viria, e me inscrevi no congresso também, disse para o hospital e para o curso da importância deste evento, e eles me autorizaram.

— Seus pais sabem que você está aqui?

— Só meu pai!

— Ahh... Ben... Não acredito que está aqui comigo... — e o agarrei com força! Não queria mais soltá-lo! — Quero que fique aqui comigo, por favor!

— Com certeza vou ficar...

Eu queria ficar ali com ele e não sair mais! Precisava recuperar o tempo perdido, e gravar em minha memória aquele perfume. Mas não tivemos tempo o suficiente... Bateram na porta e tive que atender...

No congresso...

Depois da surpresa mais do que especial de Ben em Roterdã, fomos todos juntos para o “Congresso INSAR 2017 - Sociedade Internacional para Pesquisa do Autismo” – que ficava no edifício de salas para eventos do Doelen ICC Rotterdam, um local muito organizado com um auditório enorme, parecia um cinema com cadeiras na cor bordô, um sistema de som maravilhoso e um grande telão onde os slides eram repassados pelos palestrantes. O teto tinha um formato de ondas, completamente moderno e estiloso, um verdadeiro anfiteatro completamente lotado de cientistas, docentes e doutores renomados na área. O congresso fornecia colaboração científica, orientação e educação para melhorar as vidas dos indivíduos e das famílias que vivem com Autism Spectrum Disorder (ASD), ou como conhecemos no Brasil (TEA) Transtorno de Espectro Autista. A reunião científica anual do INSAR se reúne a cada primavera para intercambiar e divulgar as descobertas científicas mais recentes entre os cientistas do ASD e seus *trainees* de todo o mundo. Visando promover o intercâmbio e a disseminação das descobertas científicas mais recentes e estimular o progresso da pesquisa na compreensão da natureza, causas e tratamentos para o TEA. A oportunidade dos formandos e docentes juniores interagirem com os cientistas estabelecidos do ASD fortalece a criatividade e a produtividade de todos os níveis.

E essa era uma parte que me interessava, visto que eu me encaixava junto com Benjamim e sua família de médicos para apoiarmos e nos especializarmos no tratamento. O dr. Abel, como pediatra, ao ouvir o meu relato sobre o interesse em criar uma clínica especializada em TEA, e os motivos pelos quais me levaram a essa decisão, ficou muito interessado, e apoiou o projeto, pois tinha interesse nas técnicas de tratamento e principalmente de descoberta e orientação, para um diagnóstico mais precoce da síndrome, com testes e avaliações minuciosas que poderiam ajudar o portador e a sua família de forma mais íntima e cuidadosa. Pois é disso que essas famílias precisam, muitos ainda não aceitam a ideia de terem um filho autista. O Autismo não é uma doença, é uma síndrome que se descoberta de forma precoce, permite um acompanhamento fundamental no desenvolvimento da criança sem tantos traumas.

Eu não piscava durante a palestra inicial da psiquiatra dra. Gedine D., da Carolina do Norte:

— *Nas últimas décadas, cientistas descobriram como o desenvolvimento inicial do cérebro difere em bebês e crianças pequenas com autismo, o que ajudou a explicar tanto os desafios quanto às forças e habilidades associadas ao autismo. Além disso, a pesquisa demonstrou o potencial da intervenção comportamental precoce para influenciar positivamente a trajetória do desenvolvimento comportamental e cerebral em crianças*

com autismo. À medida que nossa compreensão da base biológica do autismo aumenta, novos tratamentos desenvolvidos para melhorar a neuroplasticidade e melhorar os resultados estão sendo desenvolvidos e testados.

O dr. Abel levantou a mão e fez algumas perguntas para a palestrante sobre como poderia ajudar essas famílias com relação a inserção dentro das escolas e hospitais públicos de forma eficaz. Após a sua explicação sobre esses desafios, ela continuou a discussão sobre a importância de conhecermos as habilidades dos adultos portadores do TEA³:

— *Os adultos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) demonstram não apenas dificuldades, mas possuem pontos fortes e habilidades únicas que podem ser aproveitados no ambiente de trabalho, geralmente com bom desempenho em tarefas que exigem processamento, precisão e repetição sistemáticos de informações. No entanto, apesar do crescente reconhecimento da contribuição potencial que os indivíduos com TEA podem fazer no local de trabalho, eles continuam a enfrentar desafios para encontrar e manter um emprego... Esta revisão do escopo examinou a extensão e variedade da literatura relacionada ao emprego de indivíduos com TEA...*

Algumas vezes, eu me perdia em alguns pontos da tradução e Benjamim me ajudava, estava com um aparelho para traduzir *on-line* tudo o que a dra. Gedine estava falando durante a palestra. Definitivamente essa era a área que eu seguiria.

Um ponto que me chamou muito a atenção foi o das características que levam os médicos a diagnosticarem a criança como portadora da síndrome. Lembro-me quando os pais de Vivian desconfiaram de algumas atitudes do Vitor, como por exemplo, a questão das rodinhas dos carrinhos, além das manias repetitivas que ele tinha, o balançar do corpo para frente e para trás em algumas situações e a aparência de estar ausente em alguns momentos, também tinha o costume de deitar no chão e ficar horas passando os dedos nas rodas dos carrinhos de brinquedo, com o corpo em uma mesma posição. Em outros momentos ele deixava o brinquedo de lado e brincava apenas com a caixa do objeto, criando ali o seu próprio mundo. Uma das minhas lembranças eram as conversas dos pais da Vivian sobre a fala do Vitor – ele se comunicava bem e por isso houve um atraso do diagnóstico, que foi dado quando ele estava com quase quatro anos – pois uma das características do autista é o atraso nas funções motoras.

Algumas outras características que o Vitor não apresentava, mas que foram citadas pela psiquiatra eram problemas com o sono, transtornos alimentares, falta de sociabilização, dificuldades de entender ironias e sarcasmos, hiperatividade, hipersensibilidade auditiva – essa sensibilidade ele tinha, sons e cores fortes, lugares muito cheios com pessoas falando, música tocando, o tirava do centro e o levava a um surto. Ela também explicou como o cérebro do autista trabalha, sem conseguir definir o que é cada uma destas situações, trazendo um desespero pela falta de controle ao portador. E por esse motivo o cérebro fica tão confuso que dispara a crise nervosa, que muitas vezes leva o indivíduo ao autoflagelo, para sanar a sua dor de não se fazer entender, como por exemplo: bater a cabeça na parede, ou dar tapas em seu próprio rosto. Essa é uma das partes mais difíceis para quem está ao

lado de um autista. Paciência e amor são fundamentais, pois todos os dias é um aprendizado para a família.

Um dos casos citados pela psiquiatra durante a palestra, foi o do seriado *The Big Bang Theory* onde o personagem principal, Sheldon Cooper, possui algumas destas característica: de introspecção, movimentos repetitivos, falar o que pensa, não entender certas brincadeiras, ser extremamente metódico – quando a médica citou essa parte, eu olhei para o Benjamin e comecei a rir, ele me olhou e disse:

— Não é o meu caso. Eu sou apenas uma pessoa organizada. O Sheldon, do seriado, seria caracterizado dentro dos TEA como um grau leve do autismo, conhecido como Síndrome de Asperger.

Ela continuou falando sobre as novas descobertas com relação à ansiedade nos portadores do TEA e a importância de se evitar tal situação.

— *Cerca de 50% dos indivíduos com transtorno do espectro do autismo (TEA) apresentam um transtorno de ansiedade comórbido. Apesar do fato de que os transtornos de ansiedade são comuns e prejudiciais em indivíduos com TEA, sabemos pouco sobre os fatores de risco precoces para a ansiedade no TEA, especialmente no período pré-escolar. Um desses fatores de risco é a super responsividade sensorial - um conjunto de sintomas caracterizados pela reatividade aumentada e incomum aos estímulos sensoriais... A identificação de características da primeira infância, como a super responsividade sensorial, que confere risco à ansiedade, pode preparar o terreno para o desenvolvimento de estratégias de tratamento direcionadas que possam reduzir ou prevenir a ansiedade antes que ela surja em crianças pequenas... **

O diagnóstico de autismo é feito pelo pediatra ou psiquiatra, através da observação da criança e da realização de alguns testes, entre os 2 e 3 anos de idade. E para conclusão do diagnóstico é necessário apresentar as características em 3 áreas que são afetadas nesta síndrome: interação social, alteração comportamental e falhas na comunicação. Não é necessário apresentar uma extensa lista de sintomas para que o médico chegue ao diagnóstico, porque esta síndrome manifesta-se em diferentes graus: leve, moderada e alta.

Assim, o autismo pode ser, por vezes, quase que imperceptível e pode confundir-se com a timidez, a falta de atenção ou a excentricidade, como ocorre no caso da síndrome de Asperger e no autismo de alto funcionamento, por exemplo. Por isso, o diagnóstico de autismo não é simples, e em caso de suspeita é importante ir ao médico para que seja ele a avaliar o desenvolvimento e o comportamento da criança, podendo indicar o que ela tem e como tratar.

Mas o mais lindo no final de tudo foi a conclusão da dra. Gedine, onde ela disse que além do trabalho multidisciplinar e do acompanhamento de profissionais especializados, como neurologistas, fonoaudiólogo, terapeuta educacional, educador físico, psicólogos, neuropsiquiátricos entre outros, o mais importante é a forma como a família lida com o portador e o afeto dispensado para com ele. O amor é o elemento fundamental para o

tratamento. Pois o autista tem dificuldades em verbalizar o que sente, mas entende tudo à sua volta.

Após as palestras do dia, eu estava eufórica e animada, cheias de ideias e gás para continuar rumo a realização do meu sonho, ou melhor, do sonho que um dia eu e a Vivian decidimos seguir juntas. Eu sabia que ela não estaria fisicamente comigo, mas o que um dia profetizamos em nossas vidas me impulsionaria a seguir firme em direção a este projeto. Fiquei muito feliz em ver a quantidade de cientistas e médicos envolvidos para descoberta de uma vida melhor para as famílias e principalmente aos portadores do TEA.



Passamos os dias do congresso completamente conectados com nosso trabalho, durante as noites nos reuníamos com a equipe da USP para colocar o foco em nosso projeto na universidade. O líder do projeto acabou sendo o dr. Abel devido sua experiência com crianças, sua disponibilidade e o quanto ele decidiu investir. A dra. Eliana, minha futura sogra, tinha um conhecimento sobre síndromes e tratamentos neurológicos e psiquiátricos, devido a sua luta e cuidados com a irmã, a tia Elô, durante muito tempo e até hoje, que ela mantém contato com a família. Ben apresentou seus conhecimentos e tudo que tem aprendido dentro do Hospital em Boston, fora o curso em Harvard que o tem ajudado na especialização. Todos os selecionados da equipe tiveram sua parte dentro do projeto que estava apenas começando. Eu era apenas uma menina cheia de sonhos e garra para conseguir manter o projeto vivo, pois eram muitos os desafios dentro do nosso país.

Foram quatro dias bem intensos, tive a oportunidade de ter acesso a grandes celebridades da medicina, e a oportunidade de conhecer o trabalho deles bem de perto. A única coisa ruim era saber que a semana estava acabando e que Benjamim e eu deveríamos nos despedir novamente.

Parabéns por o seu sucesso!

Com carinho

—

Agora pensa na confusão armada! Quando ele, para eu, não sabia o que dizer, não era só a letra "E" no cartão. Não sabia qual a quem possuía de. Mas resolvei me fazer de deusa e ignorar o de. Pensei os outros... Ele já era um 2 vez confuso, mas com o resto eu deixava... Quando te deu isso? — eu não respondi — Não foi você? — mas ele insistiu. E se para por ver o que estava escrito, e virado de lado eu dizia, eu não sabia se escondia ou se entregava, pois não sabia se eu estava ele virar para o lado, se deixá-lo ler o mundo vai cair... Não tive tempo, porque ele pegou o cartão na minha mão e olhou para mim com aquele olhar de tigre que tive medo. Perguntei-me se por acaso o nome dele começava com "E", e eu fiquei meio que se eu não... É a situação complicada, porque não me lembro que eu gostava que tivesse dito ele, que não parecia a letra no final do cartão, mas já estava tudo desmanchado. Então, ele queria saber quem estava realmente comigo, que o cara para ter a guarda de me quando ficar devia ter intimidade, não verdade, não o vício, não... Mas que precisava explicar a razão e sair do que não veio mesmo não está a porta. Agora veja isso... ele saiu e me deixou aqui... então conversei, mas talvez não vou ficar atrás dele não estar... Mas... que não eu não fiz nada de errado, eu não sei quem fez isso... Mas quem é esse pessoal? Com... é isso mesmo, amigos! Mas agora estou aqui, escrevendo e eu não vou sair daqui, não vou sair do país, não vou sair do país, não vou sair do país... Eu não vou atrás dele! Não vou!

Bye
Sara

Um resumo dos meus dias

Acordei com meu telefone tocando sem parar, abri os olhos devagar, estava acabada... Só consegui dormir por volta das 5h da manhã e fiquei com o coração apertado porque Benjamim não voltou para falar comigo. Bati a mão no celular para parar de tocar, mas não era o despertador, era Benjamim me ligando:

— Oi...

— Oi... abre aqui.

— Hum... abrir onde?

— A porta, Sarah.

Dei um pulo da cama, me olhei rápido no espelho e vi que parecia um zumbi, dei um nó no cabelo, vesti o roupão e corri atender a porta. Ele estava sério.

— Não está pronta? – ele questionou a me ver com a cara amassada.

— Que horas são?

— Sete e meia.

— Hum... – o cara me deixou sozinha e agora resolveu aparecer às 7h da manhã. Não acreditei!

— Quero conversar com você antes de descermos para o café. – ele entrou e sentou na poltrona azul que ficava próximo da janela.

— Ok. Posso escovar meus dentes e tomar um banho antes disso? – fechei a porta do quarto.

— Pode...

Entrei no banheiro e comecei a pensar em como eu deveria reagir. Eu sabia que com Benjamim eu devia ter sabedoria. Na noite anterior, eu estava de cabeça quente e com raiva por ele ter ido embora, então acabei não dando o braço a torcer, mas na verdade, não queria brigar com ele. Eu o amo, estava morrendo de saudades, e essa pessoa que enviou as flores, só pode ser alguém da equipe da USP. Por que quem me daria os parabéns? Deixei a água quente cair em minha cabeça me relaxando o corpo, lavei os cabelos, dei um jeito no rosto, e de roupão voltei para o quarto. Ele estava de pé na janela de vidro olhando para fora em silêncio, quando virou para mim, estava com aqueles olhos que me intimidam, não sei explicar, alguns momentos quando estava perto de Ben, me sentia segura e relaxada, ao mesmo tempo em que ficava tensa e insegura. O seu olhar conduzia os meus sentimentos, e eu lutava com a minha alma para manter o controle sobre a minha vida.

— Oi... — me aproximei devagar, eu estava com o coração acelerado e queria beijá-lo. Minha mão suave e um frio na barriga me dominava. Mas lutei contra os meus fantasmas e coloquei as mãos no rosto dele, mesmo me encarando com a expressão de raiva. Eu sabia que ele estava me analisando e esperando minha reação, me lembrava das palavras dele, que da mesma forma que eu o temia, ele também sentia o mesmo. Lembrei quando pedi para ele não desistir de mim, mesmo se fosse turrone, eu sei que também não sou nada fácil. Somos duas cabeças duras, e não gostamos destas confusões. Então, decidi amenizar o clima.

— Amor... — beijei delicadamente os lábios dele, depois o rosto e o pescoço, fiquei na ponta dos pés, porque ele é bem mais alto do que eu, e falei baixinho em seu ouvido — Não briga comigo... — eu senti a respiração dele ofegante, mas não se movia e continuei tentando seduzi-lo — Ben... não quero me despedir brigada com você. Amor... eu não tenho...

— Sarah. — a voz dele era séria, e eu estava ficando assustada. Mas me mantive firme.

— Hum...

— Eu sei o que você está fazendo. — eu abri os olhos devagar e tentei ver a sua expressão, sem que percebesse. Estava com os olhos fechados, devia estar lutando com os próprios sentimentos, assim como eu.

— Não estou fazendo nada... só quero que pare de pens... — ele não me deixava completar as frases.

— Por que não jogou no lixo?

— O que você quer... ? — perguntei e ele ficou em silêncio, já o conhecia um pouco e sabia do seu autocontrole. Ele lutava, mas eu também lutaria para quebrar as barreiras entre nós. Então, mordi o lóbulo da sua orelha e passei meus lábios pelo pescoço, descendo e subindo pelo queixo, até os lábios e o beijei, ele não recusou, me beijou tentando ser contido, mas agarrei os seus cabelos e o ouvi gemer baixinho, eu sabia que faltava pouco para tê-lo em minhas mãos. Falei o nome dele suavemente — Benjamim... — só ouvia os seus gemidos contidos dentro da garganta — Amor... esquece as flores... eu só quero você.

— Sarah... — eu sabia que ele não resistiria. Ele me pegou no colo e nos beijamos de forma enlouquecida. — Eu quero muito você... Não faça isso! Por favor... Se eu quebrar minha promessa...

— Quebre... por favor! Eu amo você! — *Sarah Furtado! O que está fazendo?* — minha consciência chegava em alguns momentos inoportunos, e eu não podia mais resistir a ele.

— Sarah... não diga isso! — Benjamim tirou a camisa e abriu meu roupão. Agora eu serei toda dele! Mas... como já disse... algumas coisas conspiram contra a minha pessoa! Ouvimos a campainha. Não acreditei naquilo! Benjamim deu um pulo para trás, passando as mãos pelos cabelos, ajeitou o cinto, a calça, e eu corri para o banheiro... só podia ser os pais dele... aaaaa!

— Oi filho! Ué, dormiu aqui?

— Não, mãe! Acabei de chegar. A Sarah perdeu a hora.

— Ahhh... entendi! Está tudo bem?

— Sim, sim! – eu ouvia a voz de Benjamim tentando se recompor e eu dei risada, ao mesmo tempo que estava irritada pela falta de privacidade. Mas ouvi a voz da minha consciência: — *Privacidade? Se comporte!*

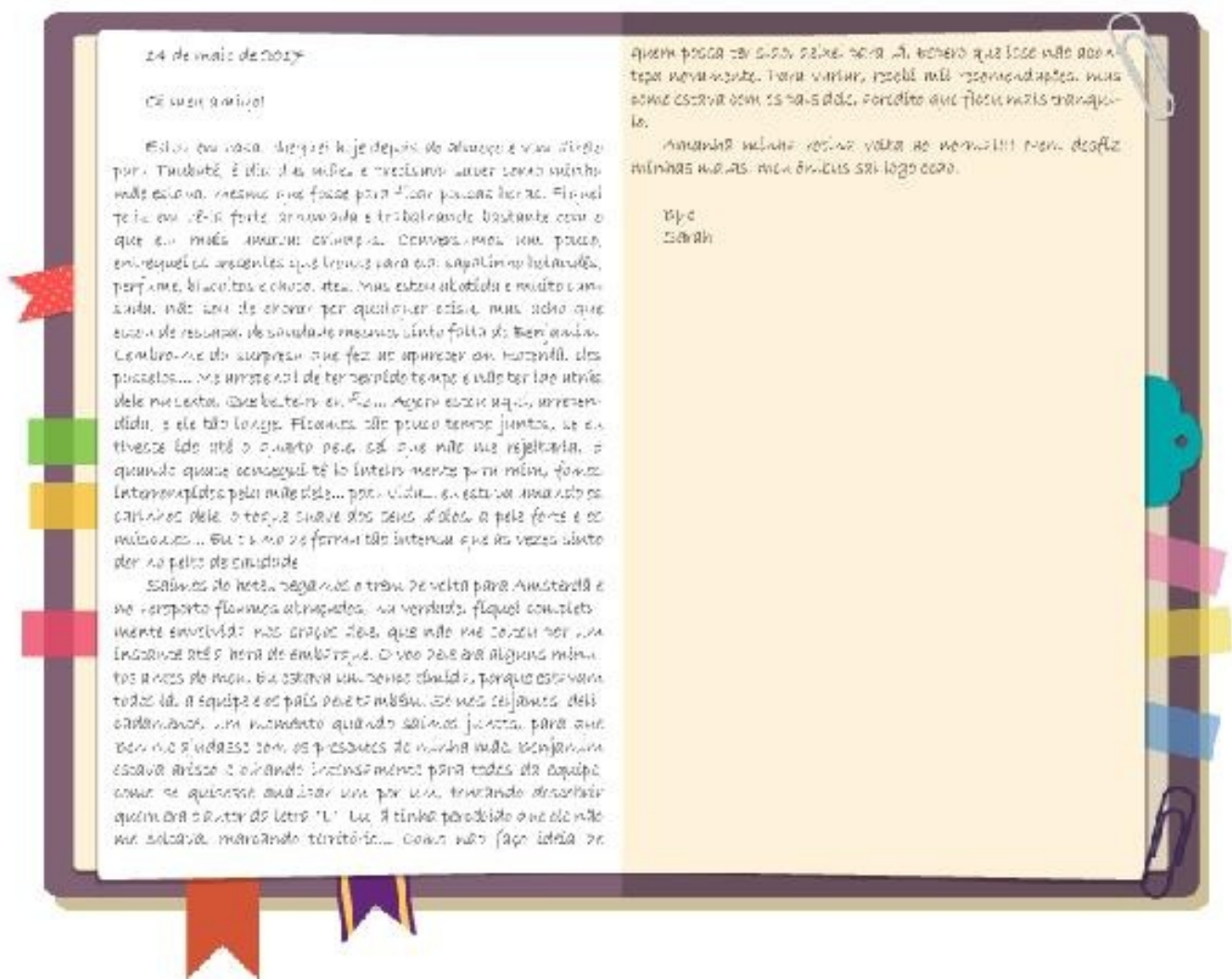
— Que flores lindas, filho! — não acreditei no que ouvi. Essa não! Fiquei nervosa com a possibilidade de ele dizer alguma coisa e a confusão recomeçar.

— São. São lindas... – quando ouvi a descrição de Ben, me lembrei do porque eu confiava tanto nele.

— Filho, espero vocês lá embaixo. – assim que ela saiu, eu abri a porta dando risada.

— Sua maluca! – ele disse com os lábios sem cor. E nisso, pegou o buquê e jogou no lixo, leu o cartão com raiva e amassou. Eu preferi não falar mais nada, para evitar mais confusões.

Descemos, tomamos café todos juntos, ele estava quieto e acariciando minha mão com carinho. Dentro de algumas horas estaríamos nos despedindo de novo...



Depois que escrevi um pouco, mandei umas mensagens para Benjamim e fiquei aliviada em saber que ele tinha chegado bem.

SARAH 19h25

Mt sdd!

MY LOVE 19h25

Eu tb! Que bom

q já está em casa.

Cheguei umas 8h aqui.

SARAH 19h26

Chegou cedo!

Cheguei no Brasil umas 11h e

Aqui em casa por volta das 14h.

MY LOVE 19h26

Então descansa amor!

Amanhã tem que voltar p Sampa.

SARAH 19h27

Sim...

Ben?

MY LOVE 19h27

oi

SARAH 19h27

Me desculpe...

MY LOVE 19h27

Pelo o que?

Aconteceu alguma coisa?

SARAH 19h28

Não... sobre sexta!

Eu queria ter ficado c vc.

Fiquei triste por ter ido embora...

MY LOVE 19h28

Esquece...

Não quero lembrar disso!

Me desculpe por não ter voltado.

Quando fico nervoso, preciso ficar sozinho.

SARAH 19h28

Já percebi...

Mas td bem...

Sinto sua falta!

MY LOVE 19h29

Eu também, meu amor!

Amo vc!

SARAH 19h29

Eu tb!

Contando os dias para te ver, aliás,

Como vamos fazer nas férias?

MY LOVE 19h30

Ainda estou vendo isso!

Não sei se terei férias...

SARAH 19h30

Não?

Fiquei nervosa com a mensagem dele. Como assim não vai ter férias? Isso significa que talvez ele não consiga me levar para lá, e eu não tenho condições de ir. E se isso acontecer, nos veremos só no final do ano...

MY LOVE 19h31

Amor... isso ainda não está certo!

SARAH 19h31

Entendi...

Bom... vou dormir!

Amanhã nos falamos!

Amo vc!

MY LOVE 19h31

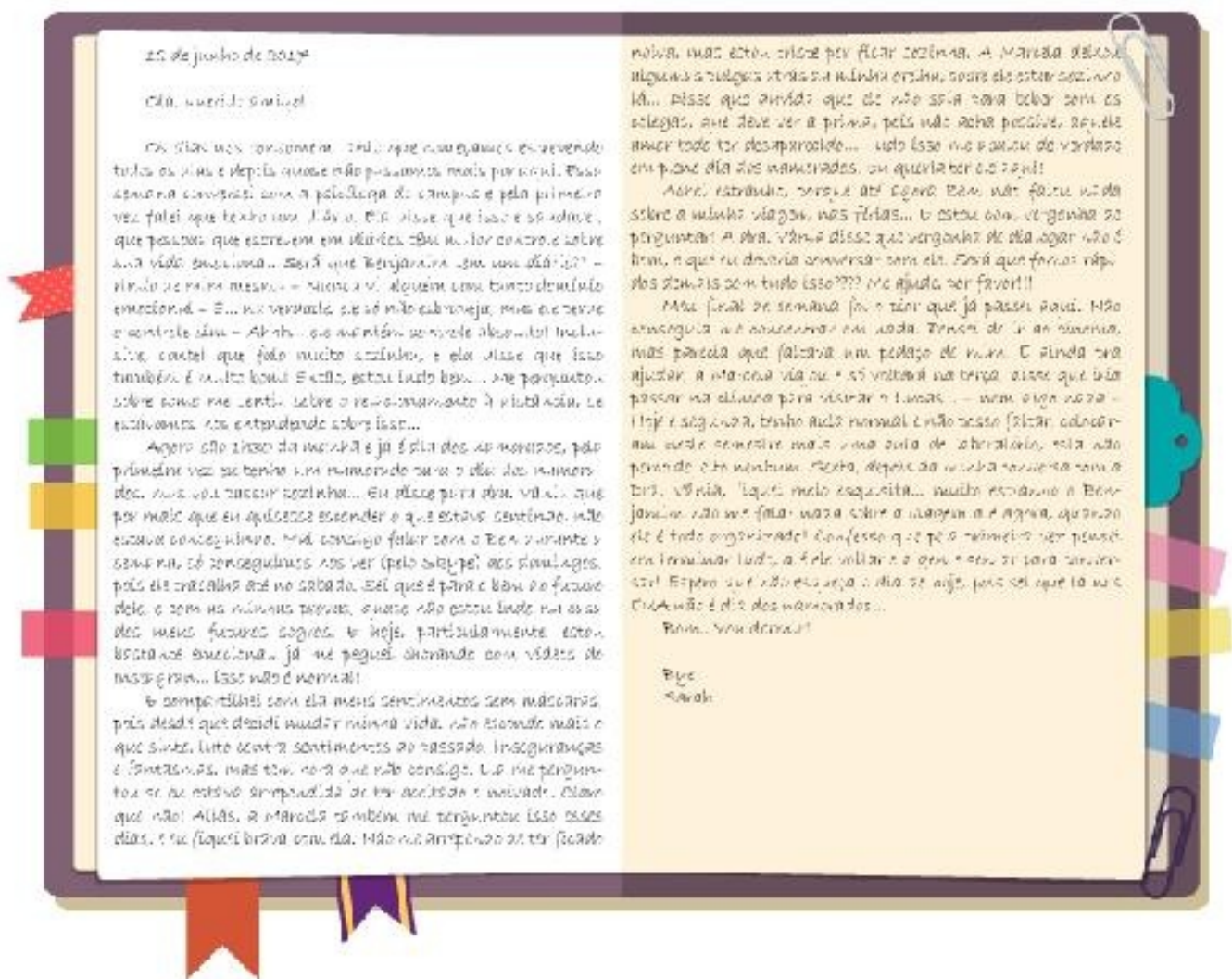
Ei... não fique assim...

SARAH 19h31

Tudo bem...

Dorme com Deus!

Ben não respondeu mais e eu estava esgotada demais para perguntar sobre qualquer assunto. Eu precisava dormir!



Assim que acordei, mandei uma mensagem para ele:

SARAH 06h30

Feliz dia dos namorados!

Eu amo você!

Ele não respondeu, nem visualizou. Agora ainda é de madrugada em Boston, mais tarde ele responde... Assisti todos os tempos da aula de laboratório, saí para comer, e nada! — Mas que porcaria era aquela... — perdi até a fome! Voltei para sala antes da aula começar e me ajeitei, olhando a papelada do projeto. Essa semana terá a reunião com a equipe. Ouvi meu celular bipar e rapidamente, verifiquei:

011987800000 11h20

Reunião alterada para hoje às 20h.

Fiquei pensando quem poderia ser, pois não estava registrado nos meus contatos. E hoje à noite em pleno dia dos namorados, quem faria uma reunião? Mas enfim... Por mim não teria problema. Não tenho nenhum compromisso, a não ser falar com o Ben, mas pelo visto ele está ocupado demais.

Depois de todas as aulas, estava a caminho do alojamento e encontrei meu professor de Fundamentos Científicos da Medicina:

— Oi Sarinha!

— Oi.

— E aí? Como você está?

— Tudo bem...

— E o dr. Hakin, está bem?

— Sim, ele está trabalhando. – que pergunta chata em pleno dia dos namorados.

— Entendo. Imagino como deve ser complicado namorar um cara que não está presente em pleno dia dos namorados!

— Pois é... namorar à distância é assim mesmo.

— Bom... se não tiver problema e quiser curtir um filminho depois da reunião... eu estou aqui.

— Ahhh... então... até estou precisando, mas vou pensar e falo com você. – fiquei meio sem jeito com o convite, não esperava por aquilo. Se eu sair com ele, e o Benjamim me ligar, vai dar a maior confusão, mesmo ele sendo só o meu professor...

Cheguei ao quarto, tomei um banho quente, coloquei uma roupa de ginástica e segui para o auditório, onde tínhamos marcado a reunião. Quando cheguei ao lugar, estavam todos da equipe reunidos e falantes, mas não vi o dr. Abel, que era um dos líderes do projeto no Brasil. Esperamos todos chegarem, e logo o meu professor se aproximou:

— Oi Sarah!

— Oi.

— E aí, vamos ao cinema depois da reunião?

— Ahhh... Melhor não. Estou cansada. – *Muito bem, menina* – minha consciência estava alerta!

— Poxa... Tudo bem! Fica para próxima. Mas se mudar de ideia até o fim da reunião...

Ele deu início, falando sobre alguns pontos importantes que foram levantados no congresso, tal como alguns problemas que o país oferece para um projeto eficaz, como por exemplo, o apoio financeiro constante para as famílias, que possuem portadores da síndrome. Mas o ponto mais forte levantado foi à questão da falta de informação. A cada um em 100 milhões de pessoas nascem com a síndrome, este caso começa, aproximadamente, entre 8 meses a 5 anos de idade. Quando disseminarmos as informações do que se trata a síndrome, será possível reduzir preconceitos e resistência. Quando criamos mitos sobre o comportamento ou tratamento dos portadores do TEA, vemos um atraso no processo. Muitos ainda dizem que apenas amor, carinho, alimentação, podem alterar os sintomas. Isso não é uma verdade. O mais importante de acordo com os

neuropediatras é o diagnóstico e o tratamento precoce. Não existem medicações específicas para o TEA, apenas aquelas que controlam os sintomas que a síndrome traz para cada indivíduo, como os movimentos repetitivos, a falta de socialização, entre outras. Existe no exterior uma pesquisa laboratorial para o tratamento direto do TEA, que ainda está em fase de liberação.

Elias foi fazendo um resumo de todos estes pontos e cada um dos participantes da equipe deu sua opinião, tiramos as dúvidas e anotamos pontos a serem estudados e colocados em prática imediatamente, como o caso de se criar métodos para que toda a população tenha mais acesso a informação. Pensamos em canais do *Youtube*, palestras, encontros governamentais que nos ajudem a trazer mais para perto algumas formas de inclusão dos portadores nas escolas públicas e tratamentos sem custo para os mais carentes. Pois os portadores de TEA necessitam de acompanhamento psicológico, neurológico, fisioterápicos, fonoaudiólogos, pediatras especializados e educadores capacitados para lidar com possíveis crises.

Enquanto o professor falava e todos nós conversávamos, meu telefone tocou e ao olhar o visor vi o nome de Benjamim me chamando em vídeo. Apesar de o assunto ser de extrema importância para mim, pedi licença e saí do auditório.

— Oi... – falei meio sem jeito, pois já eram por volta das 22h.

— Oi amor! Me perdoa pela demora... Eu esqueci o telefone em casa e acabei ficando enrolado no hospital e como aqui não é dia dos namorados, acabei deixando passar. Mil perdões... Onde você está? Que lugar é esse? – ele me perguntou olhando o corredor atrás de mim.

— Oi... Estou no auditório de reuniões no módulo IV. A reunião da equipe foi adiantada.

— Hum... Estão todos aí?

— Sim. Todos que você conheceu em Roterdã.

— Hum... Mas já passa das dez horas no Brasil.

— Sim. Já está acabando e vou embora.

— Sarah, está tarde para ficar andando por aí sozinha, volta de carona com o meu pai.

— Ahh... Então... Seu pai não veio hoje, e... – enquanto eu falava, a porta do auditório abriu e todos foram saindo. Ele parou de falar, parecendo prestar atenção em todos que passavam por mim. A reunião tinha sido encerrada, e ouvi o professor me chamar:

— Oi Sarinha... Trouxe sua bolsa. Vamos que deixo você no alojamento. – Ai Deus! Sabia que Ben, tinha ciúmes dele, e fiquei muito sem graça e nervosa.

— Ah... Obrigada Elias. Não precisa! Vou andando mesmo.

— Acha... está tarde para ficar andando aqui sem ninguém. – o professor me respondeu com um sorriso no canto da boca, e olhando para a tela do meu celular, cumprimentou

Benjamim com uma expressão do tipo: “Oi, tudo bem? Que pena que não está aqui”. Eu confesso que não acreditei naquilo, o interrompi imediatamente.

— Já falo com você... – eu respondi e voltei o olhar para a tela do celular. — Amor... eu...

— Sarinha? Que p... é essa?! – Benjamim estava vermelho de raiva.

— Ben??!! Ele é só o meu professor.

— Sarah???! Está falando sério?! Esse f... perdeu o juízo?! Esse fdp do Eli... as... – quando ele falou o nome, fez uma cara de espanto.

— Benjamim... para com isso! – eu tentei contê-lo, mas percebi que tudo fazia sentido, eu percebi a mesma coisa que ele no mesmo instante. Ferrou!

— SARAH??? Eu tinha esquecido o nome desse filho da mãe... ELIAS??!

— Ele é só o meu professor...

— ELIAS??!!! Ele estava em Roterdã!

— Sim... Ele é um dos... – ao olhar a expressão de raiva de Benjamim, eu já estava entendendo o que se passava na cabeça dele.

— Sarah... foi ele que mandou o buquê! Como esse cara teve coragem de fazer isso me vendo lá com você e ele me conhece... que fdp!

— Claro que não... Acha que ele faria isso? – eu tentava negar mas eu sabia que Benjamim tinha razão. Poderia sim, ser ele! E ele tinha acabado de me convidar para ir ao cinema... O Ben não podia sonhar com isso!

— Sarah. Me escuta! Não quero que volte para a casa com ele.

— Benjamim... ?

— Está me ouvindo???

— Eu estou te ouvindo perfeitamente, mas não gosto que fale assim comigo, ok!!!!? Eu sei muito bem me cuidar.

— Sim. Sabe! Que raivaaaaaa!

— Ben... – nunca tinha ouvido tantos palavrões da boca de Benjamim e fiquei assustada.

— Para com isso... Por favor! Eu vou para casa de ônibus e já ligo para você. – tentei interromper a crise dele.

— Não desligue. Vou com você por aqui mesmo!

— Ficou doido??? De jeito nenhum. Já ligo para você. Beijos! – falei e desliguei a chamada, antes que ele ficasse doido de vez. Acha que eu iria andar com ele na linha, só porque estava enciumado. NÃO! Isso seria muito mais perigoso, andar com o celular chamando atenção assim. Quando saí do módulo, avistei o professor parado, de certo estava me esperando. Que chato isso! Não sei se pergunto para ele, ou se finjo que não sei

de nada...

— Elias?

— Oi Sarinha.

— Por favor, é Sarah. Estou noiva e não fica legal você me chamar assim.

— Ahh... Sim, me desculpe! Eu só queria que você soubesse que... gosto muito...

— Elias, por acaso foi você que mandou aquele buquê em Roterdã? – falei na lata! E com certeza, ele não esperava por aquilo, pois gaguejou e ficou completamente sem jeito.

— Na verdade, eu... só queria ser gentil. Achei a iniciativa do projet...

— Elias, você sabe que eu estou com o dr. Hakin. E você o conhece... então porque me enviou flores vermelhas?

— Me desculpe, Sarah! Eu... gosto muito de você. Mas não tive a intenção de causar problemas.

— Você é meu professor, eu amo a sua matéria, estamos juntos nesse projeto e ponto. Nada além disso! E gostaria que você se relacionasse comigo de forma profissional – eu falei bem firme, mas no fundo estava bem nervosa por isso. Ele deveria saber que sua postura estava sendo antiética.

— Ah... claro! Me desculpe! Eu não imaginei que estivesse tão sério o relacionamento de vocês, e...

— Sim. Está! Estamos noivos. – pelo menos por enquanto, pensei comigo.

— Tudo bem, Sarah.

— Ok. Então, estamos acertados. Não quero problemas para mim e nem para você, pois é um excelente professor. Até mais e a propósito, a palestra foi ótima!

Peguei minhas coisas e logo que cheguei ao alojamento, liguei para o birrento. Mas pensa que ele atendeu?! É claro... Que não! Affff viu... Amo demais esse tihoso, mas às vezes ele me tira do sério, e naquele dia, eu não me preocupei. Simplesmente tomei um banho e deitei. Só à 1h15 da manhã, ouvi meu telefone chamando e não iria fazer como ele, apesar da vontade de ignorá-lo que eu estava, atendi a chamada.

— Oi.

— Me desculpe! Estava no banho, não ouvi o telefone.

— Hum... pensei que estivesse bravo e não queria falar comigo.

— Isso também, mas não deixaria de atender você jamais. Está em casa?

— Sim. Já estava deitada.

— Ahhh... Você me faz perder o juízo, Sarah! Não aguento mais ficar aqui longe de

você. – ouvi isso de Benjamim me trazia paz... porque era o mesmo que eu sentia. E estava com tantas saudades, que não sei se aguentaríamos muito mais tempo vivendo assim. Por diversas vezes pensei em mudar tudo em minha vida, mas preciso por ordem nos meus pensamentos.

— Eu sei, amor. Mas logo tudo isso passa... – não era o que eu queria dizer exatamente, apenas quis deixá-lo mais seguro, e não fazer com que ele jogasse tudo para o alto.

— Sim... Sarah, eu fiquei pensando depois que nos falamos e... ficar aqui e você aí com esses gaviões que querem pegar o que é meu! Não gosto disso... com certeza foi aquele... f...

— Amor, eu sei que foi ele, mas não import...

— Foi ele mesmo?! Como sabe?

— Foi. Ele disse que não tinha a intenç...

— FDP! Você conversou com ele depois que falou comigo?

— Benjamim, você pode parar de falar assim?! Que boca imunda! Sim, eu conversei e já o coloquei no lugar dele. Eu amo você e ponto! – ele estava irado, mas sorriu ao me ouvir falar.

— Desculpa! Estou irritado demais hoje. Me desculpe. Aiiii... Sarah, eu estou esgotado do curso, no hospital, e... Não quero brigar com você! Estou me sentindo muito cansado.

— Eu sei... Eu amo você! Também estou morrendo de saudades. E... Confesso que fiquei triste por você não me responder à mensagem de hoje.

— Perdão... Dei mole demais! Também amo você! Feliz dia dos namorados, amor... Me desculpe por não te atender!

— Tudo bem! Preciso dormir... Amanhã tenho aula cedo e você também!

— Eu te amo! Demais... – ele falou e meu coração se aqueceu!

— Também te amo! Sonha comigo.

— Sonho. E por favor, não fique junto desse tal de Elias...

— Tchau, Ben!

— Tchau, Sarah...

Depois de desligar o telefone, me senti aliviada por poder ser quem eu queria ser. Eu estava superando minhas barreiras ao me impor e colocar para fora meus sentimentos mais reais e sinceros. Enfrentar o Elias hoje foi uma grande conquista. Em outros tempos, eu o teria evitado e jamais o confrontaria. Da mesma forma com o Benjamim, que amo demais. Eu sabia que ele estava longe e meus fantasmas pessoais tentavam me aterrorizar com inseguranças e pensamentos de infidelidade da parte dele, mesmo assim, fui forte e impus minhas vontades. Ele precisava aprender a respeitar meu espaço, se isso acontecesse, eu

tinha certeza que seríamos felizes em momentos difíceis. Sei que ele me ama e vamos superar mais essa, mesmo longe!

Nem tudo acontece como planejamos

Eu estava dentro da sala de aula, quando recebi uma mensagem do dr. Abel pedindo para que eu entrasse em contato com ele. Levei um susto, porque ele nunca me ligava ou mandava mensagem, sai rapidamente da sala, meu coração disparou e fiquei apavorada imaginando que pudesse ter acontecido alguma coisa com Benjamim.

— Alô, dr. Abel? – falei já com a respiração e o coração acelerado.

— Oi, Sarah. Tudo bem? – ele me respondeu.

— Sim, e com o senhor?

— O senhor está no céu. Me chame apenas de Abel.

— Ahhh... sim, me desculpe! Tenho dificuldades com isso...

— Tudo bem... Estou ligando porque quero ter uma palavrinha com você, e gostaria que pudéssemos almoçar juntos.

— Ahhh... sim... tudo bem! – ixiiii, o que será que ele quer falar comigo? Ai meu Deus! Que ansiedade!

— Não comente com o Benjamim sobre isso.

— Ok... – ai, agora estou começando a ficar preocupada de verdade!

— Passo às 11h30 no seu módulo. – e encerramos a ligação.

Fiquei nervosa demais, como assim conversar sem que o Benjamim soubesse?! O que será que aconteceu? Não era possível... Quando eu pensava que tudo ia bem, vem uma dessa... Não conseguia me concentrar em mais nada, milhões de pensamentos começaram a passar pela minha cabeça. Será que o Benjamim estava bem? Será que ele não quer mais ficar comigo, por isso disse que não vai ter férias? Será que ele vai ficar com a minha “irmã”, será que... Eu não sabia por onde começar a imaginar! Podiam ser inúmeras coisas! Ele nunca me chamou para conversar... Se no almoço ainda fosse a minha futura sogra, ou melhor, agora já não sei mais se isso será uma verdade...

Fechei minhas apostilas e saí da sala, ansiosa que dr. Abel chegasse logo, mas ainda são 10h45! Fiquei sentada no muro, na frente do módulo de medicina, naveguei nas minhas redes sociais, mandei uma mensagem para Benjamim que não respondeu...

Estava virando hábito dele, não me responder, e isso estava me deixando triste e irritada. Já era dia 11 de julho e eu não iria mais para o EUA, passei dias na maior ressaca do século, só ouvindo músicas *down*. A Marcela conversou comigo e pediu que eu ligasse

em vídeo para o Benjamim e falasse a real com ele, mas sempre ele dava uma desculpa e não conseguíamos nos falar por mais de 10 minutos que alguém o chamava, ou a ligação caía... Não estávamos nos entendendo com os horários e eu estava muito magoada. Tanto que fazem três dias que não nos falamos, eu fiquei esperando ele falar alguma coisa, mas nada! Estou sentindo uma dor no meu peito de tristeza. Alguns dos meus amigos de sala me perguntaram se eu estava bem, e até o meu professor, Elias, tentou conversar comigo, de forma educada e gentil, mas eu logo saí fora, não querendo dar motivos pra alguma coisa a mais. Só a Marcela e minha psicóloga da faculdade sabem os motivos reais da minha deprê. E agora, essa ligação descabida do pai dele! Se demorasse mais um minuto, eu morreria!!!

Estava olhando o celular e ouvi uma buzina de carro, era dr. Abel. Saí correndo de forma discreta, mas na verdade, queria correr como uma louca, só que pareceria que eu estava desesperada, eu realmente estava... então só andei rápido e quando entrei no carro, encontrei dr. Abel e dra. Eliana nos bancos da frente, então pensei: A coisa é bem pior do que estou imaginando...

— Oi Sarah, como está, minha filha? – amei quando ela me chamou assim.

— Estou bem... E vocês? – meu coração ia pular pela boca.

— Estamos bem. – ela sorriu.

— Humm... está tudo bem? Estou um pouco nervosa, porque vocês nunca vieram aqui... assim... – comecei a ficar constrangida.

— Sim, está tudo bem sim! Só estávamos preocupados com você. Faz tempo que não aparece em casa, e queríamos saber como está.

— Hum... eu estou estudando muito e fico um pouco sem tempo para sair. Na verdade, não sou de sair... não sei se o Ben já falou isso pra vocês e... – quando eu disse aquilo, simplesmente senti um nó na minha garganta tão grande que os meus olhos se encheram de lágrimas. Eu estava com muito medo deles me falarem que o Ben queria romper o noivado. Eu iria sofrer demais. O pai dele estava sério, tive a impressão que a minha sogra estava sendo gentil demais. Respirei fundo e não conseguia arranjar um assunto decente para conversar, minha mente fervilhava com pensamentos ruins, minha respiração ficou presa no peito, juntando forças para ouvir o que eles viessem a me dizer.

— Sarah, você parece preocupada. – o dr. Abel me disse.

— Na verdade, estou um pouco! – falei com um sorriso sem jeito.

— Não tem com o que se preocupar. Só estamos querendo conversar com você. – ai meu Deus, conversar o que?! Aquela estória de conversar não estava me agradando em nada. E eu não fazia ideia de onde estávamos indo, ele estava dirigindo e eu só conseguia pensar e pensar, a qualquer momento fundiria meus neurônios!

De repente, ele entrou numa garagem, que não era de um shopping, acho que devíamos estar no bairro Jardins. O edifício era estilo clássico, bem bonito, até pensei que pudesse ser uma das salas de atendimento deles. Eu estava envergonhada de perguntar onde

estávamos, afinal, eu era uma convidada. Entramos em um elevador todo espelhado e muito sofisticado, os dois permaneciam em silêncio, fiquei observando a dona Eliana. Ela estava com um ar de felicidade, mas normalmente aquela era sua expressão então eu não podia confiar muito. Saímos do elevador e eu senti meu corpo tremendo... Não conseguia imaginar o que poderiam querer conversar comigo. Eu olhava para os dois e era óbvio que estavam vendo o meu *stress*.

— Sarah, eu quero te mostrar um lugar e fazer algumas perguntas. – Ahññn?? O que era aquilo?!! Que raio de perguntas?!!

— Tá bom... – respondi tremendo com o suspense.

Quando abriram a porta, entramos em um apartamento que parecia de filme americano. Era uma extensa sala iluminada, com cores quentes, um tapete de pele na sala, do lado direito, no canto do ambiente, tinha uma escada vazada em madeira e estrutura metálica preta, parecia um grande *loft* moderno. Ao fundo, tinha uma cozinha americana toda equipada com uma bancada enorme no meio da cozinha, era tudo aberto, sem paredes para separar os espaços. As paredes eram todas de tijolinho cor de terra. Quando olhei para cima, tinha um pé direito muito alto com um grande lustre. Eles entraram na sala e eu fiquei sem jeito com tanta riqueza, bom... para mim pelo menos, era um *loft* bem rico. Eu fiquei olhando para eles sem saber o que dizer, não fazia ideia do que era aquilo. Até que a dra. Eliana perguntou:

— E aí, minha filha?!

— Hum... – e aí, o que? O que ela queria que eu dissesse?!

— Diga se gostou! – ela exclamou e deu um sorriso, parecia estar tentando conter as palavras.

— Deste lugar??? – questionei sem graça e um sorriso de nervoso me escapou.

— Siiiiimmmm... – ela parecia tão feliz, eu não estava entendendo mais nada.

— É lindo. Tudo lindo... – meus olhos estavam fascinados de observar aquele lugar, mas ainda tinha o coração apertado.

— De verdade? Ou está dizendo isso para nos agradar?

— Não. É maravilhoso. Vocês estão comprando? O que é? – esses adultos sempre enrolando para dizer as coisas e a gente fica aqui morrendo de ansiedade com a maior cara de boba.

Enquanto falava, ela me olhava numa alegria contagiante e o dr. Abel mudou a fisionomia de sempre séria, para um sorriso discreto, e eu ali sem saber o que pensar sobre tudo. Foi naquele momento, que eu vi o quanto a vida pode nos pregar as maiores surpresas, quando menos esperamos, ela nos surpreende com algo completamente inusitado. Ouvi uma voz grossa e doce que vinha do alto daquele mezanino, e parecendo que eu estava tendo uma visão celestial, em câmera lenta, levantei os olhos para o alto –

normalmente de onde vem o nosso socorro – e vi a imagem mais linda desta Terra: era ele, o meu Benjamim.

Fiquei sem reação, meu corpo não respondia aos meus comandos, ele desceu as escadas sorrindo para mim, com um buquê de rosas brancas e rosas, e eu corri em sua direção, completamente hipnotizada por aqueles olhos de tigres. Ele era o grande amor da minha vida... Quando o vi, todo o meu desespero foi embora... Ele veio ao meu encontro sem tirar os olhos dos meus, sentia o meu peito subir e descer com a emoção, ele me entregou o buquê, segurou o meu rosto com delicadeza e me beijou com amor. Eu continuava sem reação, senti as lágrimas que estava segurando há meses escorrerem pelo meu rosto, me aquecendo o coração de amor... Eu o amo demais... Eu não podia nunca imaginar que o meu presente estaria ali... Ele era o meu presente, o meu amor, a minha segurança, tudo o que um dia eu pedi a Deus, e estava diante de mim! Dr. Abel e dra. Eliana eram os pais que Deus me deu de presente, junto com um homem cheio de amor e cuidado. Eu o abracei com amor, pois estava sem forças com a emoção, esvaziei meus pulmões, minha respiração ficou lenta e fui acalmando minha alma aflita por dias. Quando pensei que tudo estava acabado, eu me senti envolvida por aqueles braços novamente, que alívio! A única coisa que eu pude dizer em seu ouvido, ainda chorando em silêncio, foi:

— Eu amo você! – fechei os meus olhos e senti o perfume amadeirado de Benjamim, senti suas mãos delicadas e macias segurarem o meu rosto.

— Eu não podia mais viver sem você. – ele disse, olhando profundamente nos meus olhos.

— Nem eu...

— Por que está chorando, meu amor? – ele perguntou, pois minhas lágrimas foram liberadas sem vergonha. Eu precisava dele para sempre em minha vida. Eu o desejava para ser o meu homem, o meu amor e o pai dos meus filhos. Como eu pude algum dia imaginar que não podíamos mais ficar juntos?

— Porque eu estava muito nervosa! Pensei que seus pais iriam me dizer que você não me queria mais. – ele arregalou os olhos e me envolveu em seus braços beijando o topo da minha cabeça.

— Por que pensou isso, amor?!

— Não sei... não estávamos nos falando... e... seus pais nunca me chamaram para conversar e hoje chamaram...

— Eu estou de volta, Sarah!

— De volta?? Como assim?

— Sim. Meu curso acabou e não vou me especializar nos EUA, vou terminar tudo aqui mesmo. Como meu pai queria e já vínhamos conversando há algum tempo. Meus pais estão muito felizes e apoiaram-me nesta decisão. E o dr. Abel está realmente apaixonado por você, suas notas na faculdade, sua dedicação. Disse que eu não poderia ter escolhido

pessoa melhor...

— Benjamim, eu nem sei o que dizer... Eu o amo tanto! Aliás, cadê eles? Até esqueci que estavam aqui!

Coloquei o buquê na mesa, eram lindas e perfumadas. Ben chamou os pais, eles estavam na varanda do *loft*. A mãe dele estava emocionada, limpando os olhos com um lenço, e me abraçou quando me viu com os olhos vermelhos de chorar.

— Ahhh... Minha filha, sempre pedi a Deus uma menina como você para a vida do meu Benjamim. Ele é muito especial, Sarah. Sempre foi doce e carinhoso, sei que tem os momentos difíceis, mas tenho certeza de que vocês serão muito felizes!

— Eu também! Obrigada por me presentear com ele. Eu o amo demais... nunca imaginei que pudesse merecer alguém como ele!

— Você sempre terá o melhor de Deus, minha querida.

Ben abraçou os pais, ele estava tão emocionado quanto eu:

— Eu estava triste de ficar lá... não imaginam minha alegria em estar aqui.

Ele me abraçou, beijou meus cabelos e perguntou:

— Amor, está feliz?

— Muito... Mas porque me trouxeram aqui? – quando perguntei, o pai de Benjamim disse:

— Gostou deste lugar?

— Demais! É maravilhoso...

— É de vocês. – ele sorriu, satisfeito.

— O que??? Como assim? – falei olhando para o Benjamim.

— Obrigado, pai. Obrigado, mãe. – ele agradeceu e os abraçou com carinho.

— É nosso? – eu perguntei de novo, porque estava confusa.

— Sim, meu amor! Estamos dando de presente de casamento para vocês. – a mãe dele me respondeu.

— Benjamim?! – eu estava tão feliz que queria pular, mas ficaria muito esquisito.

— Sim... amor! É nosso! Venha aqui em cima ver que lindo!

Subimos as escadas e tinha um mezanino, depois um quadrado com um mini escritório e uma pequena biblioteca, uma grande porta espelhada, que saía em um quarto com *closet* e suíte. Era magnífico... tudo mobiliado. Eu não estava acreditando em tudo aquilo, parecia que eu iria acordar a qualquer momento.

— Ben... é tudo lindo! – estávamos todos juntos e eu virei para trás abraçando meus sogros com muito carinho, agradecendo por tudo. Eles eram pessoas maravilhosas!

— Bom... meus amores! Precisamos ir embora, mas antes... não estão com fome? – dr. Abel nos perguntou.

Eu não estava com nada de fome, eu só queria curtir aquele momento, naquele lugar que era nosso, escolher a data do casamento e ficar olhando nos olhos do Benjamim.

— Mãe, acho que vamos ficar aqui curtindo um pouco esse momento. Se não se importarem?

— Claro que não, meu filho! Podemos jantar, então?!

— Sim. Claro, dona Eliana. – respondi de imediato.

Despedimo-nos e eles foram embora, eu e Benjamim ficamos olhando cada detalhe do *loft*, era tudo tão perfeito, as cores que escolheram, os móveis, as luzes... tudo lindo. Mas, o mais importante naquele momento era ele: o meu príncipe! Ficamos na sala, agarrados no sofá, quase não falávamos, apenas ficamos nos olhando, parecia que queríamos ter certeza de que aquele momento era real.

— Sarah, nunca senti tanta saudade de alguém. Eu tenho certeza que você é a mulher da minha vida.

— Eu também. Sofri tanto esses dias sem conseguir falar com você direito. Foi horrível, Ben.

— Eu não queria falar muito, estava com medo de você perceber que eu estava voltando para o Brasil. Queria fazer uma surpresa... Me desculpe se a fiz sofrer!

— Eu amei, amor! – nos beijamos com intensidade, eu o desejava demais, mas percebi que Ben estava se controlando e mantendo um pouco de distância. Talvez estivesse com medo de que eu o atacasse ali, porque por mim, eu seria dele ali mesmo.

— Amor, eu quero marcar a data do casamento o quanto antes.

— Sério, Ben?! Mas antes de terminar a faculdade?

— Por mim, pode ser amanhã!

— Por mim também! Com certeza!

— Já temos a benção dos nossos pais e isso já me basta. E eu a quero demais para ficar esperando. Já conversei com meu pai e vou trabalhar na clínica dele, continuar no HU da USP, enquanto isso, você vai estudando até se formar. E eu vou te ajudando com tudo. O que acha?

— Perfeito!

Eu e Benjamim ficamos ali por horas, esquecemos tudo e todos, pedimos algo para comer pelo aplicativo, e curtimos juntos cada momento que ficamos longe um do outro. Seus beijos me levavam ao delírio, enquanto escutava o gemido dele tentando se controlar diante da excitação que estávamos. Com a nossa idade, e com o amor que sentíamos um pelo outro, não podíamos mais esperar por nada. Então, escolhemos o dia 23 de setembro para o nosso casamento.



Acordei cedo com a minha mãe me chamando para tomar café, ela estava linda, tinha mudado os cabelos e sua voz era doce. Conversamos um pouco sobre tudo, apesar de querer tanto o Benjamin e desejar tanto dormir com ele, a proximidade deste momento estava me abalando! E por alguns momentos, pensei em sair correndo... mas não sou mulher de correr de nada! Nasci para vencer e brilhar... me sinto diferente! Me sinto forte e livre para ser quem eu quero ser!

Às 9 horas, chegaram a cabelereira e a maquiadora que contratei. Enquanto ela penteava os meus cabelos, recebi uma mensagem de Ben:

MY LOVE 09h00

Amor da minha vida!

Abra a porta!

SARAH 09h00

BENNN... vc não pode vir aqui hoje!

O que aconteceu?

MY LOVE 09h01

Não amor... só abra a porta!

Assim que recebi a mensagem de Ben, ouvi a campainha tocar e saí correndo de roupão e com os cabelos todos enrolados. Quando abri a porta, era um entregador com um ramallete de orquídeas azuis e lírios brancos, junto um cartão lindo todo escrito em dourado e um caixa azul Tiffany. Eu abri o cartão e me deixei levar pela emoção das palavras de Benjamim, chorei... Ainda bem que foi antes da maquiagem.

Para o meu grande amor,

Hoje começa uma nova história em nossas vidas!

Pedi a Deus por você e esperei... E hoje começa um novo tempo!

Veja! O inverno passou; as chuvas acabaram e já se foram.

Aparecem flores sobre a terra, e chegou o tempo de cantar.

Seus lábios são como um fio vermelho, sua boca é belíssima.

Suas faces, por trás do véu, são como as metades de uma romã...

Você é toda linda, minha querida; em você não há defeito algum...

Você fez disparar o meu coração... minha noiva; fez disparar o meu coração com um simples olhar, com uma simples joia dos seus colares.

Quão deliciosas são as suas carícias... minha noiva! Suas carícias são mais agradáveis que o vinho, e a fragrância do seu perfume supera o de qualquer especiaria!

Os seus lábios gotejam a doçura dos favos de mel, minha noiva; leite e mel estão debaixo da sua língua. A fragrância das suas vestes é como a fragrância do Líbano.

Você é um jardim fechado... minha noiva; você é uma nascente fechada, uma fonte selada.

De você brota um pomar de romãs com frutos seletos, com
flores de hena e nardo,

nardo e açafrão, cálamô e canela, com todas as madeiras
aromáticas, mirra e aloés e as mais finas especiarias. Você é uma
fonte de jardim, um poço de águas vivas, que descem do Líbano.

Do seu amor

Benjamim

Cânticos 2:11; 12:4

Aquelas palavras aqueceram o meu coração e me levaram a derramar lágrimas de amor. Eu sabia que como Ester um dia se apaixonou pelo rei Assuero, e pediu a Deus que ele a amasse de verdade, e assim o recebeu de Deus, eu estava recebendo Dele o meu grande amor. Benjamim me surpreendia a cada dia com algo inédito e inesperado. Quando o vi pela primeira vez, jamais poderia imaginar que era ele o amor da minha vida. Abri a caixa e dentro tinha um relógio dourado e atrás estava gravado: “Para sempre serei seu!”.

Chorando com todos ao meu lado, só escutava a Marcela dizendo e chorando:

— Esse cara não existe... Amiga, você o merece por esperar! Merece sentir esse amor! Estou tão feliz por você...

Ela me abraçou e retribuí o seu carinho, ela tinha se tornado uma verdadeira irmã e era especial demais em minha vida, se não fosse aquele dia em que saímos juntas, mesmo para ela sendo o pior dia da sua vida, para mim foi o mais feliz e eu devia isso a ela.

SARAH 09h10

Amor... não tenho palavras

p dizer o quanto estou feliz!

O quanto vc me faz feliz!

Eu te amarei para sempre.

Amei sua carta e o presente.

Para sempre serei sua...

Sarah

É claro que eu não deixaria passar em branco e preparei algo para ele. Não demorou e ele respondeu:

MY LOVE 09h15

Sarah... . meu amor!

Obrigado... amei cada palavra!

Eu serei mesmo seu... e vc será minha!

Não vejo a hora de tê-la em meus braços

Poder tocar em cada parte do seu corpo...

Te esperando ansioso...

Sorri ao ler e imaginar o rosto dele recebendo o meu presente, um book com todos os nossos momentos juntos. Subi para terminar de me arrumar e depois de duas horas, estávamos todas prontas. Eu entrei no *closet* e quando me olhei no espelho, me sentia uma princesa. Na verdade, ao contrário dos contos de fadas, a sapa era eu... fui beijada pelo príncipe encantado e virei uma linda mulher!

Meu vestido era romântico e delicado, porém curto! Minha mãe ficou revoltada, mas tive apoio da Marcela e da minha sogra, que por incrível que pareça, disse que eu parecia uma boneca delicada. Ele era todo em tule finíssimo, com uma saia armada na medida dos joelhos, por baixo do tule tinha uma seda fina rosa bem claro, e um desenho de princesa que vinha dos ombros e descia pelo meu corpo, trabalhado até a cintura com um bico. A parte de cima era delicada, com o busto em renda e tule, as costas ficavam à mostra, por baixo do tule fino, aparecendo apenas alguns detalhes da renda e os inúmeros botões de seda. Tinha uma pequena manga, estilo japonesa, bem agarradinha e com renda. E na cintura, uma fita rosa bem clara, com um laço delicado.

Meus cabelos estavam soltos, apenas com uma parte presa em um topete alto e uma orquídea branca encaixada no penteado, e meu véu... – este foi o dilema de muitas intrigas, mas não arredei o pé, pois para mim, tinha um significado importante, que eu vinha lutando durante minha vida: o desvendar da minha alma – sempre sonhei em me casar com um véu curto, e optei pelo menor deles, um *voilette* – são aqueles que cobrem os olhos, minha sogra é muito fina e de certa forma me entendeu – ele estava preso no meu topete, amei, pois queria que Benjamim pudesse me ver por inteira. Era como eu estava entrando naquele casamento: inteira e sendo só dele. A única parte que eu deixaria Benjamim desvendar assim que me tivesse em seus braços, seria minha alma. Assim que ele retirasse o véu dos meus olhos, entregaria minha alma completamente para ele... Como muitos dizem, a janela da alma são os olhos, e eu desejava entregar a ele o meu coração, deixar que ele soubesse o quanto foi importante, desde que entrou em minha vida, e me ajudou a desvendar quem eu era de verdade e quem eu tenho me tornado. Ao tocar os meus lábios selaria para sempre um novo momento em nossas vidas.

Com um salto alto tipo bico de peixe, escolhi ser completamente diferente, se alguém imaginou que eu me casaria de sapatilha, enganou-se! O meu buquê era apenas um talo de orquídea branca. Ainda me olhando no espelho me emocionei. Eu queria muito colocar a corrente da Vivian, para sentir que aquele momento era nosso, mas precisava usar a que Benjamim havia me dado, aquela com o meu nome. E optei por segurar a corrente da Vivian junto com o buquê, todos podiam ver o coração que balançava em minhas mãos.

Escolhemos uma cerimônia muito íntima, apenas com as famílias, o líder da igreja dos pais de Ben, e alguns amigos muito próximos, no todo, tínhamos uns 10 convidados. A cerimônia e a recepção aconteceram no Haras Vila Real, um lugar no meio da mata, bem reservado, mas de uma beleza e frescor indescritível. Tudo escolhido pelos pais de Ben, junto conosco, é claro!

Ainda havia um dilema que martelava minha cabeça há semanas, Benjamim conversou muito comigo, mas eu não sabia o que fazer, estava dividida em sentimentos completamente contrários. Ao mesmo tempo em que desejava ser conduzida por alguém até o altar, eu pensava: Mas como? Por quem? Todos chegavam a dizer para que eu perdoasse o meu pai biológico, e entrasse com ele, mas eu sentia uma raiva horrível, quando pensava naquilo... Por outro lado, eu sabia que não deveria carregar isso em meu coração, ainda mais em um momento como esse, que escolhi começar tudo novo. E decidi entrar sozinha... mesmo com o coração apertado. Minha mãe já tinha conversado comigo, e chegou a dizer que não ficaria magoada se eu perdoasse o meu pai biológico e o aceitasse em minha vida. Pois ela sabia que meu pai seria sempre o Matias. Mas, eu ainda não estava preparada para aquilo!

Optei por chegar pronta no local da cerimônia que estava marcada para começar às 12h, me programei para chegar às 11h30. Todos seguiram na frente e fiquei apenas com o motorista da família Hakin, o Jota. Enquanto ele dirigia, eu olhava para fora da janela – já estávamos no caminho bem bonito do Haras – um filme passava pela minha cabeça, toda a minha história da infância, que me lembro de cenas na escola, e cenas brincando em casa, a minha adolescência, indo e vindo dos encontros que os meus pais marcavam, dos momentos que me sentia sozinha, lembrei-me de quando fui para o ensino médio, e minha amizade com a Vivian se fortaleceu, apesar de já conhecê-la há anos, foi no ensino médio que nos tornamos verdadeiras irmãs. Quando aqueles sentimentos ruins da perda da Vivian, veio ao meu coração, eu logo pulei para o dia que conheci o Benjamim, e toda a nossa história até ali. De repente, senti meu corpo ser projetado para frente e levei um susto com a freada do carro, segurei firme no banco da frente e gritei:

— O que foi isso, Jota?

— Mil perdões, dona Sarah. Mas se eu não freasse, mataria esse louco!

— Do que está falando?

— Tem um louco aqui no meio do caminho. Ele parou o carro de repente e para não bater nele, tive que parar bruscamente!

Quando olhei pela janela, e um homem estava descendo de outro carro, fiquei apavorada, pensando que pudesse acontecer alguma confusão. Mas quando o homem se aproximou, meu coração acelerou e senti meu corpo tremer. Ele continuou vindo em direção à janela do meu carro e não tive reação.

— Eu vou ter que descer para saber o que aconteceu. A senhorita espere aqui.

— Não, Jota! Eu sei quem ele é...

— Sabe?

— Sim... ele é meu pai.

— Mas... ele está transtornado. Não desça, por favor! Sou responsável pela senhorita.

— Ele não pode me fazer mais mal do que já fez! – senti um desespero naquela hora. Eu tremia todo o corpo e minha boca secou de nervoso.

— Vou ligar para o dr. Hakin. – Jota declarou, também meio nervoso e agitado, coitado.

— NÃO!

Eu abri a porta do carro, enquanto o louco do Gustavo gritava o meu nome, desci e o encarei... eu não o queria ali. E pensei: Será que ele vai conseguir estragar até o momento mais feliz da minha vida?

— O que você está fazendo aqui? – eu perguntei com ódio dele.

— Eu preciso falar com você.

— Eu não quero falar com você.

— Sarah, por favor... eu preciso que me perdoe. – meu coração estava batendo acelerado e eu confesso que fiquei tão nervosa e confusa naquele momento que não sabia o que fazer. Os olhos dele pareciam de uma pessoa que estava sofrendo. Mas eu perguntava para mim mesma: Como? Por que agora? Ele fugiu e sabia que minha mãe estava grávida. E agora quer remediar tudo de uma vez, e justo hoje? Não posso...

— Por que agora?

— Sarah... – ele falava chorando e eu não sentia nada. Eu não sabia mesmo o que dizer.

— Eu não sei quem é você na minha vida. Nunca soube nada a seu respeito, fui criada por um pai duro, cheio de regras, me senti rejeitada durante toda a minha vida sem saber o motivo. E só antes do meu pai morrer descobri o porquê de tudo. Vi minha mãe sofrer todas as grosserias dele e ficava imaginando que o amor não existia. Quem me sustentou e mudou a minha história foi Deus, que me deu o homem que está me esperando naquele altar. Ele desconstruiu a imagem horrível que eu tinha do amor. Você... você não tem como entrar na minha vida e querer que eu o chame de pai! Agora, por favor... vá embora e deixe eu seguir o meu caminho. Um dia pode ser que possamos tentar algo, mas não hoje!

Ele ficou me olhando, parecia muito abalado, mas eu não sentia nada. Entrei no carro, o Jota fechou a porta, e assim que sentou no banco do motorista perguntou se eu estava bem. Eu não estava bem, mas não permitiria que aquele homem me ferisse. Pedi que seguisse, e ele o fez. Seguimos por uns 500 metros, eu sentia um aperto no peito, fechei meus olhos por alguns segundos tentando me recompor, não sei por que meu corpo voltou a tremer, eu estava perdendo o controle da minha sanidade... por que eu era daquele jeito? Por que

minha emoção queria falar mais alto que a minha razão? Ainda de olhos fechados, pedi que Jota parasse o carro. Ele ficou me olhando pelo retrovisor, e com a respiração ofegante, pois estava muito nervosa, fiquei pensando no que eu deveria fazer. Eu queria agir de forma correta, eu não queria errar e me arrepender no futuro, não queria me vingar, e deixar que a raiva e sentimentos de mágoas fossem instrumentos para me fazerem vencer. Essa não seria eu... não seria a Sarah que eu queria construir! Eu desejava ser firme, mas justa... não nasci para odiar ninguém, Benjamim, sempre me dizia, que se apaixonou pela minha doçura, e que as cicatrizes que o passado tinha deixado, poderiam me tornar insensível. E lembrei-me das palavras dele: – Não permita que as suas cicatrizes se tornem queloides! – foi quando gritei:

— Jota, retorne o carro.

— Tem certeza, srta. Sarah?

— Não tenho certeza de nada, Jota. Mas volte, por favor!

Quando voltamos no mesmo lugar, o carro estava parado e Gustavo estava dentro com o rosto no volante chorando. Eu vi um homem destruído, eu nunca poderia dizer o que se passava no coração dele, não sentia amor, nem dor, apenas senti compaixão... Não sabia se ele estava realmente arrependido, mas escolhi dar uma chance. Um conflito enorme tomava o meu coração, eu pensava no sofrimento da minha mãe, pensava no meu pai e suas dores, em mim... mas pensava que tudo aquilo deveria acabar ali. Eu rejeitava qualquer hipótese de levar essa trouxa de mágoas para dentro do meu casamento. E mais uma vez baixei minhas guardas...

— Gustavo?

— Sarah! – ele me olhou com os olhos vermelhos e assustado.

— Eu sei que existe um caminho enorme a ser percorrido. Eu sei que existem muitos passos a serem dados para que um dia eu o chame de pai. Eu não sei porque traiu tanta gente. Não sei nem se você mesmo sabe todo o mal que causou nas pessoas...

— Eu amei a sua mãe, Sarah.

— Se amasse não teria feito o que fez.

— Sarah, me escute... por favor!

— Eu não tenho tempo para te escutar hoje!

— Por favor... – engoli seco com raiva, mas ele desembestou a falar e precisava ouvir o que ele tinha para dizer.

— Eu conheci a Eloisa e gostei dela, mas não queria casar com ela. Estávamos indo muito bem como amigos. Mas a Elô é intensa, me sufocava e armou para nos casarmos de uma forma que eu não sabia como sair. Eu sabia que ela tinha algumas atitudes estranhas, mas eu gostava dela. Nos casamos e logo ela engravidou da Jacque, mas depois do bebê, a Elô piorou de uma forma que eu não sabia como lidar. Eu tentei pedir o divórcio, mas ela surtava e ameaçava fazer uma besteira. Foi quando conversei com o pai dela que não dava mais para ficarmos juntos. Eu saí de casa, ficamos seis meses separados. Foi nesta época,

que procurando um lugar de paz, conheci sua mãe. Me apaixonei pela Ana desde que a vi, ficamos amigos, ela me conhecia, sabia quem eu era. Eu não queria perder tempo e a pedi em casamento, estávamos muito felizes, até que um dia, perdemos a cabeça e acabamos dormindo juntos. Nesta mesma época, eu estava tentando o divórcio, mas não tive coragem de contar para ninguém, tive medo de perder sua mãe e ser rejeitado por todos. O que eu não imaginava, era que a Elô fosse ter um surto de verdade, e no dia de assinar a papelada, os pais dela vieram me pedir para ficar mais um tempo com ela e que eu fosse para Boston, para acompanhar o tratamento. Pediram que eu esperasse mais uns seis meses, até que tudo se acalmasse, não pela Elô, mas pela Jacque, que era muito pequena. Eu tive que escolher o que fazer... eu não podia simplesmente abandonar minha filha e uma mulher doente. E então fui embora...

— Não podia deixar uma filha, mas deixou uma menina grávida de outra filha.

— Eu não sabia, Sarah!

— Como não sabia?

— Eu nunca soube que sua mãe estava grávida. Eu fiquei tentando escolher entre a minha família, e a mulher que eu amava.

— Meu pai disse que você sabia.

— Eu não sabia... eu sabia que a deixaria e que ela sofreria, mas não sabia da gravidez. Eu não podia me despedir da Ana, eu fraquejaria... eu tive medo...

Eu respirei fundo, tentando imaginar tudo, enquanto os minutos se passavam e todos me esperavam. O motorista desceu do carro e veio em minha direção:

— Dona Sarah, o dr. Hakin está me ligando desesperadamente e eu preciso atender. Estou muito nervoso, vou acabar perdendo o emprego.

— Pode atender. Diga que estamos chegando.

— Eu não sabia, minha filha... quando a vi pela primeira vez, fiquei chocado com a semelhança entre você e a minha filha Jacqueline, mas o seu olhar e o seu jeito, eram da Ana. Eu me lembrei dela! Quando a vi... eu não sabia como reagir.

— Por que nunca foi atrás dela e contou a verdade?

— Eu fui...

— Foi? – eu estava ficando sem chão. Como assim ele tinha ido atrás da minha mãe?

— Eu fui. Mas já tinha se passado quatro meses, e quando cheguei à porta da igreja, eu vi sua mãe e o Matias saindo de mãos dadas, ela estava barriguda. Eu não sabia o que fazer. Fiquei com vontade de descer e contar tudo, mas não podia estragar a vida dela. Eu fui embora, e nunca mais voltei ao Brasil. Eu sempre tive dúvidas sobre a rapidez com a qual a Ana se casou.

— Então sabia que ela casou grávida.

— Não sabia, Sarah! Eu fiquei confuso, pensei que ela pudesse nunca ter me amado, ou

que talvez eu tivesse a engravidado, mas não tinha certeza e eu não sabia o que pensar... decidi sumir da vida dela.

— E ela sabe disso?

— Sabe. Eu contei tudo naquele dia lá no apartamento, mas ela não acreditou!

— Eu não sei o que dizer... eu só sei que preciso ir me casar com o homem da minha vida... . – coloquei as mãos no meu rosto tentando pensar no que eu deveria fazer. Estávamos no meio da estrada, eu estava suando de nervoso... fechei os olhos e decidi: — Quero que venha comigo!

— O que???

— Venha comigo. Eu quero que entre comigo. – acho que surtei... tinha pirado mesmo!

— Mas... eu não tenho roupa para isso. E os Hakins me matariam... sua mãe?!

— Não me importo. Eu preciso que você esteja lá. Será um ponto final nesta parte da minha vida. Vou deixar tudo isso para trás, porque quero ser feliz e não quero carregar nada disso comigo. – ele ficou me olhando sem fala, enquanto o Jota estava em pânico, andando de um lado para o outro falando ao telefone.

Entreí no carro e olhei para trás, o carro dele me seguia. Eu confesso que naquele momento me emocionei. Nunca tinha dado chance para ele contar a versão dele para mim. Uma história tem muitos lados e todos precisavam ser ouvidos, todos têm seus motivos para tomarem suas decisões, eu não sou juiz de nada nesta Terra. Se ele estivesse mentindo, um dia responderia ao grande Juiz. Eu apenas estava escolhendo ser feliz.



Quando chegamos ao Haras, estava a maior confusão, minha mãe nervosa, Benjamim estava na entrada indo para o estacionamento, com o pai tentando o conter, a mãe dele tentava conversar, creio que tentando acalmá-lo, até que viram o meu carro, e vieram correndo.

— Dona Sarah, eu vou ser mandado embora! – o Jota estava apavorado.

— Fique calmo, Jota. A culpa é minha. Eu me entendo com o Ben e o dr. Abel.

Só ouvi a bronca que o pai de Ben veio dando no motorista, mas me antecipei e disse:

— Dr. Abel, a culpa é minha. Por favor, peça para o Benjamim se acalmar. – mas não tive tempo de terminar de falar, porque Benjamim estava no vidro do carro muito nervoso e falando alto.

— Sarah, que merda foi essa? O que aconteceu??? Sabe que horas são? Assim vou enfartar com 30 anos.

— Calma, amor! Quanta besteira...

— Sarah, quase morri aqui pensando que tivesse acontecido um acidente. Sei lá! É quase uma hora da tarde. E todos que estavam com você me disseram que já tinha saído há

mais de uma hora de casa. O que aconteceu??

— Calma, Ben! Respira. Está tudo bem! Não larguei você no altar, se esse era o seu medo.

— Não brinca, Sarah! O que aconteceu?

— Calma! Venha aqui. – ele estava na janela do carro, enquanto eu tentava segurar o rosto dele – Amor... está tudo bem. Tive que resolver um problema. Por favor, se acalme.

— O que aconteceu?

— Você já vai entender. Confie em mim...

— Sarah, não brinque com isso...

— Amor... volte para lá, você não pode me ver... respire Benjamim! Respire!

Benjamim abaixou a cabeça em cima do vidro do carro, respirou fundo, e saiu balançando a cabeça. Eu não queria falar nada com medo de tudo virar uma confusão maior ainda. Eles já sabiam que meu pai estava tentando falar comigo há semanas, e eu já tinha o apoio da minha mãe. Então, eu prossegui... Meu pai era um homem muito bonito e ajeitado, estava de calça social e camisa, não era nenhum terno de linho, mas não me importava com nada disso. Só queria resolver minha história.

Depois que todos entraram, a cerimonialista veio me ajudar, – coitada... estava assustada – enquanto o fotógrafo fazia algumas fotos, ouvi o piano e o violino fazendo a entrada dos padrinhos com *A Thousand Years* da *Cristina Perri* e meu coração disparou, eu tremia demais, sabia que estava chegando o momento de entrar e que além de ser a noiva, eu estava entrando com alguém que ninguém esperava, seria uma grande surpresa, talvez ruim para alguns, mas para mim seria um recomeço!

Esperei o comando e quando ouvi as batidas do piano com a minha música – *All Of Me* de *John Legend* – simplesmente me enchi de coragem e entrei de braços dados com o meu novo pai. Ele me olhou profundo nos olhos antes que todos nos vissem – tinha um caminho antes de entrar no gazebo rústico do Haras, local da cerimônia – e ele disse:

— Tem certeza disso?

— Tenho. – respondi com firmeza, ele sorriu e continuamos. E eu me senti feliz...

Quando chegamos à entrada do gazebo, eu só olhei para o alto agradecendo a Deus, vi a beleza das grandes árvores na transparência do telhado, as cortinas de tecido que caíam ao redor, esvoaçavam com o vento, e à minha frente estava ele: o meu príncipe, o meu Benjamim! Ver a expressão de susto de todos foi emocionante, se era para abalar, eu consegui... tive vontade de rir... Ben abriu a boca de espanto ao me ver, e depois sorriu, ele abriu o sorriso mais lindo que já vi alguém ter. Minha mãe estava de boca aberta, mas depois não olhei para mais nada, não me lembro nem das flores... só dele! Só tive olhos para o homem mais lindo que já vi... ele me olhava com aqueles olhos sedutores da

maneira que eu esperava que me olhasse, enquanto eu seguia em direção a minha felicidade, ao homem que eu desejava... de forma intensa, ele me analisava de cima até embaixo, e buscava os meus olhos, porém só os poderia ver quando eu estivesse diante dele. Não pensei em nada, apenas quando cheguei bem perto, meu pai olhou para o Benjamim e não sabia o que dizer, beijou minha testa por um tempo longo e senti que tinha tomado à decisão certa de entrar com ele, ao olhar nos meus olhos, meu pai me disse:

— Obrigado! Me perdoe por todo o seu sofrimento.

— Eu te perdoo. – falei baixo.

Em seguida, ele me entregou nas mãos de Benjamim:

— Dê a ela toda a felicidade que eu não pude dar.

— Eu darei.

Ele abraçou Benjamim e seguimos juntos para o altar. Eu só tinha olhos para Ben.

O líder ministrou uma cerimônia linda, mas não me lembro de nada, porque minha cabeça estava focada no momento em que eu ouviria o “Sim” de Benjamim, ele segurava a minha mão e a apertava. Quando chegou o momento das alianças, nos viramos um para o outro e o líder disse:

— Um casamento é feito de momentos felizes, mas muitos momentos difíceis também chegarão, e vocês precisarão aprender a lidar com cada um deles. Tem certeza que desejam se unir e formar uma família?

— Sim – ele disse.

— Sim. – meu coração pulou!

— Vocês separaram os votos? Pode começar pelo noivo, Benjamim Hakin. – o líder falou e eu fiquei nervosa, tive vontade de rir de nervoso. Antes de começar, Ben se aproximou e levantou o meu véu para olhar nos meus olhos, ele sorriu de forma doce e raspando a garganta começou a falar:

— Sarah, nem as muitas águas conseguiriam apagar o meu amor por você; os rios não conseguirão levá-lo na correnteza. Se alguém oferecesse todas as riquezas da sua casa para adquirir esse amor, seria totalmente desprezado. Um dia, Salomão disse isso para a mulher que arrebatou o seu coração. Completamente apaixonado, entregou todo o seu amor para uma mulher, de todas que ele podia ter, ele desejou apenas uma. E eu quero hoje dizer que, desde que a vi naquela boate – todos riram – eu simplesmente me apaixonei por você. Eu entrego em suas mãos o meu coração e só você tem poder sobre ele. Se me amar, serei o homem mais feliz desta Terra, se me ferir... continuarei te amando, ferido... mas amando. Eu sou teu e você é minha. Quem encontra uma esposa, encontra algo excelente e significa que recebeu uma bênção do Senhor. Você é a minha benção!

Eu ouvi cada palavra e meus olhos me traíram, chorei de alegria. Eu o amava demais! Demorei a ouvir o líder me chamar de volta a Terra, minhas mãos suavam e eu tremia o

corpo todo. Não havia mais saliva na minha boca para coordenar minhas palavras, mas me enchi de coragem e pegando o papel que escrevi, comecei:

— Benjamim... eu teria muitas coisas para dizer... mas eu escolhi este texto de Eclesiastes, que vou ler para não esquecer... melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se! E, se dois dormirem juntos, vão manter-se aquecidos. Como, porém, manter-se aquecido sozinho? Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se. Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade. Eu não acreditava mais no amor, até conhecer você. Foram muitas as minhas dúvidas, com medo de me ferir. Mas você tem me ensinado a ser uma pessoa melhor, e juntos eu sei que seremos mais fortes, haverá dias que cairemos, mas juntos, vamos nos levantar, e você já tem me ensinado a levantar e a seguir mesmo quando parece que tudo vai dar errado. Você é a minha metade... a minha benção! Eu quero que você seja o meu marido hoje, o pai dos meus filhos amanhã e para sempre, seja o único homem da minha vida!

Quando levantei os meus olhos para ele, Benjamim estava chorando, eu o amei mais, porque todas as vezes que eu podia ver o coração dele, eu o amava mais. O líder da congregação nos abençoou:

— Nunca vi um amor assim... que vocês sejam felizes para sempre! Mesmo em dias frios, saibam esperar o verão e as primaveras da vida. Pode beijar a noiva.

Ele me beijou por um tempo longo, depois de trocarmos as alianças.

— Eu amo você! – meu marido me disse.

— Eu amo você... – o respondi com amor.

Depois da cerimônia, seguimos para dentro do Celeiro onde foi a recepção. Almoçamos, dançamos, cumprimentamos a todos, me expliquei para metade da família sobre a presença do meu pai. Mas não queria me preocupar com aquilo, aquele era o meu momento e nada me aborreceria! Depois de curtir bastante com o Ben, ele me levou para pista de dança e me envolveu em seus braços, me beijou com amor e dançamos ao som de *Ed Sheeran – Perfect*.

— Você está tão linda... não acreditei quando a vi entrando de vestido curto e de braço dado com o meu ti... seu pai! – ele sorriu.

— Não gostou do meu vestido?

— Amor... eu não olhei o seu vestido. Eu olhei para você! Quando entrou, o meu coração se acalmou. Eu estava muito nervoso... você não chegava, e todo mundo ligando, achei que pudesse ter desistido... só me acalmei quando vi você aparecer linda... me surpreendi pelo vestido curto... nunca imaginei que entraria assim!

— Minha mãe quase me matou! Mas a sua mãe me ajudou.

— Você e suas surpresas, Sra. Hakin! – eu sorri ao ouvi-lo se referir a mim daquela

forma, era tão estranho, mas tão gostoso. Agora ele era meu marido... era muito louco tudo aquilo!

Quando acabou a música, nos despedimos de todos e eu estava com o coração acelerado, Benjamim disse que queria sair dali comigo, e comecei a ficar nervosa. Seguimos para o quarto reservado dos noivos. Era um quarto todo de tijolinho branco, tinha uma cama linda com um tecido de voal que descia sobre a cama, como nos filmes de princesa. Havia pétalas vermelhas espalhadas pelo quarto, em cima da cama, e velas acesas por todo lugar, eu estava realmente ansiosa. Meu coração estava disparado, a boca seca e minhas mãos estavam suando, como no dia em que o conheci. Eu não sabia muito bem como me comportar, não sabia direito o que dizer e nem o que ele estava esperando de mim. Afinal, mais do que eu, Benjamim esperou por mim, me respeitou em tempos nos quais isso não existe mais. Inclusive, houve momentos em que eu já estava ficando com raiva dele. Mas hoje, quando vejo tudo o que ele preparou para nós, percebo que valeu a pena esperar. E isso acabou me deixando mais tensa. Olhar para aquele quarto todo decorado só para nós, me emocionou, porque ele era quem eu sonhei por toda a vida.

Ele entrou andou até a suíte, conferiu se estava tudo conforme ele tinha pedido, e eu fiquei perto da saleta, olhando cada passo que ele dava. Seguiu até uma cômoda e ligou o som com a mesma música que tínhamos acabado de dançar de Ed Sheeran, só que agora era instrumental, ele veio em minha direção, andando lentamente e com os olhos fixos nos meus – aqueles olhos que paralisam todo o meu corpo e me tomam como uma presa fácil – Benjamim me pegou pela mão e levou para mais perto dele, segurou o meu rosto com delicadeza e me beijou com amor. Deslizou os dedos por entre os meus cabelos e escorregou os seus lábios pelo meu pescoço. Ele estava tão lindo e perfumado.

— Sarah, eu esperei tanto por esse momento!

— Imagine eu... – brinquei e ele riu, entendendo bem o que eu queria dizer.

— Você parece tensa.

— E estou...

— Não fique! Venha aqui. – ele me puxou com carinho para perto da cama, me deu uma taça de vinho branco. Eu não esperei nem um segundo e virei tudo na garganta, Ben ficou me olhando assustado, eu sabia que deveria ter ido com calma e ser mais romântica, mas não estava conseguindo fazer nada direito. — Relaxa, amor!

— Eu estou tentando... – sorri sem jeito, limpando o cantinho da boca com a mão.

Benjamim tirou o paletó do terno cinza e cada vez que se mexia, o seu perfume me acalmava. Tomando-me em seus braços, me virou de costas, colocou os meus cabelos com carinho para frente, me abraçou e me beijou a nuca com os lábios macios, mordeu o lóbulo da minha orelha com delicadeza, e bem devagar, ele foi desabotoando cada um daqueles minúsculos botões de seda, até que o vestido caiu no chão e eu fiquei só de lingerie. Eu estava sem jeito, mas aos poucos, o vinho foi fazendo efeito e comecei a relaxar o meu corpo. Senti as mãos de Benjamim passeando por todo o meu corpo e sua respiração ofegante me deixava cada vez mais excitada, ouvi-lo dizer o tempo todo o

quanto ele me amava e como eu era linda, me faziam desejá-lo ainda mais. Ele me virou de frente, e eu podia sentir o quanto ele me desejava. Segurando-me com delicadeza e força ao mesmo tempo, ele beijava os meus ombros e retirava meu corpete:

— Sarah...

— Benjamim...

Cada vez que eu repetia o nome dele, eu podia sentir que tentava manter o controle do seu corpo, para não ir rápido demais. Ele me deitou na cama, e com amor repetia para que eu confiasse nele, e eu só concordava com a cabeça, porque não conseguia dizer mais nada, ao mesmo tempo em que o desejava e queria senti-lo por completo, eu temia sentir dor. Mas ele continuava dizendo para eu não ter medo, que ele faria tudo com carinho. Meu peito subia e descia ofegante, ele disse que se eu sentisse dor, pararia, me fazendo confiar em que ele jamais poderia me machucar.

— Você está bem? — ele parou, olhando nos meus olhos e perguntou.

— Estou...

— Parece muito nervosa, nunca te vi assim... se não quiser agora...

— Eu quero, Benjamim! Eu quero... — exclamei e ele sorriu, continuou me beijando com amor, seus lábios subiam e desciam por todo o meu corpo e com os olhos fechados, me entreguei completamente a ele. Eu o senti completamente dentro de mim, um gemido de dor escapou pelos meus lábios, e Benjamim ficou parado aguardando que eu me acostumassem com aquele sentimento. Pacientemente e com amor ele pediu permissão para prosseguir. Eu apenas sussurrava em seu ouvido meu prazer e minha dor. Quando senti que éramos um só, relaxei todos os meus músculos e ouvia Benjamim gemer baixinho, deixei que minha alma fosse toda dele. Eu nunca poderia imaginar a sensação de prazer em meio à dor de se tornar mulher, uma sensação que confunde o prazer e a angústia, é impossível deixar de ser menina e não sentir o seu corpo completamente enrijecido pelo medo daquele momento tão especial. Mas com Benjamim, eu me sentia segura, ele me segurava em seus braços me fazendo sentir especial para ele. Não era como ele queria, mas como o meu corpo permitia que acontecesse, e aquilo despertou em mim um amor tão grande que eu desejava me entregar mais e mais, deixá-lo fazer comigo aquilo que nós queríamos. Não era algo só dele, era algo especial para nós dois. Eu era dele e ele era meu. Sentir todas aquelas sensações em seus braços era tudo o que eu tinha sonhado. O seu perfume amadeirado, a música delicada que tocava — ele fez uma *playlist* com todas as músicas do nosso casamento e deixou tocando enquanto me tinha em seus braços — as flores, as velas, as palavras que ele dizia baixinho em meu ouvido, os seus gemidos de prazer, o amor e a delicadeza com a qual ele me tocava, os seus lábios macios, as suas mãos finas que passeavam pelo meu corpo, a força como segurava o meu rosto e os meus cabelos, me deixavam alucinada de amor e desejo por aquele que agora era o meu marido. Ele foi o meu primeiro beijo, o meu primeiro amor e o meu primeiro e único homem.

— Você é muito especial, Sarah Hakin!

— E você é tudo o que eu sonhei, dr. Benjamim. Eu serei para sempre sua...

— E eu serei seu...

Epílogo

— Amor? – escutei Benjamin me chamando. Estava pronto na sala e eu ainda aqui no banheiro fazendo xixi de novo.

— Estou descendo... calma! – gritei para que ele ouvisse.

— Vamos rápido porque marquei horário. – ele respondeu.

— Estava no banheiro, Ben... – continuei ao começar a descer as escadas.

— De novo?! Tem que se alimentar melhor... você anda pálida demais. – ele e suas preocupações. Eu estou ótima de saúde!

— Está certo! Vamos... – saímos bem rápido. Benjamin marcou horário para nosso jantar de aniversário de casamento e eu estou ansiosa.

Dentro do Terraço Itália, onde Benjamin me levou, tinha uma mesa nos aguardando, como sempre as toalhas lindas arrastando no chão e tudo enfeitado com rosas brancas... amo rosas brancas! Pedimos o nosso jantar, e o garçom veio com o fricante para brindarmos o aniversário de casamento. Estávamos comemorando nosso primeiro ano de casados, no mesmo lugar em que ele me pediu em casamento. O garçom me serviu e depois serviu a taça de Benjamin:

— Amor... depois de um ano ao seu lado, eu só tenho a agradecer! Eu não podia estar mais feliz! Eu amo você e para sempre vou te amar... – ele levantou a taça para brindar comigo e eu repeti o seu gesto com carinho, sorrindo.

— Ao nosso amor! E a tudo que ainda vamos viver juntos!

Ele bebeu e eu apenas brindei colocando a taça de volta na mesa, continuei olhando para ele.

— Não vai beber? – ele fez uma cara de desapontado.

— Não... – eu respondi, tentando segurar o sorriso.

— Só para brindar... você não está bem?

— Sim... estamos ótimos!

— Não entendi... – ele ficou me olhando e de repente, arregalou os olhos, e claro, que ele entendeu.

— SARAH?? Está falando sério? – ele deu um pulo.

— Sim... você vai ser pai, amor! – revelei com um sorriso enorme.

— Sarah... amor... eu... – os olhos dele se encheram de lágrimas e no mesmo instante, ele arrastou a cadeira e se ajoelhou diante de mim, segurou o meu rosto com amor e me beijou com carinho. — Amor... eu não estou acreditando! – senti suas mãos escorregarem para a minha barriga e novamente pude ver o sorriso mais lindo do mundo.

— Eu não sabia como contar... e... — comecei a me explicar.

— Sarah, eu... é sério isso... eu vou ser pai? Eu sonhei com isso... sempre quis ser pai! — ele falava, me beijava e sorria. Seus olhos me encaravam e eu fiquei tão emocionada quanto ele. Era o nosso momento especial, eu só tinha contado para minha sogra que me ajudou com o médico, para saber se estava tudo bem e confirmar mesmo a gravidez.

— E eu sei que será um pai maravilhoso, Ben! Você é um marido tão doce, e eu o amo tanto...

— Meu Deus... — ele falava sorrindo e continuava me beijando com amor! Então temos que brindar sem álcool, peraí! — mandou chamar o garçom, que trouxe água para mim, e então ele brindou — Ao dia mais feliz da minha vida! Pelo nosso casamento e agora pela benção que vamos receber! Nosso filho lindo... igual ao pai!

Olhei para ele sorrindo e disse balançando a cabeça:

— Filhos, amor... filhos... estou grávida de 7 semanas... e são gêmeos.

— G-ê-m-e-o-s... — uma expressão que jamais esquecerei!



Eles são adultos e sabem que se entendam com a criança. Adultos laud, que vivem, estão em Boston. Adultos se entendendo com a criança que cuida dela e não temos, portanto, nem mesmo, isto mesmo, os entendendo!

[illegible]

...mas me deu um grande amor e tem que a, apódo a camê-
lha, passo a passo até poder tocar nos meus sonhos. Ainda
faltam três anos para se me formar, e depois, lá vou ter o
vestibular, e agora sou... eu tenho que fazer tudo com muita
calma, péssimo... que na verdade não estava, no
meio tempo vou do meu futuro, mas em julho vou
ir para o Chile se for, e aí me ficando dezoito com o fim e
o vestibular sobre o efeito de meu autoconhecimento futuro
médico também posso se desistir... já... já...
mas mesmo assim, estou feliz demais em saber queerei, e
e ainda ver o sorriso estampado no meu rosto.

Como livro, o medo do nada isso é sobre que descobri quem eu sou... me sinto feliz livre dos meus fantasmas... claro que quando as coisas não funcionam bem, consigo a cara o Berni ainda, eles tentam voltar, mas me sinto forte, decidida : hoje as coisas para o dia da minha alma...

Eu descobri que eu era tem o controle de meus vídeos semes não .. Devo escrever a minha história, mas semes não que a complexidade, mesmo quando o mundo resolve te dar saudades os meus semes é e nem semes... coisas que fazer até o fim lutar pelos meus semes, lutar para ser quem desejamos ser e sem temer que o dia em seus exames... - isso agora é o meu livro! É principalmente ter no espírito que mesmo quando tudo parecer perdido... não está! Pois, do a quem lugar se levantará e seguirá firme e com esse tudo - ele sempre celebrará em sua caminhada aquilo que pedimos ou desejamos. Na verdade, ele sempre terá algo infinitamente melhor do que pedimos ou sonhar.

Byc
Seph

The End

Playlist

C Love Thru The Night – Mike Ault Feat. Morgan Perry

C More Than Words - Extreme

C Photograph - Ed Sheeran

C Stay - Rihanna

C O Nosso Santo Bateu – Matheus & Kauan

C A Rosa E O Beija Flor – Matheus & Kauan

C Como É Que A Gente Fica – Henrique & Juliano

C Louca De Saudade – Jorge & Mateus

C Ao Vivo E A Cores – Matheus & Kauan, Anitta

C Forever - Hillsong

C Eduardo E Mônica - Renato Russo

C Será - Renato Russo

C Impossible - James Arthur,

C Set Fire To The Rain - Adele

C Letting Go - Jeremy Camp

C Say You Won't Let Go – James Arthur.

C A Thousand Years - Cristina Perri

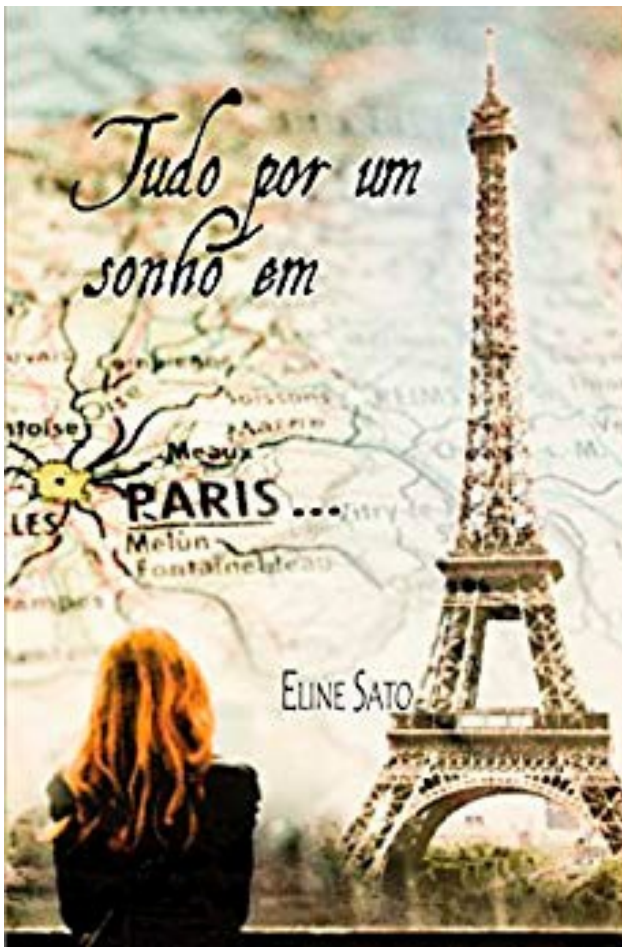
C All Of Me - John Legend

C Perfect.- Ed Sheeran

C Always - Gavin James

C Naked - James Arthur

Livros da Autora



Trabalhos:

Tudo por um sonho em PARIS...

Tudo por um sonho em PARIS... Valeu a Pena?

Antologias

* Amores de Outrora

* O Baile